

QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR

despertares em psicanálise clínica

M. Masud R. Khan



ARNALDO

OUT.08

Quando a primavera chegar

Arnaldo Ignacio Jr.
Psicólogo
CRP nº 05177015

NOV-08 14

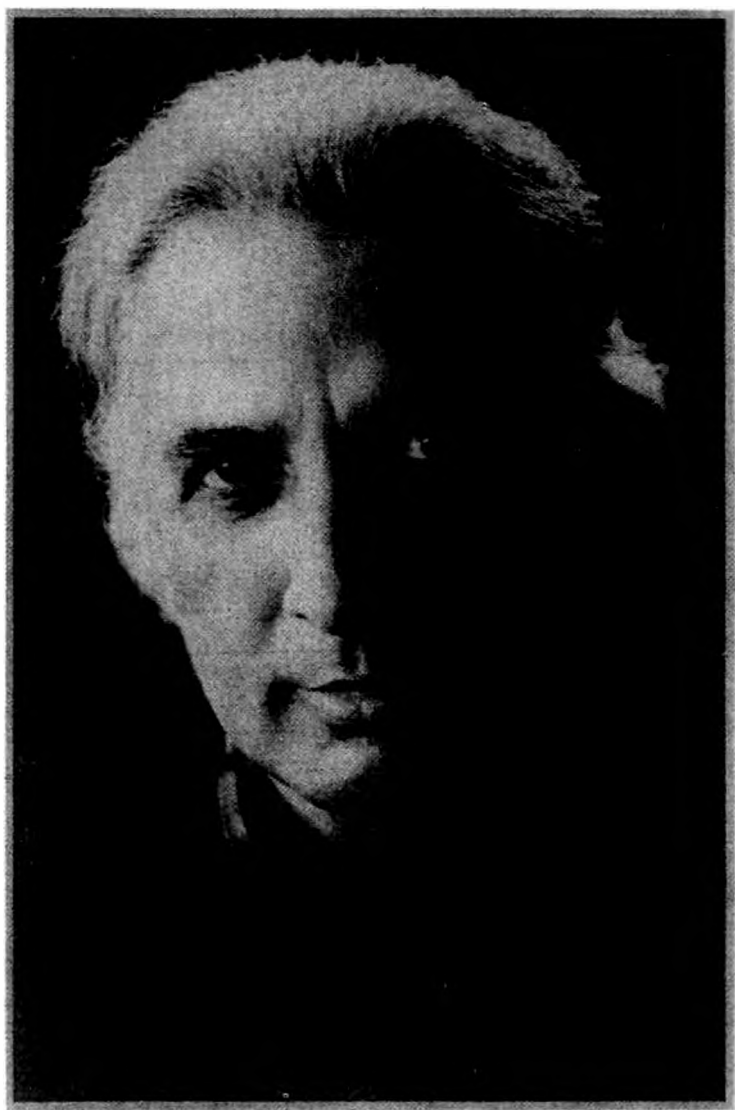
Transgressão possui muitas raízes. Nos sete casos clínicos psicanalíticos registrados neste livro, o sexo e a busca pelo poder são os temas dominantes. Um por um, e com o estilo que revela uma experiência vivida, Masud Khan desvela as necessidades encoberidas e reprimidas, as demandas e os desejos que seus pacientes foram levados a atuar compulsivamente em suas vidas cotidianas.

Vívidas, fluentes e altamente carregadas, essas sete narrativas revelam tanto da personalidade e métodos de seu autor como dos próprios pacientes. De fato, esta é uma das chaves da realização de Masud Khan, tanto escrevendo como em sua prática psicanalítica. Em contraste com a tradicional ortodoxia da análise freudiana, que requer a neutralidade do analista, seu estilo de trabalho é marcadamente pessoal (ainda que sua dívida para outros seja amplamente reconhecida). O resultado é uma dramática série de encontros humanos nos quais as dores e as paixões do paciente, e o preciso mas preenchedor papel do analista, são brilhantemente retratados.

Corajoso e profundamente humano, este é um livro que mostra como os desafios e as provações do processo psicanalítico, o cuidado e o compartilhar que se situam em seu coração, gradualmente ajudam ambos, paciente e analista, em direção da enganosa meta de seus próprios despertares.

*** * ***

O príncipe M. Masud R. Khan nasceu em 1924 em Montgomery, Punjab, então parte da Índia Imperial



M. Masud R. Khan

Equipe de realização:

Capa: Yvoty Macambira

Tradução: Cláudia Starzynski Bacchi

Revisão: Gamaliel Inácio da Silva, Maria Isabel de Almeida e Eliana Antonioli

Edição: Manoel Tosta Berlinck

Maria Cristina Rios Magalhães

Produção: Araide Sanches

M. Masud R. Khan

Quando a primavera chegar

Despertares em
Psicanálise Clínica

Tradução de
Cláudia Starzynski Bacchi

© by Chatto & Windus, London, 1988

© by Editora Escuta para a edição em língua portuguesa

É proibida a venda deste livro em Portugal e na Europa.

1ª edição: agosto de 1991

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Khan, M. Masud R.

Quando a primavera chegar: despertares em psicanálise
clínica / M. Masud R. Khan ; tradução de Claudia Starzynski
Bacchi. -- São Paulo : Escuta, 1991.

Bibliografia.

1. Psicanálise 2. Psicoterapeuta e paciente 3. Psico-
terapia – Prática I. Título.

ISBN 85.7137.036.2

91-1232

CDD-616.8914

-616.8917

NLM-WM 420

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Medicina 616.8917
2. Prática psicoterapêutica : Medicina 616.8914
3. Psicoterapeuta e paciente : Relacionamento clínico : Medicina
616.8914
4. Relacionamento clínico : Psicoterapeuta e paciente : Medicina
616.8914

Editora Escuta Ltda.

Rua Dr. Homem de Mello, 351

05007 São Paulo, SP.

Tel.: (011) 65-8950

1991

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. PRISÕES	13
2. QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR.....	43
3. CADEIRAS VAZIAS, AMPLOS ESPAÇOS.....	73
4. UM HOMOSSEXUAL DESANIMADOR.....	113
5. ULTRAJE, COMPLACÊNCIA E AUTENTICIDADE	147
6. “PENSAMENTOS”	173
7. A LONGA ESPERA.....	215
POSFÁCIO.....	239
BIBLIOGRAFIA CRONOLÓGICA.....	243
BIBLIOGRAFIA.....	245

Introdução

Quando comecei a reunir estes escritos para publicação, dei-lhes o título *Transgressão: paixões, dor e solidão*. Agora, passado algum tempo, preparando meus textos para a impressão, descobri que o tema dominante é, no entanto, o “despertar” – o reconhecimento e a aceitação dos atos de transgressão que invariavelmente surgem, em todas as áreas de relação, de qualquer tentativa de satisfazer necessidades, desejos e demandas.

Ao examinar os três livros das religiões monoteístas – o Antigo Testamento, a Bíblia e o sagrado Alcorão – somos surpreendidos pelo fato de que a transgressão encontra-se nos primórdios tanto do caráter individual como das culturas coletivas. Expandindo essa idéia, percebemos que não há, naturalmente, transgressão sem que haja uma interdição. No final das contas, tendo colocado um casal humano no Paraíso o Sagrado Senhor proibiu-os de comer um determinado fruto, seguindo-se a transgressão. Observamos também que a transgressão quase sempre é em caráter e intenção, poder e sexo. A primeira transgressão, por Adão, teve como resultado um acontecimento sexual. Como consequência, dois filhos nasceram: Abel e Caim. Lutaram pelo poder e Caim matou Abel. Portanto, desde os primórdios da vida humana, de acordo com estas três escrituras, transgressão, assassinato e sexo formam uma curiosa trindade.

"... se o bebê for um menino, ele se tornará um resoluto Sionista".

JUAFU

Freud para Sabina Spielrein
28 de agosto de 1913

M. Masud Khan
Londres, julho de 1987

I

Prisões

Aprenda, então, que o homem mortal deve sempre olhar para seu fim. E ninguém pode ser considerado feliz até o dia em que levar Sua felicidade para a co-va, em paz.

SÓFOCLES, *Édipo Rei*.

Nesses casos a repetição pode ser reconhecida num padrão distinguível de acontecimentos. Poderíamos dizer, a título de indicação, que no caso das neuroses de destino o sujeito não tem acesso a um desejo inconsciente, com o qual se depara retornando para ele, como se do mundo externo (daí o aspecto "demoníaco" salientado por Freud).

J. LAPLANCHE e J.-B. PONTALIS,
Vocabulário de Psicanálise.

Introdução

Bill morreu no ano passado, depois de uma breve doença e insuficiência cardíaca. Tinha sessenta e nove anos; conhecíamos-nos há trinta anos – como analista e paciente/pessoa – embora os três períodos em que esteve em análise comigo ocuparam menos de um terço deste tempo. Quando olho para trás, através de

▲ yes!

todos esses anos, ainda é muito difícil definir a natureza do vínculo existente entre nós. Respeitávamos e cuidávamos um do outro.

Mas a relação nunca se desenvolveu num relacionamento propriamente dito: transferencial ou interpessoal. Cada um de nós mantinha sua distância e levava em consideração a autonomia e a necessidade do outro de não sentir-se exposto ou espreitado. Somente nos últimos anos de sua vida Bill personificou-se no sentido de ter um *self* próprio e capaz de compartilhar. Desde a infância tivera a “profunda consciência de estar predestinado a existir e observar”. Mas, acrescentaria ele, nunca desanimou nem desistiu. Nunca compreendemos realmente qual era sua verdadeira inquietação. Mas juntos aprendemos como ajudá-lo a gradualmente mover-se de uma forma de vida em que jogava *com si mesmo e com os outros para viver a partir de si*.

Bill me procurou pela primeira vez para análise em 1953; estava então com trinta e cinco anos. O psiquiatra que o encaminhou mandou-me uma nota sucinta, resultado de uma breve consulta com Bill. Seu diagnóstico: homossexual, queixa-se de uma antipatia teórica pela homossexualidade. Ruminativo, angustiado, obsessivo... Já se submeteu a um tratamento analítico, em seu país, sem piora ou melhora.

Prognóstico: pobre.

Ao começar a escrever este relato da última “análise” de Bill – que se deu em 1976, por um período de três meses – dou-me conta de que já escrevi sobre ele três vezes:

1. Depois dos primeiros dezesseis meses de análise. O artigo, publicado em holandês em 1969, foi intitulado “The homosexual nursing of self and object” (1955).
2. Após quase cinco anos de análise, quando Bill tinha voltado de seu país para empreender uma pesquisa. O artigo recebeu o título “Foreskin fetishism and its relation to ego-pathology in a male homosexual” (1965).
3. Depois que Bill voltou para mais um ano de análise (1961-2). Uma exposição de alguns aspectos deste artigo, juntamente com o de 1965, foi publicada pela primeira vez em francês “Le fétichisme comme negation du soi” (1970),

e subsequêntemente apareceu no livro *Alienation in Perversions*.

Para o leitor que se inicia neste caso, começarei com uma breve recapitulação dos aspectos relevantes da vida e das “análises” de Bill, e acrescentarei alguns detalhes que anteriormente não fui capaz de formular.

Bill nasceu na Inglaterra, o segundo de quatro filhos: tinha um irmão mais velho e uma irmã dois anos mais nova do primeiro casamento da mãe, que terminou quando ele estava com sete anos. Logo depois sua mãe casou-se de novo com um homem muito rico e teve outro filho. Quando Bill estava com oito anos, ela partiu com seu marido e seus filhos para um outro país. Desde sua mais tenra infância sua mãe tomou-o como testemunha e confidente de sua vida com os dois maridos, com quem tinha sido intensa e clamorosamente infeliz. Quando se casou novamente, contou para Bill que seus três filhos eram deste segundo marido, e que a menina era filha de outro homem; que seu primeiro marido era um homem nojento, de hábitos sexuais obscenos – por esta razão, tinha mudado o sobrenome dos meninos para o do atual marido.

Os pais voltaram para a Inglaterra quando estava com vinte anos, mas ele permaneceu em seu país para completar seus estudos universitários. Formou-se bacharel em literatura e ciências sociais e também em direito. Mas nunca exerceu a advocacia. Tinha então vinte e três anos, e passou um ano num estado de “não-existência apática e insípida” (palavras suas), apenas *fantasiando* compulsivamente com garotos adolescentes bonitos, não circuncidados (cf. Winnicott, 1971c), masturbando-se e sentindo repugnância em seguida. Não teve, nesta época, nenhuma experiência sexual real com nenhum desses garotos. De repente, decidiu abandonar a cidade de sua universidade e foi trabalhar em minas. Da mesma forma como na faculdade não fizera amigos, também nesta cidade onde trabalhava nas minas levava uma vida isolada e pobre, esquivando-se de qualquer contato, permanecendo em um quarto pequeno e mal mobiliado. Mais tarde se referiria a este como o período em que vivera da forma mais verdadeira.

Em 1940 foi recrutado para o serviço militar, durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942 foi capturado pelos japoneses, e passou um ano num campo de Prisioneiros de Guerra em Singapura e dois anos no Japão. Foi libertado e voltou para seu país em 1945. Uma vez de volta, sentiu-se novamente incapacitado. Nas “duas primeiras análises” falou pouco sobre seus anos nos campos de Prisioneiros de Guerra. Foi somente na “terceira análise”, como veremos, que ele se deu conta de como tinha sobrevivido à crueldade aterrorizadora e impetuosa dos soldados japoneses. Milhares morreram no seu campo.

Passou dois anos fazendo trabalhos ocasionais, apaticamente. Recebeu então uma proposta de um emprego muito bom no serviço de relações exteriores em 1950. Aceitou e *entrou em pânico*. Foi então que procurou tratamento analítico pela primeira vez, com uma analista de reputação (e havia muito poucos analistas em seu país), que tinha feito sua formação em Londres. Foi durante esta análise que ele começou a colocar em ato suas fantasias sexuais fetichistas em verdadeiras experiências sexuais. Uma vez iniciada, a ronda em busca de parceiros e sexo tomava todo seu tempo livre. Mas era também muito competente em seu trabalho, e no prazo de dois anos ofereceram-lhe um alto posto na embaixada daquele país em Londres, que ele aceitou imediatamente. Sua analista indicou o psiquiatra em Londres que o encaminhou para mim em 1953. Falou muito pouco sobre sua analista anterior, apenas que ela era gentil, mas que ele podia sentir que tinha a intenção de torná-lo um heterossexual.

A pessoa que apareceu para a “primeira análise” era um homem de compleição robusta, vestido como um diplomata. Um tanto sarcástico, como também lacônico. Começou dizendo: “Você, naturalmente, quer saber sobre minha infância”, e relatou, desapaixonadamente, lembranças e fantasias um tanto bizarras da época em que tinha três, cinco e oito anos (cf. Khan, 1970). Parou, esperando minha resposta, e eu simplesmente disse: “E o que mais você ensaiou para declamar aqui?” Tomado de surpresa, tentou confundir-me como também aplacar-me: “Você gostaria de saber qual é minha principal ocupação na vida? Seduzir garotos. Tornei-me um especialista infalível no assunto”. Percebi o uso que fazia da linguagem, apropriado e lúcido. Decidi de-

sarmá-lo, e disse: “Haverá tempo suficiente para tudo isso. Primeiramente, vamos ver se nós dois somos pessoas que podem tolerar uma à outra trabalhando para um objetivo comum; um objetivo que nem você nem eu conhecemos”. Ele estava sentado de frente para mim. Ficou meio apavorado e perguntou: “Você não vai me recusar, vai?” Não disse nada. Ele foi ficando cada vez mais inquieto. Sua jactância caiu por terra, mas não iria desistir facilmente. Perguntou: “Você costuma tomar notas? A Dra. X nunca o fez”. Eu disse: “Não, nem sempre. Mas é útil para se manter atento, quando não tem nada acontecendo clinicamente”. Ele parou um instante e perguntou: “Eu vou ter que me deitar no divã e ser um bom menino?” Respondi: “Sim, se eu aceitá-lo em análise você vai ter que usar o divã. Quanto a ser um bom menino!... você descobrirá que fazer análise não é, na verdade, tão aterrorizador quanto você imagina”. De qualquer forma, concordamos em começar a análise, cinco vezes por semana.

Estou muito surpreso de perceber como tomei notas extensivamente de suas “três análises”. Discutirei isto mais adiante.

Em meu primeiro artigo (1965), deliberadamente omiti – a pedido do paciente – o fato de que depois de dezesseis meses de análise comigo, quando ele começou um relacionamento “estável” com um rapaz circuncidado, o ciúme que sentia do jovem era tão delirante que o vigiava permanentemente. Na época, investigamos a enorme intensidade de suas identificações com sua mãe. Mas, *alas*, para ele o *insight* tinha pouco significado ou valor. Pediu demissão de seu emprego para dedicar-se exclusivamente a esse rapaz. Eu via claramente que ele estava à beira de um colapso, mas não podia fazer nada. Em pouco tempo ele ficou sem dinheiro e não tinha como pagar meus honorários, e começou a fazer bicos novamente. Não insisti na questão dos honorários nem interpretei para ele sua necessidade de ficar totalmente dependente de mim. Também sabia que o emprego no serviço de relações exteriores não era *verdadeiro* para ele. Agora ele era mais Bill do que em qualquer outro momento anterior, porque eu partilhava de seu sentimento de estar *predestinado* – sem um “ataque” interpretativo, intrusivo e precipitado – a mostrar o que ele estava fazendo consigo e comigo. Esta fase durou mais ou menos seis meses. Depois aquietaram-se seu frenesi e sua compulsão pa-

ra ficar destituído e infeliz. Felizmente o rapaz permaneceu junto dele, sem fazer exigências excessivas. Bill então pediu que eu arranjassem uma análise gratuita para o rapaz no Instituto Britânico de Psicanálise, e consegui. Ele me “recompensou” – pois não podia aceitar que alguém fizesse alguma coisa para ele, apesar de que era isso que o tempo todo buscava freneticamente – respondendo a um anúncio para um emprego de escriturário na Câmara Municipal de Londres.

Aconteceu, então, algo inesperado e extraordinário. Por acaso Bill encontrou alguns dados sobre procriação animal, e a partir deles elaborou uma hipótese de pesquisa. Começou a frequentar aulas noturnas de química e biologia na politécnica, uma vez que precisava desses conhecimentos para sua “pesquisa”. Paralelamente a isso, traía o rapaz e continuava com seu emprego na Câmara Municipal. Gradualmente foi podendo fazer experimentos com cobaias, que mantinha no apartamento conjugado em que vivia. Eu o ajudei financeiramente nos momentos em que ele se encontrava muito necessitado. Durante este período seu pai morreu, deixando-lhe algum dinheiro. No intervalo de um ano ele já tinha escrito três artigos sobre sua pesquisa, que foram publicados numa revista especializada de prestígio. Conseguiu obter uma bolsa para pesquisa, e voltou para seu país. Nesta altura, ele tinha estado em análise por quase cinco anos. Não tentei detê-lo, embora soubesse quão precário era seu funcionamento criativo emergente.

De volta a seu país, manteve-se em contato, escrevendo para mim no Natal durante quatro anos. Também me mandava, sem uma frequência estabelecida, um pouco do dinheiro que me devia. Não tive notícias suas por dois anos, até que um dia, em 1966, ele me ligou de Londres pedindo uma hora. O homem com quem me encontrei tinha visivelmente “murchado” e envelhecido. Cometeu um erro na única vez que pegou um garoto em seu país; foi preso e condenado a dois anos de reclusão, dos quais cumpriu apenas quinze meses e foi libertado por bom comportamento (cf. Khan, 1970). Na prisão, concederam-lhe, a seu pedido, uma cela solitária, e permitiram que recebesse livros de química e biologia. A ironia de tudo isso foi que suas pesquisas passaram a ter verdadeiro reconhecimento internacional durante o período em que

estava cumprindo sua sentença. Nunca, seja na minha experiência clínica, seja na literatura, encontrei uma sublimação tão *direta* de fantasia sexual mais absurda em um trabalho científico criativo como na descoberta de Bill de seu projeto de pesquisa. Depois de mais um ano de análise (Khan, 1970), Bill voltou para seu país para continuar sua pesquisa. Lá tinha à disposição amplos recursos financeiros e um laboratório apropriado na universidade.

Manteve-se em contato comigo novamente, principalmente mandando-me separatas de seus trabalhos científicos publicados. Um dia, quatorze anos depois de sua “segunda análise”, recebi um telegrama mandado por ele, perguntando se poderia vir para três meses de análise intensiva, já que eram férias de verão em seu país, ao passo que era inverno em Londres. Telegrafei de volta: Sim, claro. Ele chegou uma semana depois e ficou durante três meses, fazendo de quatro a seis sessões por semana, conforme minha agenda.

A Fase Final: A “Terceira Análise”

Enquanto me preparava para encontrar Bill, uma infinidade de pensamentos, impressões, apreensões etc. passavam rapidamente pela minha mente. Estava preocupado, também. Embora soubesse por intermédio das separatas e das notas explicativas sucintas que sua pesquisa avançava, não tinha nenhuma indicação quanto a sua vida particular; o que me levou a pensar mais profundamente, e com assombro, que, apesar de conhecer este paciente há vinte e três anos, eu conhecia muito pouco dele como pessoa. Quanto a isto, nem eu nem ninguém. Seria muito simples dizer que ele nos “enganara” a todos, e nos usava segundo seus propósitos – nem mesmo pode-se falar de suas necessidades e desejos: era um homem mais “vivido” pela vida do que “vivendo”. Além disso, eu me lembrava dele de uma forma um tanto vaga e fragmentada, embora eu conhecesse com detalhes consideráveis os trejeitos insensatos e prolixos de seu jogo sexual patológico com rapazes. Digo “consideráveis” e não “extensivos” porque deliberadamente refreei qualquer curiosidade clínica, mesmo a res-

peito de suas táticas e estratégias de seduzir os rapazes, e sua preocupação obstinada de engendrar neles “confiança” e esperança, apenas para abandoná-los, e ficar novamente desolado e desiludido (Khan, 1970). Logo no início de sua “primeira análise” levei a sério uma pista que ele me deu como guia para minha abordagem e relacionamento clínico: comentou casualmente que sua primeira analista mostrara-se ávida para conhecer tudo sobre suas fantasias sexuais e que suas interpretações de que ele estava *resistindo* quando não queria falar sobre seus devaneios sexuais na sessão levaram-no a representar suas fantasias em experiências reais. Mantínhamos uma certa distância, porque eu suspeitava que mesmo o que me pareceria justificável como um profundo trabalho clínico interpretativo poderia, na verdade, ser utilizado por ele para tornar-me cúmplice ou agente de suas rondas e práticas sexuais e/ou poderia ser vivido por ele como uma espécie de intimidade entre nós.

Gostaria de acrescentar aqui, entre parêntesis, que só agora me dei conta da copiosidade das anotações que fazia tanto durante como depois das sessões de análise de Bill. Hoje, numa percepção tardia, posso dizer com segurança que tomar notas serviu a dois propósitos básicos: 1) Serviu para colocá-lo de lado, no papel; eu não o internalizei seja fisicamente, seja afetivamente. Isto me ajudou a manter uma certa “distância” da qual eu precisava para trabalhar positivamente e construtivamente com e para ele; 2) Serviu como proteção contra sentir-me entediado pela natureza compulsiva repetitiva de suas escapadas e charadas sexuais. Neste, como em muitos outros aspectos, durante a primeira análise de Bill, fui enormemente ajudado por Winnicott, com quem, naquela época, eu mesmo estava em análise. Isto me leva a um outro aparte: o cuidar e análise de tais pacientes e pessoas só têm êxito se não as aprisionarmos no *hús clos* dos cinquenta minutos do tempo e do espaço analítico. A intensificação da afetividade dele decorrente só pode ser vivida por eles como uma perseguição incompreensível, à qual reagem proliferando sua atividade mental e fantasiando cada vez mais compulsivamente. (Cf. Winnicott, 1949, 1971c.)

De várias formas, teórica e clinicamente, Winnicott (1949) mostrou com profunda acuidade “como a atividade mental pode

ser utilizada e tornar-se a inimiga da psique”. Eu acrescentaria: inimiga da verdadeira afetividade também. Num determinado ponto da “primeira análise”, eu tinha apontado para Bill que talvez a “intromissão” da Dra. X tivesse lhe prestado um grande serviço na direção de sua *autocura* (Khan, 1974a): isto é, resgatando-o de seus estados mortificantes, encapsulados, de ruminação sexual reservada, e ao menos colocando-o “na vida” com o *outro*, não importa quão fugidia ou patologicamente. Suas representações com os rapazes (estou mais uma vez evitando utilizar o conceito de *atuação*) destruíam seu falso sentimento de auto-suficiência e obrigava-o a reconhecer sua necessidade, e dependência, do *outro* para “personalizar-se”, não importa quão precária e transitoriamente. Bill, como a mãe, era, sob sua fachada obsessivamente “suave”, terrivelmente impaciente e histérico. Toda sua *competência* e seu sucesso permaneceram externos e alheios para ele.

Como resultado desses episódios, ele viveu apenas repugnância, desânimo e desilusão. “Algo” não foi novamente atualizado como vivência. Na linguagem de Winnicott (1960a): “O Falso *Self* (assim como as múltiplas projeções nos estágios posteriores do desenvolvimento) ilude o analista, se este deixar de perceber que no Falso *Self*, visto como a pessoa total funcionando, independentemente de quão bem estabelecido, falta algo, e este algo é o elemento central fundamental da originalidade criativa”. Esta é a razão pela qual nunca interoguei acerca de suas escapadas. Certa vez ele se irritou comigo por eu ser amoroso, uma vez que tinha percebido a desaprovação contida da Dra. X. Recordo-me também de uma outra característica do meu manejo clínico deste paciente, que é o fato de ter conversado a respeito com Winnicott na minha análise, como também discuti com dois colegas próximos nos quais eu confiava. Raramente faço isso. E certamente não foi por receio de que eu pudesse cometer algum erro que pudesse trazer problemas, embora esta possibilidade estivesse sempre presente. Era mais como se eu tivesse que mantê-lo *reparado*: não encontro outra maneira para expressá-lo.

Isto me leva a uma outra grande preocupação enquanto me preparava para reencontrar Bill clinicamente. Eu sabia que ele tinha se apresentado como pessoas muito diferentes para a Dra. X,

para o psiquiatra e para mim em suas duas análises. Não se tratava de um subterfúgio deliberado, de uma tentativa de enganar ou de resistência. Em seu artigo sobre "Classificação" (1959/64), Winnicott coloca o problema muito concisamente:

Vemos agora o ego do bebê como algo dependente, a princípio, de um apoio de ego, algo que deriva sua estrutura e sua força de um sistema altamente complexo e sutil de adaptação à necessidade, sendo que esta adaptação é suprida pela mãe ou figura materna. Também podemos ver o interessante processo de absorção em cada criança dos elementos de cuidado, que podem ser chamados de elementos "de apoio ao ego". A relação entre esta absorção do ambiente e os processos de introjeção com os quais já estamos familiarizados é de grande interesse.

Tudo isso é acompanhado por um estudo dos mecanismos pelos quais o bebê emerge de um estado de fusão com a mãe, um processo que requer da mãe a capacidade tanto para amar como para odiar. Na teoria do desenvolvimento emocional da criança, o estabelecimento gradativo do indivíduo como uma pessoa separada torna-se uma questão de importância central, e todas estas são questões para a pesquisa atual. A classificação deve ser influenciada por estas formulações teóricas.

Como consequência desses novos desenvolvimentos, o narcisismo na situação clínica passa a ser visto sob nova luz. É como se, ao examinar as doenças narcísicas, o clínico estivesse sujeito a ser pego pelo ambiente absorvido ou internalizado, e confundir isso (a menos que bem separado) com o verdadeiro indivíduo, que na verdade encontra-se escondido e é secretamente amado e cuidado pelo *self* dentro do *self*. É o verdadeiro indivíduo que está escondido.

Apesar desses estados terríveis de intenso desânimo, não tenho dúvidas quanto a dois traços em relação a este paciente: um, que ele era um psicopata fronteiriço narcisista, e manipularia, como fazia, qualquer situação para servir seus propósitos; e segundo, que ele tinha um sentido *inato* de sobrevivência e preservação altamente desenvolvido. Em artigo anterior (1970), perguntei-me por que ele não tinha se tornado um psicótico, dada sua relação com a mãe ou, para ser mais exato, devido às invasões incessantes e impiedosamente duras realizadas por ela. (Veja Winnicott, 1960b) Certa vez ele se vangloriou do fato de ter sido o único, dentre os sete mil prisioneiros de seu campo, a não ser maltratado e espancado pelos soldados e oficiais, facilmente irritáveis e desumanamente punitivos, dos quais saberemos mais

subseqüentemente. Neste ponto, quero dizer enfaticamente como minha longa experiência clínica, e “amplo *holding*”, deste paciente durante suas ausências no exterior ensinaram-me, primeiramente, a nunca me apressar em “curar” sintomas e, em segundo lugar, a respeitar o valor autoprotetor e autocurativo da patologia psicosssexual do paciente, independentemente do quão exaustivo, ameaçador (tanto para o paciente como para o analista) e cansativo possa ser para aquele que ouve. Marion Milner (1969) nos ofereceu aquele que é talvez o exemplo mais comovente disto em seu relato pleno de *insights* das várias décadas de cuidado clínico, *holding* e análise de sua paciente Susan.

Já é tempo de encontrarmos Bill em pessoa. Como sempre, chegou pontualmente para começar sua “terceira análise”. Ele nunca, nem uma vez sequer, faltou ou chegou atrasado a uma sessão, ou ficou doente durante todos os anos que o conheci. Quase dez anos haviam se passado desde a última vez que o vi. Tinha sessenta e dois anos agora. Parecia fisicamente saudável, alerta e relaxado. Não apresentava aquele tom “desbotado” que eu tinha notado com preocupação e sobre o qual comentei no final do meu artigo de 1970. Senti-me reassegurado que sua vida pessoal não poderia estar demasiadamente vazia e sombria, devido a sua presença sensível. Suas observações iniciais surpreenderam-me: 1) Disse que se entristeceu ao ler sobre a morte de Winnicott, e acrescentou: “Você deve sentir mais do que uma perda. É uma *falta*”. Isso foi dito com emoção, e respondi com igual sinceridade, dizendo que, embora tivesse conhecimento do estado precário de saúde de Winnicott já há algum tempo, isso não fez com que sua morte fosse menos dolorosa e um choque para mim. Eu também disse que sabia que não iria encontrar um outro Winnicott. 2) Ele disse que o ascensorista tinha lhe contado que eu iria mudar de apartamento no final do ano. Acrescentou: “Onde você vai encontrar outro apartamento tão espaçoso e reservado como esse, e todo um andar?” Disse-lhe que tinha tido muita sorte e tinha encontrado um. Estava em reforma. Ele falou que gostaria muito de conhecê-lo antes de voltar a seu país, porque gostaria de ter uma idéia de como eu estaria vivendo, e onde. Eu disse que o levaria até lá. Teríamos muito tempo nos três meses à frente. De repente, me lembrei como, para ele, o tempo não

existia: era *agora* ou nunca; e inversamente, qualquer hora, *não já*.

Decidi começar essa “análise” com espírito e estilo brincalhão. Perguntei jocosamente: “O que traz Hamlet a Elsinore?” Ele riu, e disse que tinha que tomar uma decisão e precisava me consultar. Nas últimas décadas, seu projeto de pesquisa tinha rapidamente se ramificado em várias dimensões e, no momento, ele era o diretor de uma unidade especial de pesquisa. Tinha quatro colegas trabalhando com ele. Há dois anos, admitira um bolsista, um rapaz de trinta e um anos, que queria fazer sua tese de doutorado sobre o projeto de pesquisa de Bill. Vinham, portanto, trabalhando muito intimamente. Conhecia-o muito bem, assim como sua família, pessoas simples mas respeitáveis. O rapaz, Kris, tinha uma noiva com quem iria se casar em alguns meses. Desde que soubera disto, surgira uma fantasia absolutamente nova e diferente. Desejava “adotar” Kris (como passarei a chamá-lo), e convidá-lo, juntamente com sua mulher, para morarem com ele. Ainda não tinha feito esta proposta para Kris. Esta era uma das razões pelas quais precisava me encontrar. “Eu terminei meu ‘noviciado em celas monásticas’, como certa vez você denominou”, e apressou-se em acrescentar que Kris era circuncisado, e não era homossexual. Na verdade, Bill nunca teve nenhum tipo de experiência com algum rapaz que fosse um verdadeiro homossexual praticante. Todos os rapazes com quem tinha se relacionado entregavam-se furtivamente a esse tipo de “episódios homossexuais”, para ganhar algum dinheiro enquanto procuravam emprego. Nenhum deles vinha de uma família rica, nem mesmo de classe média. E não porque, durante seu trabalho como diplomata, não tivesse tido a oportunidade de conhecer muitos desses rapazes disponíveis e desejosos.

Pude sentir neste momento que Bill, de repente, entrou naquele estado de pânico incompreensível com o qual não tinha recursos ou equipamento egóico para lidar. Perguntou-me: “Quantas vezes você vai poder me atender? Posso vir a qualquer hora, qualquer dia ou todos os dias, enquanto estiver aqui”. Disse-lhe que tudo dependeria da minha agenda e de compromissos já assumidos, mas que tentaria atendê-lo com a frequência que ele desejasse. Isso não o ajudou a sentir-se mais à vontade. Perguntou:

“Deito-me e começamos?” Parei um instante para pensar com cautela, e depois disse: “Olhe, Bill, eu sei que você conhece todos os procedimentos para ser um paciente em análise e para usar o divã. Também estou perfeitamente atento ao fato de que, neste ponto, você quer se dissociar da conversa interpessoal para deitar-se no divã e falar e ouvir-me com ares zombeteiros e oraculares. Por que você não tenta conversar comigo face a face, de pessoa para pessoa? Seria aterrorizador para você, mas ambos fomos amadurecendo com a vida, e podemos arriscar”. Por algum tempo ele permaneceu solene e silencioso, e depois disse: “Mas posso ‘retirar-me’ (foi exatamente assim que ele falou) para o divã quando for preciso? Você percebe que, desta vez, estou realmente disposto a fazer análise. Disse a mim mesmo no avião: ‘Não, não vou jogar com Khan. Preciso dele e vou lhe dizer isso’”. Fez uma nova pausa, e comentou: “Você percebeu que é a primeira vez que nos referimos e chamamos um ao outro pelo nome?” Eu o corriji: “Não, em nossa correspondência nós nos tratávamos pelo nome, mas é a primeira vez que o chamo pelo nome próprio”.

Neste ponto, ele se lançou no assunto sobre o qual viera pedir meu “conselho”. Também este era um começo inédito para Bill. Buscar e aceitar conselhos pressupõe a capacidade para aceitar a dependência, e esta capacidade, na minha experiência, é o pré-requisito para a independência. Winnicott (1958) discute este aspecto de um ângulo diferente, e com mais insight, como a capacidade para estar só, e todas suas implicações. Bill continuou falando, sem se dar conta de que nossa sessão de cinquenta minutos chegara ao fim; outro ponto de partida da relação analítica inédito para ele. Assim como ele sempre chegava pontualmente, com uma exatidão obsessiva, desligava um ou dois minutos antes de terminar a sessão. Eu lhe ofereci, deliberada e propositalmente, o horário das 19:00 – meu último horário de atendimento – para que, caso ele relaxasse, pudesse continuar por quanto tempo precisasse. Lee

Com sua linguagem tipicamente lúcida e pertinente, afirmou que tinha vindo basicamente para investigar três questões comigo, e buscar algum *insight* no sentido de pensar positiva e criativamente sobre elas. Era a primeira vez, novamente, que Bill utiliza-

va o conceito de “*insight*”, ou mesmo sugeria que talvez o “*insight*” sobre si mesmo na direção do autoconhecimento fosse o objetivo do tratamento analítico. Faço uma distinção entre autoconhecimento e autoconsciência, que é insaciavelmente alimentada pela introspecção (quando a sós) e freqüentemente pela associação livre na análise. Irei ainda mais longe e diria que é apenas quando um paciente começa a usar seus *insights* para conhecer a si mesmo que ele pode começar a ter uma nova apreciação de sua vida. Acho que é isso que Balint (1968) chama de “um novo começo”. Eu disse: “Sim, Bill, continue com seus ‘tópicos’”. Ele podia perceber que eu estava puxando seu tapete. Eu estava determinado a não deixá-lo “emperrar” o processo analítico transformando-o num esboço solene e monológico de dados de um tipo ou outro, conferindo-me a tarefa de editá-lo com “notas de rodapé interpretativas”. Bill não alterava facilmente seu discurso preparado.

As três questões eram: 1) Poderia um homem com seu passado sexual e suas táticas de não-relacionar-se, mascaradas de cuidado e preocupação (como com seus rapazes), assumir um verdadeiro relacionamento, numa idade já avançada? Se sim, como? 2) Ele tinha relido os três relatos sobre seu tratamento escritos por mim (Bill lia em francês: naquela época, a segunda parte de “*Le fétichisme comme negation du soi*” ainda não tinha sido publicada em inglês). Achava que no meu primeiro relato “O cuidado homossexual do *self* e do objeto” eu “me aproximara mais dele” (em suas próprias palavras) e do que buscava e oferecia aos rapazes por meio dos jogos sexuais, e que o artigo de 1965 dizia mais respeito ao meu trabalho analítico e meus *insights* do que às suas experiências pessoais.

Queria agora penetrar mais profundamente na infância, como esta tinha sido e não como ele tinha “escondido” (palavras suas) em itens bem arrumados de lembranças e fantasias. Pois, ao menos que conseguisse ter um autoconhecimento maior deste período de sua vida, ele não seria capaz de viver com Kris e a família que ele estava formando. Perguntou-me se eu me lembrava como ele se sentira insanamente ciumento da namorada do rapaz circuncisado, que ele mesmo, Bill, tinha “arranjado” para mantê-lo junto de si. 3) Queria discutir mais detalhadamente suas

experiências como trabalhador nas minas, como Prisioneiro de Guerra (especialmente no Japão), e sua recente sentença de prisão. Sentia, de uma forma estranha e macabra (palavras suas), que ~~esses~~ tinham sido, em comparação com outros (expressão sua), os períodos mais verdadeiros de sua vida. Somente a compreensão disso possibilitaria a ele viver recolhidamente, mas acompanhado, com Kris e sua família.

Fez uma pausa. Eu estava espantado com a quantidade de “lições de casa” que ele tinha feito consigo mesmo durante os últimos quatorze anos. Eu estava rabiscando um papel, e ele comentou ironicamente: “Então, você ainda toma notas”, e eu me defendi dizendo: “Cada um tem suas técnicas para cuidar de si mesmo. Esta é a minha!” Decidi então terminar a sessão dizendo: “Bem, Bill, você certamente organizou um projeto de pesquisa para nós bastante promissor. Vamos começar a trabalhar nele amanhã e não esvaziar previamente o que pode emergir com categorizações. Vamos começar aleatoriamente pelas áreas que você mapeou”. Separamos-nos afavelmente. Ele me deu seu endereço e telefone, e mais uma vez notei uma diferença: ele não estava hospedado num cubículo de um dormitório em alguma pensão miserável, mas em um bom hotel, num endereço respeitável.

Chegou com uma aparência abatida na sessão seguinte. Tinha dormido pouco, sentira-se inquieto; mas qualificou este estado dizendo que era diferente daquela inquietação torturante que o fazia rondar à noite pegando rapazes. Tivera um pesadelo logo que pegou no sono, que o acordou. Perguntou-me se podia “usar o divã” (sua frase predileta).

Fiz questão de dizer: “Não estamos aqui nos entretendo num jogo. Portanto, não há regras”. Podia “usar” o *setting* como quisesse ou precisasse”. Ele se deitou. O pesadelo foi curto:

No Japão, tipo de terreno do Prisioneiro de Guerra. Estou sentado muito perto de um outro Prisioneiro de Guerra, muito velho; estamos conversando. Neste momento, acordei aterrorizado.

Tentou fazer uma brincadeira: “Mostra para você: não me peça para sentar e conversar”. Deixei esse comentário de lado, e interpretei: “Você me trouxe o texto do sonho, mas infelizmente

perdeu a experiência do sonhar" (Khan, 1976a). Ele se irritou: "Isso é muito elaborado. Diga-me em termos simples o que você tem a dizer". Disse: "Talvez seja tão absurdo o que quero lhe dizer que estou relutante". "Tente", disse ele. Eu respondi: "Você não tem inconsciente - este é o problema". E decidi explicar o que estava querendo dizer com isso, de uma forma estritamente didática, sem nenhuma pretensão de estar fazendo uma longa interpretação cujo objetivo fosse promover o *insight*. Nós, analistas, "infantilizamos" através do "método analítico" (Freud, 1904) até mesmo nossos pacientes mais talentosos. Às vezes, não reconhecemos para eles que são mais dotados e que *conquistaram* mais coisas do que nós na vida. Este homem esteve *doente*, em quase todos os sentidos da palavra: da mente, do corpo e da alma; mas batalhou para encontrar seu caminho, do estar predestinado para o destino, vivendo *en route* por meio de uma organização "falso self" que operava eficientemente no domínio do uso da sexualidade, o que conseqüentemente o manteve minimamente alimentado como pessoa.

740mm
42
O que eu disse para ele foi o seguinte: "Você sabe que fiz minha formação com Winnicott, e foram suas teorias que guiaram meu "holding" e *manejo* clínico com você. Como certa vez você me censurou: 'Você faz interpretações para transformar isto numa análise. Elas têm pouca utilidade para mim. Apesar disso, eu as ouço'. Bem, de acordo com Winnicott (1960b), de 0 (nascimento) até um ano de idade, aproximadamente, o bebê tem pouca existência, exceto quando sob os cuidados de um ambiente suficientemente bom, normalmente chamado mãe. Se tudo correr razoavelmente bem, o bebê pode começar a internalizar as técnicas de cuidado de seu ambiente "holding" e as experiências que se dão no *espaço* temporal e transicional entre ele e ambiente que cuida (geralmente a mãe). Esse processo continua, silenciosa mas sensivelmente levando à fruição, realização, consecução e atualização daquelas funções egóicas e capacidades inatas e autônomas, à la Hartmann (1939), que constituem tanto o núcleo quanto o aparato funcional de toda realidade interna, vida psíquica e desenvolvimento instintivo (sexual e agressivo), naquele que um dia chamamos criança, e depois a pessoa com um self que é pessoal e que se relaciona com os outros...

"Agora, no seu caso, o que estou dizendo é que houve uma intimidade excessiva da *parte de* sua mãe (desculpe utilizar 'da parte de' e não 'com', mas é porque você foi mais *passivo* que *ativo*), que usurpou esse espaço temporal, uma vez que você *internalizou pouco e não tem 'inconsciente'*. Você mesmo disse que, *por toda sua vida, 'existiu e observou', o que é muito diferente de viver e dividir a vida com o outro*. No início, o *outro* é a mãe ou sua substituta; e apenas gradualmente, por intermédio da maturação e desenvolvimento, adquire-se a multiplicidade de *outros*, a que chamamos família, e vida social. Você percebe que quando lhe digo: 'Você não tem inconsciente', descubro-me falando paradoxalmente, isto é, literal e metaforicamente (ver Winnicott, 1965, 1971b)?"

Coloquei aqui esquematicamente o que, na verdade, levei três sessões para formular, porque deixei que ele também me contasse sobre sua vida cotidiana e seu planos fora dos cinquenta minutos clínicos. Ele tinha se sentado para me ouvir. Devo também admitir que eu estava dando um tempo para me acostumar com Bill: ele se mostrava um ser humano muito diferente do paciente-pessoa que eu tinha conhecido. Após a quarta sessão, houve um intervalo de dois dias, porque eu não tinha hora para atendê-lo na sexta e no sábado. Ele sabia disso desde a primeira sessão.

Nesses dois dias, Bill foi visitar um laboratório numa universidade mais ou menos a uns oitocentos quilômetros de distância. Ele aproveitava o máximo possível seu tempo profissionalmente também. Quando o encontrei na sessão seguinte, no domingo, ele começou dizendo que eu não tinha dado atenção a seu *sonho*, que na verdade continha muitas indicações de como sobrevivera aos anos de Prisioneiro de Guerra sem uma única injúria ou punição, e como isso o tinha destinado a viver uma vida isolada e não-participante depois da guerra, exceto pelas suas rondas noturnas. Ele me contou como aconteciam "acidentes" – algumas vezes fatais – nos campos de Prisioneiros de Guerra, especialmente no Japão. Ele já tinha observado anteriormente, em Singapura, o prazer que os soldados japoneses sentiam com as crueldades que infligiam: tanto maior o prazer quanto mais insensatas e injustificadas as crueldades, sempre rindo maniacamente quando espan-

cavam um Prisioneiro de Guerra. Demonstrar qualquer sinal de sofrimento ou dor era o mesmo que pedir mais. Outra coisa que ele tinha registrado desde o início era que os soldados e oficiais japoneses não podiam tolerar qualquer tipo de amizade ou “camaradagem” (expressão sua) entre os Prisioneiros de Guerra. As maiores vítimas eram os presos que mostravam qualquer reação emocional quando seus amigos eram punidos – estes eram torturados com violência três vezes maior. Sugerir que na infância ele tinha visto, em sua mãe, o estilo japonês de causar sofrimento injustificado. Portanto, ele podia *observar*, numa inércia totalmente passiva e inexpressiva, inúmeros “amigos” espancados tão violentamente que morriam dos ferimentos, pois não havia atendimento médico. Felizmente ele me poupou dos detalhes das atrocidades.

Ele salientou que só agora, depois de todos esses anos, compreendeu que tinha sobrevivido porque tinha se mantido “ausente” o tempo todo. Fazia o que lhe mandavam. Não se “juntou” com ninguém, e permaneceu como espectador do “teatro de crueldade” horrível e desumano dos campos de Prisioneiros de Guerra japoneses. Além disso, como o campo em que estava era próximo do porto e eles tinham que descarregar os suprimentos, o deslize mais freqüente e mais rigorosa e severamente punido era o de roubar comida. Todo prisioneiro roubava comida, pois as rações eram excessivamente escassas. Ele também roubava, mas sempre sozinho e *exclusivamente para ele*. Nunca dividia o que roubava com ninguém, nem aceitava nada que lhe ofereciam independentemente do quão faminto estivesse; também não “armazenava” a comida roubada, que era como todos eram pegos. Neste momento, Bill interpretou seu sonho. Disse que, durante os três anos em que estivera nos campos de guerra, nem uma vez sentiu-se angustiado ou amedrontado. Seus estados de pânico apareceram depois de libertado e depois que voltou para casa. “Algo” nesse sonho assustara-o tanto que acordou aterrorizado. Acrescentou: “Você, naturalmente, vai dizer que esse é o terror que *reprimi* durante os anos de Prisioneiro de Guerra, ao passo que eu argumentaria que não *reprimi* nada, porque nunca me envolvi em nenhuma situação em que poderia correr algum risco. No sonho estou correndo um risco: estou sentado perto, muito perto, de uma pessoa mais velha, e existe entre nós uma simpatia

óbvia. Não me refiro a nada sexual. Mas se um soldado japonês observasse dois Prisioneiros de Guerra numa relação amigável como essa, os dois estariam imediatamente *marcados* como vítimas, e o soldado certamente encontraria uma desculpa para descarregar seu ódio sobre um dos que formavam o 'par'".

Não fiz, deliberadamente, nenhuma ligação com a transferência, e com o fato de ele estar "sentado tão perto" de mim, porque ele já tinha se mostrado relutante quanto a isto, autoprotetoramente; mas anotei, para um trabalho futuro, a questão: quem seria a terceira pessoa que nos observava? Fazer uma interpretação da cena primária seria impedir o tema emergente. De qualquer forma, ele já tinha repassado todas essas questões em sua "primeira análise". Mais importante para mim era manter em mente como, na fantasia de Bill, e com que fim estávamos sendo observados, e não por quê. Afinal de contas, ele tinha vindo buscar um conselho meu. Isso era novamente algo novo na experiência de Bill: imaginar, ao invés de seu fantasiar ruminativo. A contribuição de Winnicott (1971c) para compreendermos esta diferença, retirada da análise de uma paciente, é, do ponto de vista clínico, da maior importância:

O sonho se encaixa na relação de objeto no mundo real, e viver no mundo real se encaixa no mundo do sonho de formas que são muito conhecidas, especialmente para os psicanalistas. Em contraste, fantasiar, no entanto, permanece um fenômeno isolado, que absorve energia mas que não contribui com o sonho nem com a vida...

A inacessibilidade do fantasiar está mais associada com a dissociação do que com a repressão...

Podemos observar que há um fator tempo operativo que é diferente se ela está fantasiando ou imaginando. No fantasiar, o que acontece, acontece imediatamente, ou não acontece...

Ela realmente vivia nesse fantasiar tendo por base uma atividade de dissociação mental...

Para maior elucidação disto, e numa forma bastante inédita, remeto o leitor para o prefácio da edição francesa escrito por Pontalis de *Playing and Reality* (1975b), onde ele discute este tema no trabalho de Winnicott. Diria aqui que aprendi com Pontalis (1975) o conceito de "texto-do-sonho", embora o uso clínico que faço deste conceito difira um pouco do dele (cf. Khan, 1976a). Há, no entanto, uma postulação de Pontalis neste contex-

to que me foi muito útil para compreender as atuações deste paciente, e a escassez de sonhos durante suas “duas primeiras análises”:

E mais: quando um conflito é incessantemente atuado no cenário do mundo, é recusada a nós a entrada no cenário do sonho. O espaço “real” ocupa todo o campo. Nossos objetos de investimento capturam os interesses do ego e as pulsões sexuais, confundindo-os, e mobilizam toda nossa energia.

Mostrei, entretanto, a Bill que, embora sua interpretação do texto-onírico fosse bastante iluminadora, restava o fato de que a experiência onírica ocorria *fora* do texto-onírico: ele tinha sentido o terror enquanto acordava, não no espaço do sonho, para usar outro conceito de Pontalis. Escreve Pontalis:

Objeto-onírico, espaço-onírico: há uma estreita conexão entre estas duas dimensões do sonho. Na prática, estamos constantemente indo de uma para outra. Gostaria de fazer uma distinção sistemática entre dois modos de relação com o objeto-onírico que representam dois tipos específicos de defesa contra as potencialidades em jogo na abertura de um espaço-onírico: a manipulação da máquina do sonho e a redução do sonho a objeto interno.

Minha única reserva *vis-à-vis* à hipótese de Pontalis é que ele pressupõe que todos conseguem atingir “a manipulação da máquina do sonho ou a redução do sonho a um objeto interno”. Faz parte de minha experiência clínica, e certamente isto é verdadeiro no que se refere a Bill, que uma pessoa pode estar tão incapacitada pelas primeiras experiências que não tenha objeto interno: seja este um sonho ou uma pessoa. Em outras palavras, estou dizendo que para se atingir o que Pontalis tão lucidamente postula é necessário uma certa “maturidade” evolutiva, que foi retirada de Bill pelas invasões incessantes da mãe em sua primeira infância. Exatamente como o espaço psíquico interno não existia para Bill, de forma semelhante o tempo também não. Todas aquelas décadas poderiam ter sido *um* momento no tempo.

Nas semanas seguintes Bill falou, de forma bastante objetiva mas comovida, como sua mãe inspirava pena. Independentemente de sua condição, por melhor que fosse, e não obstante a devoção de seus dois maridos, vivia num “frenesi de temores” (pa-

lavras dele), sendo os temas principais: medo da pobreza, medo de ser abandonada e medo de morrer. Era, na verdade, uma mulher saudável, sobreviveu a seus dois maridos e a seu filho mais velho. Era este seu estado exaltado que a levava a brigar com seu segundo marido até a exaustão. Bill pôde ver como perseguiu o mesmo estilo de vida com seus ansios insaciáveis pelo amor dos rapazes, e nas práticas sexuais com eles. Temia ser abandonado, embora era sempre ele que os abandonava. Abordei este tema de um outro ângulo. Disse-lhe que ele foi envolvido numa exigência de cuidado feita por ela tão precocemente, que não foi capaz na sua vida posterior nem mesmo de cultivar um verdadeiro envolvimento com alguém. Suas charadas de preocupação e cuidado com os rapazes eram uma máscara para esta incapacidade. Que ela o tenha salvado como prisioneiro de guerra, foi sorte. Winnicott (1963a) abordou de uma forma muito engenhosa essa “capacidade evolutiva” de cuidar. Mas estou abordando a questão do cuidado de um outro ângulo.

Lembrei-lhe que numa sessão anterior ele tinha dito que eu estava mais próximo de falar sobre a “experiência” de sua *especialidade* sexual em “The homosexual nursing of the self and objects” do que em termos de fetichismo. Disse que sua forma de “cuidar” era uma paródia de consideração e cuidado. E esta era a razão pela qual tinha me procurado para perguntar-me se podia “assumir um verdadeiro relacionamento”. A pergunta encobria um temor; isto é, o temor de não conseguir importar-se, genuína e reciprocamente, com Kris e sua futura família. Estaria ele impondo a si mesmo uma outra maneira de *existir*, onde permaneceria se autotorturando por não estar dando o suficiente? Aqui ele podia se perceber no papel reverso daquele que observou em sua mãe; podia sentir a falta de amor e preocupação, e assim ser tão digno de pena quanto sua mãe, só que de uma forma diferente. Bill mudou de assunto, e falou do tempo em que estivera na prisão.

Notei aqui uma outra diferença na sua forma de se relacionar comigo, diferente de suas “análises” anteriores. Ele tinha, naquelas ocasiões, se utilizado de mim, tinha me aborrecido e tomado como pressuposto que eu manteria meu interesse por ele. Aqui, mudar de assunto, como se estivesse chegando num “ponto de sa-

turação”, tinha uma intenção e um temor diferentes. Queria manter minha atenção “em suspenso”. Mas tinha também um lado positivo, “não-manipulativo”. Podia agora tolerar sentir-se “disperso” e desintegrado, em si mesmo, sem temer o aniquilamento por falta de coesão. Suas elaboradas narrativas em suas “duas primeiras análises” negavam essa necessidade de ficar desintegrado e deixar o tempo e espaço conter um, através do cuidado propiciado pelo outro (Winnicott, 1945). Sua obsessividade era uma maneira de “apertar” seus estados desintegrados, em vez de tolerar este não-ser inevitável inerente ao viver na própria pele. O conceito de Anzieu (1974) de “eu-pele” é, acredito, relevante neste contexto. O bebê *experimenta* uma vida desintegrada em seu “eu-pele” até que possa construir o aparato psíquico que chamamos de ego e seu atributo, que é a realidade psíquica, consciente e inconsciente. É também relevante aqui o conceito de “vínculo” de Bowlby (1960), porque “experiências” de vínculo precedem a consciência (corporal, psíquica, afetiva e relacional) que está despontando daquilo que Winnicott conceitua como “dependência” na primeira infância e sob cuidado. Nas perversões e nos casos de pessoas viciadas, verifiquei ser cada vez mais importante manter bem definida essa distinção entre os conceitos de “vínculo”, segundo Bowlby, e de “dependência”, segundo Winnicott (1963b) – ou de “continente”, segundo Bion (1967) – ao se “traduzir o texto do paciente” (para utilizar uma frase de Pontalis), através de nossas táticas interpretativas, para a hermenêutica da linguagem psicanalítica. O “eu-pele” de Anzieu é, acredito, um conceito auxiliar necessário para o de *vínculo* de Bowlby e de *dependência* de Winnicott. Anzieu define “eu-pele” da seguinte forma:

Com eu-pele quero me referir a uma imagem que a criança usa durante os primeiros estágios do desenvolvimento para representar a si mesma baseada na experiência da criança com a superfície do corpo. Esta fase corresponde ao período em que o eu psíquico está se tornando diferenciado do eu corporal a nível funcional, mas permanece confundido com este a nível figurativo... Toda atividade mental apóia-se em alguma função biológica. A proteção do eu-pele consiste das três funções da pele. Na primeira função, a pele é o invólucro que contém a bondade e plenitude acumulada de ser amamentado, cuidado e banhado de palavras. Na segunda função, a pele é a superfície que demarca a fronteira com o exterior e o mantém do lado de fora; é a barreira que protege contra a avidez e

agressão dos outros, sejam pessoas ou coisas. Finalmente, em sua terceira função, a pele – juntamente com a boca e tanto quanto esta – é um lugar e uma das principais vias de troca com outros.

Voltando a Bill. Durante sua “primeira análise”, ele buscou ardente e desesperadamente estar na pele do outro. Nunca funcionou. O “si-mesmo” ferido não vai muito longe. Bill aprendeu esta lição amargamente, atravessando o “vale dos mortos” com a economia mortal que é a sexualidade (cf. Green, 1975). Quando estava desmamando da ligação com os adolescentes-pênis-prepúcio, neste período, Bill, censurando-me, disse: “Ah! que amálgama de destinos para mim. Passei toda minha vida adulta ligado furtiva e fugidamente a um jovem pelo pênis, na boca e no traseiro, nunca tendo sido envolvido com desejo e amor”. (Grifei nas notas originais, numa percepção tardia, graças a Anzieu.) “E agora minha sina é tagarelar com essa boca estéril com um aristocrata, que é bonito, jovem, cuidadoso, mas não-acolhedor”. Sim, Bill me disse isso naquela época. Peguei este ponto, agora, mas num contexto diferente. Disse-lhe que tinha zombado de mim por ter escrito sobre o papel do prepúcio como fetiche em sua vida. Mas sua “economia de sexualização”, à la Green, salvava-o. Agora ele procurando em mim a mesma economia para sua vida, ao me pedir um conselho no sentido de reabilitar-se, assexuadamente, junto a um casal e um bebê de outro! Disse-lhe que não tinha respostas nem interpretações para lhe dar. Mas podia lhe dizer com certeza que ele não tinha sofrido verdadeiramente em sua vida. Ser predestinado não é sofrer, mas um tipo de jogo que a vida joga com alguém: e o que chamamos de viver depende de como e de onde vivemos, e com quem. Só então ou vibramos de gozo, à la Lacan (1966), compartilhado com o outro, ou sofremos a falta de sua reciprocidade espontânea.

Na sessão seguinte, Bill estava bastante animado, e não estava no estado de espírito para falar sobre o tempo que passou na prisão. Passaram-se algumas semanas, a conversa versava sobre assuntos gerais. No fim de uma certa semana, novamente perguntou se podia “usar o divã” para contar sobre seus dias na prisão. Ao que respondi: “Faça!”

Bill chegou nessa *específica* prisão sem a menor dica quanto

ao que o esperava. Contarei sua estória tal como ele a contou, pois perguntei se podia tomar notas e ele concordou:

“Fui levado numa viatura policial junto com dez outros prisioneiros; viajamos cerca de 500 km. Apenas um de nós, um rapaz astuto, dera um jeito de viajar com três maços de cigarro. Era a terceira vez que ele ia para a prisão: nas vezes anteriores, tinha escapado. Assim começaram as *barganhas*. Ele ficou com um maço, e vendeu os outros. Fui o único a dizer que estava proibido de fumar, por motivo de saúde: pura mentira. Eu tinha a experiência de ser um prisioneiro de guerra. Eu não seria um deles. Levamos três dias para chegar na prisão, e eu senti que eles tinham *decidido* contra mim porque eu comia sozinho, na estrada, e nunca ‘roubava’ comida das lanchonetes em que parávamos, o que todos faziam. Começaram a falar de ‘sexo’. O garoto pedia um maço de cigarro por dia para ser comido. Todos os oito transaram com ele no camburão. O motorista e o guarda acompanhante não deram a mínima. Eles me perguntaram: ‘Ei, cara, você quer uma mulher? Não vai encontrar nenhuma onde está indo’. Pela primeira vez tive medo, mas fiquei quieto. Eu estava bem vestido. Um por um, começaram a tirar minhas roupas. Eu tinha conhecido os *japoneses*, e perto deles aqueles ali eram fichinhas.”

“Quando finalmente chegamos, eu estava só de camiseta e cueca. Fomos ‘levados para dentro’. O oficial que registrou todos os outros hesitou por um momento. Fiquei parado, pensando: qual será minha sorte? Ele procurou minha ficha. Deu uma olhada nela e disse: ‘Levem-no separadamente. Houve um engano’. Depois de duas horas ou mais – é difícil ter uma noção do tempo nessas situações – fui chamado. O oficial disse: ‘Eles se enganaram ao mandá-lo para esta prisão, mas nada pode ser feito agora. Perguntei ao diretor, e ele disse que você deve ser colocado numa ‘cela solitária’, usada pelos criminosos aguardando segundo julgamento. Mas você tem que assinar uma declaração fazendo o pedido por uma cela solitária, e será concedida’. Assinei. Então ele me disse: ‘Cuide-se, eles vão te atormentar na hora do almoço e do jantar, quando todos comem juntos. Se alguém tirar a sua comida, deixe. Não entre numa briga, é a morte. Li sua ficha. Você pode contar comigo’. Perguntei-lhe: ‘E o que eu tenho que fazer para você para merecer isso?’ Ele me contou que tinha lido

que na minha ficha constava que eu era cientista (o que não era verdade). 'Talvez quando você sair, se sair' - fez uma pausa -, 'então talvez possa fazer algo para mim. Vá para a cela 109 (confinamento solitário). Dispa-se, lave-se e coloque o uniforme numerado. Não crie encrencas. Vá!'"

"Assim dei comigo numa cela pequena, com uma janelinha três metros acima. Mesmo durante o dia, quase não entrava nenhuma luz. Para dormir, tinha um colchão sem travesseiro. Nada mais. Khan, aquela foi a noite mais tranquila da minha vida: eu não tinha nenhuma responsabilidade e estava sendo cuidado. Dormi como uma criança. Nos meses seguintes, *observei* as coisas horríveis que se passam nas prisões. Não por causa daqueles que oficialmente estão encarregados, mas por causa dos 'internos', como eles se denominam. Eles ditam suas próprias leis, e eles as *executam*. Eu disse 'executam' porque, se desobedecidas, você está 'morto'; uma faca nas costas."

"Sobrevivi às primeiras dez semanas, mas parcamente. Eles me provocavam, insultavam, humilhavam de todas as formas possíveis. Durante vários dias roubaram minha comida. Felizmente, o 'oficial' me mandava algo mais para comer na cela. Um dia o diretor mandou me chamar. Perguntou meu nome. Disse-lhe. De qualquer forma, ele já sabia. Então ele me mostrou um periódico e perguntou: 'Este artigo foi escrito por você?' Disse: 'A não ser que eu o leia, não posso dizer'. Era meu. Eu era *notícia*. Que ironia. Eu lhe disse que eu era predestinado. Chorei! Na minha ida-de! O diretor me disse: 'Ouça, prisioneiro, se você se comportar como lhe dissermos, poderá ter todos os livros e revistas que quiser ler'. Eu disse: 'Sim, senhor'. Ele continuou: 'Você *verá* homens se matando aqui. No que te toca, você não viu nada'. Eu disse: 'Sim, senhor'. O diretor falou para o oficial: 'Tente com ele. Acho que podemos usá-lo'. De repente, me recobrei: 'Não, senhor. Não vou fazer nada. Pode ficar com sua cela 'protetora'. Eles podem me matar, mas vocês não podem me 'usar' contra eles. Não sei que jogo é esse, mas não quero tomar parte dele.'"

"O diretor ficou aturdido e disse: 'Está bem. Daqui em diante você fica na sua cela, e receberá meia ração'. Fez uma pausa. Trouxeram um formulário que eu assinei, sem ler. Quando estava saindo, o diretor disse: 'Você vai receber suas revistas e seus li-

vros. Com tipos como você, a gente nunca sabe'. Tudo ia muito bem até que comecei a ter 'pequenos' pânicos. O médico fazia visitas trimestrais para um check-up geral, a não ser que você estivesse ferido, então era mandado para a 'ala da morte', como costumavam chamá-la. Porque, se não tivessem acabado com você durante a briga, certamente você encontraria seu fim ali. Quando fui examinado fazia dois meses e meio que eu estava na prisão, sem fazer nenhum exercício; tinha engordado bastante. Ordenou – eles não prescreviam – que eu fizesse exercícios e recomendou que caminhasse duas horas por dia. Eu estava querendo, como sempre. Mas o diretor teve uma idéia brilhante: eu levaria um cão policial e seria acompanhado por um guarda armado. Isso durou oito meses. Foi o período mais tranquilo e sereno da minha vida. Sabia que não ia durar muito. Não sei por que tinha tanta certeza. O primeiro Natal chegou, tive que ir à igreja e depois participar da festa. Durante a festa todos foram ficando bêbados, cada vez mais; havia um clima de violência no ar. De repente, vi três homens, bêbados, pegando um rapaz de mais ou menos vinte e três anos. Rasgaram sua roupa e violentaram-no ali, no meio de todos. Os policiais, eram poucos, deixaram a coisa rolar. Se eu tivesse tentado detê-los, a polícia teria interferido. Percebi-me *observando*, com a mesma inércia do campo de Prisioneiros de Guerra. Alguém me cutucou e disse: 'Vamos parar com isso'. Não disse nada. Ele me bateu na cabeça. A única coisa de que me lembro depois disso é que estava na minha cela."

"Fui removido daquela prisão para um 'período de liberdade condicional', de volta à minha cidade, numa prisão moderna. Mantive-me à parte, separado. Fui libertado por boa conduta e procurei análise porque, como lhe contei, ofereceram-me um emprego e entrei em pânico."

Bill levou algumas semanas para contar-me tudo isso. Quando terminou, ele me disse: "A Dra. X pensava que eu era masoquista e homossexual inibido. Você nunca disse nada quanto a isso porque quando eu vim te procurar estava transando com todo garoto que podia pegar. Mas, e quanto ao masoquismo? Sou um masoquista? Li a esse respeito em Freud, mas não posso dizer que eu seja". Não fiz muito caso da pergunta. Tinha escutado Bill durante cinco semanas, conversando casualmente aqui e ali; não

tinha feito nenhuma interpretação. Ele me perguntou novamente: “Sou mesmo um masoquista?” Respondi: “Não, Bill. Você é um sádico *do avesso*”. Ele riu e retorquiu: “Outro dos paradoxos kahniianos. Explique-o para mim, por favor”.

Contei-lhe então uma outra história; de como uma vez tive uma paciente cujo amante sempre a ameaçava com suicídio. Uma vez ele tomou uma *overdose*, e foi levado para o hospital. Sobreviveu. Quando voltou para seu apartamento, ela tinha ido embora e deixado a seguinte nota: “A maneira mais segura de suicidar-se é provocar alguém até que ele mate. Desculpe, mas não posso fazer esse favor”.

Disse a Bill: “Você tem *matado* por intermédio dos outros: não-participante, mas como um observador. *Destruíu* milhares de ejaculações nos rapazes. Ejaculação – detumescência – morte (assassinato). Mas porque tudo isso acontece num órgão localizado você não admite a *destruição*. Mas é destruição e assassinato – com todo um estratagema de cuidar e pertencer. Devemos perguntar agora por que você não pode viver sua agressão e seu aspecto assassino? Em vez disso você se sente *vítima*, o que a Dra. X erroneamente tomou por masoquismo. Na sua ‘análise’ você ‘matou’ (eu não uso o conceito de castração) meus esforços criativos durante décadas. O que me leva a um terceiro ponto: o fato de você se sentir mais verdadeiro nos períodos em que foi trabalhador nas minas, no campo de Prisioneiros de Guerra, e na prisão. No primeiro caso, você ‘assassinou’ sua carreira e as expectativas de sua família. Você era, como me contou, um estudante brilhante e muito culto. Tornar-se um trabalhador braçal era um jeito de ser ‘violento’ não com as pessoas, mas com a matéria inorgânica. Nos campos de Prisioneiros de Guerra você ficou em cima do muro: era ao mesmo tempo os soldados japoneses, ‘assassinos’ cruéis, e era igualmente o ‘terceiro’ – o espectador. Quando, no sonho, você se alia a alguém, você teme ser ‘assassinado’. Agora proponho para você que os ataques histéricos ultrajantes de autocomiseração de sua mãe eram ‘assassinos’. Você aprendeu naquela ocasião como ‘assassinar’ removendo e sexualizando”.

Bill me contou, então, um fato acerca de seus pais que, disse, considerava tão específico deles, que nem devia contar. Quando

tinha nove anos e sua mãe divorciou-se de seu pai, tendo lhe contado que ele era filho de seu novo marido, ela disse: "Sabe por que eu não tive filhos com meu primeiro marido? Transar com ele era só por trás ou felação. Era totalmente impotente para qualquer outra coisa". Agora ele se perguntava se suas recordações de oferecer-se para chupar o pau do pai, morder o ruibarbo etc. (Khan, 1970) não seriam na verdade as tentativas da criança de compreender o que era a relação homem-mulher. Ele tinha, durante toda sua vida, atuado as dificuldades de sua mãe em seu próprio "eu-pele" - para usar o conceito de Anzieu (1970) - e dos rapazes. Poderia ele aceitar que um homem tem relações sexuais apropriadas com sua mulher, e procria?

Disse-lhe: "Não posso responder esta questão. Mas uma coisa posso dizer e perguntar: Você iria tentar se humilhar, agora que está encontrando sua condição de ser uma pessoa, colocando-se no papel de um observador-eunuco? Aqui sim, talvez, poderíamos começar a falar de seu masoquismo - esse 'vivo-morto' que se torna uma possibilidade a partir do fato de ser sexualizado". Ele disse: "Você não acredita na pulsão de morte?" Ao que respondi, categoricamente: "Não, eu não acredito! Eu sei o que é viver e morrer, mas não sei o que é a pulsão de morte. Assim como sei o que é incesto, mas não o complexo de Édipo." Apresei-me em acrescentar que todos meus colegas entendem de pulsão de morte e complexo de Édipo (Freud, 1905). "Já que você gosta tanto de ler, posso lhe dizer onde pode ler a respeito de tudo isso. Mas não será de muita ajuda com relação a sua situação com Kris. Você tem vindo aqui há três meses. Encontrou uma razão para viver, e tornar-se uma pessoa: Bill. Agora tem que correr o risco de dar mais um passo, e aceitar que o outro não é apenas um objeto para ser manipulado: um objeto-coisa, se posso colocar desta forma. Não posso lhe dizer como fazê-lo, ou se você tem que fazer ou não. Mas você se personificou: o que era um risco assustador para você. Por que não dar o outro passo?"

Ele me pediu para ser mais explícito. Eu disse: "Na sua vida predestinada, você fazia uma exigência excessiva de amor - sem que soubesse ou reconhecesse. Agora você está prestes a viver uma experiência de compartilhar, a tarefa mais difícil para qualquer ser humano, um estar só-acompanhado (cf. Winnicott, 1975)

pclo outro. Agora você tem que incluir o outro, e sua pluralidade, que é uma família e a sociedade, em sua autonomia personalizada. Posso ver que você sorri. Sei que é mais fácil falar do que fazer. Mas você foi o senhor do seu ser: do ser predestinado até o destino. Talvez pudesse tentar agora a humildade aterrorizadora que é a dependência-independência compartilhada com o outro.

E assim nos separamos.

Isso foi há quase dez anos. Durante este período Bill me escreveu algumas cartas sucintas, contando que consolidou uma "vida familiar" com Kris, sua mulher e o filho deles, e sua unidade de pesquisa. Após um silêncio de alguns meses, em dezembro de 1983, recebi uma carta de Kris me informando que Bill tinha morrido, e que ele tinha pedido para que ele, Kris, me fizesse saber que morria feliz, com uma família em volta de si, e deixando seu projeto de pesquisa bem organizado para que outros dessem continuidade a ele.

Estou perfeitamente ciente de que, se Bill alcançou seu destino, deixou também para mim um legado – contar nossa "jornada" juntos: de ser predestinado, sofrer e sobreviver por intermédio de todos os trejeitos do "falso" self, relações fetichistas, até alcançar seu destino como uma pessoa que contribuiu criativamente para o conhecimento humano. Há mais para ser contado sobre Bill, mas em outro momento. De certa forma este artigo é, tanto quanto um relato de caso, minha elaboração de um luto, escrito com afeto e gratidão por uma pessoa que nunca o lerá. Mas os mortos continuam vivos através daqueles que deles se recordam, como eu me recordo de Bill.

[1984]

2

Quando a primavera chegar

A viagem da alma – não apenas a vida.

WALT WHITMAN, "Gliding O'er All",
*Leaves of Grass**

Não havia nada fora do comum na minha visita a D. W. Winnicott nessa manhã de domingo, por volta das 10 horas, em novembro de 1969. Nos últimos dois anos, todos os domingos depois de cavalgar, ia à casa de D. W. W. por duas horas ou mais, conforme ele quisesse. Nunca fiquei para o almoço. Nos últimos anos a saúde e a força de D. W. W. tinham se debilitado sensivelmente. Ele tinha me pedido para ajudá-lo a deixar o livro *Playing and Reality* escrito e organizado para ser publicado. Ajudar D. W. W. era para mim um prazer. Ele me apresentava textos datilografados ou algum material clínico, e trabalhávamos neles para colocá-los numa forma mais adequada para a publicação. Foi desses encontros que mais aprendi com D. W. W. Ele falava livremente, de várias coisas, não se detendo no texto por muito tempo. Frequentemente deixava-se ficar numa calma sonolenta, quase ressonando. Esses intervalos davam-me a chance de ler o texto, ou pensar naquilo que ele havia dito. Logo ele se reorganizava, e retomava seu discurso. O mais divertido era que às vezes, ao retomar sua consciência articulada, ele me censurava gentilmente: "Sabe, Khan (ele sempre me chamou pelo sobrenome),

* No original, *The voyage of the soul – not life alone.* (N. da T.)

quase sonhei; mas não consegui porque você estando aqui, se metia no meio do meu sonho". Eu o ouvia com um contentamento indulgente, brincava com ele, e continuava a trabalhar.

D. W. W. trabalhava nesses textos como uma criança de nove anos, entusiasmada e irrequieta. Sempre dizia: "Para mim tudo aconteceu na época em que tinha nove anos". E acrescentaria, pesarosamente: "Desde então não amadureci mais, seja em espírito ou estilo". E era assim mesmo. Aquilo que todos nós que trabalhamos próximos a ele nesses últimos anos de sua vida mais gostávamos nele era essa ebulição irreprimível de pensamento criativo e esforço clínico. Ele continuava a atender, embora apenas para consultas, crianças e pacientes adultos. (Dentre estes últimos, a maior parte eram analistas de várias partes do mundo, muitos deles de renome, que o procuravam pedindo ajuda, depois de lerem seus artigos. Todos tinham feito longas análises pessoais, por um motivo ou outro, para formação ou em função de suas inquietações.) D. W. W. só discutia os casos que poderiam ajudá-lo a escrever, fosse uma narrativa clínica ou algo que organizasse alguns pensamentos. Nunca, que eu saiba, D. W. W. escreveu o que chamaríamos de um artigo puramente teórico. Ele sempre começava com algum trabalho clínico recente, e passava então a "teorizar" a partir dele. A razão da escassez ou falta de material clínico em seus artigos, como por exemplo em "The use of an object" (1969), é que D. W. W. era muito escrupuloso quanto a preservar a privacidade de seus pacientes, mesmo das crianças pequenas, de quatro ou cinco anos, e nunca citava o material clínico que o levou a formular uma determinada noção teórica.

Nesta manhã encontrei-o num estado de excitação. Nem bem tinha tirado meu casaco de equitação, e me sentado para tomar um chá, que ele mesmo preparara, na escrivaninha da pequena sala onde trabalhávamos e onde podíamos ficar à vontade, e já tinha sentido que D. W. W. estava prestes a me fazer algum pedido curioso. Propor-me uma nova tarefa! Tão pouco era dito explicitamente entre nós. Conhecíamos-nos há vinte anos, trabalhando muito intimamente, embora mantendo nossa privacidade. Nunca tomei parte de sua vida social ou familiar, nem ele da minha.

D. W. W. sentou-se e enfiou o rosto entre as mãos, um gesto característico seu. Começou: "Sabe, Khan, eu atendi essa garota,

Veronique, ontem. Ela tem treze anos. Recusa-se a comer e a ir para a escola porque, como diz, ficou 'ridiculamente magra' (como ela diz, Khan)". "Eu disse a seu médico e a seus pais, com quem conversei na semana passada, que eu não poderia *tratar* da filha deles, mas gostaria de vê-la e ajudá-la a encontrar o *tipo certo de ajuda*." Notei que D. W. W. tinha usado a expressão "o tipo certo de ajuda" em vez de "tratamento". Sempre rabisco algumas "notas" nessas conversas enquanto estou escutando; D. W. W. não pretendia que eu as levasse muito a sério, era sua maneira de aliviar o peso de seus pensamentos, como eu costumava dizer. "Dividir" desta forma a experiência clínica era muito retórico da parte de D. W. W.

Ele continuou: "Veronique é uma menina *muito* intelectual". (Ele enfatizou esse muito.) "Fala inglês e também francês fluentemente." Ao que repliquei: "Mas com esse nome, D. W. W., ela deve ser de origem francesa". "Sim, sua mãe é francesa, mas isso não é importante." Sorri, e deixei que ele continuasse. "Bom, eu não sabia, porque não me contaram, que ela veio para a consulta de uma clínica de repouso. Está lá há dois meses por 'recusa de alimento e de ir à escola'." Novamente percebi que D. W. W. estava evitando o uso de qualquer jargão psiquiátrico ou médico. Prossegui: "Ela é muito bonita. Gosta de cavalgar. Isso poderia fazer com que vocês se tornassem amigos, Khan". Eu sabia, agora, que D. W. W. tinha *decidido* que eu ia tomar essa menina sob meus cuidados. Continuei a ouvir.

"Bem, ela não está *realmente* doente. Não está *realmente* recusando nada: comida, escola ou sexo. Eu poderia facilmente descobrir, a partir das consultas, o que ela está recusando, e por quê. Mas decidi não fazê-lo, e deixar para você descobrir, com a ajuda dela. Você vai gostar dela, Khan. É uma aristocrata. E filha única. O pai adora-a. A mãe orgulha-se de suas realizações como estudante e promissora cavaleira. Sua infância, Khan, quase. A única ambição de Veronique é treinar para cavalgar pela Grã-Bretanha nas Olimpíadas." (Como você, D. W. W.; em 1914 você ia correr pela Grã-Bretanha, mas a Primeira Guerra Mundial frustrou seus planos.) "Então imediatamente pensei em você. Sob outros aspectos, há alguns outros jovens analistas, medicamente qualificados, que poderiam ser mais indicados para *lidar* com a situação dela. Mas, quando ela está relaxada, fala inglês e francês

alternadamente, como é de hábito em casa; fala sobre cavalos e sobre saltar com um deleite voraz" (reparei que D. W. W. usou o adjetivo "voraz") "e, droga, é uma intelectual. Por falar nisso, quem é essa mulher, em Paris, Simone de Beauvoir? Ela escreveu bastante sobre mulheres e sexo. Já que você lê tudo, deve ter lido seus livros também."

Deixei passar a provocação de D. W. W. Eu sabia que ele estava nervoso por duas razões: a garota era uma proposta incômoda e ele não tinha certeza se eu aceitaria tomá-la sob meus cuidados. A clínica de repouso onde ela estava ficava a uns 50 km de Londres, e eu teria que ir até lá. Depois de uma curta "desaparição" dentro de si mesmo, D. W. W. prosseguiu: "Sim, Khan. Prometi a seus pais que ligaria hoje para eles na clínica, para comunicar-lhes a sua decisão. Posso dizer que discuti a questão com você, e que você está a caminho para vê-la por volta do meio-dia? Com o seu carro você facilmente pode ir até lá em menos de uma hora, especialmente num domingo. O fator clinicamente importante é ver Veronique no momento em que ela recusa a comida". "Você quer dizer, como ela faz." "Isso, isso. Mas, pelo amor de Deus, Khan, não seja muito esperto com Veronique, do contrário nunca vai descobrir o que a nauseia ao comer ou ir para a escola." "Você manda, D. W. W."

Com esse meu assentimento, D. W. W. já estava no telefone, e ficou combinado que eu visitaria Veronique naquele mesmo dia, por volta da hora do almoço. Passava um pouco das onze horas quando D. W. W. me acompanhou até o carro. Como um gesto de despedida, comentou com sua costumeira ironia: "Ah, Khan, não troque de roupa. Suas botas e sua gravata de equitação darão mais segurança a Veronique do que qualquer coisa que você diga. Boa sorte, Khan". E assim parti para encontrar Veronique.

Cheguei na clínica a tempo de pegar a hora do almoço. Todo o conjunto tinha um ar agradável e tranquilo. A construção era de um sólido estilo vitoriano, e tinha um gramado caprichosamente cuidado cercado de arbustos floridos. Na estreita alameda que conduzia ao prédio, li um cartaz: *Dirija devagar - Cavalos e Cavaleiros*. A mãe, ou o médico, tinha certamente escolhido um lugar agradável para Veronique; eu sabia que não tinha sido esco-

lha de Winnicott. Fui recebido pelo proprietário/diretor, um escocês grisalho e afável. Pediu a uma senhora rechonchuda de seus quarenta anos para que me levasse até Veronique. Ela era bastante loquaz. "Ela é um amor de garota. Dá-se bem com todo mundo. Se ao menos nossa velha companheira comesse". Não pude deixar de sorrir da incongruência de chamar Veronique de "velha companheira". Uma vez que ela não me perguntou como me apresentar, não lhe disse meu nome. Ela foi direto até Veronique, que estava sentada, lendo, no que parecia ser um espaçoso salão. Veronique levantou-se. Era uma moça magra, alta, ruiva, olhos verdes suaves e faces muito, muito pálidas. Apresentei-me: "Sou Masud Khan". E ela respondeu numa voz meiga: "Eu sei, senhor. O Dr. Winnicott me falou do senhor". Começou a andar em direção à porta. Voltou-se para mim e disse com um sorriso contido: "Escolhi um quarto no segundo andar. Minhas refeições são servidas no quarto, não faço minhas refeições junto com os outros visitantes". Tentando situar minha presença, eu disse de forma casual: "Então você também não come sozinha". Ela me olhou com um ar curioso. Passamos por alguns "visitantes" de diversas idades. Sentia-me meio esquisito em minhas roupas: botas e calças de equitação e um suéter pólo branco.

Subir as escadas tirou o fôlego de Veronique. Assim que entramos no seu quarto, vi um bastão de equitação feminino, com um pegador de prata. O quarto era mobiliado com tecidos em tons pastéis, harmoniosos. Tudo na mais perfeita ordem. "Gosto deste quarto aqui em cima. Em casa, fico no sótão. Gosto de olhar os gramados." Uma mulher jovem entrou, e perguntou a Veronique se ela gostaria que seu almoço já fosse servido. "Sim, por favor!", respondeu jovialmente. Comecei a me perguntar se ela teria recuperado sua capacidade para comer. Junto com o almoço entrou uma jovem médica. A servente colocou o almoço numa mesa. A médica se dirigiu a mim: "Você é o Dr. Khan?" "Não me chame de doutor, por favor. Apenas Khan; não sou médico." Ela murmurou qualquer coisa, aproximou-se de Veronique e destampou o prato. Ficou um instante em silêncio. "Você não vai comer seu almoço?" "Não, por favor!", respondeu Veronique de forma educada mas firme. A doutora cobriu o prato novamente e retirou-se, para em seguida voltar acompanhada de um mé-

dico de meia-idade. Podíamos ouvi-la dizer enquanto entravam: "Não, só meia xícara de chá no café da manhã". O médico foi até Veronique, dizendo "olá" ao passar por mim. Destampou o mesmo prato. "Coma um pouco, Veronique. O que você gostaria de comer?", indagou enquanto mostrava as várias porções no prato. "Nada. Muito obrigado." "Você sabe que sua mãe ficará muito aborrecida quando chegar esta tarde e for informada de que você não comeu novamente." "Talvez eu coma alguma coisa com papai na hora do chá. Ele virá também, não?" Ao que ele respondeu de forma um tanto severa: "Sim, virá".

Ambos saíram depois de mais um pouco de insistência e recusa. A servente veio recolher a bandeja. Veronique lhe pediu: "Espere um pouco, por favor". E olhando para mim: "O senhor gostaria de almoçar?" "Não, Veronique, obrigado. Almocei no caminho. Mas aceitaria uma xícara de chá. Aqui ou no jardim? Está ventando um pouco lá fora, acho melhor tomarmos aqui." Utilizei o "nós" deliberadamente. Veronique disse para a servente: "Um bule de chá, leite, açúcar e duas xícaras, por favor." Sentei-me na única cadeira confortável daquele quarto e perguntei: "Você se incomoda se eu fumar cachimbo?" "Não, de forma nenhuma. Prefiro visitas que fumam cachimbo do que cigarro. Papai fuma cachimbo o tempo todo, e mamãe os seus cigarros franceses, um atrás do outro." Observava Veronique discretamente. A bandeja de chá foi trazida e colocada na mesa. "Isto é tudo por enquanto. Qualquer coisa eu te chamo, obrigada." Ela tinha chamado a servente pelo nome, mas escapou-me. Pegou uma xícara e perguntou-me: "Forte ou fraco?" "Forte, por favor; com quatro cubos de açúcar". Veronique sorriu zombeteiramente, serviu o chá e estendeu-me a xícara. Percebi que afastou sua cadeira da mesa e sentou-se. Ela não ia tomar chá. E eu não ia fazer nenhum comentário.

Seguiu-se um silêncio incômodo; que Veronique quebrou: "Você não vai me fazer um monte de perguntas?" "Não, não vou. Vim aqui para que pudéssemos nos conhecer. Daqui a pouco vou embora, porque estou esperando alguns amigos às quatro para o chá." "E, naturalmente, sua esposa deve estar esperando por você. Desculpe o incômodo de ter que vir até aqui na hora do almoço." "Não foi incômodo nenhum, Veronique. Minha mulher

está em Paris e só volta à noite.” Outro silêncio desconfortável. O bastão de equitação chamou minha atenção novamente. “Você não pode cavalgar na sua atual condição!” “Não, Dr. X diz que estou muito fraca” – parou nervosa. “Quando você acha que vai comer de novo?” “Quando a primavera chegar! Ainda vai demorar. Meu apetite sempre melhora na primavera”, acrescentou. “Nunca fui bom garfo no inverno. Só que, desta vez, está pior.” Deixei Veronique continuar a conversa como lhe aprouvesse.

Contou-me que quase morrera afogada na Sardenha, nas férias, quando sua lancha de corrida capotou. Foi há poucos meses, no começo de setembro. “Papai quase desmaiou quando me levaram para casa. Mamãe ficou furiosa quando me viu confortavelmente enrolada e conversando com o pessoal que me tirou da água.” Veronique falava enigmaticamente. Deixou a conversa morrer e foi até a janela. Voltou-se: “Tem certeza de que não quer perguntar nada?” “Certeza absoluta.” “Mais chá?” “Não, obrigado.” Eu tinha visto uma aquarela na parede, o esboço de uma cabeça masculina ligeiramente inclinada. Levantei-me para olhar mais atentamente. “Ah, é do papai. Eu a fiz no verão passado, na Sardenha. Eu lhe contei que quase morri afogada lá em setembro. Papai ainda não se recuperou do susto. Ele sentirá que você não pode ficar para o chá. Papai te conhece. Mamãe conhece Madame Beriozova. Eu vi Madame Beriozova dançar *Giselle*. Fomos ao camarim. Eu te vi lá.” Era verdade que eu conhecia seu pai. Ele era uma figura influente no meio político. Pensei comigo: com certeza D. W. W. devia saber que *toda* a família já tinha me encontrado em um ou outro lugar. Ele tinha segurado essa “informação”, talvez com receio de que eu me recusasse a ver Veronique. Na verdade, quando voltei para meu apartamento, descobri que D. W. W. não foi informado disto e de muito mais.

Veronique falava agradavelmente, travessamente de várias coisas. Sua escola. Sentia falta da escola. Sentia falta de suas aulas de grego. E das aulas de equitação. “Aqui só posso pintar. Dr. X (o proprietário/diretor) não gosta que a gente leia muito durante o dia. Ele prefere que a gente caminhe em volta do jardim, jogue croqué. Ele joga muito bem. Ainda não joguei aqui. Fico tonta com o menor exercício. Estou muito fraca agora.” Perguntei, com franqueza: “Com toda certeza você ainda não desmaiou aqui, não

é? Você é uma jovem por demais determinada para deixar isso acontecer". "Não, ainda não. Quase desmaiei, mais de uma vez. Até mesmo homens corajosos desmaiam. Papai quase desmaiou quando me viu ser transportada numa maca. E ele foi condecorado com a DSO (Distinguished Service Order) como oficial de comando na última guerra."

"Seu pai é realmente uma pessoa admirável. Ele continua a participar das corridas com obstáculo?" "Não, não mais. Ele teve um leve ataque cardíaco no verão passado. Em junho, para ser exata. Por isso que eu saí de lancha sozinha, com duas colegas de escola, quando capotei. Eu não sou boa nadadora. Papai sempre ia comigo." "Você não acha, Veronique, que foi um pouco demais fazer isso, por causa de uma falta de companhia?" Veronique olhou penetrantemente para mim. Levantou-se e pegou qualquer coisa. Eu também me levantei. "Você já vai?" "Sim, Veronique." "Voltará?" "Não sei, depende do Dr. Winnicott. Conversarei com ele hoje à noite. Ligo para você amanhã."

Veronique me acompanhou até o carro silenciosamente. Agradei ao Dr. X ao encontrá-lo na saída. Quando estava entrando no carro, Veronique me perguntou: "Por quanto tempo você acha que vão me manter aqui?" "Até a primavera chegar, Veronique, suponho." E parti. Podia ver sua figura frágil, alta, envolta num vestido verde-claro que flutuava no vento, parada ali. Ao fazer uma curva na alameda, Veronique desapareceu do meu espelho retrovisor. Em volta, o campo apresentava o tom ocre do inverno.

Decidi que não iria pensar em Veronique até que conversasse com D. W. W. à noite.

O dia tinha sido agradável, cheio, sem grandes problemas. Veronique tinha se mostrado agradável comigo e eu, reciprocamente, pouco intrusivo com ela. Salientei para mim mesmo algumas observações e cheguei a duas "conclusões". Comecei a me sentir ansioso à medida que ia se aproximando a hora de visitar Winnicott, e contar minha visita à clínica e meu encontro com Veronique. Embora ele nunca tivesse me dito nada diretamente, eu sabia por intermédio de outras pessoas que ele tinha grandes expectativas em relação a mim. Ele era, em muitos aspectos, uma

pessoa pouco exigente, o que tornava suas exigências não-expressas excessivamente onerosas. Era inútil preparar um texto para D. W. W. - ele tinha uma excepcional capacidade de te desarmar com perguntas simples, quase bobas - de forma que decidi chegar na casa de Winnicott sem ensaiar.

Eram 7:00 da noite. Sua irmã abriu a porta. Nada de alarmante nisso. A Sra. Winnicott nunca abriu a porta para mim. Disseram-me: "Suba, por favor. Donald está esperando por você". D. W. W. só me recebia "em cima" (como dizíamos) quando se sentia "indisposto": nosso eufemismo para seus ataques de angina, que o deixavam incapacitado por dias a fio. A porta do quarto estava aberta. D. W. W. encontrava-se confortavelmente aconchegado nas cobertas; o aquecedor a gás sibilava. Deu um sorriso forçado, e disse: "Então você está de volta, são e salvo, Khan". Agora eu tinha certeza de que ele sentia uma dor terrível. Deixei de lado seu comentário e sentei-me. "Sirva-se de um whisky." "Só se você tiver malte puro!" "Sim, tem um resto na garrafa." Servi-me de uma dose generosa. Estava mais nervoso ainda agora. Quaisquer sinais de enfraquecimento em D. W. W. deixavam-me muito ansioso. Ele sempre tentava escondê-los de mim, e eu fingia que ele conseguia. Era um jogo inglês muito bobo, que ele jogava melhor que eu. Ele tinha nascido e sido criado nele. Eu não.

Comecei com a mais tola das observações acerca do nosso encontro. Veronique, contei para D. W. W., serve chá como um mordomo irlandês experiente. "Irlandês? Por quê?" "Ela tem um senso de humor esquisito." "Eu percebi isso; estou contente que você também tenha percebido." Não tinha sido minha intenção começar assim. Decidi, um tanto agastado, chocar D. W. W., e anunciei pomposamente: "Você tinha razão, D. W. W. Veronique não está recusando nada. Como também não está doente. Então, o que a atormenta? Bem, D. W. W., acho que ela nutre um rancor secreto contra a mãe. Seu olhar, doce e emotivo, mascara um ódio vingativo determinado, do qual a própria Veronique é a primeira vítima. Desta forma, não havia nada que eu pudesse lhe oferecer".

D. W. W. sentou-se, recostando-se nos travesseiros. "Eu não pensei que tivesse ou que você pudesse. Obrigado por não mascará-la. Você conversou bastante com ela?" "Não, D. W.

W.!” “E ela?” “Um pouco, muito amavelmente.” D. W. W. ficou um instante em silêncio, depois disse com um ar malicioso: “O pai de Veronique ligou-me há pouco. Achou uma pena que você não tenha podido ficar para o chá. Vocês se conhecem?” “Sim, D. W. W., nós nos conhecemos.” “Sirva-se de mais uma dose.” Servi-me. “O que você acha que os pais dela devem fazer?” “Quanto aos pais, eu não sei. Mas posso lhe dizer o que o pai deveria fazer.” “Sim?” “Ele deveria ir com ela para a Sardenha. Só os dois. Madame tem muito o que fazer em Londres e em Paris, nem vai notar a ausência de Veronique.” “E quanto aos compromissos políticos do pai?” “Não acredito que ele tenha um programa apertado agora no inverno. Pode estar quente na Sardenha. Veronique poderá cavalgar e estudar grego junto com o pai. Não vai precisar se afogar para chamar a atenção.” “Então ela te contou! A mãe diz que ela odia falar sobre isso.” “Acho, D. W. W., que é a mãe que se sente culpada e pouco confortável a esse respeito.” “Khan, me desculpe, mas estou me sentindo muito cansado. Você poderia ver Veronique amanhã? O pai irá almoçar lá. A mãe estará ocupada com um compromisso social. Lá você poderá resolver calmamente que providências tomar.” D. W. W. chamou a irmã. “Khan está indo. Por favor, ligue para a clínica e avise que ele irá almoçar com Veronique e seu pai amanhã.” A velha raposa já tinha premeditado tudo.

Eu já estava na porta, e D. W. W. disse: “Khan, não vá – como foi que você chamou a mãe de Veronique? Ah sim, madame, ou ela voltará com uma vingança.” “Como você diz, D. W. W. Olhe, estarei em casa; se você precisar, pode me ligar a qualquer hora da noite.” “Para quê?” “Nada, só falei por consideração e cuidado, D. W. W.” Disse isso com aspereza calculada. Esses comentários eram comuns entre nós.

O almoço com Veronique e seu pai transcorreu na mais completa tranquilidade. Ela ligou pela manhã para perguntar o que eu gostaria de comer no almoço. Minha secretária informou-me que meu almoço costuma ser uma refeição leve: peixe, um ou dois copos de vinho branco gelado, de preferência seco. Cheguei pontualmente. O pai de Veronique já tinha chegado há uma hora.

Não havia necessidade de apresentação, uma vez que nos conhecíamos. Veronique providenciara para que o almoço fosse servido numa mesa maior, no quarto, que era suficientemente espaçoso para acomodá-la. Era realmente notável que Veronique não só sabia receber em grande estilo, como também gostava de fazê-lo. A princípio fiquei surpreso que uma clínica de repouso na Inglaterra servisse salmão defumado e champanhe; da Fortnum and Mason, naturalmente, comentei para provocá-la. “Sim, senhor!” e ela deu um pulo, contente, para dar um beijinho na testa do pai, exclamando: “Meu paizinho querido. Ele estava tão preocupado”.

Eu me senti reasssegurado de que tinha feito a coisa certa ao excluir madame. Quatro pessoas não almoçariam confortavelmente no quarto de Veronique. Notei ainda que:

1. Papai serviu um copo de champanhe para Veronique;
2. Esta não seria a primeira vez que esses dois velhacos recebiam um convidado sem madame;
3. Papai não fez nenhum comentário acerca do fato de Veronique nem ter tocado na fatia de salmão defumado muito fina que estava em seu prato: ele simplesmente a serviu de uma fatia, e nada mais. Mas Veronique polidamente bebericou sua taça de champanhe e comeu um pedaço de Camembert em meia torrada;
4. Veronique e papai estavam muito acostumados a tomar decisões entre eles, isto é, sem consultar madame.

Assim que nos sentamos para almoçar, disse ao papai casualmente, mas de forma alguma hesitantemente, qual tinha sido minha recomendação para o Dr. Winnicott; ou seja, que o papai deveria levar Veronique para passar os meses de inverno com ela na propriedade da Sardenha. Minha sugestão não pareceu perturbá-lo, embora tenha arqueado ligeiramente as sobrelanceiras. Corrigiu-me calmamente: “A propriedade na Sardenha não é minha. Eu a comprei para meu segundo filho. Passamos lá os quatro últimos verões porque Veronique se sente mais à vontade e gosta mais de lá do que de Cap Ferrat, onde temos uma casa muito gostosa que eu dei para ela. Naturalmente, a mansão e a fazenda

serão herdadas pelo meu filho mais velho. Tenho dois filhos da minha primeira mulher, de quem estou divorciado há mais ou menos quinze anos". Riu e comentou: "Faz tanto tempo que nem me lembro direito". E Veronique, brincando: "Espere aí, papai, não sou tão velha". Ele afagou carinhosamente sua cabeça, e disse: "É minha única filha do meu segundo casamento, e a única que cavalga comigo todo fim de semana". Depois acrescentou: "As crianças se dão muito bem. Meus dois filhos são casados. Somente meu filho mais novo não se dá muito bem com a mãe de Veronique". Aqui Veronique interrompeu para dizer de forma cortante: "Mas também a mamãe não lhe dá a mínima chance!" Voltou-se para mim e contou, determinadamente: "Por três vezes, mamãe inventou uma desculpa na última hora para não ir para a Sardenha. A verdadeira razão é que ela conhece muita gente em Cap Ferrat, e quase ninguém perto da nossa propriedade. No verão passado ela foi para a Sardenha de má vontade, e foi uma droga".

O pai parecia bastante desconfortável, de forma que fui em seu auxílio, comentando: "Ora, ora, Veronique; você está deixando seu pai embaraçado. Tenho certeza que não é isso que você quer". "Não, senhor", disse, acalmando-se. "Estava dizendo isso porque, se papai concordar que eu vá para a Sardenha ficar com meu irmão até o fim do verão que vem, não haverá necessidade dele ficar lá comigo todos esses meses. Ele tem muitas coisas importantes para fazer em Londres. Posso muito bem ficar com meu irmão. Nós falamos e brincamos em italiano. Prefiro o italiano ao francês." Já tinha notado essa preferência. "O Dr. Winnicott me contou por telefone a sua sugestão, e eu reassegurei para papai que não vou precisar dele lá. De qualquer forma, não vou nadar nem sair com a lancha nesses meses de inverno. Mas eu gostaria que papai me acompanhasse até a Sardenha para que mamãe não pense que estou desafiando-a. Telefoni para a diretora da minha escola e ela gentilmente concordou que eu ficasse afastada mais dois períodos; a única coisa de que precisa é um certificado psiquiátrico." "Dr. Winnicott poderá fazê-lo para você." Internamente, eu estava louco da vida com Winnicott por ter dado mais um passo sem avisar-me.

Durante todo esse tempo, enquanto Veronique falava rapi-

damente, o pai escutava e olhava para ela de uma forma enternecida, indulgente. Então, estava tudo arranjado: Veronique ficaria mais duas semanas na clínica de repouso, passaria o Natal com a família na Inglaterra e partiria para a Sardenha com o pai no Ano Novo. Quando eu estava saindo, Veronique comentou: "O Dr. Winnicott conversará com mamãe na sexta-feira". E eu, de forma bastante cortante: "Melhor assim, poupa-me de maiores explicações".

Não achei que houvesse qualquer urgência de encontrar D. W. W. para discutir Veronique, portanto; só liguei para ele depois de atender todos os meus pacientes. Ele parecia cansado ao telefone. Contei-lhe resumidamente que tudo tinha transcorrido bem. Ele disse, laconicamente: "Está bem, Khan. Obrigado por não me deixar na mão. Boa noite". O que, vindo de D. W. W., era um grande elogio. De repente, me dei conta de como estava cansado, também. Veronique tinha se mostrado uma pessoa que exigira mais do que eu tinha imaginado. Entrei na rotina da minha semana de trabalho. Quando fiz minha visita semanal a Winnicott, no domingo seguinte, encontrei-o estranhamente exausto e contido. Fez um chá para mim. Percebi que não tinha pressa de falar sobre Veronique. Remexeu em alguns papéis. Não conseguia decidir-se. Esperei. Derrubou algumas folhas no chão: numa delas tinha um "rabisco" feito por alguma criança. "Não se preocupe com elas. Não funcionou. Não estive muito bem essa semana, Khan. Estou realmente ficando velho!" Ele está com setenta anos, pensei comigo. Nos últimos vinte anos, teve três ataques cardíacos. Na verdade, era impressionante como ainda trabalhava. Esperei. Tinha a sensação de que ele estava bravo por algum motivo.

"Bem, Khan, ela ganhou. Madame me ligou há cerca de uma hora para dizer que sua irmã ficou muito doente esta semana em Paris. Ela vai buscar Veronique na clínica hoje, ao meio-dia, e vai levá-la com ela para Paris. O pai não pode acompanhá-las. Isso estraga tudo. Bem, espero que a experiência tenha valido a pena." D. W. W. permaneceu em silêncio, depois mudou de assunto bruscamente. "Em que sentido você acha que madame vai estragar Veronique?" Deixei D. W. W. buscando seus próprios pen-

samentos. “O acidente do afogamento. A mãe mencionou-o apenas uma vez. A filha só falou disso. Espero que ela não afogue a filha.” “Não precisa se preocupar. Veronique não é tão frágil ou vulnerável.” “Mas ela pode machucar o marido e isso pode ser muito danoso para Veronique. Conte-me mais. Afinal de contas, você passou algumas horas com Veronique no domingo e na segunda.”

Contei-lhe que não só tinha deliberadamente me abstinido de investigar as fofocas da família, como não tinha evitado que Veronique desandasse a contá-las. Mas, até onde podia perceber, havia três grupos. O primeiro grupo era formado por Veronique, papai, os dois meio-irmãos (e suas mulheres). O segundo grupo era formado apenas por Veronique e papai. E o terceiro, papai e mamãe. Era esse terceiro grupo que estava esgarçando. Parei. “Continue, Khan. É bom fantasiar junto com alguém. Fica tão árido quando fazemos isso sozinho.” Continuei: “Madame é mais ou menos vinte anos mais nova que o marido. É uma dama parisiense ambiciosa. Muito culta, queria fazer teatro, como sua irmã mais velha, muito famosa. Fracassou. Seu único sucesso foi casar-se com papai. E ela não vai desistir dele. Ela deixou de ser cosmopolita por sua causa. Tem sido de grande ajuda para ele em sua carreira política. Administra uma propriedade no campo no estilo correto. Mas Veronique insinuou-se sem que madame se desse conta. D. W. W., fiquei muito surpreso de ver como Veronique está a par da agenda do pai. Ela, às vezes, se faz de sua secretária. Ao contrário da mãe, fala italiano fluentemente, como também cavalga com papai todos os domingos. Nessas ocasiões, discutem todo tipo de coisas. É essa “intimidade” entre pai e filha que está começando a molestar madame. Pelo menos, é assim que eu vejo, D. W. W.”

“Continue, Khan, estou ouvindo.” “Para agravar ainda mais a situação, Veronique decidiu que vai estudar línguas. Madame esperava que ela seguisse a carreira da tia. Em outras palavras, fazer e conquistar aquilo que ela não conseguiu. Em vez disso, ela segue os passos de papai: línguas clássicas e modernas, e história. Todos os caminhos estão abertos para Veronique.” D. W. W. me olhava pelas frestas dos dedos de suas mãos, que cobriam seu rosto. Levantou e esticou-se. “Interessante! Faz sentido. Bom traba-

lho, Khan. É uma pena que madame tenha estragado tudo para você.”

“Não para mim, D. W. W., mas para você. Se Veronique precisar ou procurar terapia, eu não vou atendê-la. Posso ser mais útil como um conhecido interessado do que como terapeuta. De qualquer forma, e você sabe muito bem, D. W. W., a partir de seu único encontro com ela você engendrou em Veronique uma tal expectativa e confiança que ninguém mais pode ser seu terapeuta. Vamos esperar que ela não venha a precisar de terapia. E como você vai fazer para recusar quando ela lhe pedir? Falei para Veronique e para o pai dela que estou indo vê-la só porque no momento você não está em condições de pegar um paciente novo. Mas você vai dar um jeito nisso tudo quando ela voltar da Sardenha, no verão de 1970. Não acho que o plano tenha ido por água abaixo. Veronique irá para a Sardenha e fará com que você e papai façam toda a negociação com madame. Tudo se resume nisso. Por falar nisso, a irmã de madame não está tão mal como ela diz. Ela passou mal a semana retrasada, mas já está se recuperando.” “Como você sabe?” “Saiu no *Le Monde* de sábado. Ela é diretora de um teatro de vanguarda em Paris e em Nice, é muito famosa. Minha mulher conhece-a. Como você vê, D. W. W., é melhor me deixar de fora de suas estratégias terapêuticas para Veronique.”

Ainda conversávamos quando o telefone tocou. Era Veronique ligando de Paris. D. W. W. tinha se enganado. Madame tinha ligado do aeroporto de Heathrow, ela já tinha ido buscar Veronique na clínica. D. W. W. ficou furioso. Perguntou a Veronique quando voltaria a Londres. Ela disse que iria direto para a Sardenha dentro de dois ou três dias, assim que papai pudesse ir a Paris e levá-la para a Sardenha.

Deixei D. W. W. sozinho no quarto para falar com Veronique. Depois perguntei-lhe por que estava tão furioso. “Tudo acabou saindo como todos desejavam, exceto para madame”, retrucou. “Cada um deles é mais onipotente que o outro. São uns medidos inconseqüentes. Veronique não vai voltar para a Inglaterra. Você sabia dessa?” “Sim, D. W. W., ela vai para Roma. O padrasto dos seus irmãos sardenhos é professor de línguas clássicas na Universidade de Roma. O problema agora é: o que o Dr. Winnicott vai fazer com madame? Ela vai ficar rosnando na sua

porta, D. W. W.” Parei de falar, peguei algumas provas que estavam na mesa e comecei a ler. Não falamos mais sobre Veronique naquela manhã de domingo.

Quatro dias mais tarde, na quinta-feira, D. W. W. ligou por volta das nove horas da noite, pedindo-me para ir até lá. Tinha algo urgente para discutir comigo. Acrescentou: “Olhe, Khan, está chovendo muito forte; se seu carro estiver na garagem, posso ir até aí buscá-lo”. Disse que meu carro estava parado bem em frente e que estaria com ele em cinco minutos. A casa de D. W. W. ficava dobrando a esquina. Logo que cheguei, ele me levou para o “esconderijo”, como chamávamos o escritório de sua secretária no subsolo. Como todas as noites, a chaleira estava no aquecedor, biscoitos e queijo *cheddar* num prato, uma caneca para mim e uma xícara para ele, açucareiro, uma garrafa de whisky, uma jarra de água e dois copos. Reparar nos objetos me ajudava a ficar mais à vontade nessas visitas noturnas. Não gostava muito de visitá-lo de noite. Perturbava sua vida particular – ou, pelo menos, era o que eu sentia.

D. W. W. estava num estado ambivalente, em dúvida. Estava excitado e preocupado, ao mesmo tempo. Bebericava um whisky bem diluído, o que eu considerava um atentado contra um bom whisky. Ele argumentava que, diluído na água, o efeito era muito mais rápido. Eu sabia que D. W. W. só bebia whisky quando começavam suas dores de angina, ou quando estava se recuperando de um ataque. Para encurtar a visita, principalmente para ele, perguntei: “Tem a ver com os Veroniques?” Tínhamos começado a chamar o trio – Veronique, papai e madame – pelo coletivo plural. “Sim e não.” Compreendi que D. W. W. chegaria lá no seu próprio tempo, e pelo seu próprio caminho. Ele me perguntou: “Você teve tempo de revisar o capítulo X? Até a Sra. Coles já está ficando cheia de redatilográ-lo tantas vezes. Parece que eu não consigo esclarecer a diferença entre fantasia e fantasiar, pelo menos é o que me dizem”. Fui breve em meu comentário: “Por que você pede a opinião deles? Você nunca os leva a sério”. “Isso é injusto, Khan. Sempre leve em consideração o que eles falam. Mas você está certo, não devia demonstrar tanto. Mas aí começam a fofocar contra você; que você está me impe-

dindo de me referir a eles.” “Você se importa, D. W. W., com o que eles falam? Eu não.” “Mas eu sim. Tenho receio de que eles te prejudiquem quando eu não estiver mais aqui.” “Já falamos sobre isso centenas de vezes, D. W. W. *Laissez aller*. Se eles me incomodarem demais, posso sempre ir para Paris. De qualquer forma, a Senhorita Freud está aí, forte e rija. Não se preocupe, por favor.”

Eu sabia que estávamos apenas papeando, até que D. W. W. estivesse pronto para me dizer o que queria, e como queria. Preparou uma xícara de chá para si mesmo, outro de seus hábitos bárbaros, misturando chá com whisky. Aboletou-se na cadeira giratória da Sra. Coles, onde ficava impacientemente virando para cá e para lá. Eu sempre tinha medo de que ele fizesse a volta toda e caísse. D. W. W. se comportava como se ainda fosse o atleta jovem e ágil que fora em 1914, treinando para a corrida. Acalmou-se. “Recebi madame no fim do dia hoje. Eles voltaram de Paris à tarde.” “Quantos são ‘eles’ hoje, D. W. W.” “Os mesmos: Veronique, papai e madame. Madame veio sozinha. Disse que Veronique apreciou muito sua viagem a Paris. Ah, ia me esquecendo: trouxeram a tia enferma. Não que isso seja realmente bizarro. Khan, espere até ouvir essa. Madame está *grávida*. Foi exatamente assim que disse: ‘Estou *grávida*, Dr. Winnicott.’ Nem tinha tirado seu casaco de pele. Às vezes, ela é arrogante como os americanos. Que coisa desagradável.” D. W. W. mudou de assunto. “Você acha que a versão revisada está melhor?” “Certamente que não! Quem te convenceu a inserir um resumo de material clínico? Primeiro, não se adapta à discussão. Segundo, está colocado de forma muito pobre e casual.” “Está bem, reescreva-o então. Estou farto dele, Khan. Vamos falar de madame. Eu não tinha me dado conta de que ela só tem trinta e cinco anos. Nunca a tinha encontrado sozinha. Quando está na companhia do marido ou da filha, ela faz o gênero dama inglesa. Por que esses estrangeiros têm a mania de nos imitar?” “Esses estrangeiros D. W. W.? Eu também sou estrangeiro, e não fico imitando ninguém. O problema é que vocês, ingleses, não gostam que os estrangeiros adaptem-se a seus padrões.” “Não, não, isso não é democrático.” “Mas vocês os encorajam a imitá-los.” “Madame está muito excitada com a perspectiva de ter um filho. Ela está certa que será um menino.” Não fiz nenhum comentário. “Acho que vai lhe fa-

zer muito bem ficar grávida e criar um bebê. Ela era muito jovem quando Veronique foi concebida, e muito ocupada aprendendo a ser a esposa de um rico proprietário rural. É realmente impressionante quanto uma mulher pode lucrar com a experiência de criar um filho."

Estava ficando um pouco cheio da aclamação eufórica de D. W. W. da nova aventura de madame. "Você diz que madame vai *lucrar*?" "Sim, Khan, lucrar com isso. Você não está convencido?" "Não, D. W. W. Eu sei que este é um conceito da classe média inglesa, muito respeitável, consagrado pelo uso ao longo dos séculos, mas madame não é inglesa. Ela é francesa; temperamental, extremamente intelectual, e cheia de artimanhas. Ela não vai levar essa gravidez até o fim, D. W. W." "O que o faz pensar que ela vai perder essa criança?" "Não sei; tenho essa impressão. Ela já conseguiu o que queria apenas engravidando." "E por quê, Khan?" "Para fazer com que Veronique sinta o que nela falta. Um filho completa a equação para madame. Além do mais, ela é no momento *notícia* no seu círculo. E não será mais dentro de um mês. A novidade de estar grávida dará lugar ao enfado da fêmea *prenhe*." "Quando você não gosta de alguém certamente é capaz de arrasá-lo!" "Não é que eu não goste de madame. O problema é que eu não confio nela, e você sim. Você se põe à disposição dela." "Mas você ficará com Veronique?" "Sim, D. W. W. Você e a mãe dela não me dão outra opção. Darei uma *cobertura* para Veronique se você concordar em recebê-la para uma consulta de tempos em tempos. E nada de mandá-la para clínicas, nem de terapia. Não ainda! Certo?"

Saí. Voltando para casa me dei conta de que D. W. W. tinha aceitado meus termos muito prontamente, porque eram, na verdade, os termos dele. A velha raposa realmente se preocupava com cada um daqueles que o procuravam. Se costumava pedir muito dos outros, incluindo os próprios pacientes, ele dava muito mais de si mesmo à situação do que qualquer um de nós jamais fazia ou podia. Quando cheguei no meu apartamento, minha mulher avisou-me que Veronique tinha ligado para me contar que "Mamãe está grávida"; o que minha mulher disse, num tom de voz alegrinho. Perguntei-lhe se tinha sido esse o tom de Veroni-

que. Ela disse: "Certamente! Por favor, ligue para ela amanhã". A primavera já chegou, pensei, muito paradoxalmente; sem saber muito bem o que fazer da *situação total*.

O que aconteceria nas semanas seguintes não poderia ser antecipado por nenhum de *nós*. Por *nós* quero dizer Madame (com um M maiúsculo, daqui em diante! *tout jours!!*), D. W. W., Veronique, papai e Khan. As coisas tomaram um rumo, ou um rumo lhes foi ditado. Mesmo agora, dez anos depois, não consigo distinguir se Madame foi autora ou vítima dos acontecimentos, ou simplesmente uma perpetradora inconsciente involuntária, embora bastante conhecedora, pelo menos do primeiro deles. Estou utilizando a noção de *acontecimento* do "Teatro do Acontecimento".

Liguei para Veronique, como minha mulher tinha lhe prometido. Além do que coloquei acima, minha mulher não tinha dito mais nada. Quando acontecia de ela receber algum telefonema de pacientes ou colegas, o que era raro, ela sempre dizia o mínimo possível tanto para a pessoa em questão como para mim. Veronique estava radiante. Positivamente maníaca. "*Mamãe está grávida*." Percebi em sua voz risadinhas sufocadas. "Isso nos manterá ocupados até o ano que vem. Nada de Sardenha para mim. Nem fins-de-semana" (os longos, longos fins-de-semana) "com papai em Barcelona".

Depois de um silêncio, perguntei abertamente: "E sua mãe, Veronique?" "Mamãe vai ficar ocupada distribuindo as tarefas para cada um de nós; todos a sua volta. É verdade, senhor, o Dr. Winnicott é o quarto da lista. Não, quarto. Em primeiro lugar está o querido papai, depois o mordomo irlandês Mac (de Mac-Coy), eu e depois o Dr. Winnicott. Mamãe já conversou com o Dr. Winnicott no telefone duas vezes hoje. E são apenas 9:15 da manhã." "Não, Veronique, não é bem assim", tentei corrigi-la para acalmá-la um pouco. Veronique quase gritava. "Não é que o Dr. Winnicott goste disso. Ele apenas agüenta, com uma disponibilidade até excessiva! Nisso talvez você tenha razão. Agora, escute-me, Veronique, eu sou a outra ponta desse acontecimento. Vamos batizá-lo: *Mamãe está grávida*." Veronique ria ao telefone. "Sim, senhor!" Ela ainda não sabia como se dirigir a mim. "Escu-

te. Estou, como disse, na outra ponta, na ponta mais distante, e vou ficar neste lugar. Não mais distante, nem mais perto. Você pode facilmente entrar em contato comigo. Nos dois próximos fins-de-semana, estarei fora: de quinta à noite a segunda de manhã.” “Eu sei sobre o fim-de-semana que vem. Papai contou-me. Ele também vai. Para Barcelona, quero dizer. Só que ele vai assistir e você vai jogar. Boa sorte! Você vai jogar contra o time inglês, né? É uma pena. Não temos bons batedores na esquerda. Especialmente de fundo de campo. Você ganhará com facilidade.” “Para começar, não é *meu* time, Veronique! Sou apenas um dos quatro. Se o time ganhar, será por causa dos outros três: o alemão, o espanhol e o argentino. São todos jogadores mais experientes e mais em forma porque praticam com maior frequência do que eu. De qualquer forma, é um jogo amistoso beneficente. Não é competitivo.” “Espero que os teus cavalos não fiquem estropiados com o campo duro de Barcelona. Papai diz que é o último jogo da temporada. Ele era contra sua realização, mas deu-se por vencido. Papai sempre cede à opinião da maioria. Ele diz que o campo de lá não é adequado para cavalos criados na Inglaterra. Dois dos seus são pôneis argentinos, estou certa?” “Sim, Veronique! Bem, no outro fim-de-semana, estarei em Genebra. Não acredito que você vá precisar de mim, mas, se precisar, ligue para cá e te dirão onde poderá encontrar-me. Ainda não sei onde ficarei em Barcelona, nem em Genebra. De qualquer maneira, o Dr. Winnicott está aí, e sempre muito disponível.” “Como o papai! Mas, em todo caso, você poderia pedir para sua secretária ligar para a diretora da minha escola e dizer-lhe, da sua parte, que não é para verificarem, a cada hora, o que eu comi? Ou melhor, o que eu não comi, ... hoje ... até agora.” Veronique tinha pronunciado “ou melhor”, “não comi”, “hoje” e “até agora” num tom zombeteiro, muito inglês. Percebi que se divertia. No momento, como Veronique diria.

Três semanas depois recebi uma carta de Veronique, elegantemente escrita e afirmando:

Estou contente que seu time tenha empatado em Barcelona, sempre o melhor resultado para mim. Estou bem. Obrigada por sua carta para a diretora. Novidades. Mamãe agora quer tirar o bebê.

Papai e eu queremos vê-lo o quanto antes. Todo mundo tem ligado para o Dr. Winnicott. Até mesmo papai querido.

Ofereci-lhes um horário e recebi-os na minha sala de estar. Tinha decidido dar um caráter social ao encontro. Percebi que havia um leve toque, uma insinuação, um corado nas faces de Veronique. Papai parecia mortificado e cansado. Vieram às 11:00 da manhã. Ofereci um sherry a papai. Veronique intercedeu: "Papai prefere champanhe, a essa hora". Ele tentou censurá-la, meigamente: "Ora, pare com isso, não sou um esnobe". Liguei para minha secretária e pedi que trouxesse uma garrafa de champanhe gelada e três copos."

Veronique estava triunfante de satisfação: "Está tudo arranjado. Mamãe fará a operação neste fim-de-semana. Bons ventos o levem..." Papai interrompeu-a: "Fique quieta, Veronique, isto não é brincadeira". Voltou-se para mim: "Você esteve em contato com o Dr. Winnicott?" Respondi: "Não, não nos últimos quinze dias. Estarei com ele hoje às 8:30. É um tanto triste que Madame tenha resolvido interromper a gravidez". "Então Veronique já lhe contou. Não é brincadeira. Ambas pensam que é. Será *notícia*. Nos jornais. Que razões poderei dar?" "Diga a eles, papai querido: o mordomo acha que é muito serviço extra; portanto, Madame decidiu dar um fim nele." Censurei Veronique dizendo: "Você não deve se esquecer que seu pai tem muito mais gente além da família e dos amigos para prestar contas". Perguntei-lhes: "Posso ser de alguma ajuda?" "Sim, poderia me ajudar a preparar uma nota para a imprensa?" Discutimos várias formas de colocar; desaconselhei acrescentar "psiquiátrico" depois de "médico". Papai concordou comigo. Ficou assim:

A conselho médico, devido a um estado de saúde debilitado, foi decidido pelas partes envolvidas a interrupção da gravidez.

Chamei minha secretária e pedi que colocasse o Dr. Winnicott na linha, depois de datilografar a nota. D.W.W. já sabia que Veronique e papai iriam estar comigo naquela manhã. Perguntei-me: "O que você pôde fazer, Khan?" Disse-lhe que tudo o que pude oferecer para ele foi a pequena nota que redigimos para a imprensa. Li a nota para D.W.W. Ele permaneceu em silêncio;

depois disse: “Muito hábil, Khan; muito. Pena que ele tenha sido tragado nessa coisa toda. Até mais tarde”.

Não tinha muita coisa que pudéssemos fazer a não ser esperar o desenrolar dos acontecimentos. Tanto papai como D.W.W. estavam profundamente agastados. Pensavam que era um erro terrível. Eu achava que era apenas escandaloso; nada mais. Com o correr do tempo, todos ficarão satisfeitos de que *aquilo* durou apenas algumas semanas e acabou! Foi o que disse a D.W.W. quando o encontrei naquela noite. Também fiz com que observasse que, depois que Madame arrancou Veronique da clínica e levou-a para Paris, ninguém nem ao menos mencionou a questão da recusa de Veronique de aceitar alimentos e ir para a escola. Exceto Veronique, uma vez, no telefone, quando me pediu para escrever para a diretora da escola.

D.W.W. suportou a maior parte da carga das consultas e aconselhamentos dos Veroniques. Nós, D.W.W. e eu, tínhamos concordado que seria melhor assim até depois do Natal. D.W.W. era médico de grande reputação e autoridade, com amplas conexões no meio médico. Meu papel restringia-se a conversar com Veronique e papai. Durante as últimas três semanas, duas das quais Madame passou numa clínica particular perto de sua mansão, ela consultou D.W.W. quatro vezes e ligou para ele mais do que sou capaz de lembrar. Veronique e papai ligaram-me apenas duas vezes nesse período, buscando conselhos de ordem prática. Eu tinha uma influência considerável junto à imprensa, o que foi muito oportuno para papai, que era notícia. Mas todo o tempo eu mantinha em afiada atenção o fato de que Veronique tinha sido varrida para baixo do tapete (e D.W.W. parecia colaborar com eles nisso):

1. A “hospitalização” de Veronique devido à sua recusa de alimentos e de ir à escola. Assim como ela não cristalizou a “doença” numa forma apropriada (seja lá o que isto queira dizer), sua “hospitalização” também não foi *apropriada*. A clínica era um agradável retiro: ideal para um descanso! Mas não para um tratamento.
2. O “quase morri afogada na Sardenha” não foi mencionado, exceto por Veronique em nosso primeiro encontro. Eu sentia que D.W.W. e papai mostravam-se curiosamente si-

lenciosos em relação a esse fato. Não fiz perguntas. Eu tinha certeza de que havia mais, e muito mais; não se tratava de um simples “acidente”. D.W.W. já estava sobrecarregado com os Veroniques; eu não queria sobrecarregá-lo ainda mais com minha curiosidade e conjecturas. Tinha também certeza que *algum dia* D.W.W. falaria sobre isso, talvez *quando a primavera chegar*.

Todos os acontecimentos absurdos daquele mês que se seguiram à declaração de Madame a D.W.W.: “Estou grávida”, não me interessaram nem me divertiram. Se tinha alguma preocupação, era a de ajudar Veronique e papai a passarem um Natal agradável com a família. Significava muito para eles e para os dois filhos. Eu sabia que o filho sardinho e sua esposa passariam o Natal em Londres devido à “indisposição” de Madame – essa era a palavra que a família usava para se referir ao fato. Mas, mais importante do que qualquer coisa relativa aos Veroniques, era minha resolução inflexível de que D.W.W. tinha que passar um Natal tranqüilo com suas irmãs. D.W.W. era uma pessoa difícil de ajudar. Não suportava nenhum tipo de dependência, exceção feita a suas irmãs!

Não me surpreendeu que Madame tenha passado por sua “hospitalização” da forma mais digna e resoluta: tenho que lhe dar esse crédito. Mas isso não abalou minha convicção de que mais cedo ou mais tarde ela “desmoronaria”. O que me surpreendeu foi como D.W.W. compartilhou o estado de espírito dos Veroniques. A velha raposa tinha sua estratégia escondida. Mantive-me à parte, observando todas as charadas e viajei com minha esposa para passar o Natal em Paris com alguns amigos. Natal em Londres é um não-acontecimento social espantosamente chato, pelo menos para mim! Não consigo ser um cúmplice da alegria festiva planejada das famílias inglesas, que nem ao menos são capazes de dar uma ligada para dizer um alô durante todo o ano. Toda cultura tem suas hipocrisias, mas as dos ingleses são admiravelmente planejadas.

Ao voltar de Paris, encontrei um bilhete de D.W.W. pedindo para ligar para ele onde se encontrava passando o Natal. Liguei. Ele me contou que parecia que Madame estava passando por

uma leve depressão. “Era de esperar”, apressou-se em acrescentar. “Naturalmente, D.W.W., tudo sempre acontece como você planeja!” “Agora, prometi ao pai de Veronique que você ligaria para ele assim que voltasse. Estarei aí para o Ano Novo. Tudo de bom para você no Ano Novo.” “Para você também, D.W.W.”

Telefonei para o papai e encontrei-me com ele na mesma noite. Veio sozinho, com a total anuência de Veronique. Ele tinha decidido que providências tomar para a recuperação de Madame. Tratava-se simplesmente de mandá-la passar os meses de inverno com Veronique, seu filho da Sardenha e a nora, e voltar na Páscoa. “Na primavera!”, interpolei. Ele não pegou! Deixei passar e sinceramente endosseí os seus planos. Segundo ele, todos estavam *felizes* com o plano. Os ingleses têm uma maneira muito peculiar de usar a palavra *feliz*; torna-se neutra em suas bocas. Havia, no entanto, um problema, acrescentou nervosamente: como “explicá-lo” para a imprensa. Sua esposa tinha uma participação ativa junto a muitas organizações de caridade. Vim em sua ajuda sugerindo a seguinte nota:

A Sra. ———, profundamente abatida por ter perdido sua gravidez, parte para o exterior para repousar, acompanhada pela filha, filho e nora.

Sugeri também que papai não deveria “assinar” a declaração, mas que esta deveria ser mandada pelo médico de Madame. Papai mostrou-se profundamente aliviado. Não quis alterar nem uma palavra. Li a declaração para D.W.W. ao telefone, enquanto ele ainda estava comigo. D.W.W. escutou pensativamente e pediu-me para ler novamente. Permaneceu em silêncio por algum tempo e, depois, disse: “Muito bem, Khan! Fim com os Veroniques. Obrigado por me salvar. Feliz Ano Novo para todos”. E desligou.

Os Veroniques partiram para a Sardenha poucos dias depois do Ano Novo. E aqui termina minha narrativa deles.

Minha verdadeira intenção ao escrever este capítulo é dividir com o leitor minha feliz e também tão particular experiência de “trabalhar com” D.W.W. nos casos. Sem os Veroniques por perto, continuei a me encontrar com papai em várias ocasiões sócio-políticas, como ocorria anteriormente. D.W.W. manteve-se

obstinadamente evasivo com relação a eles por umas três semanas. Um domingo, então, numa das minhas visitas, comentou tranquilamente: "Aquele sonho de Veronique é muito interessante, considerando-se tudo o que veio a acontecer". Ele virava e revirava inquietamente algumas folhas que estavam sobre sua escrivaninha. "Eu o anotei em algum lugar. De qualquer forma, lembro-me do sonho." Ela sonhou que estava conversando alegremente com alguns convidados quando viu sua mãe, bem mais 'corpulenta' do que é na vida real, sentada numa cadeira, chorando. Ficou muito preocupada e começou a ir em sua direção quando acordou.

"Quando Veronique teve esse sonho, e onde, D.W.W.?" "Na Sardenha, naturalmente, e antes do acidente." "E ela não confiou em ninguém, a não ser em você, para contá-lo?" "Não, acho que não." "Quando foi que ela te contou esse sonho?" "Logo na primeira consulta, apressadamente, quando a mãe saiu para ligar para alguém." Fui sarcástico: "Foi muita generosidade da sua parte dividi-lo comigo hoje, quando os Veroniques estão longe, são e salvos, D.W.W. Seja como você quer: vamos trabalhar nos manuscritos do seu livro *Playing and Reality*. Gosto do título que você escolheu, só que não fica claro que se trata do seu brincar, D.W.W., com a realidade *deles*". D.W.W. riu.

Terminamos o trabalho e o texto ficou pronto para ser encaminhado aos editores na terça-feira seguinte. A Sra. Cole tinha muitas páginas para redatilografar. Era sempre assim com D. W. W. Amplas revisões de última hora. Era preciso literalmente arrancar o texto de suas mãos e dizer "Agora chega, pronto" para que ele parasse. Jogávamos esses jogos infantis um com o outro o tempo todo. É difícil encontrar uma pessoa da estatura e sabedoria de D. W. W. e encontrar essa mutualidade espontânea e alegre com ele. D. W. W. era mais ou menos vinte e cinco anos mais velho do que eu. Mas eu já havia percebido que os ingleses têm um verdadeiro talento para favorecer essas amizades com as novas gerações, mantendo a cerimônia e afeição apropriadas. Eu era sempre Khan para ele; e para mim, na intimidade, ele era D. W. W.; em público, Dr. Winnicott.

"O que eu não entendo no sonho de Veronique, Khan, é por que ela o sonhou. Não é um sonho." "Você tem certeza disso?",

brinquei. "Sim, certeza absoluta." Ele se deu conta de que eu estava caçoando dele e ficou na defensiva. "Diga-me, versado Khan, onde estão as características oníricas nele? Há pouca imaginação na manufatura deste sonho." Como eu estava tomando notas (tomar notas nos coloca mais seguramente conosco mesmo e com o outro), talvez ele tenha achado que eu não estivesse prestando atenção. "Está bem, para falar nos seus termos, há pouco processo primário. Quase nenhum trabalho do sonho (significando distorção). Há pouca coisa reprimida, ou que trai algum material inserido em detalhes aparentemente inócuos. O sonho, Khan, é uma afirmação. Simplesmente isso. Então, por que ela o sonhou? Ela poderia tê-lo dito para si mesma." "Assim, D. W. W.?" "Sim, Khan, simplesmente assim. As pessoas gostam de sonhar! Isso não é novidade para mim. Já atendi mais de sete mil crianças em consultas. Algumas delas entram sonhando e voltam para casa sonhando. A tarefa clínica é, então, não incomodar seu sonhar. Não dar as suas interpretações." D. W. W. enfatizou esse *suas* de forma cortante. Algo tinha-o aborrecido. Estranho quantos fantasmas esse sábio clínico abrigava dentro de si como juízes: Melanie Klein, Ernest Jones (que dissertava sobre sonhos na época em que D. W. W. era candidato, cerca de trinta e seis anos atrás), e mesmo Anna Freud. Eles o tiravam de seu prumo da maneira mais ridícula. Eu já tinha testemunhado isso nas Reuniões Científicas na Sociedade. Jones, não, obviamente; não me lembro dele estar presente em qualquer apresentação de algum artigo de D. W. W.

Queria que D. W. W. prosseguisse com seus pensamentos sobre o sonho de Veronique e, portanto, comentei: "Voltando ao sonho de Veronique". Mas D. W. W. não ia deixar passar: "Sabe, Khan, desde a época em que estava fazendo análise com James Strachey tenho esse problema com eles. Nunca fiz análise com Melanie Klein. Não posso dizer que tenha feito análise com Joan Riviere, embora ele tenha me analisado por uns dez anos e continuou a me analisar durante as discussões nas Reuniões Científicas." Fiquei quieto e deixei que ele descarregasse e se livrasse das memórias que o tinham perturbado. Eu costumava provocá-lo, dizendo: "Sabe duma coisa, D. W. W., você tem uma coisa em comum com Freud, que ele tinha em comum com o príncipe

Hamlet..." "O quê?", ele sempre perguntava impacientemente. "Você, Freud e Hamlet poderiam viver felizes numa casca de ovo, mas é que cada um de vocês três tiveram pesadelos."

"Vamos voltar para o sonho que Veronique poderia ter *pensado para si mesma*, acordada." Notei o tom brejeiro de D. W. W. Era dessa forma desprendida que ele mostrava sua verdadeira genialidade. Mas D. W. W. tinha que fazer seus pontos antes. "Olhe, Khan, eu também posso identificar seus temas freudianos. Primeiro, Veronique está mostrando sua supremacia sobre sua mãe, a mulher mais velha, mais corpulenta - ela está conversando com os convidados, ela assumiu esse lugar. Segundo, a mãe está 'corpulenta': não é uma mulher em condições de competir com a mais jovem pelos favores dos homens. Temas da rivalidade sexual edipiana. Terceiro, culpa expressa como preocupação. Mas ela acorda. Incapacidade de odiar. Fracasso da posição depressiva de Melanie Klein em Veronique. Você concorda com tudo isso?" "Sim, D. W. W., só que eu não tinha pensado no sonho de Veronique nesses termos." "Por que não? Não há nada de errado com a técnica clássica." "A resposta ao seu 'por que não?', D. W. W., é que Veronique não me contou o sonho. Eu tinha pensado mais no sentido de que Veronique escondeu alguma coisa pertencente, ou relacionada, a sua mãe, com você; e que você manteve seguramente escondida de mim até agora, até que ela estivesse longe. Você realmente protege seus casos." "Não é isso, Khan. Tudo o que eu disse sobre o aspecto edípico do sonho etc. pode ser verdade, mas é irrevelante ao significado e ao propósito do sonho."

"E como você vê a intenção do sonho, D. W. W.?" "Simplesmente que o sonho refere-se ao ódio reprimido (inconsciente) da mãe pela filha, e não num nível sexual, que nem a mãe nem a filha podiam confessar francamente. Você me compreende? A mãe não está chorando de angústia nem de rivalidade. Mas de incapacidade. Ou, quem sabe, por sua incapacidade."

"Então é esse [o desejo latente do sonho, D. W. W.?" "Simplesmente isto: o desejo de Veronique de resgatar a mãe de sua incapacidade de odiar a filha! Ela sonhou um sonho que sua mãe deveria ter sonhado quando estava grávida de Veronique. Mas não sonhou. Pelo menos eu acho que não. Portanto, tanto a mãe quanto Veronique estão potencialmente doentes, e ainda vão es-

02206

AMOR
odio

perar mais um tempo para adoecer. A prova de que um paciente sonhou um sonho não é o fato de ter lembrado dele depois. Atendi algumas pessoas que adoeceram com sessenta anos de idade ou mais por causa de um sonho que sonharam na infância ou na puberdade e não podiam lembrar. Nem ao menos sentiam a necessidade de recordar! O aspecto positivo do sonho é que Veronique acorda antes de alcançar a mãe. Ela se recusa a ser a detentora do ódio reprimido da mãe. As crianças fazem esse tipo de coisas o tempo todo. Quando um fator externo não-eu entra no sonho delas, elas acordam. Não querem ter nada a ver com isso."

Gostaria, agora, de compartilhar com o leitor minha resposta ao sonho-escutado, de segunda mão, via D. W. W. Depois de ter finalizado com o que tinha para dizer, mudou de assunto, para outras questões relacionadas particularmente com seus escritos e a publicação deles. Havia um sentimento de urgência em D. W. W. nesse ano de 1970, quanto a ter o máximo possível de seus "rascunhos" e anotações organizados e publicados junto comigo. Eu tinha feito a mesma coisa anteriormente, há uns trinta e sete anos: para, e com, meu pai, Khan Bahadur Raja Fazaldad Khan, durante o último ano de sua vida. Ajudei-o a organizar metodicamente suas vastas propriedades e distribuí-las entre seus oito filhos e suas duas esposas, como era de seu desejo. Ele tinha conhecimento e aceitava alegremente o fato de que seu fim se aproximava. Foi um bom governante por cerca de noventa e três anos. D. W. W. tinha apenas setenta anos, mas ficou muito debilitado devido a seus ataques cardíacos desde 1950. Sim, era uma pessoa completa e realizada que trilhava solenemente seu caminho para o fim. Doía para todos que o amávamos. Eu não era o único. Era um entre muitos. Foi o mesmo com o final feliz do meu pai.

Não existem duas pessoas que pudessem ser mais diferentes do que D. W. W. e meu pai; mas tinham essas coisas em comum: uma energia inesgotável para viver; uma infadigável capacidade de trabalho; um compromisso total com o cuidado e bem-estar dos outros. Ambos foram tremendamente exigentes, sem perceber-lo, com aqueles poucos que respeitavam e/ou amavam. Portanto, fui para meu relacionamento com D. W. W. bem prepara-

do pelos dezenove anos da experiência, extenuante e amorosa, de aprendizado com meu pai. Eu tinha consciência da *correspondência*. Assim era D. W. W. E, no entanto, nunca dissemos uma palavra a respeito disso. Os espectadores da profissão têm suas próprias versões interpretativas para focar e espalhar.

Deixe-me dizer o que eu “pensava” sobre o sonho de Veronique. Guardei algumas notas dos meus “pensamentos”. De certa forma, eu sabia que tanto D. W. W. quanto eu estávamos pressionados pelo tempo; minha vez de falar, no entanto, não chegaria. O mais importante foi ter ouvido D. W. W. Minha primeira resposta ao sonho foi: “Tendo sonhado esse sonho, onde estava a necessidade de Veronique engendrar esse acontecimento: ‘Quase morri afogada na Sardenha?’”

Eu pensava, como D. W. W., que curto-circuitar o sonho era autopreservativo, mas por razões muito diferentes das dele. Para mim, significava ter um outro sonho, desta vez não uma *criação* de Veronique; apenas possivelmente de sua manufatura. Tomei suas duas afirmações, “Eu quase morri afogada na Sardenha” e “Papai quase desmaiou” como partes da mesma “experiência onírica” (Khan, 1976a), mas espalhadas no tempo. Para mim, o acidente-sonhar anulava as obrigações e preocupações de “mamãe, ...mais corpulenta do que normalmente”. Asseverava seu direito de viver como a vida oferecia-se para ela. E a maior parte dessa nova vida, para Veronique, era *papai*. Ela precisava dele para escorá-la. Aqui cada ato, cada gesto ancorado na realidade, cada palavra é tanto *simbólico* como *imaginário*, na linguagem dos linguistas modernos. Lacan (1966) nos forneceu sua gramática sob intensa mistificação. O que aconteceu depois do sonho da “mãe” e do “quase morri afogada” explicita minhas interferências, pelo menos para mim. Deixo o leitor elaborar suas próprias respostas. Nas duas outras vezes em que me encontrei com Veronique, depois que ela voltou para a Inglaterra, *esqueci-me* com uma facilidade proposital tudo acerca dessas questões, e nunca nem ao menos fiz alusão a elas.

3

Cadeiras vazias, amplos espaços*LUCIA*

*Não sou sempre mestre de mim mesmo,
que posso fazer?
E sofro por minhas ações,
que posso fazer?
A bem dizer, apelo a Teu generoso perdão
Quando ousar pensar
que vistes meus atos,
Mas que posso fazer?*

OMAR KHAYYAM, *O Rubaiyat*•

“Sou uma andarilha. Desde a minha infância, com toda certeza. Meus pais nunca permaneciam num mesmo lugar por mais de um ano. Não me lembro de muitas coisas de minha infância – só a partir dos três anos, ou por volta disso. E até a época em que fui para o que vocês chamariam de internato, lembro-me principalmente de cadeiras vazias, amplos espaços; horas e dias de es-

• No original, *LUCIA*/ *Je ne suis pas toujours maître de moi-même,/ que puis-je y faire?/ Et je souffre pour mes actions,/ que puis-je faire?/ À vrai dire, je crois à Ton pardon généreux/ Tant j'ai honte de penser/ que Tu as vu mes actes,/ Mas puis-je y faire?* (tradução do autor). (N. da T.)

pera, lugares estranhos. Tínhamos pouca coisa. Ambos os meus pais são professores. Verdadeiros ciganos, como seríamos chamados pelos americanos. 'Nós' engloba papai, mamãe, a minha irmã mais velha Elizabeth, Christina e eu. Cada um dos nomes, definitivamente, não tem nada a ver com cada uma de nós. Chamo-me Lucia. E para tornar a coisa realmente cômica, temos altura, tipo de corpo e cor de cabelo diferentes. Sou a mais alta, mais magra e mais escura. Quero dizer, meu cabelo. Dizem que fazem de mim um tipo exótico. Uma garota atraente e sensual. Todos me provocavam. Eu diria que tive uma infância muito feliz, romântica. Meus pais mudavam-se o tempo todo. Eram, e são, professores. Continuam casados, e vivem juntos. Não é incrível? Amavam suas meninas. Continuamos a ser suas 'menininhas'. A seus olhos, não crescemos. Ah, sim! Meus pais são trotskistas fanáticos."

"Você pode soletrar para mim? É 'ista' ou 'skista'? Você se incomoda que eu tome notas?"

"De forma alguma. A vontade. Pode ficar de ponta-cabeça, se te ajuda. Meu pai faz isso quando está zangado. Mas ele acredita na ioga. Você é hindu?"

"Não, jovem senhora, sou muçulmano convicto."

"Essa é boa: 'jovem senhora'. Já fui tratada de várias formas, mas nunca de 'jovem senhora'. Você entende espanhol? Acho que não. Não vi nenhum livro em espanhol na sua estante. Meu pai só tinha um livro, o Shorter Oxford English Dictionary, e minha mãe sempre levava consigo um dicionário espanhol/português. Fora o Brasil, ninguém fala português na nossa parte do mundo. Ela diz que não teve a menor dificuldade em aprender português. Sua língua materna é o inglês. Seus pais eram irlandeses. Nasceu e cresceu em Xangai. Papai nasceu no Rio de Janeiro. Seu pai era espanhol e a mãe mestiça. Índio e espanhol. Nasci no Texas; Christina, minha irmã mais velha, nasceu em Lima e Elizabeth, a primogênita, no México. Ela é médica. Casada, com filhos. Christina também é casada. Não conseguiu ter filho e, portanto, divorciou-se. Não muito justo com ele, diz. Ela atualmente mora no Rio. É professora de história e de línguas. Sou a ovelha negra da família. Consegui um bacharelado no México. Especializei-me professora de classe especial em São Francisco. Meus pais esta-

vam empregados lá quando eu tinha vinte e três anos. Eu os ajudava a cuidar do jardim da infância, intermitentemente. Posso beber um pouco de água? Não leve tudo isso a mal, como todos fazem e continuarão a fazer. Papai e mamãe amavam-se. Eram pessoas simples, devotas. iam à igreja toda manhã, aos domingos. Em alguns lugares, a igreja ou lugar de orações ficava há uns dois quilômetros ou mais. Na América do Sul e nos Estados Unidos, nem sempre há uma igreja em cada pequena vila. Fico surpresa de ver quantas igrejas existem na Inglaterra. A maioria vazia. Parece que a igreja não faz mais parte da vida na Inglaterra.”

“No interior sim, pela minha experiência”, comentei, apenas para marcar minha presença.

“Talvez. De qualquer forma, isso não importa. Tudo isso é ir-revelante ao assunto pelo qual venho procurar sua ajuda.”

“Como seu médico já lhe disse, senhora” (desta vez, deixando o ‘jovem’ de lado) “é inútil persuadir-me a concordar com o aborto. Simplesmente não vou fazê-lo. Em primeiro lugar, não posso. Não sou médico. Sou o que aqui, na Inglaterra, chamam de ‘analista leigo’. Como os padres seculares. O vínculo associativo com os seculares torna os analistas leigos respeitáveis. Os ingleses têm suas maneiras de arranjar as coisas. Nos Estados Unidos, a maior parte dos analistas leigos, se não todos, são charlatões praticantes.”

“Como um charlatão pode ser praticante? Ele não tem autoridade para ser praticante. Você diria que papai e mamãe são charlatões e militantes como professores e trotskistas?” Esperou por uma resposta.

Calculadamente, respondi de forma ambígua, como também provocativa: “Sei pouco deles, pelo que você me contou...”

“Com vocês, analistas, é sempre assim ‘pelo que você me contou’, nas suas diversas variações, é claro. Todos vocês fazem do paciente uma testemunha, e uma testemunha culpada. São objetivos e nunca judicativos, como vocês se autodefinem.” (Que palavra feia, ‘judicativos’, pensei comigo.) “E, no entanto, são o pior tipo de moralistas. A moralidade de papai e mamãe é da vida, natural. Não é falsa. Papai dormia com outras mulheres. Mamãe sabia, na época, e sempre soube. Como também nós, as meninas; algumas de nós. A do meio era a que mais sabia. Papai e mamãe

confiavam nela. Você vai dizer, confessavam para ela. Frequentemente dormíamos os cinco no mesmo quarto, em duas camas apenas.”

“Você parece muito certa quanto ao que eu iria ou vou dizer. Isso fica por sua conta. Mas, por favor, nunca esteja tão certa quanto ao que eu *não* direi. Não tenho nenhuma responsabilidade perante você, ou qualquer outra pessoa, com referência ao que eu penso ou pensaria sobre o que você me diz. Sou, entretanto, responsável perante você, e só você, pelo que eu te digo da totalidade dos meus pensamentos.”

“Eu fiz uma especialização como professora de jardim da infância em São Francisco. Era obrigatório fazer um curso de psicologia. Conheci muitos psiquiatras, psicanalistas e psicólogos, através do trabalho que faziam conosco, professoras, com as mães e com as crianças. Reparei que, independentemente da linha, raramente eles falavam com os pais.”

“Esta é uma observação perspicaz, senhorita. Você sabe se safar não só vivendo, mas também pensando. Como foi se meter nessa enrascada?”

“Aceite-me como paciente e descubra.”

“Para minha própria satisfação? Não, obrigado. Não sou muito curioso.”

“Nós, as meninas, crescemos participando das alegrias e das tristezas de papai e mamãe. Quando éramos pequenas, e vivíamos nos Estados Unidos, tiveram que lutar muito contra a hostilidade dirigida a nós. É claro que sempre pensávamos que papai e mamãe estavam certos. Sempre certos. Era sempre eles contra nós: quando se referia a nós, as meninas. Nossos pais lidavam com isso de uma forma muito tranqüila. Estavam acostumados, no que tocava a eles. Agora posso ver que, por serem eles mesmos os autores da maior parte das *calamidades* – essa era a nossa palavra para a situação – tinham que arcar com as consequências. Você não tem idéia de quão duro e largo queixo você precisa ter para sobreviver nos Estados Unidos. É o país mais bitolado que se pode imaginar. Principalmente no interior. São tão generosos, se você é *adequado*. Já vi inúmeras caricaturas acerca dos ingleses e sua respeitabilidade. Mas ninguém bate os americanos. Vivem em função de regras, e essas regras mudam de um

lugar para outro. Se você masca chiclete e fuma, está nos Estados Unidos e é americano. Sim, papai e mamãe sofreram muito. Principalmente nos primeiros anos. Não tinham muito dinheiro e, quando tinham, gastavam logo. Conosco, ou com as pessoas que achavam que eram mais necessitadas do que nós. Nos Estados Unidos, existe uma coisa que é pecado. A pobreza. Se você é pobre, leva na cabeça. Desprezo, escárnio, hostilidade, ostracismo. Papai e mamãe sofreram por causa de suas crenças políticas, violentas e militantes. Os trotskistas podiam escapar impunes de assassinatos, se tinham algum dinheiro. Papai e mamãe não tinham. Portanto, todos os seus atos, seus movimentos, cada um de seus relacionamentos eram avaliados, julgados e condenados. Levaram numa boa. Nós não; as meninas, quero dizer. Veja, por exemplo, a senhora inglesa. Ah! Eu agora usando a palavra senhora. Se bem que nós, as meninas, a chamávamos de senhora. Eu devia ter uns cinco anos quando ela se juntou à comunidade de papai e mamãe. Estávamos no Texas naquela época. Ela veio da Inglaterra para ensinar as crianças rancheiras. Ela continua com a primogênita..."

"Quem são essas crianças rancheiras?"

"Os filhos dos donos das grandes fazendas de gado. A senhora falava um inglês muito correto. Apreendi com ela. Ela também me ensinou latim e francês. Nós a amávamos. Diziam que papai também a amava. Sexualmente. Não era verdade. Ela ficaria toda atrapalhada se ele a tivesse tocado. Era uma pessoa alegre. Ensinava na escola junto com mamãe e papai. Sabia fazer crochê muito bem. Minha irmã médica aprendeu com ela; eu não. Bem, papai e mamãe tiveram que deixar a cidadezinha porque as pessoas começaram a deixar de mandar seus filhos para a escola, por causa da fofoca sobre papai e a senhora. Papai achou que permanecer lá não era correto com os donos da escola. Portanto, arrumamos nossas malas e pé na estrada. A senhora sempre usava vestidos compridos, um pouco mais curtos no verão; nunca saía sem seu chapéu. Era um chapéu engraçado. Francês. Dizia que tinha ganhado de presente do pai, quando completara dezoito anos. Para surpresa geral, declarou que viajaria conosco. Ela falava espanhol. Estávamos indo para a Argentina. E, assim, lá se foi ela também. Não havia nada de estranho nisso. Nunca fomos

apenas os cinco. Na 'comunidade', éramos sempre muitos. Quando viajávamos de um lugar para outro, éramos sempre uma *troupe*. Como uma companhia teatral. Nossas bagagens eram tão absurdas e bizarras como a maneira como cada um se vestia. Sua razão para nos acompanhar era que seria demais para mamãe cuidar de nós, as meninas. Sempre nos chamava pelos nossos nomes próprios. Tinha um cachorrinho e uma Bíblia, que sempre a acompanhavam. Papai e mamãe não tinham Bíblia. Conheciam-na de cor, ou quase. Papai era bom nos sermões de domingo. Misturava Jesus e Trotsky da forma mais convincente. Ouvindo-o falar, poder-se-ia pensar que Jesus e Trotsky eram colegas e que se correspondiam com a maior regularidade. Nós, as meninas, nos sentávamos na igreja, quietas e solenes, e depois brincávamos de imitá-lo. Na verdade, tornei-me tão boa nisso que, quando tinha dezessete anos, eu o substituí na 'sermões' para o pessoal local nas ocasiões que ele estava doente ou muito ocupado. Quando tinha seus quinze anos, a primogênita (a primogênita, a mais velha, e a mais nova – era assim que papai e mamãe nos chamavam; em espanhol fica mais íntimo) era não apenas a médica da família como também do jardim da infância, onde quer que estivessemos. Encontrou na senhora uma verdadeira amiga e professora. Só que nunca conseguiu corresponder às noções básicas de higiene da senhora. Era divertido, a vida e o modo de vida. Compartilhada por cada um e por todos. Lembre-se disso no que se refere a papai e mamãe. As pessoas e os indivíduos significavam tudo para eles. E não se devia mentir ou enganar. Papai era muito rigoroso quanto à distinção entre não contar a verdade e mentir. Ambos eram atos conscientes e *escolhas*. Sim, este é um outro ponto sobre papai e mamãe – fazer uma escolha. Deve-se fazer uma escolha – manter-se firme nela e assumir toda a responsabilidade por ela." Lucia falou tudo isso num só fôlego. Fez uma pausa.

"Tudo isso é muito agradável, divertido como você diria, mas é minha tarefa lembrá-la que você precisa fazer uma escolha, e que está aqui, hoje, para que eu a ajude a fazer uma escolha correta e prática. Tenho alguma idéia do que seja uma boa escolha para você, mas preciso saber mais algumas coisas antes de poder te dizer o que estou pensando. Você pode vir nesse sábado, às 4:00? Isto é, depois de amanhã?"

Não precisei ajudá-la com seu casaco, pois usava um poncho – todo colorido. Ao acompanhá-la até a porta, estendendo-lhe a mão, comentei suavemente: “Tente não estar tão alta no sábado. Ajudaria”. Lucia sorriu, um sorriso que mostrava reconhecimento. Não era boba. Isso já era um consolo. Podia ser, como havia dito que alguém comentara sobre ela, “uma gata maluquinha”. Mas senti que podia igualmente ser calculista quando lhe conviesse.

Quando estava entrando no elevador, Lucia usou uma palavra que chamou minha atenção. Olhando para mim, de uma forma brejeira, murmurou: “Quantas *scrimmages*”. Tinha certeza de que não tinha dito *scrummage*, uma palavra que já ouvira dos jogadores de rúgbi; portanto, procurei *scrimmage* no dicionário. Havia duas definições: 1) uma rixa, contenda ou briga desordenada; 2) *Futebol americano*: período do jogo a partir da hora em que a bola é colocada em jogo até a hora em que é declarada morta.

Isso me agradou. Sentia que Lucia era uma boa esportista. Podia trabalhar com ela. Ao fazer um relato do meu trabalho clínico com Lucia, deparei-me com um problema diferente daqueles com os quais normalmente tenho que me haver, isto é, as dificuldades relacionadas com a privacidade do paciente, evitando distorcer demasiadamente os fatos para mascarar sua identidade. Ao escrever este relato, cerca de treze anos depois de minha “*scrimmage* clínica” com Lucia, e posteriormente com seu filho, tenho que me prevenir contra o que Samuel Beckett (1958) tão concisamente exprimiu como percepções “distorcidas em inteligibilidade”. Eu tomava notas, uma vez que nossos encontros não tinham regularidade e as sessões eram longas. É fácil reportar fatos. Mas a não-lógica dessas contendas poderia ser facilmente silenciada pelo raciocínio.

Lucia teve uma longa conversa com seu advogado no dia seguinte (sexta-feira), e depois teve que ir para o interior onde estabelecera uma comunidade junto com duas colegas, para buscar algumas roupas. Quando a atendi no sábado à tarde, estava elegante e adequadamente vestida – com o que quero dizer que se vestira de uma forma que não era demasiadamente despojada

nem exótica. Nunca se apresentava mal vestida. Usava um conjunto de duas peças, azul-marinho. Fora ao ginecologista na hora do almoço e tinha almoçado com o procurador. Sentou-se, e disse sorrindo: "Obrigado por ter me deixado falar dos Trots". Percebeu minha surpresa com a palavra "Trots". Esclareceu-me: "Trots é a abreviatura de trotskistas". Fiz um sinal com a cabeça, mostrando compreensão. Continuou: "Tanto meu advogado como meu ginecologista insistem que devo fazer uma escolha, com sua ajuda, neste fim-de-semana. Já está ficando tarde. Você pode me atender amanhã, por favor? Sei que é irregular; mas todos os membros das famílias ciganas são notórios por seus arranjos irregulares, em todo tipo de situação. Papai e mamãe nunca assinaram um contrato, apesar de as pessoas sempre tirarem vantagem disso.

"Por favor, senhorita, vamos nos manter dentro do espaço do campo de futebol?"

Riu, e disse: "Faça-me alguma pergunta".

"Se você puder me fornecer alguns fatos, ajudaria. Somos de diferentes países e culturas."

"Que fatos?"

"Digamos assim: 'factions'* , e datas. As datas que são importantes com relação ao problema que temos pela frente."

"Tenho trinta e quatro anos. Não sou casada. Fiz meu primeiro aborto quando tinha dezenove anos. No Texas. Não conhecia o cara. Ele era muito mais velho que eu. Papai e mamãe disseram: a escolha é sua. Um segundo aborto quando estava com vinte e seis. Um professor. Era aluna dele na Argentina. Casado, com filhos. Eu queria a criança. Papai, mamãe e a primogênita achavam que não seria justo com ele. Portanto, optei por me livrar dela. Tive algumas complicações porque o aborto foi feito por uma enfermeira local. Tínhamos um nome especial para elas. Diferentemente dos médicos, faziam todo tipo de serviços, irregulares. Fiquei muito assustada porque o médico ao qual papai e mamãe me levaram disse que eu não poderia engravidar novamente. Fiquei quietinha até os trinta. Estava muito ocupada fa-

* O autor utiliza a palavra *Faction* (cuja tradução seria facção, partido) mas no sentido de englobar *fact* + *fiction* - fato e ficção. (N. da T.)

zendo minha especialização como professora de jardim da infância. Depois, *whoom!* Grávida de novo. Acho que queria testar se poderia engravidar. Não tinha condições de ter um bebê ilegítimo. Tinha uma bolsa de estudos de uma maldita fundação religiosa. E agora essa situação. Você não acredita em nada disso, né?"

"Acredito em tudo, e mais."

"E que mais é esse?"

"Aquilo que nem você nem eu descobriremos."

"Eu já te contei que vim para cá o ano passado com um visto de permanência para estudar métodos mais avançados e mais liberais de educação infantil. Estabeleci uma 'comunidade' com duas outras garotas, a uns cinquenta quilômetros de Londres. Uma delas é inglesa, a outra índia. Somos todas 'estudantes avançadas'."

"Avançadas em que sentido?"

Lucia riu. "Não, não avançada nesse sentido, mas no de *buscar* métodos mais nobres e honrados de educar os pequerruchos. A gozação é que a garota inglesa é a mais casta, e a mais velha. Não daquela castidade britânica, seca, mas porque ela é verdadeiramente dedicada ao trabalho. Adora as crianças. 'Ardósia', como chamamos a garota indiana, não é negra nem morena. É cor de ardósia, um cinza escuro. Não é uma descrição muito boa. É a mais jovem. Sabe como se aproximar dos homens, dos jovens e é o grande trunfo da 'comunidade'. Sempre dá um jeito pra que seus 'amigos' nos convidem para um cinema. Não temos grana para ir ao teatro. Sou, em todos os sentidos, a mais vagarosa das três. Preguiçosa, gastadora e mais inteligente do que esforçada. Tivemos algumas dificuldades de dinheiro. Um dia, eu estava voltando para o interior, numa sexta-feira, e senti-me muito cansada. Tinha um bilhete de terceira classe, que estava lotada. Levantei-me e fui para a primeira classe. Só tinha um homem sentado ali. Entrei e perguntei, na minha melhor pronúncia americana: 'Por favor, que classe é esta?' Olhou-me por cima do jornal e disse: 'Acho que é primeira'. 'Ah, desculpe!' E comecei a fazer meia volta. Ele me chamou: 'Sente-se. Se o guarda entrar, diga apenas que está comigo. Só que, por favor, nada de papo. Se você é americana, digo-lhe apenas que tenho cinquenta e um anos. Tenho

mulher e dois filhos. Viajo às expensas de minha firma. Tenho uma casa e um jardim muito gostoso. Sou executivo.' E mergulhou os olhos no jornal. Percebi que ele estava fazendo palavras cruzadas. Descemos juntos. Como nos filmes hollywoodianos baratos, estava chovendo a cântaros. Perguntou-me se eu tinha condução. Respondi: 'Sim, senhor. Meus pés'. Isso o divertiu. 'Te deixo em casa. Dê o endereço para o chofer. Você é estudante?' 'Sim, senhor. Sou estudante avançada.' 'Como avançar da terceira para a primeira?' Eu também ri. Lucro líquido; no fim-de-semana seguinte, nós três estávamos almoçando na casa dele, com a mulher e os filhos. Depois de quatro fins-de-semana, e de dois almoços e uma noite de teatro e jantar em Londres, eu voava com ele para Lisboa. Ele precisava de uma tradutora, nós precisávamos de dinheiro. Tudo feito na melhor das boas intenções beneficentes para 'comunidade'. A primogênita inglesa disse: 'Cuide-se'. Ardósia comentou: 'Não deixe de aproveitar'. Isso foi repetido três semanas depois, rumo a Madri. Lucro líquido: dois fins-de-semana felizes, teatro para as três, algum dinheiro (legítimo) e um bebê de graça."

Realmente não pude deixar de rir. Ela tinha um jeito vivo de se expressar. Perguntou ponderadamente: "Bem, o que o senhor aconselha, profissionalmente. Bem, o *"amante"* quer o bebê. Eu também. A primogênita diz: 'Não, a não ser que ele te dê um teto'. A mais velha: 'Que diabo! Se você quer, fique com a criança'. Ainda não decidi. Na comunidade, a primogênita diz sim, mas condicionalmente. Ardósia diz que sempre tenho a alternativa de ir para Barbados e ficar com meus pais, ter a criança e ensinar por diletantismo. Meu ginecologista diz que é arriscado fazer o aborto. Meu advogado diz que, tendo um passaporte americano e sendo ele britânico, e pai de só duas filhas, e considerável riqueza, existe um problema que é o fato de que, se o bebê for menino, ele reivindicará, isto é, pode reivindicar a criança. Este é o universo dos meus problemas, senhor. O que você aconselha?"

Pedi-lhe que fizéssemos um intervalo para um chá; que foi trazido no consultório. Conversamos de forma amena, mas significativamente orientada por ambos e cada um de nós. Depois do chá, disse que via a situação da seguinte forma. Recordei para Lucia suas lembranças, dos três aos dezotto anos - cadeiras va-

zias, amplos espaços. Bem, ela tinha substituído “cadeiras” por carrinhos de bebê fantasmas; os rabiscos no espaço são os mesmos. Outro aspecto para levar em conta era sua idade, e o fato de que seu útero fora quase danificado. Já que o relacionamento com o “amante” era positivo, e o desejo de ter a criança mútuo e comunitário, eu recomendaria que ela tivesse o bebê. Mas, antes de endossar esta recomendação, gostaria de discuti-la com o ginecologista, a quem respondia profissionalmente, já que ele a tinha encaminhado para mim. Mas deveríamos nos encontrar os três.

Lucia levantou-se graciosamente, pediu permissão para usar o telefone e marcar um horário para o domingo. Disse-lhe que podia usar o telefone da sala de espera, para ter mais privacidade. Respondeu: “Primeiro, não é uma conversa particular e, segundo, falei em espanhol”. Depois do telefonema, no qual marcou um horário com seu ginecologista para o dia seguinte às quatro horas, evitei que ela se demorasse e ficasse papeando. No domingo à tarde, encontramos-nos no consultório do Dr. X, em Harley Street. Era uma pessoa amável, cordial, e já me conhecia, embora eu não o conhecesse. Era a primeira vez que nos encontrávamos. Ele era amigo dos ciganos, tinha conhecido papai e mamãe no México numa conferência multidisciplinar. Queria que Lucia tivesse o bebê na maternidade onde trabalhava. Ela teria que pagar as despesas hospitalares, mas não seus honorários. Apresentou a seguinte sugestão: ele escreveria uma carta para mim, recomendando que se desse prosseguimento à gravidez, pois havia um risco de causar dano uterino caso fosse interrompida, e eu endossaria este conselho. Com isso, Lucia poderia obter um visto adicional. Ela teria que permanecer mais ou menos duas semanas no hospital.

Durante esse nosso contato a três, descobri muitas coisas sobre o modo de vida de Lucia. O que aprendi aumentou minha afeição por ela. Propus que me pagasse um preço simbólico, pois teria muitos gastos viajando todo fim-de-semana para ter suas sessões. A questão que mais me preocupava era quem iria cuidar do bebê. Lucia disse que tinha telefonado para sua irmã mais velha na noite anterior e, se decidisse ficar com o bebê, a irmã viria para ficar com ela o tempo que precisasse para terminar seus estudos. A mais velha era a mais rica das “meninas”, e estava precisando de um descanso.

A mais velha também tinha dito que podia arcar com todas as despesas; portanto, Lucia não teria uma sobrecarga financeira com o bebê. Neste ponto, Dr. X introduziu uma questão que o advogado tinha levantado: o interesse possessivo do “amante”, se o bebê for menino. Tanto Mr. X como o advogado já tinham se encontrado com o “amante”, e concordavam que se tratava de uma pessoa honesta, cuidadosa, digna, que queria e precisava de um filho. Enquanto conversávamos, o telefone tocou. Era o advogado. Conversou com Mr. X e com Lucia em espanhol. Eu disse que, neste estágio, não iria me encontrar com o advogado; e, se possível, com o “amante”, nunca. Não se tratava de hostilidade, mas eu achava que podia ser de maior ajuda para Lucia se não me enredasse com o “amante” agora. Na verdade, eu conhecia o “amante” socialmente, mas não comentei nada. Não havia por que fazê-lo no momento.

Ficou combinado entre Lucia, o Dr. X e eu:

1. A partir deste momento, eu passaria a atender Lucia em psicoterapia. Isso não constituía uma promessa de analisá-la, na acepção do termo psicanálise, como explicarei ao longo deste artigo. Tentaria atender Lucia todos os sábados e domingos. Avisei que, dentro de quatro dias, na Sexta-feira Santa, estaria partindo para os Estados Unidos por quatro semanas para fazer conferências. Também avisei que não poderia atendê-la alguns fins-de-semana em junho e julho, e que estaria fora, de férias, por seis semanas a partir de meados de julho.
2. O Dr. X, o advogado e eu manteríamos uns aos outros informados de nossas ações com referência a Lucia. O Dr. X me mandaria todas as cartas, resumos das conversas por telefone e das consultas com Lucia, o “amante”, o advogado e a família. Da minha parte, escreveria detalhadamente para o Dr. X antes de viajar para os Estados Unidos e, depois da minha volta, o manteria informado de todos os desenvolvimentos significativos, clínicos e não-clínicos. Não me corresponderia diretamente com o “amante” ou com o advogado, mas, caso quisessem escrever-me, estaria acessível e disponível, o mesmo para a família, incluindo a senhora inglesa que viajava e vivia com eles.

3. Não iria me comunicar com a primogênita inglesa e com Ardósia, da minicomunidade, mas estaria aberto para qualquer coisa que quisessem comunicar sobre Lucia. Mas, no geral, preferia que se referissem primeiramente ao Dr. X.

Tendo acertado isso, ofereci um horário para Lucia na quarta-feira seguinte. Quando voltei para casa, sentia-me positivamente exultante e alegre. Tudo estava se ajeitando muito bem e rapidamente. Achei o Dr. X não só muito cooperativo, mas também muito positivo com relação ao nosso trabalho juntos. Não pude deixar de sorrir do fato de que Lucia tinha acabado de fundar uma outra comunidade de três: ela, o Dr. X e eu. Seria interessante explorar as possibilidades de tal situação aberta. Era minha primeira aventura, deliberada, numa relação não-programada e não-delimitada com um paciente, com o objetivo de ajudá-lo, clinicamente, a encontrar seus próprios limites e fronteiras.

Ao optar por um novo estilo, e esfera de ação, com um paciente/pessoa e seu meio total, como era apropriado para as necessidades do paciente, libertava-me dos rígidos grilhões ídiches da chamada psicanálise. Digo “ídiche” porque a psicanálise, para o bem e para o mal, não é apenas judaica em suas tradições herdadas, mas também ídiche e judia. Na minha experiência, as três são bastante distintas. Apesar de que somente duas judias desempenharam um papel importante na minha formação (Melanie Klein por um período curto, e Anna Freud por um tempo muito mais longo), o impacto do viés judaico-ídiche-judeu da psicanálise nunca foi pequeno nem superficial para mim. Se este indubitavelmente me nutriu, também tolheu meu estilo pessoal e étnico. Funcionou como um fermento estrangeiro ao ego, bem como um incremento, na totalidade das minhas experiências. Em 1974 (quando se deu este trabalho clínico), eu estaria completando cinquenta anos. Já era tempo de ser eu mesmo.

A terceira “contenda” com Lucia foi calma, ponderada e não foi fácil para nenhum de nós dois. Soube de muito mais coisas, e tudo o que disse para Lucia foi que ela teria que se agüentar por longos intervalos, com a ajuda do Dr. X, bem como da primogênita inglesa e de Ardósia. Prometi que passaria para ela uma có-

pia da carta que escreveria para o Dr. X antes da minha partida. Ela, afetuosamente, pediu: "Você poderia pedir para sua secretária mandar para mim seu itinerário nos Estados Unidos? Gostaria de saber onde você está e poder escrever para você. Todo cidadão escreve cartas divertidas, sem lamentações". Respondi que sim, claro. Separamo-nos com uma nota alegre.

Da minha carta para o Dr. X:

Como prometi exporei resumidamente, mesmo se com certo constrangimento, algumas das considerações que faço acerca da senhorita Lucia L. Trosts. A primeira refere-se ao que estou lhe oferecendo como "cuidado terapêutico". Você arqueou as sobrelanceiras quando, na nossa consulta-comum domingo passado, disse para você e para ela que eu me dispunha a oferecer cuidado psicoterapêutico. Que isso não constitui uma promessa de análise - na aceção aceita do conceito de psicanálise - reafirmei para Lucia L. Trosts em meu encontro com ela ontem. Além disso, acrescentei que, se eu vier a concluir que ela precisa de uma tratamento analítico neste período (entre este momento e o parto), ou mesmo depois, eu a encaminharei para um colega de confiança, obviamente com seu consentimento, e continuarei meu trabalho de cuidado psicoterapêutico.

Para explicar mais detalhadamente o que estou querendo dizer, quero lhe dizer que fiz minha formação dentro das tradições clássicas da psicanálise no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica. Como você sabe, ou pôde perceber, tendo participado dos seminários para médicos do finado Dr. Balint, existem três tradições da psicanálise clássica dentro do Instituto Britânico. O Middle Group é, dentre essas três tradições, a mais antiga (este grupo foi rebatizado Os Independentes, com o intuito de conferir-lhe uma "identidade de gênero" mais definida; não que isso tenha feito muita diferença). Depois vêm os kleinianos (o grupo mais militante, que está angariando cada vez mais força e está quase lá); estão agitando a Sociedade Britânica, agora que pessoas corajosas como Winnicott, Balint, Fairbairn e outras personalidades como Glover (Ed), Marjorie Brierley, e os Stacheys estão todos mortos. O terceiro grupo é o inadequadamente denominado Grupo "B" (ou talvez a intenção de conferir-lhe um caráter de segunda categoria não seja tão larval), liderado por Anna Freud. Os membros desses dois últimos grupos são em sua maioria judeus e refugiados (com a exceção de duas imigrantes excepcionais, convidadas e muito honradas, Melanie Klein e Anna Freud).

Fiz minha formação nas três tradições. Fui supervisionado por Anna Freud e Melanie Klein (nos casos de pacientes adultos) e por Winnicott, pela Sra. Milner e por Clifford Scott (nos casos de crianças). Nunca cultivei a idéia de que esta "formação" quase única se

devesse à alguma capacidade especial como candidato. Eu era brilhante, não há dúvida, mas também muito jovem e ingênuo. Os anos amadureceram-me, mas mantive a parte ingênua. A razão disto é que meu pai, o finado Rajá Fazaldad Khan, deixou-me muitos bens e uma imensa fortuna para que pudesse continuar meus estudos. Portanto, eu tinha o privilégio de não precisar ganhar a vida: podia atender cinco pacientes que não me pagavam, e arcar com os honorários de quatro analistas supervisores. Somente Anna Freud não me cobrou honorários de supervisão. Melanie Klein me cobrou um preço abusivo, pensando que isso me faria desistir. Paguei prontamente, mesmo aprendendo o mínimo dela. Ela era um símbolo de status, e eu era jovem, clinicamente inexperiente, de origem nobre, um muçulmano do Punjab (naquela época a Índia Setentrional sob Soberania Britânica, atualmente Paquistão). Sabia que precisava dos "símbolos de status", e colecionei-os. Foi uma busca ilusória. Anna Freud, Winnicott e Clifford Scott foram os analistas com quem mais aprendi. Anna Freud, comigo, mostrou-se uma pessoa muito liberal e facilitadora, apesar de toda fofoca kleiniana acerca de sua rigidez. A enxurrada de interpretações de supervisão de Melanie Klein, acerca de uma paciente que ela nunca encontrou, pareceu-me não só excessivamente autoconfiante, mas também muito cansativa. Tanto Winnicott como Clifford Scott atenderam em consulta um menino de seis anos e um adolescente de dezesseis juntamente com seus pais antes de se decidirem a encaminhá-los para mim.

Estou entrando nesses detalhes a fim de esclarecer a diferença entre "cuidado psicoterapêutico" e a assim chamada análise. O primeiro aprendi a princípio com meu pai, dos nove aos dezenove anos. Trata-se do cuidado com os camponeses, e era um cuidado total. Este foi desenvolvido com os ensinamentos de Winnicott em particular, e com os comentários liberais e muito úteis de Clifford Scott sobre um dos meus casos (um garoto de dezesseis anos). Com Anna Freud aprendi, sem dogmas ou críticas, o método psicanalítico de Freud (1904). Como fui ganhando experiência, e aprendendo com meus pacientes, agora deixo bem claro para eles se estou tomando-os em análise (o que implicaria não menos do que três sessões por semana) ou em cuidado psicoterapêutico. Mesmo assim, existem períodos numa análise nos quais acho mais importante diminuir, restringir o trabalho interpretativo e dar mais ênfase ao cuidado. O cuidado terapêutico envolve a gerência explícita e mutuamente acordada (outro conceito, ou noção, básico de Winnicott), o que inevitavelmente envolve a família e os amigos do paciente.

Quando concordei em oferecer uma consulta para Lucia Trosts, a seu pedido, tinha poucas dúvidas, a partir da carta que você me mandou, de que ela estava precisando mais urgentemente de cuidado terapêutico do que de *insights*. E isto é o que estou oferecendo-lhe agora. Disse para Lucia Trosts que, nos períodos em que eu esti-

ver fora (como agora, por quatro semanas), ela vai ter que encontrar em si mesma a humildade e honestidade para buscar ajuda em você, no advogado, no "amante", na sua minicomunidade e, obviamente, em papai e mamãe, mesmo eles estando longe.

Sobre Lucia Trosts só posso lhe dizer que eu a acho inteligente, imaginativa e que conversa de uma forma divertida e alegre. Não me incomoda que na menor de suas narrativas a maior parte dos fatos, oferecidos como fatos, sejam *factions*, tanto ficção como verdade, e paradoxalmente assim ao mesmo tempo. Na verdade, Lucia Trosts diz mais por meio de seus *factions* do que essas pobres criaturas, os neuróticos, viciados em análise.

Sinto-me muito confiante de que posso ajudar Lucia Trosts, porque sinto que posso aprender muito com ela. É uma pessoa desconcertante, mas autêntica.

Estou anexando meu itinerário pelos Estados Unidos. Por favor, escreva-me ou telefone-me caso você ou Lucia venham a precisar.

Tendo escrito, datilografado e remetido esta carta, parti para minha viagem de conferências nos Estados Unidos. Durante os vinte e oito dias que estive lá, recebi cerca de dez cartas de Lucia. Sempre consegui me localizar. Ela estava certa: os Trosts eram *epistolares* talentosos e dedicados. Suas cartas eram joviais, afetuosas, e recebê-las era um prazer. Respondi a todas, brevemente: não por uma política mesquinha, mas porque tinha pouco tempo. De certa forma, viajar, desembarcar, despachar as bagagens, embarcar para outro lugar deu-me uma funda sensação daquilo que Lucia quis dizer com "Sou uma andarilha".

Quando voltei e encontrei-me com Lucia, ela estava bem maior, com quase sete meses de gravidez. Ela já estava na sala. Quando entrei, levantou-se e veio em minha direção, com aquele andar de pinguim, chapliniano, das mulheres grávidas; o que me divertiu muito. Percebi que o ajudante da casa tinha lhe servido um café, coisa que nunca fazia sem uma instrução explícita. A minicomunidade angariou mais um membro, pensei. Não vou descrever em detalhes o que ela me contou. Apenas isso: Lucia tinha mudado a minicomunidade do apartamento para uma casa com um pequeno jardim. Papai, mamãe, a primogênita e a mais velha tinham mandado "doações" – contribuições voluntárias –

e as duas garotas da minicomunidade mostravam-se ajudantes dedicadas e voluntárias. Ela disse: “Sim, senhor, serviço gratuito e bem-humorado à minha volta”.

Levantou-se, girou e exclamou: “Não se pode dizer que esteja uma beleza!” Olhei-a com afeição condescendente e disse: “Ora, ora, Lucia, para o que você está me engordando? Vamos lá”. “Oh, pelo amor de Deus, não estrague isso para nós.” Notei o uso do “nós”. Disse: “Sinto muito, Lucia, foram quatro longas semanas para você. Obrigado por manter-me vivo na sua memória, com você, todas essas semanas. Mas, por favor, tenho que passar um pouco de lição de casa de vez em quando. Por isso, vamos lá”.

Remexeu-se nervosamente e, numa voz calma, disse: “Eu te enganei um pouquinho. Não pude evitar. O “amante” tem sido tão gentil e atencioso. Dentro das circunstâncias, ele me ama tão ternamente. Afinal de contas, droga, não sou muito atraente, cheia assim...” “Ah, ah! Lucia. Você vê, a linguagem fala melhor e muito mais sabiamente do que qualquer tentativa que façamos para que fale. Na nossa primeira consulta, você disse: “Tudo de que me lembro são cadeiras vazias, amplos espaços”. Depois, na segunda consulta, você disse que tinha engravidado para provar que podia ficar grávida, e livrou-se dela. Hoje você está falando de estar “cheia até as tampas”. Não é incrível, Lucia? O vazio tem te acompanhado, e de muitas formas, desde que você começou a ficar incomodada.

Ela se inclinou para a frente, e perguntou: “Você tem falado com o Dr. X?” “Não, Lucia. Cheguei há apenas quatro horas. Como está ele?” “Ele tem escrito para você. Ele adorou sua carta. Você a escreveu para ser querida. Há dois pequenos erros nela. De qualquer forma, o ‘amante’ me pediu um favor. Eu concordei. Dar ao bebê seu sobrenome. Ele me disse que é um nome irlandês bastante comum, não há risco de a imprensa fazer a ligação. Ele é muito famoso, você sabe.” “Famoso não: importante! Não confunda.” “Claro que você o conhece e escondeu isso de mim e do Dr. X. Não é justo.” “O que você teria ganho se eu tivesse te contado?” “Nada, imagino. De qualquer forma, você acha que fiz bem?” “Mais do que bem, Lucia, você procedeu com generosidade e com dignidade. Papai e mamãe educaram bem suas meninas.” “Posso então escrever para eles? Quero dizer,

agora.” “Sim, Lucia, mas por que não consulta o Dr. X antes?” “Ah, meu Deus, claro! Não fosse por ele, eu teria entrado em pânico muitas vezes nessas últimas cinco semanas. Eu te escrevi que foi ele, ou uma de suas enfermeiras, que arrumou a casa para nós, e superbarata? Você vai nos visitar, não vai? Vou dizer por você – *um dia*.” “Sim, Lucia.”

Obtive mais algumas informações. Tinha chegado ao *significado* (aterrorizante e curioso) de “cadeiras vazias” para Lucia. Agora procuraria o que “amplos espaços” significava para ela.

Chegamos às férias de verão. Felizmente a tia da primogênita inglesa convidou-as para passarem duas semanas em sua casa de campo. O “amante” alugou um carro para elas por duas semanas. E, assim, nos despedimos. Como eu estaria viajando de um lugar para outro no sul da França e seria difícil localizar-me, combinamos que eu telefonaria para ela. Liguei três vezes; uma vez por semana. Quando liguei pela terceira vez, ela me perguntou: “Até quando você vai ficar aí?” “Até voltar para Londres, dentro de seis dias.” Ela me pediu para que ligasse dali a dois dias. A mais velha chegaria da América do Sul; seria uma agradável surpresa para ela. Satisfiz seu capricho.

Como já tinha dito, Lucia agora estava verdadeiramente grande e carregada. Não se deixava abater, como com tudo. “Defesa maníaca” é uma boa opção, sempre pensava com referência a Lucia, mas só se você puder fazer com que trabalhe para você. Acompanhei-a passo a passo, conforme seu desejo ou necessidade. Ela nunca se aproveitou disso. Estava se aproximando do que chamava de “Dia D dos Trosts”. Eu tinha notado que *nomear* os acontecimentos, datas, lugares era a sua maneira de realçá-los para sua recordação. Na verdade, o que eu havia chamado de “factions” para o Dr. X nunca eram, ou raramente, distorções dos fatos. Eram simplesmente elaborações jocosas, à maneira das crianças, e sempre divertidas. Em breve eu iria descobrir que cada um dos Trosts tinha sua própria veia de humor.

É importante registrar aqui o fato de que quando Lucia foi para o hospital, a minicomunidade estava superpopulada. Papai e mamãe chegaram inesperadamente para passar seis meses na Inglaterra para estudar. Trouxeram com eles um professor de ciên-

cias humanas mexicano, que Lucia não conhecia. Ele estava escrevendo um livro sobre um poeta inglês, e ficaria em Oxford. O problema que se apresentava agora para mim, Dr. X e o “amante” era como desocupar algum espaço em volta de Lucia. Eu brincava com ela dizendo: “Pelo amor de Deus, Lucia, esqueça os amplos espaços; você está amontoadada. Todas as cadeiras estão ocupadas!” Ela ria.

O trabalho de parto foi rápido e saudável. Ela deu à luz um menino. Todos estavam extremamente felizes, especialmente papai e mamãe. Ganharam um neto. Quatro semanas depois de Lucia ter voltado para casa, ofereci um almoço, num domingo. Ela tinha dado a entender que este seria o presente que gostaria de receber para seu filho, batizado da forma mais típica: Juan (primeiro nome do pai) Trosts (para incluir a família toda) Hamley (sobrenome do “amante”; que mudei aqui por razões óbvias).

Foram convidados: Lucia e Juan (de quatro meses e meio de idade), papai e mamãe, a mais velha, Dr. X, o advogado, a primogênita inglesa, Ardósia, o “amante” (Lucia tinha me pedido para convidá-lo, e uma vez que ele conhecia a todos, e a mim também, seria grosseiro não fazê-lo) e “Don Mexicano”, como Lucia chamava o professor: um homem grisalho, bonito, moreno, alto e magro, em torno de seus sessenta anos.

Foi meu primeiro encontro com todos eles, fora Lucia, o Dr. X e o “amante”. Preparei um almoço bem informal. Lucia voltou para casa com seus ajudantes, como os chamava. O advogado veio e voltou com “o amante”. O Dr. X foi para seu consultório (costumava tratar de sua correspondência aos domingos) e papai e mamãe foram para a Tate Gallery. O almoço foi um acontecimento alegre para todos. Ninguém se sentiu tenso.

Lucia não pôde ir nas duas sessões seguintes porque tinha que terminar sua dissertação. Estava determinada a terminá-la e voltar para o México com o bebê, papai, mamãe e a mais velha. Eu já sabia, nessa época, como era resoluto seu caráter, e não tinha dúvidas de que conseguiria. As coisas estavam acontecendo rapidamente. O Dr. X tinha se ausentado, para um congresso, de forma que a responsabilidade de guiar Lucia encontrava-se comigo. Papai e mamãe eram, estranhamente, apenas observadores solidários, embora sempre dispostos a ajudar e sempre disponí-

veis quando Lucia precisava deles. Agora eu podia ver claramente como tinham educado suas filhas. Eram pais não intrusivos, ajudavam as suas meninas como também pediam sua ajuda. Lucia ia ao Museu Britânico ajudar seu pai a procurar alguns dados dos quais precisava. Mamãe tinha se juntado a uma escola próxima dirigida por um oleiro, onde trabalhava cerca de três horas por dia. Os Trosts eram pessoas muito motivadas, todos eles. Bastante invejável.

Quando Lucia veio, sentou-se meditativamente, depois começou a rir: "Que idiota que sou! Não adianta ficar escondendo. Muito bem, senhor, estou apaixonada. Por quem? você deve estar se perguntando. Pelo Don Mexicano. Acho que nunca tinha me apaixonado antes. Não tivemos relações ainda. E disse para ele que não vou ter enquanto não nos casarmos. E ele não tem que investigar meu passado. Sou uma mãe solteira agora, e preciso pensar em Juan antes de abandonar-me às minhas paixões". Fiquei ouvindo. "O que se faz com isso?"

"Bem, sei por seu pai e sua mãe que Don Mexicano é viúvo. Sua mulher morreu tragicamente de câncer há mais ou menos seis anos. Tem duas filhas, uma de catorze e a outra de dez anos. Ele tem sessenta. Cinco anos mais jovem que papai. Até aqui tudo corre tranqüilo. Uma questão a ser resolvida com dignidade é: como você vai fazer com o 'amante'?"

"Ah, ele? Não tive mais relações sexuais com ele desde que soube que estava grávida. Todos sabem disso. Ele vai ter que perder essa."

"O que você quer dizer com isso?" Falei de forma cortante. "É melhor você não me empurrar para o lado dele, senão você não vai ter nenhum bebê voltando para a Cidade do México com você."

"Você não me entendeu. 'Muff it' quer dizer levar a coisa numa boa. Eu lhe falei sobre Don Mexicano. Ele compreende a situação. Pode conversar com ele. Ele confia mais em você do que em papai ou mamãe. Mas vocês tiveram o mesmo tipo de educação. Você sabe que eu nunca fiz nada que fosse ofensivo para os outros; só grandes enrascadas para mim mesma e em volta de mim."

“Então agora são amplos espaços com grandes enrascadas espalhadas por eles?”

“Por que você está tão suscetível hoje? Será porque o ‘amante’ é inglês ou britânico, seja lá como se denominam? Nós os chamamos de gringos! Na nossa parte do mundo, eles são os forasteiros. Sem casa, sem amigos e sem posses.”

“Ora, ora! Quem está sendo hostil agora?”

“É verdade, estou com medo de você, e Don Mexicano também. Ele descobriu que você é muito influente. Ontem à noite ele veio me perguntar, pateticamente: ‘Se Khan não concordar, significa que está tudo terminado?’ Eu lhe afirmei que você ouviria primeiro. Ele me ama e precisa de mim. Suas filhas conhecem papai e mamãe desde pequeninhas. Sua esposa ajudava na escola de verão. Ouvi falar delas. É estranho que nunca as tenha encontrado. De qualquer forma, diga-me claramente o que você pensa. Obviamente não farei nada com que você não concorde. Não até Juan ir para o jardim da infância. Aí serci independente novamente.”

“Novamente? Quando você esteve algemada antes? Está difícil conversar com você hoje, Lucia. Você está irritada. Melhor pedir pro papai e a mais velha para falarem com você.” Concor damos que seria melhor nos despedirmos por enquanto.

Nosso próximo encontro deu-se três semanas depois. Primeiro ela não podia vir. Depois tive que viajar para uma conferência no fim-de-semana. Até o tempo parecia não nos ajudar. Quando nos encontramos, cada um de nós já tinha se acalmado. A pedido do “amante”, e com a anuência de Lucia, tive uma conversa com ele. Finalmente as coisas foram se ajeitando por si mesmas. A única pessoa ferida, o “amante”, portou-se muito dignamente. Lucia partiu pacificamente com Juan, papai, mamãe, a mais velha e Don Mexicano em maio de 1975. Ela havia terminado sua dissertação. A pessoa que mais sentiu a partida repentina foi a garota inglesa da minicomunidade. Lucia e Don Mexicano decidiram que se casariam assim que chegassem na Cidade do México. Essa decisão me trouxe um grande alívio. Achava que seria demais para o “amante” se tivessem decidido se casar aqui, em Londres. Tudo correu conforme o desejo de todos.

Tive notícias esporádicas de Lucia. Ela está bem sentada na sua cadeira, e seus espaços claramente delimitados. Eu tinha lhe dito exatamente isso. Também comentei que se aquietar seria inquietante para ela, a princípio. Despedimo-nos afetuosamente. Sempre me surpreende o fato de que, quando um relacionamento clínico anda bem, nenhum dos dois sofre quando chega ao fim. Na verdade, ele nunca termina. Uma pessoa sai e se afasta dele. Somente quando algo ficou emperrado é que a despedida é sentida por ambos como uma rejeição. Pelo menos esta é a minha experiência. Conservei minha afeição e admiração por Lucia e acredito que ela tenha boas lembranças de mim.

JUAN

(seis anos de idade)

"Diga, o que você viu?"

BAUDELAIRE, *Le Voyage**

Quando fui buscar Lucia e Juan na sala de espera, ela levantou-se, veio em minha direção e beijou-me nas duas faces, suavemente; uma forma natural de cumprimentar para um espanhol latino-americano. Notei, à primeira vista, que seu cabelo começava a ficar levemente grisalho. Um pouco mais cheia de corpo, mas ainda alta e magra. Tinha cortado o cabelo, estava curtinho agora. Perguntei com um gesto, silenciosamente: onde está Juan? Sorriu e apontou para debaixo da mesa. Aproximei-me pé ante pé e bati na mesa, dizendo: "Noc! Noc! Saia, seu safadinho. Cumprimente-me e diga-me: o que você tem visto? O que tem feito?"

Um garoto muito vivo pulou para fora e, sorrindo, me deu um abraço, dizendo: "Bom dia". Tinha os cabelos ruivos do avô; os olhos e a boca da mãe. Um menino alto. Alegre e irrequieto. Entramos os três no consultório. Juan conversava como se nos conhecêssemos há anos, chamando-me de tio. Carregava uma sacola de Pan-Am. Os espaços do meu apartamento eram novos

* No original, *Dites, qu'avez-vous vu?*. (N. da T.)

também para Lucia. Tinha-a atendido em 1974 no meu apartamento anterior.

Lucia se sentou. Juan tirou as coisas de dentro de sua sacola e, depois de arrumá-las com certo capricho, perguntou alguma coisa para a mãe em espanhol. Ela respondeu: "O tio lhe dirá onde". Aí ele me pediu: "Tio, posso tomar uma coca?" Falava inglês fluentemente. Dei-lhe as coordenadas para encontrar o ajudante, ou a secretária ou o chofer. Qualquer um dos três arrumaria uma coca para ele. Saiu. Saltando e pulando.

Isto me deu uma chance de perguntar a Lucia se tinha encontrado o "amante". Continuávamos a chamá-lo assim. "Não, ainda não tive tempo. Chegamos ontem à noite." "Quantos somos nós, desta vez?" Ela sorriu: "Somente Juan e eu. Mexicano está em Madri, num congresso, e vamos nos encontrar com ele lá. Ficarei aqui apenas um dia. Verei meu advogado esta tarde. Depois tenho um encontro com o "amante". E você fará o favor de me dizer, depois de conversar com Juan, se ele quer ou não se encontrar com o pai. Ele sabe que Mexicano não é seu pai. Chama-o de tio Hosay".

Juan voltou segurando uma garrafa de água tônica. Evidentemente não tínhamos coca. Lucia levantou-se, falou alguma coisa para Juan, e depois para mim: "Onde fica a sala de estar aqui?" Juan apressou-se: "Eu te mostro". E saiu correndo com a mãe. Lucia já tinha me alertado, por carta, que Juan era um menino irrequieto, excitado. Às vezes, era uma peste em casa. Voltou, tirou mais algumas coisas da mala, ajeitou-as e pediu: "Tio, me arruma um papel, por favor". "Para quê?" Brinquei com ele, estendendo-lhe um lenço de papel. Juan não perdeu o reboledo e pediu de novo: "Algumas folhas de papel de desenho, por favor". "Quer dizer algum papel para desenhar ou papel próprio para desenho?" E ele, com firmeza: "Papel próprio para desenho".

Levanteci-me e peguei algumas folhas de papel branco que já tinha deixado à mão, e entreguei-as para Juan. Pegou uma folha e segurou-a contra a luz, muito profissionalmente, sentiu sua textura e comentou: "Essa é boa. Obrigado". Ri. Juan continuou: "Vovô não gosta de papel fino. Não pega, quer dizer, não absorve a água". "Não temos água aqui, Juan". "Eu percebi, mas tem hi-

drográficas. Servem. O que vou desenhar? Diga-me, por favor. Não posso desenhar de faz-de-conta.”

Refleti um pouco e disse: “Por que você não fala um pouco sobre você e por que está em Londres?” “Você sabe, tio. É para encontrar aquele ‘cara’, meu pai. Você conhece ele?” Respondi que sim e perguntei: “Por que você o chama de cara?” Coçou a cabeça e disse: “Bem, é o seguinte. Ele não gosta que eu o chame de papai. Nem de tio. Ele diz: me chame cara, é engraçado. Então ficou assim, cara”. “Quantas vezes você o encontrou?” “Duas vezes, acho. Mas só me lembro do ano passado. Eu e Cachita fomos para a Disneylândia com ele, passamos quatro semanas lá.” “Quem é Cachita?” “Ela é quatro anos mais velha do que eu.” “E quem é ela?” “É a filha mais nova da titia. Passa as férias com a gente. Agora ela está morando no Rio. Somos bons amigos.” “E você quer se encontrar com o ‘cara’?” “Eu sim, mas mamãe não. Vou ganhar coisas bonitas. Ele é muito bondoso.” “Por que mamãe está preocupada?” (Introduzi deliberadamente a palavra “preocupada”.) “Vou sair e fazer meu desenho, depois eu te conto.” Disse-lhe onde poderia encontrar alguém. “Já sei. Procuro James. É, ele dirige seu carro. Foi ele quem me deu esse não-sei-o-nome. Não tinha coca. Deixa eu ir, senão estou frito.” E saiu correndo.

Experimentei um certo sentimento *dejà-vu*. Tudo isso já aconteceu antes, entre sua mãe e eu. Era um menino contagiosamente adorável. Conversa como um adulto. Alegre. Um pouco atabalhado, pensei. Não saberia dizer por que me ocorreu esse pensamento. Eu sabia que estava perdendo terreno com Juan. Desse jeito, nunca chegaria nem perto de uma “consulta”. Decidi começar tudo de novo. Finja que estamos começando. E, meu Deus, lá vinha ele de volta.

Decidi jogar pra valer. Podia ouvir Juan galopando de volta. A porta da sala do consultório estava aberta. Parou e bateu, gritando: “Noc! Noc! Entrando!” O diabinho, pensei, não vai me dar trégua. Sentou-se com as folhas brancas na frente, as canetas cuidadosamente arrumadas do lado esquerdo. Tinha colocado as outras coisas de volta na sacola. Perguntou: “O que vou desenhar?” Eu estava tomando notas num bloco. “O que você está escreven-

do? Conte-me, por favor". Li: "Juan perguntou: 'O que vou desenhá-lo?'"

Girou, dando um salto mortal. Ele era ágil. "Essa foi realmente boa. Preciso contar para mamãe." E lá se foi, correndo. Não o detive. Essa seria, com certeza, outra "contenda", pensei. E eu só tinha essa consulta para chegar a algum lugar com ele. Que "lugar" era esse, e como chegaríamos até lá, eu não sabia; e como diria sua mãe: dane-se, eu não me importo!

Juan voltou. Resolvi que ele daria as indicações, e como quisesse. Olhando para o papel, disse pensativamente: "Vou fazer *um* eu engraçado *rapidamente*". Fechou os olhos e rabiscou ferozmente o papel. Eu sabia que há alguns meses Juan tinha ido a uma renomada psiquiatra/psicanalista de crianças. As palavras "rapidamente" e "um" chamaram minha atenção e sublinhei-as. Ele parou e falou: "Vou desenhar a mamãe". Debruçou-se sobre o papel, parecia furioso com a folha. Olhando para ela (desenho nº 1): "Bom, é uma tentativa. Não se parece muito com mamãe". Para comentar alguma coisa, perguntei: "Quando mamãe cortou o cabelo?" "Em Nova York. Foi um presente de aniversário do vovô." "E o que você deu para ela?" "Tio Hosay e eu demos um presente juntos. Ele pagou e eu escolhi." "Foi atencioso da sua parte." Juan mudou de assunto. Quase num solilóquio, observou: "Gostaria que mamãe não se preocupasse tanto". Resolvi tentar um: "Ela sempre se preocupou?" "Não." Pegou uma outra folha de papel e colocou-a na horizontal. Uma outra contenda rápida com a hidrográfica. Olhando para o desenho (nº 2): "Esse está bom. Gostou, tio?" "Gostei. Mas não me conte o que quer dizer. Tira a graça. Quem adivinhava seus desenhos para você, Juan?" "Ninguém, preciso mostrá-lo para mamãe." Levantou-se. "Pergunte para mamãe quem adivinhava seus desenhos e depois me conte."

Num segundo já tinha saído. Voltou logo depois. Apanhou suas canetas, o papel e perguntou: "Por favor, vamos ficar com mamãe na outra sala. Gosto mais de lá. É maior". "Está bem, chefe", e fui com ele. Lucia levantou-se e perguntou jovialmente: "Como estão indo?" Murmurei, afetuosamente: "Tal mãe, tal filho!" Ela riu. "Tio, pergunte para mamãe quem lê meus desenhos." "Bem, você mesmo acabou de perguntar." "Então, mãe,

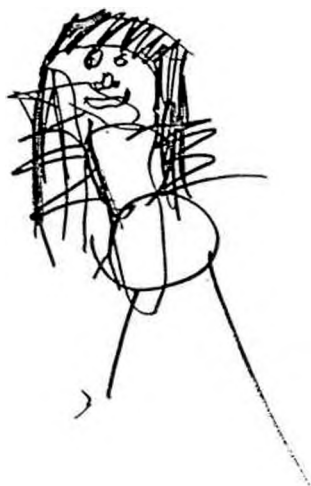


Fig. 1

não nos deixe esperando.” “Quem diz isso, Juan?” “Tio Hosay. Mamãe está sempre atrasada. Viemos aqui cedo porque eu não vou esperar.” Ele foi até o outro canto da sala de estar, onde estavam um vaso de flores e alguns arbustos de interior.

Eu tinha certeza que ele tinha ficado muito angustiado por ter feito o último desenho. Agora eu sabia por que mamãe estava preocupada; Juan tinha acabado de me contar. Ele também tinha percebido isso. Não falei nada. Lucia perguntou: “Posso pegar um chá para você, ou quer um sherry?” “Eu não sou inglês, Lucia. Sirva-me uma boa dose de whisky; mas sem gelo, por favor.” Lucia serviu minha bebida. Preparou um Bloody Mary para si. Sim, ela estava bastante preocupada. Quando se sentou, fiz uma observação, totalmente ciente de que Juan poderia ouvir-me se tentasse: “É penoso, não?” “Não, não é isso. Não é tão duro. Hoje não estou preocupada. Entre você, o Dr. X e meu advogado,

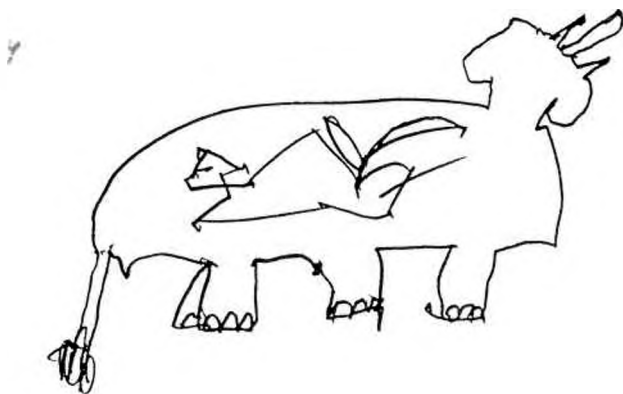


Fig. 2

vocês resolverão tudo com o 'amante' ". "Quem é ele, mãe?" Ouvimos uma voz. "Você o chama de 'cara'." "E como você o chama?" "Esqueci." Juan não insistiu. Lucia me contou que quase teve uma crise no inverno anterior. Estava muito deprimida e irritada o tempo todo. "Você não estava fácil, mãe", interrompeu Juan. "Só vovô conseguia conversar com você. Pobre tio Hosay. Ele ficou aborrecido. Depois eu fiquei chateado." "Com o quê?", perguntci. "Não sei."

O telefone começou a tocar. Minha secretária tinha se esquecido de desligá-lo na sala de estar. Aproveitei a chance e disse: "Por favor, Juan, atenda o telefone." Atirou-se sobre ele. A atividade era seu recurso. Como a mãe! Colocou sua mãozinha sobre o fone e disse: "Mãe, é o doutor. Está perguntando quando pode vir pegar a gente." "Passe para mim, por favor", pedi-lhe. Ele me trouxe o fone. A secretária tinha chegado. Peguei o telefone, trocamos algumas palavras e disse: "Não posso dizer quando. Por que você não vem para o almoço? Não é incômodo nenhum; não tenho que comprar, nem que cozinhar. Quando? Assim que pu-

der. Até lá". E desliguei. Pedi para a secretária chamar o ajudante. Ele veio logo.

Perguntei para Juan: "O que você gostaria de comer?" E ele para a mãe: "Você vai almoçar com o tio?" "Sim! E o doutor também vem." "Então eu tenho que escolher." "Escolher não, decidir", provoquei-o. "Quero um duplo." E nosso ajudante: "Com carne ou com queijo?" "Não sei qual dos dois é melhor aqui, Juan. A loja é bem perto. Você poderia escolher seu sanduíche lá." "Sim, senhor, mais que depressa. Vou buscar meu casaco." "E não se esqueça do cachecol e de suas luvas. Aqui é Londres." "Não é mais frio do que Nova York no ano passado, mãe." "Ah, o ano passado. Isso nunca vai terminar." Lucia estava perceptivelmente irritada. Não era seu estilo.

Juan não armou nenhuma confusão. Vestiu-se e voltou. Enquanto isso, pedi nosso almoço. "Tio, não peguei minhas coisas nas outras duas salas. Posso ir e juntar depois, quando voltar?" "Claro, Juan. E não se esqueça que você tem que olhar para o lado esquerdo quando for atravessar. Você já esteve aqui?", perguntei, maliciosamente. "Sim, tio, por uns seis meses, acho. Eu era pequeno e não me lembro. 'Seu malandrinho. Você tem sempre uma resposta pronta'." Saiu correndo, corando. Juan era um menino adorável, alegre, lidando precocemente com os problemas dos outros.

Tirci vantagem do telefonema do Dr. X para cavar um espaço e tempo para Lucia e eu. Assim que Juan e o copeiro bateram a porta da frente, Lucia desmoronou, chorando alto, no meu colo. Deixei-a chorar. Ela se recompôs e sentou-se; perguntou se podia tomar mais um Bloody Mary. "Não. tome um vinho." "Qual?" "Acho que podemos tomar um rosé. Peça para minha secretária abrir uma garrafa." Lucia saiu e voltou logo. Andar até a cozinha foi suficiente para readquirir seu equilíbrio. Imaginei que seria. Tínhamos pouco tempo, e não se pode conseguir muito no meu estilo de trabalho se as coisas se tornam muito intensas.

Tínhamos cerca de vinte minutos para nós. As coisas sempre pareciam dar certo para Lucia. Ela se encontrava numa aflição aguda e crônica nesse dia. Vou extrair desta conversa – não foi uma contenda – apenas os detalhes que podem ajudar o leitor a avaliar por si mesmo por que mudei de rumo novamente. A con-

versa com Lucia foi uma “interlopation” necessária (minha palavra inventada para “interloping”) na contenda com Juan. Lucia me contou que:

Há três anos começou a tentar ter um outro filho. Juan já estava no jardim-de-infância. Sua nova vida tinha atingido um equilíbrio. Viviam num *mesmo* lugar e levava uma vida familiar diferente daquela que vivera com os Trosts. Tinha parado de lecionar e assumido um posto na universidade como orientadora de professora de jardim da infância. Era menos oneroso e sobrava mais tempo para escrever. Tudo estava correndo bem. Então, em 1977, seu ginecologista no México disse-lhe que só uma inseminação artificial poderia ajudá-la a engravidar novamente. O Dr. X foi encontrá-la. Não sabia dizer por que tinha escondido isso de mim e não tinha me escrito. Depois encontrou alguém de Londres e soube das minhas operações de câncer. Sentira que Deus tinha se voltado contra ela. Tinha pensado em vir passar alguns meses em Londres e fazer um tratamento, mas sentia-se perigosamente incapacitada pela depressão. Podia ver que Juan tinha sido sugado por ela. Mas o pior de tudo foi que tanto papai como Mexicano tiveram um pequeno ataque cardíaco em 1978. Não havia *espaço* para Lucia ficar doente. Teve que se recompor para cuidar deles. Recuperaram-se bem e retornaram ao trabalho.

Quando os dois homens da vida de Juan adoeeceram, ele não tinha mais adultos para brincar com ele. Começou a recusar-se a ir para a escola, a roubar e ficar fora de casa na menor oportunidade. Isso preocupou-a mais do que não poder ter outro filho. Escolhi este momento para dizer: “Percebe o quanto Juan está, e esteve o tempo todo, ciente do que se passa com você?” Ela insistiu que não. Não muito. Fui buscar os dois desenhos que ele tinha feito e perguntei como ela os “interpretaria”. Ela insistia que conseguia manter-se animada sempre que estava com ele, que nem era tanto porque ele ia para a escolinha de manhã e preferia passar a tarde com os amigos.

Perguntei: “Você parou de trabalhar na universidade, ou diminuiu seus horários?” “Um pouco dos dois, mas por períodos curtos.” “Mas o fato, Lucia, é que a partir dos três anos, ou um pouco mais, Juan percebeu as ‘cadeiras vazias’, para usar sua metáfora.” Ela ficou angustiada e perguntou: “Você acha que

Juan está muito perturbado? A psiquiatra de crianças em Nova York achava que sim. Ela o atendeu cinco vezes em duas semanas. Juan a *odiava*. Ele reclamava: ela fala muitas bobagens sobre você, sobre o vovô e sobre sexo. Ele é tão rápido para aprender línguas: espanhol, inglês e português. Foi o avô que fez com que ele parasse essa análise. Na verdade papai ligou para você em agosto de 1978, mas você estava no Paquistão. Depois a mais velha finalmente decidiu divorciar-se e ficou muito deprimida. Ficou uns três meses conosco. Também ela insistiu para que eu trouxesse Juan para conversar com você. Depois Mexicano disse, de repente, que queria que Juan adotasse seu sobrenome. Eu falei para ele, como também para o ‘amante’, desta vez eu não vou escolher. Eles têm que decidir entre eles, comunicar-me, e eu vou tomar minha decisão depois de consultá-lo. Mas agora Juan diz que quer ter o sobrenome do tio Hosay e não o do ‘cara’. Eu realmente não sei o que Juan quer. Vou aceitar sua escolha. Por favor, vê se consegue saber dele. Se precisar de mais tempo posso cancelar nossa ida para a Espanha e ficar mais duas semanas”.

Podia ouvir o barulho do elevador subindo, portanto disse rapidamente para ela: “Ainda tenho meia hora, ou um pouco mais, com Juan. Vamos ver o que acontece. Depois decidiremos”.

Juan irrompeu gritando alegremente: “Veja, mãe! Comprei um presente pro tio Hosay e pro vovô. É uma loja legal. Por favor, pague pro tio o que gastei”. A mãe perguntou: “E quanto foi?” “Eu não sei contar dinheiro inglês.” Resolvi agir nesse momento: “Sr. Não-Sei, você vai comigo para a outra sala. Temos um árduo trabalho para fazermos juntos”. “Posso ir buscar uma coca para tomar lá? Compramos coca na loja.” “Sim, claro.” Saiu correndo. Encontrei-o no hall e entramos juntos no consultório. Juan acomodou-se para desenhar, prontamente e com espontaneidade. Cerca de meia hora depois ouvi a porta da frente ser aberta. “Deve ser o Dr. X. Você não quer ir abrir a porta para ele?” “Sim, quero.” E foi-se rapidamente.

Descrevi detalhadamente minha *contenda* com Juan numa carta para o Dr. X., conforme ele havia me pedido. Daqui em diante transcrevo esta carta. É suficiente colocar aqui que Juan e

eu cobrimos um largo território nessa meia hora, e que me senti confiante de dar o conselho certo, tanto para Lucia como para o “amante”. Falei para Juan, quando terminamos a “adivinhação” dos desenhos, que eu achava que ele devia abandonar o sobrenome do “cara” e adotar o do tio Hosay; e que eu diria isso para sua mãe e para o Dr. em seguida. Ele disse: “Oh, muito obrigado. E, por favor, mande telegramas para o tio Hosay e para o vovô. Eles devem estar preocupados”. Eu estava muito surpreso de ver como a pressão tinha feito com que “amadurecesse precocemente”. “Mando sim, com certeza.” Acrescentou: “E, por favor, uma cópia para mim e uma para mamãe”. “Sim, senhor. E o que mais o senhor deseja?” Ele estava guardando suas coisas na sacola. Parou e olhou timidamente para mim: “Posso ficar com cópias dos desenhos?” “Está bem, procure minha secretária e peça para ela tirar três xerox. Você fica com um...” “Não, duas para mim, por favor.” “Duas para você; eu fico com os originais e mais uma cópia.” Muito tranquilamente ele saiu do consultório, carregando sua sacola da Pan-Am e levando nas mãos cinco folhas de papel.

O almoço correu agradavelmente. Quando Juan voltou com as cópias, falei para a mãe e para o Dr. X que eu concordava com Juan – ele deveria adotar o sobrenome do tio Hosay; disse também que tinha colocado para ele as razões pelas quais concordava e que as explicaria numa carta para o Dr. X que escreveria naquele mesmo dia, mais tarde. Depois do almoço, despedimo-nos alegremente. Percebo quantas vezes usei nesta narrativa clínico-familiar as palavras “alegre” e “alegremente”. É a verdade no que se refere à minha experiência.

Extraído da minha carta para o Dr. X:

Concordo com você. Os últimos dois anos foram muito difíceis para Lucia Hosay. Ela é uma pessoa muito orgulhosa e autêntica. Por isso todos trabalhamos para ajudá-la. Mas valeu a pena para nós também. Você tem sido exemplar na sua dedicação a ela. Obrigado por poupar-me de qualquer envolvimento com o advogado e com H. [o “amante” foi mencionado pelo nome]. Tive que adotar uma postura firme com H., pois já o conhecia antes de Lucia Trosts entrar em cena. Ele se comportou com muita dignidade. Mas é um autêntico escocês. Um homem agora muito perdido e infeliz. Ligou-me ontem e me encontrei com ele amanhã. Gostaria que me avisasse se você aceita tomá-lo como paciente. Não importa que sua especiali-

dade seja ginecologia. Você é médico e já o conhece. Lucia também ligou de Barcelona. Assim que começou a falar: "Juan está muito melhor", ele pegou a extensão, "e mamãe está menos preocupada. Hi! Hi!"

Conversei brevemente com Don Mexicano. Ele acha que você não gosta muito dele. Não tanto quanto de H. Então eu dei uma risada e comentei: "Mas o que você esperava? Você é um escocês como H. e não um forasteiro como eu. Isso o tranquilizou. Graças a Deus todos eles têm um bom senso de humor. Juan é simplesmente adorável. Você disse que estava curioso para saber como eu o domiei. Tem razão, o potrinho é quase indomável. Mas eu fui com calma, até que ele jogou todas as suas cartas e me sobrava uma. Trapaceei um pouquinho, mas ele descobriu imediatamente e disse pomposa e benevolmente: "Tudo bem trapacear um pouco, de vez em quando", numa voz grave, como tio Hosay. Mas deixe-me contar minhas contendas com Juan. Você ouviu a versão deles. Aqui está a minha.

Juan surgiu, saltando de debaixo da mesa, onde havia se escondido para me pegar de surpresa. "Como vai, tio?" "Estamos bem, seu espertinho. Por onde andou nesses seis anos?" Voltou-se para Lucia Hosay e perguntou: "Eu já conhecia o tio?" "Sim, filhinho, quando você era pequeninho". "Mas isso não vale, não consigo me lembrar tão longe." E para mim: "Levo o meu material de desenho ou você me dará algum?" E eu: "Posso arrumar umas hidrográficas". E assim entramos no consultório, Juan e eu. Fazia comentários sobre tudo o que via. Sua forma de lidar com o desconhecido, pessoas, lugares e coisas, pensei. Juan é uma estranha mistura de hábitos metódicos e uma excitação intensa e desordenada. É muito confiante, embora parte desta confiança seja um blefe. Não consegue tolerar a angústia. Exatamente como a mãe. Sentou-se. Entreguei-lhe algumas folhas de papel e meia dúzia de hidrográficas coloridas. Comentei: "Desculpe-me, mas não tenho brinquedos para lhe oferecer. Em vez disso, vamos conversar". "Eu prefiro assim, senhor! Só as meninas brincam com brinquedos. Aquela senhora em Nova York ficava o tempo todo me empurrando brinquedos e fazendo comentários tolos. Vou desenhar agora." Eu disse: "Eu gosto mais quando você me chama de tio. Sabe, Juan, eu estava tão nervoso quanto você acerca de nosso encontro. Agora estou me sentindo mais à vontade". Ele me olhou, sorrindo: "Eu também. Só a mamãe continua preocupada." "Bem, veremos o que podemos fazer com a mamãe mais tarde."

Juan virou a folha de papel algumas vezes, como se fosse lutar com ela. Disse: "Um rápido da mamãe". E atirou-se furiosamente sobre o papel. Parou, olhou. Ficou amuado. "Não se parece muito com mamãe, né?" Olhei e desenho (nº 1) e disse: "Quando foi que mamãe cortou o cabelo? Ela está com o cabelo comprido nesse de-

senho". Juan estava pensativo. "Melhor não falar sobre isso, tio. Sobre mamãe. Ela tem estado tão preocupada nesses últimos dois anos. Fomos para Nova York para mamãe consultar um médico, e eu, aquela senhora. Não foi bom nem pra mim nem pra ela. Mamãe cortou o cabelo lá. Não gosto de mamãe de cabelo curto. O tio Hosay também não." Percebi que, de muitas formas, Juan se identificava com seu tio Hosay. O que achei reassegurador, porque estava me perguntando se o desejo ou a necessidade de trocar seu sobrenome para o do tio Hosay era seu mesmo, ou se tinha sido imputado a ele pela mãe, pelo avô ou pelo próprio Don Mexicano. Cada declaração de Juan me tornava mais convicto de que se tratava de um desejo seu. Ele tinha ido mostrar o desenho para a mãe. O safadinho estava, então, mais preocupado com o fato de a mãe estar preocupada do que com suas próprias preocupações. Voltou e disse autoritariamente: "Faço mais um desenho, depois um intervalo." "Às suas ordens!" "Não, tio, só estou pedindo." Afaguei seus cabelos ruivos. Sorriu, exultante. Fez o outro desenho com muito cuidado. Ficou satisfeito com ele. Levantou-se e mostrou-o para mim. Queria ir mostrar para a mãe, e eu não impedi. Senti que ele não queria que eu fizesse nenhum comentário, e não fiz. Estava inquieto agora. Ele tinha deixado o desenho *escapar*. Isso o deixou embaraçado e assultado. Eu sabia o que ele significava. E ele também. A mãe não. Ou melhor, preferia não saber. *Portanto, as negações eram dela.*

Não permiti que Juan se acomodasse junto da mãe, mas o provoquei: "Juan, nós vamos entrar e vamos fazer um árduo trabalho juntos". Ele me perguntou, sinceramente: "Por que não podemos trabalhar com mamãe por perto? Eu trabalho com vovô e tio Hosay". "Olhe, Juan, eu fui um pouco desonesto com você. Eu queria que ficássemos sozinhos. Quero ter um pouco de privacidade com você pra gente adivinhar seus desenhos." "Ah, entendo", comentou, de uma forma muito adulta. Citei suas próprias palavras: "Tudo bem trapacear um pouco, uma vez ou outra".

Juan estabeleceu uma regra para a adivinhação dos desenhos. "Cada uma das partes pode, se quiser, parar depois de ter começado, e nada de querer adivinhar por que parou." Foram exatamente essas as suas palavras. Eu estava simplesmente atônito com sua capacidade de se autoprotoger e igualmente com o cuidado em relação ao outro, mas também não queria deixar que ele ditasse as normas. Fiz, então, uma oferta generosa: "Está bem, quando cada um chegar no ponto de não-mais decifrações, você assobia para parar". Juan se sentou com papel e canetas à sua frente. Comentou: "Como vou saber quando você quer parar com a 'leitura', tio?" "Vai saber, Juan. Você é muito sensível e inteligente", disse eu, jovialmente. Ele pensou um pouco e: "Certo, senhor. Eu mesmo disse que uma ou outra trapaceada tudo bem". "Quem diz isto, Juan?" "Tio Hosay. Ele vive ditando e quebrando regras, e você agora está fazendo o mesmo."

Gostei de Juan ter me colocado ao lado de seu Don Hosay. Uma grande responsabilidade, pensei.

Sentei-me na minha cadeira, planejando o movimento seguinte. Não há uma estratégia possível nesses encontros de uma só consulta. Vamos tropeçando, de tática em tática, mudando o rumo, ou perseguindo sempre o mesmo, dependendo de como eu ou nós caminhamos. Não estava me saindo muito bem com Juan. Eu não esperava, e nem tinha antecipado, sua precocidade mental e intelectual. Lucia também não a tinha mencionado. Este era meu maior problema, e o mais urgente, para manejar Juan e interpretar seus desenhos. Mas, de qualquer forma, eu não iria interpretar seu comportamento, seus movimentos ou sua conduta comigo. Eu já tinha tido quatro ou cinco experiências muito infelizes com crianças precoces, e sabia que nem sempre essa precocidade é mental. Pode ser de qualquer uma das capacidades egóicas, ou um grupo de capacidades egóicas. Nas ocasiões em que falhei foi devido a algum dentre esses quatro aspectos: subestimar a precocidade e seu papel no funcionamento e na forma de vida da criança, ou superestimá-la e depois interpretar muito cedo ou muito tarde. Com essas outras crianças, tive a oportunidade de restabelecer a postura clínica na sessão seguinte. Com Juan eu só tinha essa consulta, e a expectativa em relação a ela era grande, tanto da mãe como também dele mesmo. Deixei a situação correr por si.

Juan perguntou: "Vamos adivinhar os dois primeiros desenhos e depois faço outros, tá bem?" "Sim, senhor Don Juan, como quiser." "Você é um provocador, como vovô. Vamos começar. Você primeiro. Desenho nº 1 aparecendo. "Trotando e alto!" "Trotando" foi um trocadilho deliberado com *Trots*, supus que Juan sacasse e ele sacou. Olhei o desenho nº 1 e disse: "Mamãe parece estar dando uma boa risada de alguém". "Sim, tio. Da senhora em Nova York. A mamãe também achava que ela era boba e louca. Tio Hosay dizia que ela tinha sexo na cabeça." "Você sempre conta tudo para mamãe e tio Hosay, ou guarda algumas coisas para você?" "Não, não tenho segredos para com mamãe e tio Hosay", retorquiu Juan. "Acho que não me expressei bem, Juan. Ter segredos e guardar algumas coisas para si são coisas diferentes." "Agora entendo. Como ter a minha escova de dentes só para mim. Não a divido com mamãe, nem tio Hosay, nem ninguém." "Sim, assim, próprio e pessoal." Disse para ele e para mim: maldita precocidade, rápida e instantânea. Mas, ainda assim, essa "adivinhação" deu uma dica e serviu para uma função. Ao introduzir sua escova de dentes como algo próprio e pessoal, Juan fez uma ligação entre desenho, mamãe e boca; assim como anteriormente tinha me unido ao tio Hosay e ao vovô. Lembrei-me de que teve dificuldades de alimentação. Não comentei mais nada.

Juan: "Desenho nº 2 emergindo! Minha vez. Uma égua bem comprida e um potrinho. Cada um está olhando para um lado. Sua vez, tio". Disse: "Não consigo decidir se o potrinho está separado ou se está dentro da égua comprida". "Que idiota que sou. Faço de outro jeito?" Não, Juan, deixe assim. Deixe-me continuar. A partir desse desenho, não sei dizer se o potrinho está dentro ou fora da égua comprida", repeti; "podemos dizer que pode estar tanto dentro como fora?" "Por que não, tio? É só um desenho, e eu estou lhe dando um aviso de penalidade. Você está trapaceando de novo, tio, levando muito tempo. Eu tenho que ficar esperando." Debruçou-se sobre o papel e pegou uma hidrográfica preta. Desenhou uma forma. Virou um pouco o papel e desenhou uma outra forma (um cone). Parou, girou a folha toda e desenhou uma terceira forma (um cone com linhas). A primeira forma foi pintada com hidrográfica sépia, e a segunda também; na terceira, o cone foi desenhado com cor de laranja e as linhas com verde.

Juan disse: "Sua vez, tio", e me estendeu o desenho nº 3. "Deixe-me ver. Três formas. Não. Três coisas. Todas elas parecem estar

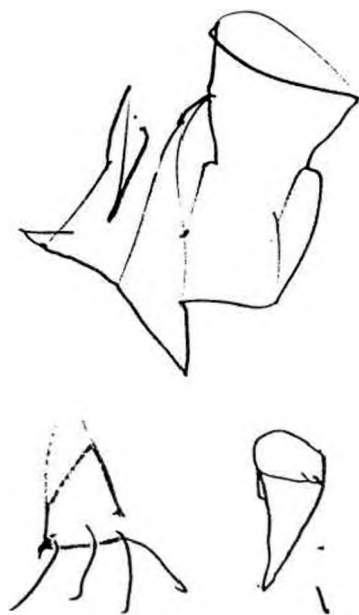


Fig. 3

relacionadas com comida e bebida. A primeira pode ser uma caneca com alça. Juan saltou de júbilo. "Bravo, tio. Muito bem. É minha caneca, lá em casa, de tomar café de manhã e chocolate à noite. Eu nunca recuso nada para comer ou beber na minha caneca. Uma vez vovô me enganou e quase estragou minha caneca. Colocou morangos na minha caneca, assim eu teria que comê-los. Não gosto de coisas molengas e meladas. Pare de escrever, tio, e adivinhe os outros dois." "É um pouco frustrante não poder terminar a adivinhação, Juan". "O que mais você quer dizer, tio?" "Mais nada desse, mas uma coisa sobre o anterior, o nº 2." "Está bem, pode olhar de novo." "Eu sabia que tinha algo diferente nele." Comentei, olhando o desenho. "O quê? O quê?" "Foi desenhado com a caneta azul." "Ah, sim. Mamãe sempre se veste de azul quando está feliz e não está preocupada. Como hoje, está de azul. Por isso mamãe é uma pessoa muito, muito feliz! Todo mundo gosta da mamãe: as crianças, os pais e as mães delas, todo mundo. Com o tio Hosay eles têm mais cuidado. É melhor ter cuidado com tio Hosay. Nunca se sabe o que pode deixá-lo chateado. Tio Hosay, ao contrário do vovô, é muito correto. Essa é a palavra! O vovô está sempre provocando. Diz que todos os homens espanhóis são orgulhosos e corretos. Uma vez o vovô me contou que o tio Hosay também tem sangue de índio. E o vovô disse que esses índios eram ainda mais orgulhosos do que os espanhóis. Vovô me deu uns livros sobre eles, com gravuras. Gosto do jeito que eles desenharam. A égua comprida é mais ou menos no estilo deles...?"

Interrompi, comentando: "Então também tem alguma coisa do tio Hosay no desenho. Mas, seu moleque travesso, você pulou a sua vez de adivinhar o desenho nº 3. Sua vez". Ficou meio emburrado. "Esse negócio de adivinhação é uma chatice. Bom, tem três coisas ou objetos. Não! Uma é minha (a caneca). A segunda é da mamãe. É um sorvete de casquinha. E a terceira é o bulbo para plantar. Sabe do que estou falando?" "Sei, aqueles que se plantam no jardim." "Isso, tio, ou num vaso, se for dentro de casa. Tio Hosay vive plantando, mesmo se estiver de bom humor ou mal humor. Quando mamãe quer ficar sozinha e quer se livrar da gente ela sempre diz: Don, você não quer ir plantar alguma coisa com Juan? Sempre é gostoso trabalhar com tio Hosay. Ele não fala muito. Todo mundo vive falando." "Talvez ele não tenha chance, como eu hoje", acrescentei. "Tá bom, tio. Vou fazer outro desenho. Um novo." Fez o nº 4, assinou embaixo e disse, rindo: "Mamãe vai gostar desse".

"É sua vez, Juan, por favor." "Quer dizer: Não tenho nenhuma preocupação... Esse está bom." Saiu apressadamente para mostrá-lo para a mãe, e voltou deixando-o com ela. "Você não adivinhou meu desenho. Volta para pegar?" "Não se preocupe. Fico contente que ele esteja com a mamãe. Faz companhia para ela até o Dr. X chegar." "A mamãe está ocupada, lendo seus livros. Você tem muitos li-

vros, tio. Todos os Trots, inclusive tio Hosay, vivem lendo, o tempo todo. Me aborrece. Gosto de ficar fora, fazendo uma porção de coisas. Por isso fico mais tempo com a vovó do que com os outros. Ela pinta bastante, e também cultiva plantas em vasos. Muito bonitos. Ela está ensinando mamãe a cultivar agora." "Eu pensava que a mamãe já tinha cultivado a sua parte", disse eu, pausadamente. Mas Juan não pegou. Disse: "Faço mais um desenho, aí a gente termina e vai ficar com mamãe na sala grande".



Fig. 4

Gastou um bom tempo fazendo o desenho nº 5. Não conseguia decidir se acrescentava mais alguma coisa. Considerei que essa hesitação representava sua dúvida em relação ao que me contaria e o que guardaria para si. Quando decidiu não acrescentar mais nada, comentou: "Bem, tio, aqui está. Depressa, por favor. Estou cronometrando as 'adivinhações' agora". "Seu capeta." "O que é um capeta?" "Uma pessoa como você: travesso, brincalhão e animado, um amigo e um bom menino, tudo junto." Juan riu. "Essa é boa. Capeta. Vou me lembrar disso. Posso chamar o vovô de capeta?" "Não. Você só pode chamar de capeta uma pessoa da sua idade ou mais jovem, mas não as mais velhas." "Droga, você às vezes é um estraga-prazeres, tio. Se você não tivesse dito, o vovô não ia saber e eu também não. Agora vai ser feio chamar o vovô assim." Você é terrivelmente precoce, Juan, pensei comigo. Mas, como sua mãe, diz a verdade. Você cria e guarda suas privacidades não falando, não comendo... "Tio, estou esperando."

Nesse momento, introduzi o tema dos nomes, lentamente: "No

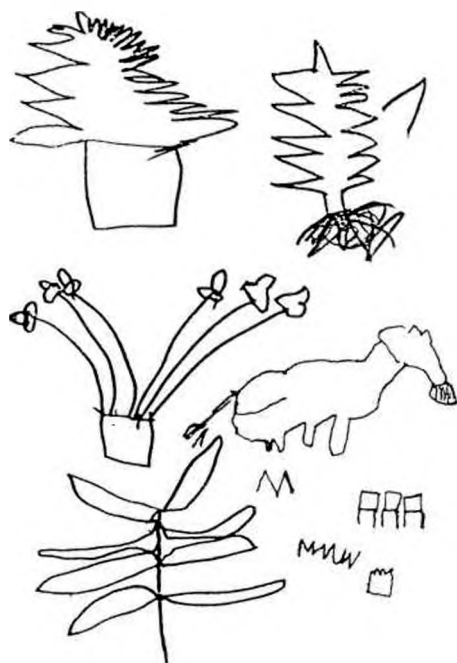


Fig. 5

alto, à esquerda: uma planta de fora, num terraço eu diria, não no jardim." Juan tinha se levantado e se colocou a meu lado para olhar também. "Uma árvore no jardim (no alto, à direita). Três flores, e três flores de novo; separadas em dois ramos, no mesmo vaso. Um cavalinho; parece preocupado, olhando para mim." "Muito bom, tio. Essa é a minha égua. Continue." Uma árvore voadora com oito galhos. "Você é engraçado, tio. Diga mais." "Três casas, uma mais afastada, duas mais próximas uma da outra." Fiz uma pausa, deliberadamente. Juan incitou-me: "Diga mais, tio, por favor." "Estou na dúvida. Ajude-me um pouco, por favor, Juan." Pegou o papel. "Veja, tio, três cadeiras, embaixo à direita, como você diria." Parou. "Mas estão vazias, Juan." "Mas cada um sabe qual é a sua. A da esquerda é da mamãe. Depois está o tio Hosay e depois eu, Juan", disse, iluminado. "Entendeu?" "Sim, Juan, entendi, e muito mais." "Que mais?" "Posso dar um nome para o seu desenho?" "Tudo bem, mas não escreve no desenho. Quero mostrar para mamãe, vovó, vovô, tio Hosay e para titia, do jeito que está. As nossas cadeiras lá em casa

são vermelhas. Qual é o nome?" "Sabe, Juan, todas essas coisas diferentes devem ocupar muito espaço, dentro e fora. Por isso vou dar esse nome: 'Cadeiras vazias, amplos espaços' ". Juan riu. "Você é um homem engraçado, tio. Vou sentir saudades de você".

Depois fomos nos encontrar com você e Lucia Hosay. O resto você sabe. Mais uma observação, para terminar. Nomear as coisas, ou chamar as pessoas com nomes novos, nas consultas, tem para mim uma função muito particular. Por exemplo, ao chamar Juan de Don Juan por duas vezes é como se eu tivesse dado minha bênção para a mudança de nome para Don Hosay. Não disse nem mais uma palavra mais explícita do que isso. Ele entendeu o recado. Não interpretei nada explicitamente para Juan. Uma vez em aberto entre nós, e significamente nomeadas, como caneca, vasos, louça, régua comprida, comida, espaços, cadeiras, deixei para Juan continuar fazendo suas conexões, agora e mais tarde. Tenho certeza de que por muito tempo ele vai se lembrar dessa consulta. Tenho, obviamente, alguns receios e apreensões quanto a precocidade dele. Sei que será uma longa espera até que ele possa integrar todos três em si mesmo, como um *pessoa-self* total: Juan Hosay. Agora ele só tem rabiscos e traços e acredita que é assim. Não tem escolha. Adeus, Don Juan, viajante!, eu disse para ele.

Da minha carta para Lucia Hosay, escrita depois de um telefonema dos três, Lucia, Juan e Don Hosay:

Foi um prazer ouvir suas vozes felizes da Espanha. É verdade, o tempo úmido e frio da Inglaterra não deve ter sido muito divertido para Juan. Espero que o congresso esteja sendo bom para vocês. Estou anexando uma cópia da carta que escrevi para o Dr. X.

Você me pediu para te escrever dando minha opinião sobre se seria o caso de você e Don Hosay insistirem para Juan voltar para a escola pelo restante do semestre de verão ou não. E também sobre suas *relutâncias* alimentares (não são *problemas*, ainda!). Quanto a esta última questão, eu diria que Juan está brincando de *ser gente grande*, de se juntar aos adultos. Ele é um menino alegremente, mas diabolicamente, precoce. Acho que isso não deve ser explorado, mas também não deve ser ignorado. Deixe-o recusar o que lhe apraz recusar. Por favor, não faça disso um caso com ele. As recusas constituem uma grande parte da maneira pela qual as crianças procuram e descobrem seu próprio self e personalidade. Da mesma forma como você faz ao ler seus livros. As crianças da idade dele aprendem mais estudando em livros tematicamente ilustrados. Juan mostrou-se interessado em pictogramas índio-mexicanos. Vi um livro ilustrado maravilhoso sobre arte e lendas mexicanas na casa de um amigo espa-

nhol recentemente. Foi publicado pela Abrams de Nova York. Você está indo a Nova York. Compre um para Juan, e mande-me um exemplar, por favor. Agradeço.

A questão da escola é mais complexa. Pelo que entendi do que Juan me disse, ele frequenta duas escolas. Uma acadêmica (como denominei), e outra de equitação. Ele quer voltar para as aulas de equitação, mas a acadêmica é um problema para ele. Ele é mais inteligente que a maior parte das crianças; acha que elas são, como ele diz, "bobas e estúpidas". Se o ano que vem ele for para a classe de crianças um ano mais velhas, ele irá bem. Tenho certeza disso. Portanto, não o force a voltar à escola, neste semestre. Juan gostaria de passar mais tempo do *dia* no jardim com o jardineiro e seu filho. Ele diz que tio Hosay vai para o jardim só à noite, quando esfria repentinamente. Acho que ele deveria passar mais tempo com o jardineiro e o filho, no jardim. Dessa forma ele terá uma experiência diferente da dos adultos, que fazem coisas diferentes. Vocês ficam a maior parte do tempo "com os livros" (disse ele). Ele gosta de estar fora; deixe-o aproveitar bastante.

Depois, ele não quer aprender a jogar beisebol. Diz que é jogo de gringo. De fato, ele não liga para as crianças americanas. Mima-das demais e "não muito educadas", contou-me. Concordei com ele. Ele fica muito mais feliz cavalgando. Por favor, encoraje-o a cuidar ele mesmo de sua égua, polir os arreios e ferraduras. Falei para ele que ainda era muito novo para usar botas de equitação, como o tio Hosay e o vovô. O capeta saiu-se com essa: mas posso usar botas comuns sobre meus jeans, à maneira mexicana. É, pode, respondi. Prometi que lhe daria um par de botas de equitação quando fizesse dezoito anos. É bom esperar por alguma coisa que a gente quer. E com uma inquietante inocência, ele me perguntou: você ainda estará vivo, tio? Sorri, e disse: mesmo que eu não esteja, meu testamento providenciará. Vou escrever agora no meu testamento: "Um par de botas de equitação pretas, da Hermes de Paris, para um certo Juan Hosay do México, a ser feito sob medida e entregue no ano do Senhor de 1992; de Masud Khan, no momento, espera-se, residente no Paraíso, Bloco D, apartamento 18, 3º andar. Bata três vezes e entre". Juan quase morreu de rir. Ele acha que sou muito engraçado. Eu também. Você não. Como Juan diria: o voto da minoria não conta. Por favor, não deixe passarem outros seis anos para nos vermos...

Saudações afetuosas para você, Juan e Dom Mexicano.

4

Um homossexual desanimador

*A água morna me lembra
toda manhã
de que não tenho nada
vivo ao meu redor.*

GEORGE SEFERIS*

“Nasci num gueto judeu em Chicago. Foi um erro. É o que meus pais iriam me dizer. Um terrível engano. Eram refugiados russos, deploravelmente pobres e determinados a permanecer assim. Meu pai nunca trabalhou um dia sequer. Trabalhava duro à noite. Na cama. Resultado: treze filhos em quinze anos de casamento. Mamãe sempre nos dizia que nunca gostou de sexo. Eu amava mamãe. Meu pai morreu antes que eu pudesse odiá-lo. Isso me fez muito mal na vida. Era um trotskista exaltado. Tínhamos muitos deles jogados no nosso apartamento. Polacos, hispânicos da América do Sul e russos. A única coisa que tinham em comum era o cheiro. Um cheiro horrível de mofo, que piorava no verão. Trepavam uns com os outros, a qualquer hora do dia ou da noite. Nós todos, as crianças, observávamos com diversão. Para

* No original, *The warm water reminds/ me each morning/ that I have nothing else/ alive near me.* (N. da T.)

nós parecia bobo e engraçado. Sou o mais novo dos treze. Daí um engano. Não de intenção, mas de biologia. Minha mãe achou que não podia conceber e não usou o contraceptivo. O contraceptivo era enfiar um trapo no rabo. Vi minhas duas irmãs se prepararem assim. Várias vezes. Nossa família era liberal. Sexo era a única coisa que tínhamos em abundância. Elas eram bem mais velhas que eu. Dos treze filhos, dez morreram antes dos três anos. De subnutrição ou friagem, ou ambos: difícil dizer.

“Quando entrei nisso tudo, eu era o único filho homem. Minhas irmãs eram treze ou catorze anos mais velhas do que eu. Todos no apartamento amavam-me. Alguns exageravam, e me faziam chupá-los. Com nove anos chupei minha primeira ereção. Na primeira vez fiquei assustado. Perdi minha virgindade aos onze. Sangrei. Minha irmã mais velha disse que doía só na primeira vez. Passou vaselina em mim, e disse para usar sempre. Nunca usei. Muito lambuzado. Eu era entregador de jornais no gueto negro. Tínhamos muito em comum. Só que o pau deles é maior. As mulheres punham enchimentos nos suéteres. Não é um mito essa coisa dos negros nos Estados Unidos. O pau deles é maior mesmo, e fodem divinamente. Qualquer um em quem podem enfiar seu pau, seja um garoto, um homem, uma garota, uma velha solteirona. Um deles fodeu uma das minhas irmãs; não a mais velha. Ela começou a engordar. Papai perguntou: ‘Ele é gay?’ Minha mãe simplesmente suspirou: ‘O que uma pobre menina idiota tem para fazer para se divertir?’ Mamãe ainda não aprendeu a falar inglês. Saiu de Odessa com dez anos de idade. Desembarcou em Chicago com onze. Casou-se com treze. Continua forte cinquenta e cinco anos depois. A mana levou a porrada e o feto. Do feto ela se livrou, mas não da porrada. Teve que fazer uma histerectomia aos dezessete anos. Se você conseguir sobreviver à assistência médica beneficente de Chicago, pode sobreviver tanto ao Arquipélago Gulag como Belsen. Ela nunca se recuperou – vive em casa e cuida da mamãe. Papai morreu. Anonimamente; descobrimos que ele estava morto dois dias depois de sua morte.

“Durante a escola eu pagava minha parte. Fazia todo tipo de biscate. Era uma criança bonita. Não tinha nenhuma inibição com sexo. As cenas primárias nos prepararam para uma vida de sexo em todas as suas modalidades. Ganhei uma bolsa para a universi-

dade. Tornei-me redator da revista da faculdade. Foi aí que começou minha carreira de agente literário e escritor. Os negros de Washington me rabo-financiaram. Quer dizer, eu dava o rabo, eles davam o dinheiro. Quando terminei a faculdade, um político *goy* se amarrou em mim. Talvez meu único talento seja não perder nenhuma oportunidade. Ele não podia suportar a idéia de que os negros se revezavam comigo, e ele também. Eu nunca consegui recusá-los. Eram verdadeiramente ardentes e afetivos. Aprendi com o tempo. Freud tem razão: a abstinência estimula o apetite e a luxúria. O *goy* me despachou para Barcelona, para um hispano-americano, que me acolheu em seus braços. Um escritor esquerdistista, que se apaixonou por mim à primeira vista. Dave não era um homossexual. Não um homossexual propriamente. Fiquei com ele desde então, sem castidade (sou incuravelmente promíscuo). Já faz vinte anos. Vou ficar até o meu fim.

“O fazedor de cabeças parisiño te contou por que fui procurá-lo? Foi Dave que me mandou. Fiz uma resolução de Ano Novo: a de terminar com a minha vida, no meu aniversário de cinquenta anos (é o que terei em agosto; faltam cinco meses para minha *retirada eterna*). Conte para Dave. Ele tentou me persuadir a abandonar essa idéia louca. O fazedor de cabeças pensava que eu estava chantageando Dave, o parceiro, que me mantém. Não é verdade. Dave me dá tudo o que desejo. E toda liberdade também. A única coisa é que tenho que voltar para casa toda noite, e nunca deixá-lo sozinho. O que não é difícil fazer. Dave tem esse medo, de morrer sufocado num sonho, desde os oito anos de idade. Durmo com ele. Ele fica acordado até eu chegar. Fez análise em todas as capitais do mundo. Ninguém conseguiu fazer nada com esse sintoma. Ele é um escritor bem-sucedido, e tem recursos próprios. Temos um apartamento em Paris e uma casa na praia, na Espanha. Ele vive com estilo. Nos países fascistas, os poucos que têm dinheiro têm poder, e vice-versa, e esses *goys* vivem em grande estilo. Comprovei isso em Madri, Paris, Berlim, Atenas, Praga, Budapeste, Roma, Cannes, Varsóvia, Japão, Moscou. Na Índia também.

“Viajei muito com Dave. Tenho que ir para todo lugar com ele. Ele coleciona fobias como algumas pessoas colecionam borboletas. Temos sido felizes juntos. Ele nunca perde a calma. Pode

ser muito cruel. Sou muito calculista, mas pendendo pro histérico. Eu tenho um sonho; é o mesmo sonho que se repete, só o cenário muda, dependendo do lugar em que estou. Uma pessoa caminha pisando duro, no escuro. Vai chegando cada vez mais perto de mim. Começo a ficar ofegante. Vejo um punhal em sua mão. Ele vai enfiá-lo no meu rabo, penso. Acordo gritando. E toda vez vejo que eu estou segurando meu pau ereto e que gozei. Nunca tenho ereção, de jeito nenhum, acordado ou dormindo, só quando tenho esse sonho. Sou um homossexual passivo. Totalmente passivo. Nunca quis que ninguém me chupasse. Acariciar-me sim! O que você está rabiscando o tempo todo nesse papel?

“Então, esse fazedor de cabeças conversou com Dave umas três semanas atrás. Disse que não conseguiu me dissuadir de cometer suicídio. Não podia ajudar mais. Dave perguntou: ‘E quem você acha que poderia?’ Ele disse para Dave que tinha esse *Monsieur* em Londres, um príncipe e muito conhecido como analista. Ele poderia, mas não aceita facilmente pacientes de outros. O fazedor de cabeças deu para Dave algumas publicações de trabalhos seus, em francês, alemão, inglês, italiano e espanhol. A princípio, fiquei muito impressionado com o número de línguas nas quais você escrevia. Posso falar em seis línguas: russo (minha língua materna), inglês, espanhol, francês, alemão e italiano. Mas só escrevo em inglês. Dave me desiluiu. Você também escreve só em inglês. Todas as outras são traduções do inglês. Mesmo assim, certamente você circula. Isso me dá fé e confiança em você. Talvez você possa ajudar. Sei que você cobra caro. Podemos pagar, Dave e eu. E você, pode me atender?”

Falei, nesse momento, depois de ter escutado o Sr. Luís por mais de setenta minutos (só uma parte está colocada acima). “Sim, acho que eu poderia te tratar, mas eu não acredito que queira. Você não está doente, nem neurótico, e não é o meu tipo de paciente. Tenho pouco a aprender com você. E nem mesmo é um verdadeiro perverso. Apenas um moleque ídiche atrapalhado que começou a envelhecer de repente, e está morrendo de medo de envelhecer mais ainda. Acredito que você tenha mesmo sido uma criança bonita e um belo rapaz, com seus olhos negros e brilhantes, o cabelo escuro você devia ser, suponho, elegantemente acinturado e parecido com uma mulher alta, um metro e setenta,

um metro e setenta e pouco. Você conquistou seu direito de morrer antes que comece a apodrecer. O que certamente vai acontecer. *E* você sabe disso. Dave também. Por baixo dessa sua maquiagem pesada você já está murcho e enrugado. É bastante ridículo, não é, na sua idade, se pintar desse jeito todo dia. Você se veste quase elegantemente, mas o gueto grita, aqui e ali, nas cores fortes e descombinadas. *E* seu prendedor de gravatas, suas abotoaduras e seu único dente (o canino superior esquerdo encapado) são de ouro. *E* isso é tudo o que você vale. O resto é: fui e era. Meras reminiscências. Não, não acho que eu ao menos queira tentar ajudá-lo. *E também* acho que para mim seria mais difícil do que para alguns de meus colegas ídiches, aqui em Londres. Alguns dos melhores analistas que você pode encontrar clinicam em Londres. Você é um bom paciente, só que de pouco valor. *E* isso é tudo. Você não vai se matar. Pode ser que alguém te mate; quer dizer, te perfure no lugar errado...

Ele perguntou: “Por que você mesmo não me trata? Me ajudaria saber isso. Vou procurar quem você indicar. Mas, por favor, diga-me por que você não quer e não vai me ajudar. É porque sou um judeu? Não tenho classe, uma mera bicha que veio do nada. Para as suas narinas eu fedo. Posso sentir isso. Mas você é um profissional, devia ser capaz de ficar acima dessas coisas. Preciso de ajuda. Pago por ela e você tem o que oferecer. Por que, então, recusa?”

Devagar e cerimoniosamente enchi meu cachimbo e depois de acendê-lo disse: “Você acertou em muitos pontos. Não sou de muita utilidade e não tenho nenhuma admiração por *self-made* judeus que se fazem de artistas, ateístas, escritores e dançarinos. Por alguma razão, os atores se dão bem na América. Tenho encontrado os mais variados tipos por aí. Até mesmo em Moscou. Os ídiches certamente sabem como subir na vida. Minha profissão não é uma exceção. Mas, sim, posso ficar acima disso tudo. Você não seria o primeiro judeu do qual eu trataria. Quanto ao aspecto classe: bem, não há classe na América; portanto, isso não conta como uma indicação negativa no seu caso. Quanto às bichas, especialmente os velhos empetecados, encham-me de repugnância e desprezo. Já encontrei muitos como você. São todos iguais no *Jet Set* Homossexual Internacional. Não é assim que

você dizem? Já tratei de muitos judeus e não-judeus da mesma plumagem decadente. Portanto, não é isso”.

Luís perguntou: “Então, o que é?”

“Por que você quer ser humilhado por mim, insistindo numa resposta...? Bem, já que você não vai desistir, vou lhe dizer. É que você é uma pessoa que tem muito pouco senso de privacidade, em todos os sentidos, em todos os contextos. E isso é uma coisa que não posso curar imediatamente. E não consigo me relacionar com uma pessoa se não existe nela alguma capacidade ou necessidade de privacidade. Portanto, é melhor deixar que alguma outra pessoa trate de você. E ainda mais: eu tenho uma desvantagem adicional que é o fato de ser tudo o que você não é, e você é tudo aquilo que eu nunca poderia ser.”

Inclinando o corpo para a frente, perguntou: “Como por exemplo?”

Eu disse: “Está bem. Se você sente prazer em pagar para ser humilhado, lá vai. Olhe para cada um de nós. Sou alto, bonito, um bom jogador de pólo e de squash. Em forma. Tenho apenas quarenta e um anos. Muito rico. Nascido numa família nobre. Extremamente bem casado com uma artista famosa. Tenho meu próprio estilo de vida. Sou um muçulmano do Paquistão. Estou profundamente enraizado em três culturas, na do Punjab da Índia Setentrional, na da Índia Rajpute e na da Pérsia. Portanto, onde você e eu nos encontramos, Sr. Luís? Podemos nos encontrar? E *como*? Não se trata de *por quê*. Embora exista um *porquê* também. Eu não quero nem preciso do seu ‘Posso pagar’. Você não pode me seduzir como tem seduzido todo mundo. Não porque eu seja melhor do que eles, mas apenas porque sou *diferente*. E essa *diferença* tem uma grande importância para mim. Por que perder seu tempo e dinheiro por puro amor-próprio ferido, Sr. Luís?”

Ele disse: “Deixe eu cuidar disso. Só mais uma coisa, antes de você me mandar embora. Posso ver que a luz está acendendo e apagando no corredor. Deve ser seu empregado. Um rapaz bonito. Tudo é de incrível bom gosto à sua volta. Não estou lisonjeando-o. Nada me impressiona tanto quanto estilo. E você tem. Diga-me, rapidamente, por que você acha que eu me mataria no meu aniversário de cinquenta anos?”

Encarei o Sr. Luís, esperando que desistisse. Ele não desistiu. Portanto, falei: “Bem, se é assim que você quer. Está pagando. Como dizem na sua terra: o freguês sempre tem razão. E você é mais ^{do}do que um freguês, e menos do que um paciente. Acho que você quer se matar por uma razão apenas. Você não é *procriativo*, física e literalmente. Se você fosse uma garota, bonita e exuberante como seria, e tivesse vivido por vinte anos com um homem que a amasse, teria tido pelo menos três, se não treze, filhos para exibir, e não apenas algumas reminiscências indecentes. Se, por alguma razão, o seu *homem* não tivesse sido capaz de lhe dar um bebê, algum, entre muitos outros, teria. Mas não, Sr. Luís! Depois de quase vinte anos você não tem nada, não conseguiu nada. E hoje você é um corpo murcho. A boca e o rabo dão prazer, mas não podem procriar. A natureza fez a escolha errada para você. Por isso sinto-me triste por você. E, Sr. Luís, você tem todo o direito de punir a natureza”.

Percebi que o Sr. Luís tinha começado a chorar silenciosamente. Eu tinha terminado. Levantou-se, pegou seu guarda-chuva de seda cuidadosamente enrolado e suplicou: “Por favor, conceda-me mais uma consulta. Isso é tudo o que peço”. Comentei: “Que desprezível, Sr. Luís; mas está bem. Ligue para minha secretária hoje entre três e cinco horas e marque com ela. Deus te acompanhe, Sr. Luís.” Mesmo enquanto dizia isto me perguntava por que estava dando para esse caráter falso e sujo mais uma chance de gastar duas horas tagarelando indecentemente sobre seu não-ser.

O Sr. Luís tinha a pele bem morena. “Como você tem essa compleição escura, quero dizer, o tom de pele?” “De ficar deitado na praia, de costas!” O bastardo, pensei então. O que me faz lembrar de outro detalhe desagradável de suas reminiscências. Mamãe (como o Sr. Luís a chamava) tinha sido fiel a papai, não por lealdade, mas por preguiça. Certa vez ela dissera para a mana Liz: “Não deixe eles te abrirem demais. Todos fazem isso, mas de formas diferentes. Melhor ficar com um *goy*. Os negros fazem de jeitos diferentes, com a mesma mulher. Os *goys* não. Os *goys* fazem muitas obscenidades, mas fazem menos. E dormem depois. Os negros querem ficar acordados e dançar e comer até a próxima”.

Interrompi o fluxo das lembranças do que mamãe dizia, comentando asperamente: “O que sua mãe dizia você agora atua. Não vejo graça nisso. Portanto, deixe isso de lado. Você já é suficientemente deplorável; não torne as coisas piores, cara. Não é assim que os negros em Chicago falam?” “Você com certeza andou por aí, Khan. E tem boa memória. Estranho que alguém como você tenha ido a tais lugares. Mas um homem vai a qualquer parte seguindo uma mulher. Chamam isso de amor”.

Deixei bem claro: “Mais um comentário de caráter pessoal sobre mim, minha mulher, meus empregados e minhas coisas, e eu te jogo para fora daqui, seu judeu miserável. Vá procurar um dos seus. Há milhares deles por aí, iguais a você. Sim, sou anti-semita. E quer saber por quê, Sr. Luís? Porque sou um ariano e acredito que todos vocês morreram quando Jesus, por puro desânimo – e ele era um de vocês – subiu ao Paraíso, deixando-os aos cuidados mordazes de Hitler, Himmler e aos crematórios. Não choramingue, Sr. Luís; como todos da sua raça, vocês sobreviverão e continuarão a importunar os outros com suas lamentações. Interessante como vocês ídiches/judeus são. Também têm seu estilo. Só que juntaram muito limo na bunda. O rosto pode ser escondido com maquiagem. Você me escuta, Sr. Luís? Não é difícil alardear obscenidades. Certo? Posso ser muito hábil nisso às vezes, quando sou provocado. Mas pra que isso, com você? Jogar seus jogos imundos conforme suas regras. Mesmo assim, te escutarei mais uma vez e, depois, decidirei. Até logo de novo, Sr. Luís. Não fique enrolando no hall, por favor. Tente, ou pelo menos finja que respeita os direitos e a privacidade dos outros. Até logo; até nosso próximo encontro, se nos encontrarmos”.

O Sr. Luís se apresentou para a segunda consulta vestido de outra forma. Roupas à vontade, caras: sem prendedor de gravata e abotoaduras de ouro, ou gravata extravagante. O dente de ouro, obviamente, não podia esconder. Quase nada de sombra nos olhos. Como já disse, tinha uma compleição escura. Tinha me esquecido que seus pais eram originários de Odessa. Começou dizendo: “Todos e tudo à sua volta é bonito, simplesmente bonito... Até mesmo seu empregado. E esses Braques e Giacometis na parede... Simplesmente lindo”. Estava determinado a manter minha

calma, e disse: "Por favor, Sr. Luís, sem comentários pessoais ou paramos por aqui. Sou sua última chance. Proteja-me de você mesmo. Sim, Sr. Luís, proteja-me. Se eu tiver que fazê-lo, será muito desagradável e triste para você. Aproveite a chance que estou te dando. Você se gabou de seu talento: aproveitar ao máximo as oportunidades. Prove-me!" O Sr. Luís começou a chorar novamente. Refez-se e partiu.

Naquela mesma noite, Dave me ligou. Aceitei a ligação. Se não fosse inoportuno, gostaria de conversar comigo antes que o Sr. Luís partisse para Paris e Barcelona. Tinham muitas coisas para acertar, agora que eu tinha aceito tratar o Sr. Luís, pelo menos até as férias de Natal.

Atendi Dave no dia seguinte. Um texano alto, um rosto bonito e emaciado. Percebi que Dave, como eu, era tudo o que o Sr. Luís não era, e nada do que o Sr. Luís era. Ele mobilizava em mim sentimentos de preocupação e cuidado. Contou-me que era um tipo misturado: católico-romano na fé, e marxista-leninista no estilo de vida. A única coisa que não encaixava era sua fortuna, que herdara. Introduzi: "E o Sr. Luís, como você bem sabe".

Conversei com Dave apenas uns quarenta minutos, que era todo o tempo de que dispunha naquela dia. Não assumi a postura do analista profissional de renome internacional. Disse para Dave que, por enquanto, não tinha nenhum compromisso com o Sr. Luís em termos de resguardar sua privacidade, o que acontecerá quando ele começar sua análise dentro de quinze dias. Disse-lhe, também, com toda franqueza, que eu temia que o Sr. Luís viesse a machucá-lo profundamente; e que me colocava disponível, se isso viesse a acontecer durante a análise do Sr. Luís. "Sou, e sinto-me, responsável por você, Dave. Vou te dar cobertura." Quando Dave me contou que estaria completando sessenta anos, que era exatamente dez anos mais velho que o Sr. Luís, *pude penetrar* toda a malícia e a maldade da resolução do Sr. Luís de matar-se quando completasse cinquenta anos. Não se tratava de chantagem, como pensara o psiquiatra parisiense. Era uma tentativa explícita de assassinar Dave. Disse-lhe isso, e pedi que contasse para o Sr. Luís o que eu havia dito.

você dizem? Já tratei de muitos judeus e não-judeus da mesma plumagem decadente. Portanto, não é isso”.

Luís perguntou: “Então, o que é?”

“Por que você quer ser humilhado por mim, insistindo numa resposta...? Bem, já que você não vai desistir, vou lhe dizer. É que você é uma pessoa que tem muito pouco senso de privacidade, em todos os sentidos, em todos os contextos. E isso é uma coisa que não posso curar imediatamente. E não consigo me relacionar com uma pessoa se não existe nela alguma capacidade ou necessidade de privacidade. Portanto, é melhor deixar que alguma outra pessoa trate de você. E ainda mais: eu tenho uma desvantagem adicional que é o fato de ser tudo o que você não é, e você é tudo aquilo que eu nunca poderia ser.”

Inclinando o corpo para a frente, perguntou: “Como por exemplo?”

Eu disse: “Está bem. Se você sente prazer em pagar para ser humilhado, lá vai. Olhe para cada um de nós. Sou alto, bonito, um bom jogador de pólo e de squash. Em forma. Tenho apenas quarenta e um anos. Muito rico. Nascido numa família nobre. Extremamente bem casado com uma artista famosa. Tenho meu próprio estilo de vida. Sou um muçulmano do Paquistão. Estou profundamente enraizado em três culturas, na do Punjab da Índia Setentrional, na da Índia Rajpute e na da Pérsia. Portanto, onde você e eu nos encontramos, Sr. Luís? Podemos nos encontrar? E como? Não se trata de *por quê*. Embora exista um porquê também. Eu não quero nem preciso do seu ‘Posso pagar’. Você não pode me seduzir como tem seduzido todo mundo. Não porque eu seja melhor do que eles, mas apenas porque sou *diferente*. E essa *diferença* tem uma grande importância para mim. Por que perder seu tempo e dinheiro por puro amor-próprio ferido, Sr. Luís?”

Ele disse: “Deixe eu cuidar disso. Só mais uma coisa, antes de você me mandar embora. Posso ver que a luz está acendendo e apagando no corredor. Deve ser seu empregado. Um rapaz bonito. Tudo é de incrível bom gosto à sua volta. Não estou lisonjeando-o. Nada me impressiona tanto quanto estilo. E você tem. Diga-me, rapidamente, por que você acha que eu me mataria no meu aniversário de cinquenta anos?”

Encarei o Sr. Luís, esperando que desistisse. Ele não desistiu. Portanto, falei: “Bem, se é assim que você quer. Está pagando. Como dizem na sua terra: o freguês sempre tem razão. E você é mais do que um freguês, e menos do que um paciente. Acho que você quer se matar por uma razão apenas. Você não é *procriativo*, física e literalmente. Se você fosse uma garota, bonita e exuberante como seria, e tivesse vivido por vinte anos com um homem que a amasse, teria tido pelo menos três, se não treze, filhos para exibir, e não apenas algumas reminiscências indecentes. Se, por alguma razão, o seu *homem* não tivesse sido capaz de lhe dar um bebê, algum, entre muitos outros, teria. Mas não, Sr. Luís! Depois de quase vinte anos você não tem nada, não conseguiu nada. E hoje você é um corpo murcho. A boca e o rabo dão prazer, mas não podem procriar. A natureza fez a escolha errada para você. Por isso sinto-me triste por você. E, Sr. Luís, você tem todo o direito de punir a natureza”.

Percebi que o Sr. Luís tinha começado a chorar silenciosamente. Eu tinha terminado. Levantou-se, pegou seu guarda-chuva de seda cuidadosamente enrolado e suplicou: “Por favor, conceda-me mais uma consulta. Isso é tudo o que peço”. Comentei: “Que desprezível, Sr. Luís; mas está bem. Ligue para minha secretária hoje entre três e cinco horas e marque com ela. Deus te acompanhe, Sr. Luís.” Mesmo enquanto dizia isto me perguntava por que estava dando para esse caráter falso e sujo mais uma chance de gastar duas horas tagarelando indecentemente sobre seu não-ser.

O Sr. Luís tinha a pele bem morena. “Como você tem essa compleição escura, quero dizer, o tom de pele?” “De ficar deitado na praia, de costas!” O bastardo, pensei então. O que me faz lembrar de outro detalhe desagradável de suas reminiscências. Mamãe (como o Sr. Luís a chamava) tinha sido fiel a papai, não por lealdade, mas por preguiça. Certa vez ela dissera para a mana Liz: “Não deixe eles te abrirem demais. Todos fazem isso, mas de formas diferentes. Melhor ficar com um *goy*. Os negros fazem de jeitos diferentes, com a mesma mulher. Os *goys* não. Os *goys* fazem muitas obscenidades, mas fazem menos. E dormem depois. Os negros querem ficar acordados e dançar e comer até a próxima”.

Interrompi o fluxo das lembranças do que mamãe dizia, comentando asperamente: “O que sua mãe dizia você agora atua. Não vejo graça nisso. Portanto, deixe isso de lado. Você já é suficientemente deplorável; não torne as coisas piores, cara. Não é assim que os negros em Chicago falam?” “Você com certeza andou por aí, Khan. E tem boa memória. Estranho que alguém como você tenha ido a tais lugares. Mas um homem vai a qualquer parte seguindo uma mulher. Chamam isso de amor”.

Deixei bem claro: “Mais um comentário de caráter pessoal sobre mim, minha mulher, meus empregados e minhas coisas, e eu te jogo para fora daqui, seu judeu miserável. Vá procurar um dos seus. Há milhares deles por aí, iguais a você. Sim, sou anti-semita. E quer saber por quê, Sr. Luís? Porque sou um ariano e acredito que todos vocês morreram quando Jesus, por puro desânimo – e ele era um de vocês – subiu ao Paraíso, deixando-os aos cuidados mordazes de Hitler, Himmler e aos crematórios. Não choramingue, Sr. Luís; como todos da sua raça, vocês sobreviverão e continuarão a importunar os outros com suas lamentações. Interessante como vocês ídiches/judeus são. Também têm seu estilo. Só que juntaram muito limo na bunda. O rosto pode ser escondido com maquiagem. Você me escuta, Sr. Luís? Não é difícil alardear obscenidades. Certo? Posso ser muito hábil nisso às vezes, quando sou provocado. Mas pra que isso, com você? Jogar seus jogos imundos conforme suas regras. Mesmo assim, te escutarei mais uma vez e, depois, decidirei. Até logo de novo, Sr. Luís. Não fique enrolando no hall, por favor. Tente, ou pelo menos finja que respeita os direitos e a privacidade dos outros. Até logo; até nosso próximo encontro, se nos encontrarmos”.

O Sr. Luís se apresentou para a segunda consulta vestido de outra forma. Roupas à vontade, caras: sem prendedor de gravata e abotoaduras de ouro, ou gravata extravagante. O dente de ouro, obviamente, não podia esconder. Quase nada de sombra nos olhos. Como já disse, tinha uma compleição escura. Tinha me esquecido que seus pais eram originários de Odessa. Começou dizendo: “Todos e tudo à sua volta é bonito, simplesmente bonito... Até mesmo seu empregado. E esses Braques e Giacometis na parede... Simplesmente lindo”. Estava determinado a manter minha

calma, e disse: "Por favor, Sr. Luís, sem comentários pessoais ou paramos por aqui. Sou sua última chance. Proteja-me de você mesmo. Sim, Sr. Luís, proteja-me. Se eu tiver que fazê-lo, será muito desagradável e triste para você. Aproveite a chance que estou te dando. Você se gabou de seu talento: aproveitar ao máximo as oportunidades. Prove-me!" O Sr. Luís começou a chorar novamente. Refez-se e partiu.

Naquela mesma noite, Dave me ligou. Aceitei a ligação. Se não fosse inoportuno, gostaria de conversar comigo antes que o Sr. Luís partisse para Paris e Barcelona. Tinham muitas coisas para acertar, agora que eu tinha aceito tratar o Sr. Luís, pelo menos até as férias de Natal.

Atendi Dave no dia seguinte. Um texano alto, um rosto bonito e emaciado. Percebi que Dave, como eu, era tudo o que o Sr. Luís não era, e nada do que o Sr. Luís era. Ele mobilizava em mim sentimentos de preocupação e cuidado. Contou-me que era um tipo misturado: católico-romano na fé, e marxista-leninista no estilo de vida. A única coisa que não encaixava era sua fortuna, que herdara. Introduzi: "E o Sr. Luís, como você bem sabe".

Conversei com Dave apenas uns quarenta minutos, que era todo o tempo de que dispunha naquela dia. Não assumi a postura do analista profissional de renome internacional. Disse para Dave que, por enquanto, não tinha nenhum compromisso com o Sr. Luís em termos de resguardar sua privacidade, o que acontecerá quando ele começar sua análise dentro de quinze dias. Disse-lhe, também, com toda franqueza, que eu temia que o Sr. Luís viesse a machucá-lo profundamente; e que me colocava disponível, se isso viesse a acontecer durante a análise do Sr. Luís. "Sou, e sinto-me, responsável por você, Dave. Vou te dar cobertura." Quando Dave me contou que estaria completando sessenta anos, que era exatamente dez anos mais velho que o Sr. Luís, *pude penetrar* toda a malícia e a maldade da resolução do Sr. Luís de matar-se quando completasse cinquenta anos. Não se tratava de chantage, como pensara o psiquiatra parisiense. Era uma tentativa explícita de assassinar Dave. Disse-lhe isso, e pedi que contasse para o Sr. Luís o que eu havia dito.

O Sr. Luís encontrava-se num estado de espírito bastante submisso quando começou sua análise. Ele e Dave, contou-me, tinham alugado um apartamento espaçoso perto do meu consultório. Contrataram uma secretária para trabalhar para os dois. Tinham a opção de refazer o contrato por mais dois anos depois do Natal. Vangloriou-se: “Claro que sou eu que faço tudo. Dave é incapaz de fazer qualquer coisa. Só escreve”. Não pude deixar de humilhá-lo. Bem, ele paga muito caro por uma *Hausfrau*. Usei deliberadamente essa palavra, que ouvi em Stuttgart, para designar as bichonas velhas. Isso o pegou. Disse ele: “Você envolveu bem Dave em volta de seu dedinho feudal mongol muçulmano. Obedientemente. Estou correto, Príncipe Khan?” “Sim, Sr. Luís, muito correto. Só quero colocar que Dave, em sua pessoa, está muito mais a salvo enrolado no meu dedinho feudal mongol muçulmano do que jamais esteve quando envolvido ou dentro da sua bunda judaica imunda.” Ambos ficamos em silêncio, cada um inflamado com seu desprezo pelo outro. O ódio vicia, pensei. Agora tínhamos sido apanhados na armadilha de odiar e abominar um ao outro. Estranha aliança terapêutica.

Vou pular alguns meses de trabalho clínico entediante, não maçante. O Sr. Luís não cometeu suicídio. Dave, persuadido pelo Sr. Luís, deu uma festa em outubro (dois meses *depois* da data) para celebrar o abandono de um desejo mórbido. Frase de Dave. A minha para o Sr. Luís foi: “Então você não levou para frente o seu harakiri judeu! Teria sido um espetáculo maior do que sua festa ontem à noite. Mas, é claro, você não estaria lá para desfrutar – não que você seja capaz, ou se importe, de desfrutar de algo por muito tempo. E Dave seria seu carrasco. Agora ele tem uma longa espera para ser executado por você, enquanto você fica lamentando no Muro”.

Mas fomos seguindo, até o Natal. Nosso relacionamento melhorou. Ele me provocava menos, e eu o insultava menos. Sugerí que Dave, o Sr. Luís e eu deveríamos nos encontrar e conversar com franqueza se seria o caso de o Sr. Luís continuar sua análise comigo, ou se deveria procurar outra pessoa.

Encontramo-nos. Dave comentou que todos pensavam que o

Sr. Luís estava lucrando muito com a análise. Eu disse: “Se ele está, Dave, eu com certeza não estou. Para mim é uma tarefa. Vou diminuir para três sessões por semana. Vocês podem voltar para Barcelona. Estou pensando em atender o Sr. Luís às sextas, sábados e domingos – e vou dobrar meus honorários. Já são exorbitantes, sei disso. Ele pode muito bem ganhar algum extra em Barcelona. Aqui o Sr. Luís tem muito tempo livre à sua disposição. Literal e fisicamente, quero dizer. E este é seu único e principal sintoma: permissividade excessiva, não por desejo ou por lucro, mas por incapacidade e ódio de colocar limites e paredes em volta de sua própria pessoa. Ele não pode evitar, como uma criança. E isso tornou-se sua única especialidade. Repulsivo, não é, Sr. Luís? E, por favor, não comece a chorar novamente. Poupe Dave dessa humilhação”. E para Dave: “Por que você não o leva para Jerusalém, assim ele poderia esgotar esse choro falso no Muro das Lamentações?” Meu comentário feriu-o. “Vocês dois sentem-se tão bem um na companhia do outro. Cristão e muçulmano. Está bem, sou um judeu e vendo-me como um. É isso o que você tanto desdenha, não é, Príncipe Khan? Está bem, vou parar de me prostituir. Vou trabalhar em Barcelona. Sei trabalhar.” Tranqüilamente, eu disse: “E todos o respeitamos por isso, Sr. Luís”. Ai, meu Deus, será que esse homem não tem um pingão de juízo? O Sr. Luís ajoelhou-se e, teatralmente, levantou as mãos, olhou para o céu e orou:

“Oh Mary,
Mother of God,
Send my roots rain...”*

Terminante, eu disse: “Por favor sente-se em sua cadeira, menino levado, levado! Assim, assim, não se molhe... com lágrimas... Sim, Sr. Luís, conheço o último verso da sua oração. É de um poema de Gerard Manley Hopkins. Muito bom gosto, Sr. Luís. Então, o que decidem?”

Ficou combinado que o Sr. Luís viria às quintas, sextas e sábados, por um período máximo de dois anos. Este era todo o tempo que eu poderia dispor para ele.

* Oh Maria, mãe de Deus, mande chuva para minhas raízes. (N. da T.)

O Sr. Luís surpreendeu a todos, inclusive a mim. Depois de quatro meses de análise ele começou um *caso* com um rapaz espanhol, um órfão de dezessete anos. Era um rapaz cigano, meio espanhol, alto e muito bonito. Dave, o Sr. Luís e eu nos reunimos mais uma vez. Dave estava convencido de que ele estava realmente apaixonado. O rapaz, Mário, era “honesto” e queria estudar. Estava disposto a trabalhar meio período como *au-pair* e morar com eles. Falei para Dave: “Se você pode segurar essa, eu aceito”. Isto foi arranjado. Fim do segundo round. Separamo-nos para as férias de verão.

Durante a interrupção de agosto os acontecimentos tomaram um rumo que comoveu a todos (a mim, inclusive) e foram trágicos para o Sr. Luís. Mário e o Sr. Luís foram passar as férias de verão na Grécia. Dave foi para Hollywood, onde um de seus romances estava sendo filmado. Lá Dave teve um ataque agudo das fortes dores de cabeça cegantes, das quais vinha sofrendo há uns dois anos, com uma frequência cada vez maior. Foi internado numa clínica neurológica particular. Diagnosticaram um tumor cerebral inoperável. Dave tinha apenas alguns meses de vida. Prescreveram-lhe alguns analgésicos e injeções para os momentos em que a dor, quando o fim se aproximasse, se tornasse insuportável. Dave quis saber tudo. Contaram-lhe. Voltou para Barcelona e esperou o Sr. Luís e seu namorado voltarem de viagem. Quanta nobreza! Ligou-me pedindo uma consulta tão logo o Sr. Luís retornasse.

Atendi Dave e o Sr. Luís juntos. Dave era um esqueleto cadavérico do homem que eu tinha encontrado oito meses atrás. O Sr. Luís não conseguia dizer uma palavra sequer. Estava genuinamente traumatizado ouvindo o relato que Dave fazia de seu sofrimento. Eu também não encontrava palavras. Dave implorou para que eu deixasse o Sr. Luís ficar junto dele o tempo todo; pagaria todos os custos pelas minhas visitas à casa de praia na Espanha. O aeroporto distava apenas alguns quilômetros. Pedi a Dave que não implorasse; não ficava bem nele, e tanto me aviltava como me feria. Claro que eu viajaria com a maior frequência possível, mesmo que se fosse por um dia. Cobraria meus honorários normais e as despesas de viagem. Fazia isso tanto por Dave

quanto pelo Sr. Luís. E talvez também pelo jovem namorado. Disse: “Dave, permita que nós (querendo dizer o Sr. Luís, Mário e eu) tornemos o fim menos difícil para você. Você merece”.

Dave começou a chorar, soluçando muito. Pegou minha mão e beijou-a. O Sr. Luís não chorou. Estas lágrimas secas foram as únicas que derramou em toda sua vida e as únicas que poderia algum dia chorar. Despedimo-nos.

Dave morreu no dia de Natal, em sua casa à beira-mar, às cinco horas da tarde, exatamente no momento em que o sol se punha. Assim contou-me o Sr. Luís. Fora o que Dave mais apreciara em toda sua vida na Espanha: sentar-se na varanda do segundo andar de sua casa e olhar o sol desaparecer lentamente na escuridão do mar. O relato do Sr. Luís foi eloquente. Fui ao enterro, realizado três dias depois. Dave tinha expressado seu desejo de celebrar o Natal na intimidade; apenas os três – Dave, Sr. Luís e Mário – estavam lá, e a empregada cigana gorda e velha. Dave e o Sr. Luís acreditavam em atos e dádivas simbólicos. Depois do almoço, Dave tirou o anel que usava na mão esquerda – e que tinha sido de seu avô – e colocou-o no dedo do Sr. Luís. Este, por sua vez, tirou o anel e colocou-o no dedo de Mário.

O Sr. Luís comentou, depois do enterro, quando nos encontrávamos a sós no saguão do hotel no qual tinha me hospedado nas nove ocasiões entre setembro e o Natal daquele ano em que visitei Dave e o Sr. Luís: “Agora o círculo fechou-se. Por favor, Príncipe Khan, ajude-me a não machucar esse garoto. Não me interesse mais por ‘matar e ferir’.”

Pela segunda vez o Sr. Luís foi muito genuíno consigo mesmo. Concordei em atendê-lo cinco vezes por semana. Vendeu sua “agência” em Barcelona e mudou-se, com o namorado, para uma casa nos subúrbios de Londres. Sentia-se menos excitado e solicitado morando no subúrbio do que em Chelsea, além do mais não poderia “lançar” seu namorado em Barcelona, onde todos identificavam pelo que era. Mário não poderia assumir uma identidade nova em nenhum lugar da Espanha. Em Londres era um anônimo, começando com uma ficha limpa, por assim dizer. Fiquei impressionado com a preocupação e o cuidado que o Sr. Luís dispensava ao namorado.

Mas tudo isso é incidental no que se refere ao relacionamento entre o Sr. Luís e eu. A atitude de um em relação ao outro foi gradualmente mudando durante os três meses e meio nos quais o Sr. Luís cuidou de Dave. Baixamos a guarda; o Sr. Luís deixou de provocar-me o tempo todo e eu parei de humilhá-lo ao menor sinal de um insulto pessoal da parte dele. Diria, ao examinar minhas anotações daquele período, que estávamos começando a nos relacionar não apenas refreando a hostilidade, mas com uma afetividade neutra.

Com o Sr. Luís eu mantinha minha distância, firme e inflexivelmente. Todas suas perversidades, charadas falsas, suas poses exageradas e excessivas tinham uma única fonte: durante toda sua infância o Sr. Luís não teve *limites*. A permissividade no apartamento de Chicago era total. Só havia um limite – nada de *goys*! E tratava-se mais de um preconceito do que de um limite. A natureza dotara-o de uma grande capacidade mental, de forma que à medida que foi crescendo foi trazendo tudo, quase tudo, sob sua onipotência egóica. Vivia da rapina; vivia dos desejos, da fortuna, da inteligência e da boa vontade dos outros. Uma existência sórdida. Dave deu-lhe espaço e liberdade. Mas o Sr. Luís não pôde usufruir. Não sabia como. Não tinha dentro de si capacidades acessíveis com as quais pudesse operar. Que tenha sobrevivido era um milagre. Afinal de contas, dez dentre os treze filhos de seus pais tinham morrido. Uma das irmãs ficou aleijada pelo resto da vida; vivia do trabalho doméstico e do dinheiro que o Sr. Luís lhe mandava. A outra irmã foi aos poucos se tornando alcoólatra e morreu em algum hospital psiquiátrico lúgubre.

Com essa história, o que se podia esperar do Sr. Luís? A doença de Dave compeliu-o a dedicar-se inteiramente a Dave e a uma única tarefa: não a sobrevivência, mas a escolha de cuidar do outro. O tratamento tinha sido interrompido. Nas nove vezes em que visitei Dave e o Sr. Luís na casa de praia, foi para estar com Dave. A cada visita conversava com o Sr. Luís no saguão do hotel por uma hora. Cobrava por essa hora e nunca deixava que se alongasse. Mas o que mais me ajudou a conhecê-lo foi observá-lo conduzindo os afazeres da casa, no contato com as enfermeiras e médicos etc. Era uma pessoa extraordinariamente calma quando chamada a assumir uma responsabilidade. Passei a respeitá-lo.

Mas sabia que um escorregão da minha parte, e ele me arrastaria para suas confusões. Também aprendi que seus “textos” verbais eram uma paródia do que ele era e do que fazia. Ao falar, exagerava tudo. Tinha que pintar de vermelho! Quando o vi agindo, era realmente um Luís diferente. Nada de histerismos, moderado na maior parte das coisas e tudo bem organizado, não apenas manipulado. Havia um núcleo criativo no Sr. Luís.

Quando, na Páscoa, depois de um intervalo de seis meses, começou sua análise completa comigo eu já tinha uma concepção diferente dele. Sabia que era possível colocar limites positivos à sua volta. Até então tinha trabalhado erguendo barreiras negativas hostis. Serviram a seu propósito. Agora uma nova forma de relacionamento era necessária: uma relação em que houvesse reciprocidade, confiança e trabalho conjunto. Até então tínhamos trabalhado um *com* o outro, a serviço de um Sr. Luís hipotético; só assim consigo descrever nossa relação. O Sr. Luís sempre foi, e em grande parte continuava sendo, uma testemunha hostil de si mesmo. Suas patologias psicosssexuais eram tão polimorfas e viciosas como todo o resto. Se era permissivo com todos, e os punha para dentro, dispensava-os com a mesma facilidade. Certa vez comentou: “Vou para a cama com a boca e o rabo cheios. Acordo faminto, vazio e seco”.

Estas metáforas eram verdadeiras para ele todo. Era uma criatura polimorfa, não-integrada, passível de tornar-se alguém. Um sinal encorajador era o fato de que ele não se deleitava mais em testemunhar suas autodegradações, ou em temperá-las engenhosamente com obscenidades. Sua linguagem tornou-se mais expressiva de si mesmo, passando a refletir mais a realidade. Tornou-se uma pessoa amansada, não-tímida.

Na massa total e abundante de material que recolhi nos meses subseqüentes, Mário, o namorado, ocupa o lugar proeminente. Uma vez instalado em Londres com o namorado, o Sr. Luís iniciou a educação deste. O primeiro problema era sua impulsividade para roubar. Mário nunca roubava de lojas, somente do Sr. Luís. Eu tinha decidido que iria me abster de interpretar o relacionamento do Sr. Luís com Mário, como também de interpretar Mário a partir de suas insinuações. Quando ele me perguntou por que Mário roubava, respondi: “Nunca posso dizer, Sr. Luís, *por-*

que qualquer um de meus pacientes faz alguma coisa. O que tento discriminar é *como* faz”. Aconselhei-o, no entanto, a adotar três procedimentos com Mário. Primeiro, pedir para Mário fazer um relatório detalhado de todas as despesas, e fazer uma lista de todas as coisas na casa, começando pela escova de dentes. Enquanto Mário estivesse fazendo esta lista, deveria espalhar alguns artigos supérfluos, como também um pouco de dinheiro ao acaso. Segundo, em vez de tentar educá-lo noite e dia, Sr. Luís deveria lhe dar aulas de inglês, uma hora todas as manhãs, e só conversar com ele nesta língua. (Mário tinha trabalhado como garçom em alguns hotéis de veraneio na Espanha e já conhecia várias palavras em inglês.) Em terceiro lugar, e o mais importante, deveria tentar não controlá-lo a cada dez minutos. Ao ouvir-me levantar este terceiro ponto, o Sr. Luís caiu na risada.

Eu disse: “E você também poderia fazer um favor para nós dois, você e eu; esqueça Mário durante os cinquenta minutos em que está aqui”. Tudo funcionou bem, claro que com alguns lapsos de vez em quando.

Lenta e dolorosamente, o Sr. Luís e eu conseguimos estabelecer uma espécie de “aliança de trabalho” na situação clínica. Mantive-me, estranhamente, numa postura muito clássica na minha forma de relacionar-me com ele. Não tive nenhum contato externo com ele (nosso espaço era delimitado exclusivamente pelas paredes do consultório). Não pude evitar deparar-me com ele nos *foyers* dos teatros, na Royal Opera House, nas galerias de arte etc. Estava explicitamente estabelecido entre nós que, nesses encontros, o Sr. Luís não deveria me abordar, assim como eu não o reconheceria. Cada um honrou sua parte no compromisso. Cheguei ao extremo de tomar outras medidas de precaução. Por exemplo, eu já havia notado que o Sr. Luís tinha um olho comprido para meu empregado, um belo rapaz italiano, portanto pedi para minha secretária abrir a porta para ele. Ela era uma garota inglesa muito gentil, bem a salvo das ciladas do Sr. Luís. Também a instruí a acompanhá-lo até a sala de atendimento.

À medida que escrevo, sinto-me cada vez mais convencido de que o leitor pouco aprenderá dos “textos” do Sr. Luís durante este período de análise; eu mesmo aprendi pouco deles durante toda sua análise. Foi ele quem batizou sua verborragia durante as

sessões de “textos”; a despeito de seu caráter bizarro, obsceno e muito particular, essas charadas eram impessoais. Ele sabia disso, e eu também. Durante os dois anos e meio nos quais esteve comigo, e ele era um paciente absolutamente regular, reuni massas de meros dados. Analisá-lo era como descascar uma cebola. Camadas e mais camadas de pele, sobrando um *self* parco. Fiquei com ele em razão de uma compaixão totalmente impessoal. Percebi, desde cedo, como eram limitados os seus recursos. Suas acrobacias de libertinagem sexual eram aventuras não-nutrientes, que o deixavam exaurido, vazio, desolado. A afetividade do Sr. Luís poderia ser descrita como basicamente de desânimo, e não depressão. Sua sexualidade era uma excitação febril, onde havia pouco de verdadeiro desejo e apetite. Sua agressão, ou agressividade, expressava-se pelo desperdício dos outros. Não se tratava de um ataque efetivo ou um envenenamento.

A experiência mais dolorosa que encontrei no Sr. Luís foi a aquisição gradativa da capacidade de viver o luto pela morte de Dave e a falta deste em sua vida. Percebeu, e sentiu com uma dor dilacerante, o quanto tinha desperdiçado Dave e o que ele tinha para lhe oferecer. A falta primária de recursos do Sr. Luís foi aumentada por sua inconsolabilidade desanimadora. A favor do Sr. Luís poder-se-ia dizer que ele viveu, desde sua infância, num estado de mortificação crônica por um Luís que nunca existiu, nem existirá. Era dentro desses parâmetros que eu tinha que ajudá-lo a encontrar um *modus vivendi* consigo mesmo e com os outros, que não fosse simplesmente um desperdício de si e dos outros. De certa forma, o Sr. Luís tinha uma capacidade reptílica de varejar o ambiente em busca de “comida”. Ele mesmo expressou esse aspecto numa imagem muito viva na qual comparava-se a uma cobra que engole tudo, pequeno ou grande, e não experimenta nada. Comentara: “E a cobra nem mastiga!” Ao que respondi: “Tenho certeza que você sabe melhor do que eu o que uma cobra faz”. Não havia dúvidas de que o Sr. Luís era uma criatura venenosa. Mas exatamente como o veneno da cobra o do Sr. Luís não era registrado por ele mesmo, mas pelos outros. Num outro momento, ele me deu uma outra imagem para descrever-se: “Tenho os olhos perscrutadores dos répteis, e também sinto pela pele. Sou extremamente musical, como a cobra”. Certa

vez comentou: “Quando eu conseguir parar de vigiar o que estou fazendo, especialmente nas charadas sexuais” (palavra suas) “vou começar a ficar curado”.

Eu poderia oferecer ao leitor pilhas dos “textos” do Sr. Luís, mas lhe dirão tão pouco quanto diziam para mim. Por exemplo, autoconsciente das roupas extravagantes que usava, comentou: “Uso essas roupas bizarras porque me sinto tão descolorido. Sou tão sem-graça. Como eu sou sem-graça, Príncipe Khan. Sei disso, e tenho que viver com isso”.

Fica evidente pelo que relatei até agora da análise do Sr. Luís que, enquanto tive a oportunidade de aprender muito mais e enriquecer-me em termos de experiência pessoal com os outros pacientes que figuram neste livro, o mesmo não pode ser dito do meu relacionamento clínico com o Sr. Luís. Sua análise constituiu-se num exercício cansativo de “profissionalismo honesto”. Não consegui, não fui capaz de desvendar as modalidades de relação do Sr. Luís a partir de sua convivência com Dave. Tentei, portanto, ver se conseguia algo a partir dessa sua nova aventura com Mário.

Mário, um belo rapaz cigano, tinha dezenove anos, e não dezesete como o Sr. Luís havia dito anteriormente. Mário tinha andado com homossexuais, hippies e também com mulheres que trabalhavam como garçonetes nos locais de veraneio na Espanha. Ele não se deixava fazer de bobo e, no entanto, seu *orgulho* nativo de alguma forma ajudou-o a não se tornar amargo ou indulgente em seus hábitos. Durante os primeiros meses de coabitação com Mário, o Sr. Luís permaneceu *casto*, tanto com Mário como com outros. O mais interessante, e também divertido de observar, foi como Mário *o treinou* a não se deixar penetrar por qualquer um. Depois de algum tempo que estavam vivendo juntos, o Sr. Luís, contudo, enganou-o; e Mário o puniu cruelmente. Relatarei esse episódio detalhadamente porque marca o início do processo de reeducação mútua, do Sr. Luís por Mário e de Mário pelo Sr. Luís. Para variar, não foi um incidente sórdido. Não havia nada de sórdido em Mário; ele conhecia seu rebanho e jogava suas cartas cuidadosamente e, é necessário acrescentar, piedosamente. Mário não era voraz nem possessivo, o que não deixava espaço para o Sr. Luís corrompê-lo. Muitas coisas na vida do Sr. Luís es-

tavam para adquirir uma nova tonalidade a partir desse ponto, e para se tornar progressivamente menos sórdidas e indecentes.

A castidade de Sr. Luís surgiu da seguinte forma. Depois de três meses de “convivência celibatária” com Mário (conforme as palavras do Sr. Luís) no subúrbio de Londres, começou a impacientar-se. Surgiu uma oportunidade e ele a agarrou. Viajou para Paris, deixando Mário na casa no subúrbio. Era a primeira vez que se separavam desde que, há dez meses, na Espanha, começaram a viver juntos.

Acnei para o Sr. Luís que Mário poderia entrar em pânico ao encontrar-se sozinho na casa, não falando inglês adequadamente. O Sr. Luís, imediatamente, saiu-se com um de seus “textos” obscenos: “Espero que ele entre mesmo em pânico, Khan. E se eu tiver um pouco de sorte, ele pode até escolher alguém que o abra para mim. Não fui duro o suficiente para conseguir isso. Sou Sr. Luís, e não Maria, Virgem Maria, mãe de Jesus. Preciso de comida”. Seu comentário enfureceu-me, mas fiquei calado.

O Sr. Luís viajou numa sexta-feira à noite, deixando Mário com bastante dinheiro e com a endereço de onde estaria em Paris. Ligou para Mário na sexta-feira à noite, no sábado de manhã e de tarde. Tudo corria luxuriosamente bem para o Sr. Luís até então. No domingo de manhã, o leiteiro bateu à porta para receber o pagamento mensal. Mário atrapalhou-se e ligou para ele em Paris. No apartamento, que um amigo do Sr. Luís tinha lhe emprestado para o fim-de-semana, a voz de um jovem rapaz francês atendeu o telefone. Mário entendia francês tanto quanto inglês. Conseguiu entender o recado e (segundo a versão do Sr. Luís, como me foi contada na semana seguinte) colocou o fone de lado, e não no gancho. Cerca de dez minutos depois da ligação de Mário, o Sr. Luís ligou de volta. Durante umas três horas ficou tentando ligar, mas ninguém atendia. Oscilava entre a raiva e a preocupação. Pegou um vôo mais cedo para voltar para Londres. Chegando em casa, tocou a campainha. Ninguém respondeu. Entrou. Na mesa do hall de entrada encontrou um bilhete e dinheiro. Mário escrevia muito mal em espanhol; o bilhete fora escrito em inglês, numa letra caligráfica. Dizia:

Domingo, meio-dia. Fui embora, por algum tempo. Acho que é melhor para nós. Parto acompanhado. Ligo para você à meia-noite

para dizer com quem. Um amigo seu. Estou deixando o dinheiro que sobrou das despesas do fim-de-semana. A geladeira está cheia. Ligue para você, não perguntei quem era; disse para ligar na segunda. Estou levando algumas roupas, o resto está dobrado em cima da cama no meu quarto. Por favor, não chame a polícia. Não será bom para ninguém.

Estava assinado por Mário, com uma caneta diferente.

O Sr. Luís ficou completamente alucinado. Disse que nunca tinha sido tão insultado em toda sua vida. "O maldito bastardo" (o que Mário na verdade era) "feriu-me e humilhou-me. Mas vai aprender uma bela lição..." Resolveu aparentar indiferença. Tirou o fone do gancho. Recolocou-o em seguida. Era quase meia-noite quando Mário ligou. Estava muito sereno e quis saber como tinha sido a viagem para Paris. Quando este lhe perguntou: "Onde você está, Mário, e com quem?", deu-lhe a informação tranquilamente: "Estou num hotel no campo, com...", e disse o nome da pessoa. O Sr. Luís explodiu em fúria, bateu o telefone, quebrando-o.

Um Luís desconsolado e inconsolável veio para a sessão seguinte. Apesar de seus histerismos consigo e do histrionismo com os outros, eu estava agradecido por não ter me ligado. Não tinha conseguido localizar Mário. Começava a desanimar, febrilmente. No fim da sessão, parecia desnortado; então perguntou-me: "Você tem alguma idéia de onde Cato (este é o nome do rapaz que levou Mário) poderia estar? Você conhece melhor do que eu a maneira de agir desses ingleses! Que coisa feia roubar o amante de alguém!" Divertia-me ver que estava lidando com suas dificuldades desta forma. Perguntei: "Mário tem as chaves da casa de praia na Espanha?" "Sim, e levou-as. Sei o que está pensando. Você tem razão, ele foi para lá. Por favor, posso faltar nas duas próximas sessões? Preciso encontrar Mário." Apenas levantei os ombros. O Sr. Luís partiu para a Espanha.

Mário revelou-se um caráter e tanto, apesar de sua pouca idade. Quando o Sr. Luís chegou na casa, encontrou-o sozinho. Mário não tinha levado Cato consigo, nem aceitara dinheiro dele. Imediatamente empregou-se como garçom num hotel das redondezas. Quando o Sr. Luís tentou fazer o papel do amante ultrajado, Mário lhe disse afavelmente: "Eu continuo *virgem*. Isso não

mudou. O que mudou é que não confio mais em você. Você não pode me mandar embora desta casa. Dave deixou metade dela para mim. Você pode trazer quem quiser para viver na sua metade da casa. Eu fico com o segundo andar e usarei a sala de estar, a cozinha..."

Foi o mais casto e vencido dos amantes que voltou da Espanha. Agora tudo começava a mudar no seu estilo de vida. Pela primeira vez, tornou-se verdadeiramente dependente da análise. Até então só tinha brincado de estar dependente da análise. Passou também a retraindo-se em si mesmo, o que me deixou angustiado. Eu temia pelo seu bem-estar e por sua saúde. Sofria terrivelmente, disso não havia dúvidas. Não ligou nem uma vez para Mário. Nem saiu à cata de *companheiros* para saciar seu estado assustador de inanição.

Passaram-se três meses. A cada três ou quatro dias Mário mandava um cartão-postal, escrito num espanhol pobre. O Sr. Luís estava completamente perdido. Era o que me dizia, e eu acreditava nele. Numa sexta-feira, pediu-me: "Por favor, você não poderia me ajudar a reencontrar Mário? Me dê uma chance, só mais uma..." Pensei cuidadosamente, e disse: "Está bem, Sr. Luís. Vou tentar. Mas não pense que vai dar certo". Escrevi um recado para Mário:

Mário! Encontrei-o olhos nos olhos, mas nunca conversamos. Respeito e compreendo seu procedimento, mas acho que você não tem mais nada a ganhar persistindo nele. Tanto você como o Sr. Luís precisam um do outro. Confio mais em você do que no Sr. Luís. Não digo que se você voltar ele se manterá casto. Mas uma coisa posso lhe prometer: enquanto estiver em análise comigo, ele não vai te enganar ou te humilhar novamente. Pense cuidadosamente a respeito, Mário. Se voltar para Londres, com ou sem o Sr. Luís, e quiser me encontrar, ligue para marcar uma hora. Deus te abençoe. Cuide-se.

MASUD KHAN

O Sr. Luís fez um grande esforço para conter um gemido enquanto lia o que eu tinha escrito. Apenas disse: "Dave tinha razão. No fundo, bem no fundo, você se importa comigo. Sempre se importou. Você é um homem muito estranho, Sr. Masud". (Era assim que ele me chamava agora.)

Meu recado funcionou. Mário voltou com ele para Londres. O Sr. Luís ficou apenas uma semana fora.

O trabalho analítico que fizemos juntos durante os três meses em que Mário ficou na Espanha viria a se mostrar muito frutífero, como também decisivo para o Sr. Luís e seu futuro. Foi a primeira vez em que estivemos juntos, na situação clínica, sem que houvesse um terceiro apropriando-se dele em seu ambiente social ou em sua vida doméstica. O Sr. Luís não tinha uma vida privada, nem privacidade em si mesmo. Narrarei agora, novamente com detalhes, o que aconteceu com ele durante esses três meses, tanto clinicamente como também sócio-domesticamente.

A casa no subúrbio era muito grande para o Sr. Luís sozinho. Mas acabou não ficando sozinho por muito tempo. Uns amigos que estavam indo para a Costa Azul por quatro meses tinham acabado de contratar uma governanta portuguesa e perguntaram para o Sr. Luís se poderia ficar com ela enquanto estivessem fora. A governanta, Maria, poderia cozinhar e limpar a casa para ele. Ligou-me para perguntar se deveria aceitar. “Sim, claro”, respondi.

Com esse novo arranjo doméstico, ficávamos livres para trabalhar sem medos e angústia. Sr. Luís desenvolveu medos passageiros e pânico. Nenhum *impingement*, interno ou externo, podia ser suportado o tempo suficiente para que ele reagisse com angústia. O elemento de suspensão do tempo é crucial na transformação de tensões num efeito de angústia que pode ser usado positivamente pela pessoa. Sem isso, se dá o que Winnicott (1962) estranhamente denomina de “angústia não-pensável”.

Uma das primeiras tarefas da “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1952) é capacitar a criança em desenvolvimento a tolerar estados de angústia larval e flutuante. Quando ocorre uma falha nessa função, então “isto é uma ‘falta’”. As conseqüências podem ser terríveis mesmo. A criança não pode “matar”, mas aprende a fazer algo pior! *Desperdiçar*. O Sr. Luís era um desperdiçador consumado. Sua “mamãe” tinha sido devotada, mas, como pudemos reconstruir a partir dos “textos” do Sr. Luís, de forma alguma sua devoção tinha sido comum.

“Estou constantemente transpondo minhas impressões, sensações, recordações para esses ‘textos’, nos quais estou sempre li-

teralmente falando comigo mesmo, em voz alta quando estou sozinho, em silêncio quando estou com alguém. Essa transposição para 'textos' não me deixa ouvir o que os outros falam. O mesmo acontecia nos acampamentos de verão, e com o casal de negros, antes disso." O Sr. Luís disse que as lembranças de sua mãe que começavam a emergir agora eram de uma mulher perdida, sempre aterrorizada e sempre ocupada. "Esses russos têm a capacidade de encontrar a cura de seus males. Mamãe tinha essa capacidade, papai também. Vi coisa semelhante em outros russos também. As manas não conseguiram, muito americanizadas! Só os russos podem fazê-lo. Ficar doente e atormentar a alma é uma arte entre nós, Sr. Masud. Digo *nós* porque sou muito russo, como você bem descobriu. Tenho sido muito bem-sucedido em esconder isso dos outros. Para eles, sou o típico garoto judeu americano. Você poderia dizer que eu sou o Peter Pan russo-americano. Os diretores de teatro ingleses são muito sagazes, sempre escolhem uma menina para o papel de Peter Pan em suas..." "Pantominas", inscri, dando mais corda para o Sr. Luís se entregar a seus "textos". Ele estava passando por um período penoso. Sofria por mamãe, papai, pelas irmãs e por Dave. Todos tinham sofrido tanto. Ele fora o único a safar-se incólume. "Quase", disse eu. "Você, Sr. Luís está carregado de marcas psíquicas de cada um deles. Estas são as camadas de pele da cebola que a gente vem desgastando. Você me compreende, Sr. Luís?"

"Sim, Sr. Masud, ah! sim. Sinto-me muito aliviado que você não tenha dito 'cheio de identificações', como o fazedor de cabeça vivia dizendo para Dave. Eu já te contei que passei quase quatro anos numa espécie de 'prisão domiciliar' no quartel, em Denver. Tive que consultar um fazedor de cabeças *goy*, lá, que tentou me curar do homossexualismo. Aprendi muitas coisas no exército. Ensinaaram-me datilografia e arquivamento. Também fiz trabalhos clericais. Basicamente em Denver; mas, às vezes, em outras bases do exército. Gastava pouco, já que eu não bebia nem fumava. Aos onze tinha me tornado vegetariano, por puro desespero. Assim, não era obrigado a comer a comida que mamãe preparava. Um ensopado marrom esverdeado horrroso, que a gente comia mergulhando pedaços de pão bolorento dentro dele. A vasilha era a mesma, só variavam os pedaços de pão, as mãos e as

bocas. Comecei a comer melhor quando fui morar com o casal de negros que tomava conta de mim. Mas permaneci vegetariano. Não eram ricos, mas me levaram para tirar um peso das costas de mamãe... Até mesmo uma boca a menos para encher era uma economia para ela."

"Acho, Sr. Masud, que você não tem a mínima idéia do que seja a verdadeira pobreza. Assim como eu nem posso imaginar como deve ser ter nascido para o *luxo*, como você, e ter sempre vivido rodeado dele. E não ser corrompido por ele. Não foram os outros, mas, como posso ver agora, a pobreza abjeta e seus horrores que fizeram com que eu me enchesse de sexo – como dizem em francês – por todos os buracos. Mamãe vivia murmurando para si mesma em algum dialeto russo. Muito depois fiquei sabendo que não se assemelhava, nem remotamente, ao russo falado e escrito por, digamos, Chekhov. Ela tinha sua caixa de Pandora de apreensões e superstições para resolvê-las. No mundo de minha mãe, tudo era perfeitamente dedutível. Por exemplo: papai estava com tuberculose! Por quê? *'He shtarted to shwake when he be eight...'* Mamãe sempre fazia som de sh para s. Portanto, papai não tinha inalado oxigênio suficiente em seus pulmões. Resultado: seus pulmões estavam destruídos. Tratamento: não trabalhar, comer apenas sopa de legumes, carnes brancas e cevada. Papai adorava a dieta, principalmente porque era preparada separadamente e ele não precisava comer do caldeirão comunitário..."

"Estava te contando as coisas que aprendi servindo o exército..." (Isso tomou três sessões, vejo pelas minhas anotações; e deixei muitas coisas de fora!) "Economizei bastante e, com a ajuda do casal de negros, pude comprar para mamãe um apartamento de três cômodos no gueto judeu. Paguei prestações mensais por cinco anos... Quando fui dispensado do serviço militar e recebi uma bolsa mais algum dinheiro para ir para a faculdade, dei a maior parte do que tinha para mamãe e me senti livre. Uma parte eu tinha gastado profusamente, para meus padrões, em roupas. Tinha aprendido três coisas durante os dois anos de vadiagem nos acampamentos de verão. Primeira: nunca dizer não, para ninguém ou para nada, o que para mim era fácil. Segunda: a importância de saber línguas. Eu já falava, e podia ler e escrever em russo e inglês. Aprendi espanhol agora. Na faculdade, aprendi

francês e italiano. Terceira: a importância das roupas que se usa. Uma pessoa é as roupas que usa. Prova: por que os negros estão mais bem vestidos quando nus, tanto os homens como as mulheres? Porque são vestidos de preto-pele por natureza. Não precisam de nossas roupas para ter pele. Os brancos, os *goys* principalmente, precisam o tempo todo. Um *goy* nu é um pássaro depenado patético. Pode crer!" E acreditei. O Sr. Luís me ensinou uma coisa: o papel das roupas, não como refinamento ou adorno, como na minha cultura, mas como pele.

Papai morreu quando o Sr. Luís estava com quatorze anos. Foi depois disso ("crise" era a palavra do Sr. Luís para referir-se a todos os acontecimentos) que saiu do apartamento e foi morar com o casal de negros. Começou a frequentar a igreja e a escola dominical, o que exerceu profunda influência sobre ele. Lê a Bíblia. Conhece-a quase de cor. A Bíblia era distribuída gratuitamente, um exemplar da edição Gidcon, que continha no mesmo volume as versões em inglês, francês, espanhol e italiano. Por um longo tempo, foi seu único livro. Por mais ou menos três anos! Lentamente fui percebendo que a experiência e a medida de tempo do Sr. Luís eram muito diferentes das minhas e da maioria das pessoas (incluindo europeus). Um fato que constituía uma confusão basilar era o de que ambos, seu pai e sua mãe, viviam e trabalhavam segundo o calendário russo – portanto, suas datas eram desreguladas. Outra era a precariedade espantosa da vida no que se refere a saúde, *habitat* (palavras suas) e trabalho; se alguma coisa durava de Páscoa a Páscoa (conforme o calendário russo), era ritualisticamente e comunitariamente festejada por cada um e por todos. A comemoração de eventos e "crises" tornou-se uma praxe para o Sr. Luís.

Quando chegamos a este ponto de seus "textos"-revelações, o Sr. Luís acrescentou que uma coisa pequena, mas muito útil, que tinha aprendido no exército foram os "truques", se não o hábito, da disciplina. "É importante fazer a distinção", disse-me "porque para o soldado americano a disciplina é uma sacola de truques que se carrega. Uma vez fora do exército, atira-se fora a sacola. Todo americano é por demais senhor de si para aprender alguma coisa com os outros. E a disciplina como um *hábito* tinha que ser adquirida e aprendida dos outros. "O soldado americano,

Sr. Masud, é o primeiro e último homem natural desnaturado na selva ou deserto primevo, onde quer que seja que a espécie teve início.”

Gradualmente começou a emergir do processo clínico um quadro de quem era o Sr. Luís, e de como se tornou assim. Durante esses meses da análise, o Sr. Luís se dedicou a ela com um zelo frenético e compreensível. Conhecer-se acarreta necessariamente abandonar várias marcas psíquicas dos outros (Bowlby, 1969): indivíduos ou ambientes. Esse processo de marcas psíquicas não começou na infância e terminou com esta. Continuou por todos os anos da universidade. Foi com essa “bagagem” e esse “armamento” (palavra sua) – “nunca diga não”, a habilidade de falar diversos idiomas, vestir-se bem somados aos “truques de disciplina” – que o Sr. Luís viajou para a Europa/Barcelona, em 1950. Um verdadeiro americano inocente, no mais clássico estilo Henry James, mesma safra, contou-me o Sr. Luís. Ele me deu *What Massie Knew* para ler, o que fiz com deleite e proveito. De fato foi o Sr. Luís quem me introduziu na leitura de muitos escritores americanos nutrientes: Walt Whitman, Poe e Emily Dickinson, como também Henry James.

O Sr. Luís constantemente protestava, lamentava e praguejava contra os europeus, de todos os tipos e raças, por terem explorado e abusado de sua inocência. O único lucro que tirava desses encontros era que ele sempre saía vitorioso. A tática era simples: “Não fique muito tempo com a mesma pessoa, e deixe para a pessoa nova empurrar para fora aquele do qual você estava a fim”. A única exceção foi Dave. “Mas ele era um americano aristocrata (pelo seu padrão, claro, Sr. Masud) e até mesmo você respeitava esta qualidade nele.” “Respeitava e continuo a respeitar”, comentei. “Mas não havia muito sexo ou intimidade entre Dave e eu. Ele me amava, era devotado a mim. Não conseguia entender por que eu me deixava levar e logo depois escorregava, como uma serpente. Exatamente como mamãe, posso ver agora. Você me revelou uma coisa: quanto de mim é uma *colagem* de marcas psíquicas particularmente de mamãe e papai. Portanto, não tinha como evitar. Não posso simplesmente despojar-me delas agora, de uma hora para outra. Mas com você aprendi a necessidade dos empregados de protegerem-se até de si mesmos.

Maria é um amor. Tão gorda e amável. Faz tudo. Pelo menos estou comendo bem. Minha casa está muito bem arrumada. Dave era rigoroso, mas não era caprichoso. Você viu um pouco dessa severidade. O cuidado da arrumação da casa da Espanha era todo meu. Dave não tinha paciência, nem tempo para a paciência. Era o mesmo com seus escritos. Ele não podia nem conseguia completar uma frase longa. Fui o melhor secretário que ele teve. A única coisa que fiz pelo pobre Dave: datilografei, complei suas frases. Se ele tivesse trabalhado um pouco mais arduamente sobre seus textos teria sido um grande escritor. Ele foi adotado pelos diretores e produtores de Hollywood para fazer o roteiro de seus romances e de suas peças. Ganhou todo o dinheiro que nunca precisou, e vivia sobrecarregado, de um jeito que ele odiava. Se eu me curar, não vou cair nessa armadilha.” (Não caiu.) “Já estou me curando, Sr. Masud, alimentado e protegido por Maria – ela atende o telefone e não entende mais da metade dos recados; que descanso! – e com seu cuidado vigilante. Viver com Mikail não é uma lua-de-mel...”

Mikail era seu nome de batismo, mas ele só começou a usá-lo nas sessões deste período. Não poderia ter sido batizado com outro nome mais absurdamente russo-francês. Contou-me que papai falava um bom francês e um inglês pobre; e que era um grande conhecedor do russo: dava aulas particulares para os estudantes em casa. Recusava-se a aceitar qualquer pagamento, dizia que as pessoas que o procuravam não tinham condições de pagar. Sim! Até mesmo seu imaginário acerca do pai começava a mudar. “Certa vez papai ganhou alguns livros. Belas edições russas. Uns quarenta. Eram sagrados. Tocá-los ou consultá-los era proibido. Ficavam cuidadosamente empilhados num canto do único quarto do apartamento. Por isso, eu tinha que dormir com minhas mãos. Não sobrava espaço, além daquele ocupado pelos livros, e não se podia colocar mais que cinco na mesma pilha; destrói as encadernações, dizia papai. Mamãe ainda os tem. Limpá-los, colocá-los ao sol é para ela como vestir papai. Tenho certeza que é, porque papai nunca morreu de amores por mamãe. Ela o vestia, alimentava e, nos últimos anos, até mesmo o lavava. Papai nunca foi capaz de fazer o laço de uma gravata borboleta. Só usava gravatas borboleta antiquadas. Engraxava seus sapatos

todos os dias. Nunca o vi comprar um outro par. Mas naquela época raramente saía. Uma vez por ano, no aniversário de casamento, levava mamãe para um concerto e para jantar fora. Quer dizer, se tivessem dinheiro, se o tempo estivesse bom e se tivesse um concerto. Não sei se essas três condições cumpriram-se mais do que quatro vezes durante todos os anos em que estiveram casados. Os programas dos concertos até hoje estão pendurados na parede do quarto da mamãe, envoltos em papel celofane. Me ofereci para emoldurá-los, mas não... celofane e fitas são sagrados." Permitted que o Sr. Luís se deleitasse com seus "textos", utilizando todo o tempo que desejasse. Se eu pudesse ouvi-los, só então ele mesmo passaria a ouvir seus próprios "textos". Essa era minha estratégia com o Sr. Luís. Mostre-lhe como comportar-se, ou mesmo como experimentar uma situação, e ele aprendia, e mudava. O Sr. Luís era um aprendiz sensível, observador e desejoso de aprender. Quando me ligou para perguntar se devia contratar uma governanta e eu disse: "Sim, sem dúvida", ele comentou: "Mas, Sr. Masud, em toda minha vida eu nunca contratei um empregado, meus ancestrais também não". "Deus meu", disse eu, "não contrate uma empregada. Contrate um séquito." "Isso significa que eu vou ter que fazer minhas refeições com ela?" "Não, Sr. Luís, ela vai servi-lo e a seus convidados etc. Coloque-a para trabalhar para você agora. Minha secretária explicará o resto. Só não comece fazendo muitas concessões." Talvez seja enfadonho para o leitor acompanhar todos esses detalhes tão comuns, mas é precisamente desses detalhes cotidianos que somos chamados a cuidar no manejo e *holding* da pessoa de um paciente. Quase nunca sugeri para um paciente, nem por intermédio de interpretações: "Faça isso ou aquilo"; no máximo, digo: "Você pode tentar isso", e deixo correr.

O caráter do *setting* analítico mudou a ponto de que, agora, o Sr. Luís podia *jogar* dentro dele. Onde anteriormente ele meramente falava, alardeava e exhibia seus "textos", agora ele podia mudar o curso do que estava dizendo ou contando enquanto falava. Falar transformou-se numa conversa. O jogo tem regras, mas não formas rígidas. O Sr. Luís não sentia mais tanto medo de soltar-se. "Papai era um trotskista militante, como você sabe. Todos os domingos eles se reuniam mais ou menos na hora do almoço. Podia-se pensar que se tratava de uma reunião de um grupo revo-

lucionário em Moscou ou Minsk. A confiança entre eles era absoluta, mas era só alguém sair mais cedo ou chegar atrasado, e pronto: era quinta-coluna, um informante. As reuniões de domingo eram uma espécie de Missa Negra, Sr. Masud. Meu papel era servir e retirar intermináveis xícaras de chá. E, no entanto, eram reuniões alegres para papai e mamãe. Todos riam e falavam muito alto. Às vezes, à noite, acordo lembrando-me dessas reuniões e gritando. Os *goys* são tão estupidamente inteligentes, e o sexo deles é sujo. Nunca ouvi uma piada suja durante toda minha infância. Vi muito sexo, mas não era para eu ver ou saber. Vivíamos numa atmosfera de inocência difusa. Ninguém tinha dinheiro suficiente. Ninguém tentava ganhar mais. Todos viviam de empréstimos e das penhoras. Sim, as idas à casa de penhora eram sempre um espetáculo. Você sabe, Sr. Masud, todo russo é poeta, romancista e ator. E um mentiroso incrivelmente inocente, que não sente a menor vergonha de ser desmarcado. Entre eles jogam o jogo de ninguém saber nada de ninguém. Foi quando tentei juntar toda essa minha 'herança' com as regras e as artimanhas dos *goys* que me corrompi."

O Sr. Luís sustentava, e eu concordava com ele, que nem todas as marcas psíquicas eram negativas. Dizia que papai e mamãe eram otimistas inabaláveis. "Acreditavam na força e eficiência dos *bons trabalhos*... um conceito muito russo, Sr. Masud. O que tenho em grandes quantidades. Acreditavam que os outros podiam ser convertidos para a *Causa*. A única e verdadeira causa era a deles. Veja que tentei converter Mário à Causa... só que não tenho uma causa com C maiúsculo... abrir portas e orifícios não faz parte de uma causa." Deixei passar a obscenidade. Ele estava no caminho certo.

O Sr. Luís contou todas essas coisas poucos dias antes de pedir-me para ajudá-lo a reencontrar Mário. Ele podia perceber e ver a sabedoria de Mário ao manter-se afastado dele, e foi por isso que me prontifiquei a escrever um recado para Mário. Sentia que agora o Sr. Luís podia, e iria, respeitar os direitos e os sentimentos de Mário. Também que ele não tentaria tomar conta de tudo. Até mesmo a educação de Mário seria diferente. Uma coisa, pelo menos, o Sr. Luís pôde aprender com a atitude de Mário: a arrogância dos pobres, o orgulho obstinado, um atributo muito

espanhol. Mário era um mestiço, como a maioria dos ciganos na Espanha; um amálgama de origens espanhola, árabe e francesa. O Sr. Luís estava bem informado quanto a isto.

Quando voltou com Mário, a governanta portuguesa, Maria, voltou a trabalhar para seus patrões. Mário insistiu que queria trabalhar como garçom, um trabalho que achava que fazia bem e do qual gostava, e encontrou um emprego num hotel próximo da casa deles, no qual começaria depois das férias de verão. Com tudo arranjado, Mário e o Sr. Luís partiram para suas férias.

Começo a aproximar-me do ponto neste caso em que posso baixar as cortinas sobre os “textos” do Sr. Luís e sobre meus esforços clínicos com ele. Mas de forma alguma é o fim da saga e, para não deixar o leitor no ar, relatarei o que se seguiu. O Sr. Luís teve umas férias agradáveis e inesperadamente proveitosas nos Estados Unidos, para onde foi com Mário por duas razões. Uma delas era que sua mãe encontrava-se muito mal de saúde e não viveria muitos meses mais. De fato, morreu em seus braços duas semanas depois de sua chegada. O Sr. Luís providenciou para que tivesse um funeral digno, sem grande alarde. Depois foram para Hollywood explorar suas possibilidades de viver e trabalhar lá. As férias também tinham o objetivo de introduzir Mário à *civet* americana, o eufemismo maldoso, mas temos que admitir que pertinente, do Sr. Luís para as civilizações (no plural) dos Estados Unidos. O Sr. Luís, filho de imigrantes russos e que na verdade não tinha firmado suas raízes nos Estados Unidos antes de ser despachado para a Europa, tinha uma grande aptidão para apreender realidades que passavam despercebidas aos outros, e para enunciá-las com um senso de humor travesso, seco e frequentemente devasso. Eu não conhecia a palavra *civet* quando ele a usou; portanto, perguntei o que queria dizer. Ele se sentou e disse alegremente: “Que bom. Podemos aprender algo juntos. Tenho uma vaga idéia do que significa. Posso consultar o *Oxford English Dictionary* e o *Webster*?” Ao que respondi: “À vontade. Não consigo pensar um jeito melhor de entreter a sessão de hoje...” Enquanto o Sr. Luís punha seu paletó para ir até a sala de espera, onde estavam os dicionários, comentou: “Por favor, avise sua secretária que vou ficar dez minutos na sala de espera, para que ela

possa manter os outros afastados do caminho do mal...” Seu sarcasmo não deixou de fazer efeito em mim. “Você não acha, Sr. Luís, que já é suficiente não ter sido atormentado ou caçado pela figura atraente do meu empregado?” O Sr. Luís suspirou, resignadamente.

O Sr. Luís sempre tirava seu paletó antes de deitar-se no divã. Usava roupas no estilo francês/italiano bem justas, o que aprendeu com Dave que, no entanto, diferentemente do Sr. Luís, intencionalmente vestia-se de uma forma bem informal, tipo rancheiro. Enquanto abotoava seu casaco, comentou: “Uma coisa para você ir pensando enquanto eu estiver na outra sala consultando a palavra *civet*. Não há nos Estados Unidos – ou existem muito poucos – cidadãos no sentido que o inglês e o francês dão à palavra. O que existem são *cits*. Um *cit* é um comerciante esperto, humilde e especializado. Judeu ou *goy*. Quase nunca um negro ou índio. O *cit* é um comerciante prático. Em inglês, dir-se-ia um comerciante pragmático. Escrevi um ensaio a respeito na faculdade. Por isso sei o que é um *cit*. Procurei no Webster. Naquela época minha hipótese era, como continua sendo hoje, que os Estados Unidos eram a primeira nação de que o *Homo sapiens* tem conhecimento que criou um amontoado de civilizações dispersas, espalhadas por toda a América, sem ter criado uma cultura. É isto o que confunde os europeus quando vão para os Estados Unidos. Procuram uma cultura, e como não a encontram, eles nos censuram pela falta dela. Bem, nunca quisemos uma cultura. Por que deveríamos tê-la? Como temos muito poucos cidadãos, como, digamos, George Washington, Abraham Lincoln, Roosevelt, e agora os Kennedy, escolhemos nossos presidentes entre eles. Nisto somos inigualáveis. Somos os primeiros – e posso predizer que os últimos – dos *Homo sapiens* que cultivam uma categoria especial de *cits* – que não são camponeses, nem da pequena nobreza, nem nobres – conhecidos por nós como “cidadãos” entre aspas, dentre os quais elegemos nossos líderes políticos. Mais ou menos como os Anciões nos estados-cidades atenienses, os Cônsules nas oligarquias italianas e os reis e rainhas na Europa. Afinal de contas, os ingleses também cultivam seus reis e rainhas com o maior cuidado. E nós temos nossos cidadãos...”

Eu anotava com muita rapidez, mas mesmo assim perdi vá-

rios apartes picantes... O Sr. Luís tinha um vocabulário bastante singular, e utilizava-o de forma peculiar, conforme suas necessidades ou desejos. Comecei a apreciá-lo só a partir da “crise” com Mário, quando o Sr. Luís tornou-se capaz de privacidade – consigo mesmo, em casa e na situação clínica. Grande parte do nosso “jogo” durante as sessões era constituída por esses usos da língua inglesa e francesa. O Sr. Luís voltou, sacudindo-se de tanto rir. “Esses ingleses são imbatíveis em traições deodorizadas e acépticas. Ouça isso, Sr. Masud!”

Segurava o volume II do *Oxford English Dictionary*. Leu para mim toda a vinheta referente a *civet**, quase uma coluna inteira, mas citarei a parte revelante desta. O Sr. Luís lia bem; seus anos de teatro e oratória nos *summer camps* não foram perdidos.

a. F. (*civette* século XV em Littré, tanto para o animal como para o perfume), gênero de quadrúpede carnívoro que produz uma secreção que tem o mesmo nome. Particularmente as espécies da África central, *Viverra civetta*...

2. Substância de cor amarelada ou marrom, de forte odor almiscarado, obtida das glândulas ou bolsas anais de vários animais do gênero *Civet*, especialmente o *Civet-car*** africano...

O Sr. Luís foi colocar o dicionário no lugar; com papai aprendera a cuidar dos livros com carinho. Quando voltou, estava radiante. “Esta foi uma sessão realmente frutífera. Nós dois aprendemos algo com ela. Obrigada, Sr. Masud, por ter permitido que ela ocorresse. Qualquer outro fazedor de cabeças, sendo que os mais moralistas dentre vocês são os judeus, iria me apertar logo no começo, dizendo tratar-se de *resistência*. Não foi só em Denver que fui a psiquiatras. Também na faculdade. Era constantemente examinado porque tinha aquela bolsa. Fui rotulado “um cético brilhante, com tendências anormais”. Que esclarecedor! Como essas descrições do *Oxford English Dictionary* de *civet*. Como você pode ver, Sr. Masud, o que escrevi em meu ensaio foi que os *cits* na América cultivam o *civet* dos gatos africanos – cla-

* *Civet* s. almiscar, algália; (zool.) almiscareiro, civeta, gato-de-algália. (N. da T.)

** Almiscareiro, gato-de-algália. (N. da T.)

ro que eu não podia falar dos negros, embora eu me referisse a eles – para manufaturar sua civilização e vendê-la para o mundo todo, apenas por lucro, sem requerer qualquer tipo de conversão ou convicção.

Encerrei a sessão dizendo: “Isto está muito bem colocado. Escreva-o, Sr. Luís, e a não ser que você pense que foi desperdiçado comigo, o uso dos substantivos ‘conversão’ e ‘convicção’ é muito perspicaz em seu *double entendre* e morde...”

Descrevi este intercâmbio com certo nível de detalhe para dar ao leitor uma idéia da mudança do papel, caráter e uso da situação analítica, tanto da parte do Sr. Luís como de minha parte. Já que, no começo deste caso, eu reiteradamente dizia a mim mesmo, e freqüentemente para o Sr. Luís, que eu tinha pouco para oferecer-lhe em termos de crescimento e cura, e que ele tinha menos ainda para oferecer que pudesse me ensinar algo, é importante mostrar o quanto aprendi, no final das contas, com o tratamento do Sr. Luís. E aprenderia ainda mais nos quatro últimos meses de sua análise, e também depois da conclusão desta.

Quando o Sr. Luís voltou para sua análise no outono, depois de ter viajado para os Estados Unidos, perguntou-me se seria possível concluí-la por volta do Ano Novo, quando ele e Mário planejavam começar sua nova vida na América. Disse a ele que, embora eu não pudesse precisar quão completa estaria sua análise na época, não via por que ele não poderia terminá-la no Ano Novo, a saber, dentro de quatro meses. Foi durante este período que, a pedido do Sr. Luís, encontrei-me e conversei com Mário. Tinham duas opções à disposição deles. Ambas comportavam mudanças muito pequenas no papel de Mário, mas uma delas significava para o Sr. Luís começar uma carreira totalmente nova. Ele desejava tentar, apesar dos riscos. Eu também achava que ele devia mesmo aproveitar essa chance.

Assim Mário e o Sr. Luís partiram para os Estados Unidos no começo do Ano Novo e estabeleceram-se numa casa de sua propriedade, em uma cidade nova, o Sr. Luís seguindo uma nova profissão. Faz mais ou menos quatorze anos que sua análise terminou, e o Sr. Luís nunca procurou outro tratamento, comigo ou com outro profissional; tenho-os encontrado, o Sr. Luís e Mário,

uma vez por ano. O Sr. Luís está agora com sessenta e cinco anos, saudável e forte. Mário está com trinta e cinco, e positivamente orientado na vida.

[1987]

5

Ultraje, complacência e autenticidade

Provavelmente todo psicanalista concordará com a afirmação geral de que os afetos têm uma relação particularmente íntima com as pulsões, mas que são essencialmente experiências egóicas. Como disse Freud, anos atrás (1915): "Certamente é da essência de uma emoção ser sentida, isto é, que penetre a consciência". Devemos provavelmente concordar, ainda, que os afetos constituem um tipo ou modo específico de experiência egóica, que variam tanto em quantidade quanto em qualidade, e que as pessoas diferem marcadamente no que se refere tanto à amplitude quanto à intensidade de sua afetividade. É quando tentamos tornar mais precisas estas afirmações generalizadas que nos deparamos com dificuldades... Precisamos de uma teoria lógica, mas nosso trabalho não o fazemos com teoria, e sim com impulsos e sentimentos vivos. Portanto, é importante confrontar constantemente nossa teoria com nossa experiência de trabalho com os afetos.

MARJORIE BRIERLEY

Trends in Psycho-Analysis

Depois de mais de quarenta e cinco anos que Marjorie Brierley (1937) escreveu este artigo conciliador, muito se escreveu sobre os afetos. André Green (1973) discute essa literatura exausti-

va e criticamente em seu livro *Le Discours Vivant*. E, no entanto, que eu saiba, os estados afetivos do ego de *ultraje* e *afronta* nunca foram estudados, embora o próprio Freud tenha já em 1920 apontado “o ultrajante” como uma das causas precipitadoras da neurose de guerra:

Nós (a escola psicanalítica da psiquiatria) já afirmamos que os pacientes neuróticos sofriam de conflitos mentais e que os desejos e inclinações que se expressavam nos sintomas eram desconhecidos para os próprios pacientes, quer dizer, eram inconscientes. Foi fácil, portanto, inferir que a causa imediata de todas as neuroses de guerra era uma tendência inconsciente do soldado de afastar-se das exigências perigosas e *ultrajantes* para seus sentimentos impostas pelo serviço militar ativo.

Estou propondo que o estado afetivo do ego de ultraje e/ou afronta deveria ser clinicamente considerado como uma síndrome distinta em si, exatamente como o amor, o ódio, a dor e a raiva etc. Apresentarei primeiramente material clínico, depois minhas inferências teóricas. Ultraje e afronta podem ser tanto ego-sintônicos como também um trunfo social. O comediante americano Lenny Bruce, por exemplo, ganhou fortunas ultrajando/insultando seu público.

Material Clínico

Um médico ligou para perguntar se eu aceitaria um paciente bastante esquivo e difícil, que nos últimos três anos vinha intermitentemente se recusando a trabalhar, e que agora tinha desistido de vez. O paciente, contou-me, já estivera em análise com dois psicanalistas (cita seus nomes, eu os conheço), e largara os dois. Era casado, trinta e poucos anos, filhos e um homem de negócios muito bem-sucedido. Foi submetido, como último recurso, à terapia abreativa, depois da qual ficou muito mal e fechou-se em recusas a qualquer tipo de psicoterapia. Mostrara-se, no entanto, desejoso de fazer uma consulta comigo. Por telefone, o médico me dá seu diagnóstico: caráter obsessivo, com fases depressivas

agudas e retraimento de qualquer tipo de relação. Concordei em oferecer-lhe uma consulta, mas nada mais. Reservava-me o direito de aceitá-lo ou não em tratamento analítico, e pedi ao médico que o comunicasse ao paciente. Não tenho idêia de por que estabeleci esta condição.

O "paciente" chegou relativamente cedo para sua hora. Eu estava falando ao telefone, e pedi a minha secretária para acompanhá-lo até minha sala. Esta era uma situação atípica à minha tática habitual de primeira consulta. Normalmente, quando os pacientes chegam para a primeira entrevista, minha secretária leva-os até uma sala de espera, onde deliberadamente os deixo esperando por cinco a dez minutos. Depois vou pessoalmente recebê-los e acompanho-os até minha sala, andando atrás deles. As primeiras impressões visuais na sala de espera, o modo como caminham, a perplexidade quanto a em que cadeira sentar - no meu consultório há sempre três cadeiras e um divã - além da maneira como tiram seus casacos e acomodam o que trouxeram consigo, tudo isso sempre foi para mim fonte de valiosos dados (simplesmente "registrados" e anotados na ocasião, dos quais nunca faço um uso interpretativo).

Bem, quando fui ao encontro de Roberts (é assim que passei a chamá-lo), cerca de cinco minutos depois, encontrei-o de pé no meio da sala. Era inverno e ele usava um sobretudo de *cashmere* bege, um cachecol de lã cuidadosamente ajeitado e um gorro preto, do tipo russo, totalmente incompatível com seu rosto macilento e com a pele muito pálida de inglês. Era franzino, de altura mediana. Disse: "Sou Masud Khan". E com uma voz apagada, quase inaudível, respondeu: "Sou Roberts. Fui indicado pelo Dr. X". Disse-lhe para ficar à vontade, tirar o sobretudo, cachecol e gorro e indiquei-lhe a cadeira na qual queria que se sentasse. Cuidadosamente enrolou o cachecol, depois o casaco, e colocou-os na outra cadeira. Depois tirou o chapéu. Era bastante calvo para sua idade. Quando sentou-se, notei que apertava uma mão contra a outra e que estava muito tenso. Usava sapatos impecavelmente limpos e lustrados, e um terno muito bem talhado; mas a gravata extravagante destoava do resto. Anos mais tarde, quando passei a conhecê-lo melhor, perguntei-lhe sobre o gorro e a gravata que usara no nosso primeiro encontro, e contou-me que

o gorro tinha sido presente de Natal da sua esposa e a gravata, dos filhos. Então perguntei: “E os sapatos impecáveis?” Ao que respondeu: “Detesto entrar nas casas com sapatos sujos; portanto, sempre ando com um lenço de papel para limpá-los quando saio do carro ou quando estou no elevador”.

Sentamos. Ele parecia vazio, exaurido, opaco. Depois de um certo tempo, comecei a conversa dizendo: “Sim?” Permaneceu em silêncio, e disse: “Que afronta você vai me fazer agora?” Fiquei surpreendido com o uso acusativo que ele fazia da palavra “afronta”. Refazendo-me, repliquei: “Depende de quanto você me provocar!”

Estava sentado imóvel, total e voluntariamente (assim me pareceu) indiferente à estética do meu consultório. Senti-me um pouco *ultrajado*, pois podia perceber que ele era um homem culto que estava me *rejeitando*, que é mais do que uma recusa. Deixei as coisas correrem, e terminei a consulta dizendo: “Bom, nós nos encontramos, pelo menos corporalmente. Se você optar por vir outra vez talvez possa contar-me um pouco sobre você. Mas, por favor, sinta-se à vontade para ligar para minha secretária cancelando o próximo horário com pelo menos três horas de antecedência”. Isto o deixou perplexo; eu mesmo não tinha a mínima idéia do que me levava a estipular o prazo de três horas. “Não cobrarei meus honorários por essa segunda sessão caso seja cancelada”, acrescentei.

Tínhamos estado juntos por cerca de trinta minutos. Ele se levantou, arrumou-se com cuidado, anotou a data (daí a uma semana) e o horário da próxima consulta em sua agenda, e saiu. Reparei que carregava uma sacola de plástico de comida “take away”: outro aspecto incongruente com sua apresentação global. Não protestou contra a brevidade e interrupção abrupta da consulta. Notei que era submisso. Assim, desde o princípio, *ultraje* e *submissão* tornaram-se intimamente associados na experiência que eu estava vivendo desta pessoa, Roberts!

Apareceu pontualmente para a segunda entrevista; nem um minuto mais cedo ou mais tarde. Sentou-se. Silêncio. Apertava uma mão contra a outra, como anteriormente, com tanta força que fiquei com receio de que quebrasse um osso. Perguntou, então: “Contaram para você o que faço?” “Não, apenas que você

é um homem de negócios muito bem-sucedido considerando-se sua idade.” E ele, zombando: “Se isso quer dizer que faço minha empresa ganhar muito dinheiro, então é verdade”. Perguntei: “Qual é sua posição na empresa?” “Sou um dos diretores!”

Resolvi sacudi-lo. Com aspereza calculada, perguntei: “Certamente você não começou por aí. Não me parece pertencer à alta classe para ocupar este posto logo de saída”. Não se perturbou. “Você está certo. Sou de origem humilde, classe média baixa. Fiz meu caminho. Mas casei-me com uma moça bonita e rica. Frequentávamos a faculdade juntos. Empreguei-me no serviço público, apesar de ter saído de Cambridge. Foi minha mulher que me persuadiu a pedir demissão e tentar esta empresa, onde entrei há sete anos como contador sênior, e agora sou um dos diretores. Ninguém acredita, mas acho que esta é a causa da minha *doença*.” Comentei: “Sim, acho que você está certo”. Ele continuou: “Só que eu não sei e nem posso dizer por que as coisas tomaram esse rumo que está correndo o risco de se tornar desastroso”. Ficou em silêncio. Depois, mudando de assunto, perguntou: “Será que posso falar um pouco sobre meus três psicoterapeutas? Assim podemos evitar os erros deles”. Senti-me reasssegurado, e respondi: “Sim, claro! E não se preocupe com o fato de que eu os conheça, como você bem sabe”.

Foi absolutamente cáustico a respeito de seu primeiro analista, mas com a concisão e polidez tipicamente britânicas. Disse que seu consultório era meio surrado; tinha apenas uma escrivaninha, duas cadeiras, um divã e uma estante com os livros de Freud e os exemplares do *International Journal of Psychoanalysis* e alguns livros de bolso. Notei como suas observações do ambiente eram minuciosas. Prosseguiu: “Este analista me disse que eu tinha recebido uma indicação de análise e que, portanto, eu deveria tirar meu casaco, deitar no divã, e falar tudo o que me viesse à mente. Senti que era uma *exigência afrontosa*, já que eu não o conhecia; mas fiz o que ele me pediu porque minha mulher estava muito aflita com o meu estado, e achava que eu poderia ser ajudado. Ele tinha me deixado esperando por vinte minutos. Deitei e fiquei quieto, como com você. O analista disse: ‘Você está com raiva de mim porque o deixei esperando. Em sua fantasia, eu estava fazendo coisas sexuais com meus pacientes enquanto espera-

va, como todas as crianças pensam de seus pais quando estão ausentes!” Comentei comigo mesmo: esse cara não é só um idiota, mas também obsceno. Mas, mesmo assim, continuei indo por quinze meses. Felizmente ele falava a maior parte do tempo. Não me lembro de mais nada a não ser de ter-lhe mandado o cheque, avisando que não poderia continuar o tratamento com ele. Percebi que minha esposa ficou desanimada, portanto concordei em procurar outro analista”. Constatei novamente sua *submissão*, mas também um outro elemento chamou minha atenção – sua *autenticidade*. Não tinha idéia do que esta última representava para ele.

Sua atitude com o segundo analista foi bastante diferente. Fez questão de dizer-me que o segundo analista era um aristocrata como eu. Comentei: “Eu sei”. O problema, disse, era que este analista era excessivamente “íntimo”, e incitava-o a participar de sua vida social, para relaxá-lo. E isso também não funcionou. Como as coisas não estavam caminhando bem, seu médico e o psicanalista combinaram de fazer juntos uma sessão de terapia abreativa. Não se lembrava de nada, mas tinha certeza de que tinham gravado uma fita. Perguntou-me se tinham me contado acerca desta sessão. Respondi, com franqueza, que sim, que eu tinha sido informado sobre a sessão de terapia abreativa, mas que *não* tinha o menor conhecimento do que acontecera nela ou do que foi dito. Mas que eu tinha certeza de que não fora gravada. Notei o quanto ele podia se mostrar paranóide.

Ficou por aí. Concordei em atendê-lo três vezes por semana. “Não cinco?”, perguntou. “Não, não estou disposto a te dar a chance de me rejeitar e me recusar cinco vezes por semana. Três é o máximo para mim. Você é livre para recusar.” Concordei; senti-me aliviado. Era um paciente que podia pagar muito bem e nós, analistas, como nossos pacientes, somos muito hipócritas quando se trata de dinheiro.

Farei um relato sucinto de sua “primeira análise” comigo, que durou mais ou menos três anos. Se falo assim é porque, na verdade, tenho poucas lembranças desta “primeira análise”, como Roberts sempre se referia a ela. Quando olho minhas anotações deste período, elas estão contidas em apenas três cartões. Do primeiro ano tenho anotado que o paciente chegou pontualmen-

te, tirou seu sobretudo, depois seu casaco e deitou-se no divã, sem que eu tivesse dado qualquer instrução. Cobriu-se com a manta, que fica aos pés do divã, embora a sala estivesse bastante aquecida, e cruzou as mãos sobre o estômago, por cima do cobertor. Consta de minhas notas um pensamento não enunciado: estive a ponto de lhe dizer: você não veio aqui para ser cremado. Mas, recordando-me de seu comentário acerca da "afronta", desisti.

Ele deve ter me contado alguns fatos, pois consta de minhas anotações que era o filho mais velho de pais jovens. Quando estava com dois anos e meio sua mãe ficou doente e permaneceu hospitalizada durante alguns meses. Ficou sob os cuidados de seus avós, e quando a mãe voltou não a reconheceu. Não se lembra deste fato; era parte da história familiar que lhe foi contada. Nasceu um irmão, seis anos mais novo. Mencionou *furtivamente*, e casualmente, que foi muito sádico com o irmão; obrigava-o a destruir seus brinquedos, assim não seria repreendido. Quanto ao mais, tudo transcorreu bem durante sua infância. Seus pais não tinham condições financeiras de arcar com sua educação, mas sempre obtivera bolsas; foi para Cambridge, onde formou-se Bacharel. Não era ambicioso, e optou pela primeira oportunidade de emprego que apareceu, no serviço público. Felizmente este trabalho adequava-se a seu caráter obsessivo, e tinha se tornado um especialista na utilização da linguagem descritiva com precisão e minúcia. Casou-se e, como mencionara anteriormente, foi sua esposa quem o persuadiu a entrar para uma empresa privada.

Do primeiro ano consta uma outra anotação: que o paciente estava menos apático e tinha recomeçado a trabalhar período integral; e acrescentei: Só Deus sabe por quê! Não posso atribuir nenhum mérito a mim. Fala pouco, e eu menos ainda. Nunca sonha, é o que diz.

Do segundo ano, há uma nota que diz: pergunto-me por que Roberts continua vindo. Está trabalhando bem. Até onde sei, sua família está florescendo. O que me surpreende é que, apesar de seus silêncios, ele jamais me aborrece, como também não sinto vontade de sacudi-lo. Deixo-o estar.

Do terceiro ano, apenas um parágrafo: Hoje, de mútuo consenso, Roberts encerrou seu tratamento. Está partindo para uma

viagem de dois meses pela Europa, de carro, com toda a família. Disse para Roberts que eu nem imaginava “cura” melhor que esta. Nem uma vez durante estes três anos eu o ouvira falar sobre estar com a mulher e os filhos, a não ser no Natal, que passava na casa de seus pais ou de seus sogros.

Tive notícias dele nos três anos seguintes, por intermédio de nosso médico comum. Estive gravemente doente durante este período, com câncer, e fui submetido a uma operação em que perdi um pulmão e metade da laringe. Fiquei mais de dois anos sem trabalhar, até recuperar parte da minha voz e poder voltar a clinicar; passei por onze intervenções cirúrgicas (pois desenvolvi tumores secundários). Durante este período minha moral profissional foi mantida por apenas uma pessoa: J.-B. Pontalis, que via insistindo para que eu escrevesse para a *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, e até mesmo publicou uma página e meia escrita por mim. Tal cuidado e *holding* por parte de um colega da mesma geração é, a meu ver, raro na história da psicanálise; com exceção da amizade de Anna Freud e Dorothy Burlingham, a milionária americana.

Relatarei agora a segunda e última fase da análise de Roberts, na qual se bascia este capítulo. Ele deve ter tido conhecimento, por intermédio de nosso médico comum, de minha luta para viver e voltar a trabalhar. Recebi uma carta pedindo-me uma consulta, mas não queria que ninguém soubesse a respeito; portanto, eu não deveria respondê-la. Adiantou que me ligaria em tal e tal hora de um determinado dia para saber o que eu havia decidido. Ligou; respondi pessoalmente, marcando uma data para a consulta.

A pessoa que apareceu não era muito diferente daquela que partira há três anos. A mesma maneira de se vestir, a mesma sacola de comida; apenas um pouco mais calvo. Eu estava determinado a não repetir a última análise, mas não tinha nenhuma idéia preconcebida de como agiria, uma vez que desconhecia o estado em que se encontrava. Ele era um especialista em esconder sua afetividade, quer sob a submissão, quer sob a depressão apática.

Sentou-se e expressou seu pesar pelo que eu tinha sofrido física e mentalmente. Agradei-lhe genuinamente, mas fiz questão

de enfatizar que ficara verdadeiramente sensibilizado com a preocupação demonstrada não apenas por ele, mas também por sua esposa e filhos, que sempre perguntavam ao médico sobre *minha saúde*. Percebi que a menção que havia feito à sua família perturbara-o.

Quando ele veio para a sessão seguinte, tão logo tirou o sobretudo, tomei a iniciativa e falei: "Agora, Roberts, você vai se sentar naquela cadeira e conversar comigo face a face". Foi o que ele fez. Seu comentário inicial desconcertou-me: "No momento sou um dos dois diretores principais da empresa. Ganhei uma verdadeira fortuna nestes últimos três anos, e fiz um seguro de vida exorbitante. Minha mulher desenvolveu-se muito em sua área e é agora uma profissional bem-sucedida. O desempenho dos meus filhos na escola foi excelente, e entraram na faculdade. Portanto, acho que o melhor que tenho a fazer agora, tanto para mim como para eles, é cometer suicídio. Serão mais ricos e mais felizes entre eles, sem mim. Você estava certo quando, certa vez, me disse que eu prosperava graças aos aborrecimentos que causava para minha família". Na verdade, não me lembrava de ter dito esta frase, mas era muito semelhante a algo que eu poderia ter dito.

Eu estava completamente aturdido, sem saber o que fazer. Decidi verificar se ele estava blefando. "Desde quando vem pensando nisso?" Ficou em silêncio, a seguir respondeu: "Há uns sete meses. Já providenciei os medicamentos para fazer a coisa sem correr o risco de falhar". Retruquei: "Se fosse verdade, eu deveria ter ido ao seu enterro há alguns meses, em vez de estar aqui sentado ouvindo-o contar essas malditas lorotas. Você é realmente mesquinho e cruel. Pergunto-me se posso ajudá-lo e mesmo se quero. Não sou médico, não fiz o juramento de Hipócrates, não tenho a obrigação de salvar ninguém contra sua própria vontade. Será uma pena se você se matar, porque geralmente os pais não percebem que, durante a adolescência, os filhos *precisam* da presença e da *disponibilidade* deles de forma tão vital como os bebês precisam da mãe. Isso é tudo que tenho para dizer. Mas recuso-me a ser um cúmplice nessa chantagem com você mesmo. Não tenho mais nem a força nem a motivação de três anos atrás para gastar minha energia e meu talento com alguém que quer brincar.

Posso indicar outra pessoa. Obrigado por ter vindo. Não cobrarei esta consulta”.

Atuei, levantei-me e encerrei a sessão. Roberts começou a chorar. Sentei-me e disse: “Por que não tentamos fazer do meu modo, desta vez?” Soluçando, respondeu: “Está bem. Como então?” “Vou atendê-lo uma vez por semana. Mas primeiro quero conhecer sua esposa e seus filhos. Eles não poderiam estar tão bem como diz, se você fosse o tipo de pai e de marido que não estabelece vínculos, como tenta aparentar”.

A partir desta sessão, tudo mudou. Convidei-os para jantar, sem dizer que ele estava começando uma “segunda análise”. Formavam uma família bonita e alegre. A questão que se colocou para mim foi: como isso é possível, uma vez que ele está tão *doente*?

Quando veio para a sessão seguinte, tinha nos lábios um sorriso maroto. Nunca o tinha visto sorrir. Provoquei-o: “O que você está tramando agora?” “Você resolveu todos os meus problemas. Desde o jantar, minha mulher e meus filhos não param de falar em você. Agora que você se tornou o padrinho deles, posso retirar-me”*.

O uso do verbo *retirar* chamou minha atenção. Este homem nunca empregava uma palavra com duplo sentido: esse era seu talento profissional, e sua maneira de falar socialmente. Comentei, provocando-o: “Já é uma trégua. Mudamos de suicídio para aposentaria. Não tinha percebido que, além de mesquinho e cruel, você também fosse preguiçoso”. Meu comentário atingiu-o. Com uma violência inusitada, disse: “O que você sabe sobre trabalhar? Você, com seus servos lá no Paquistão; e aqui com seu mordomo, sua governanta, seu chofer, seu empregado, sua secretária. Alguma vez na vida levantou-se às seis da manhã para fazer café para sua mulher e para seus filhos? E cada um acorda numa hora diferente. E levo o café na cama. E ainda tenho que lavar a louça!”

Era o que eu estava esperando: que seu *self* autêntico irrompesse. Estou evitando o uso da palavra “verdadeiro” *self* (Winnicott, 1960a). “Verdadeiro” e “falso” são adjetivos que têm suas raízes nas conotações religiosas de danação e beatitude. “Autên-

* *To Retire* – recolher-se, retirar-se, como também aposentar-se. (N. da T.)

tico" é identificável; verdadeiro e falso não o são. No idioma inglês "autêntico" significa: digno de confiança, que pode ser aceito – *Oxford English Dictionary*. Portanto, a questão que se colocava para nós dois, clinicamente, era: como este homem se deslocava da autenticidade para a submissão e, daí, para o ultraje/afronta (que ele atribuía somente aos outros) no processo de maturação que vai da infância até a adolescência?

Quando Roberts veio para a terceira sessão, segundo nosso contrato de uma vez por semana, começou pedindo para vir três vezes por semana. Disse que podia pagar os honorários exorbitantes que eu estava cobrando. Disse-lhe que a questão para mim não se tratava de dinheiro, como ele bem sabia. Depois de ter lutado contra a morte mais de dois anos, eu não tinha mais nem força física nem motivação para responder à demanda de uma análise de três vezes por semana. Agora era eu que fazia a demanda, não meus pacientes. Se não puderem aceitar isso, sempre há outro analista que posso indicar. Escutou-me calmamente, e disse: "Está bem. E como faremos isto do seu modo, conforme disse há três semanas?" Tinha me esquecido da sua forma obsessivamente acurada e cruel de ouvir e memorizar tudo que se passava no ambiente. Não sabia o que dizer. Decidi então *atuar* com ele e fazê-lo *atuar*. Utilizo a palavra *atuar* porque foi exatamente o que fiz. É muito difícil *fazer* um paciente adulto *atuar* no *setting* analítico. Na análise da criança é tanto normal como também a linguagem do trabalho clínico: ações como o brincar! Encarcei-o e perguntei: "Você poderia, por favor, soltar suas mãos? Tenho medo que frature um dedo". Uma observação absolutamente tola, no entanto verdadeira no que se referia à sua postura.

Com a costumeira submissão, desapertou os dedos e perguntou: "E o que mais?" "Tente respirar profundamente, depois prenda a respiração e solte lentamente. Pode te ajudar a relaxar." Sorriu zombeteiramente e perguntou: "Você andou assistindo as conferências do Dr. Laing? Ele esteve num *asham* em Sri Lanka, e está utilizando exercícios de ioga de respiração como procedimento psicoterapêutico". Deixei passar e permaneci em silêncio. "Sabe, Khan" (nunca tinha me chamado pelo nome; eu era o outro, você – anônimo e impessoal) "lembro-me de tudo da minha infância até hoje, mas foi o primeiro analista, tão intrometido e

dizendo coisas absurdas que chamava de interpretação, que fez com que eu me fechasse e ficasse em silêncio”. Não dei muita importância a nada disso. “Já que lembra de tudo e manteve todas estas recordações vivas na memória durante mais de trinta e cinco anos, certamente poderá dosá-las em prestações semanais.” Meu comentário divertiu-o, sorriu. Neste momento, percebi que era espiritoso, o que eu poderia explorar clinicamente.

Ele me fez lembrar que sua mãe era enfermeira, e que fora tão cuidadosa (palavras suas) como inflexível no que se referia à limpeza e a proceder adequadamente. Não compreendi muito bem o que ele quis dizer com “adequadamente”, mas anotei como algo significativo para uso futuro: que foi uma criança muito amada e cuidada aos dois anos de idade, e que se orgulhavam dele. O que continuava sendo incapaz de recordar era a ausência da mãe quando ficou doente e foi hospitalizada. Parece que pedira para ir visitá-la, mas disseram-lhe que os médicos não permitiam a visita de crianças ao hospital. Eram consideradas uma inconveniência, acrescentou. Foi somente com o trabalho do Dr. Bowlby e do Dr. Winnicott que este estado de coisas mudou, contou-me. Não disse nada, mas sentia que ele precisava de uma resposta. Brinquei, pois tinha dito para mim mesmo que desta vez iria “conduzir” sua análise como se se tratasse da análise de um menino de cinco anos de idade: “Mas você sabe, Johnny (pela primeira vez usei seu nome de batismo, deliberadamente, e do jeito que se fala com uma criança), por mais comportadinha que seja uma criança, sempre ocorrem “acidentes”, como vocês dizem com seu eufemismo inglês. Agitou-se na cadeira, pouco à vontade. De qualquer forma, a sessão tinha terminado. Separamo-nos, deixando todas as questões em suspenso, o que, eu sabia, para ele era uma situação aterrorizadora.

Ligou durante a semana dizendo que precisava de mais uma sessão naquela semana. “Está bem, posso atendê-lo hoje às nove da noite.” Chegou; estava tão tenso que fiquei com receio que se despedaçasse. Disse que se sentia todo dolorido. “É muito doloroso mesmo. Tome duas aspirinas, ajuda.” Levantei-me e fui buscar um copo de água e duas aspirinas. Tinha novamente agido de forma tola, mas sabia que precisava *fazer* alguma coisa por ele. Engoliu os comprimidos e contou-me a seguinte história sobre seu aniversário de cinco anos.

Evidentemente era uma criança muito querida porque havia um grande número de pessoas, crianças juntamente com seus pais, na festa em que soprara as velinhas e cortara o bolo. No momento em que estava cortando o bolo, peidou! A mãe tinha lhe dito para ir ao banheiro antes dos convidados chegarem, e ele tinha dito que não precisava. Assim que peidou (expressão sua), olhou para os pais. Seu pai ria, mas a mãe tinha uma expressão sombria. Depois que todos se retiraram, ela calmamente lhe disse que havia feito uma coisa *afrontosa*, absolutamente *inadequada*, e mandou-o para cama. Mais tarde levou-lhe algo para comer. Na época, estava grávida do segundo filho. Ele sabia. Acreditava inabalavelmente que foi a partir daí que perdeu toda a espontaneidade; só ficava em casa lendo, em vez de sair para brincar com os amigos como fazia anteriormente. Infelizmente, sua mãe ficou muito satisfeita porque os relatórios da escola eram excelentes.

Quando terminou eram quase onze horas da noite. Percebeu que eu estava exausto, e disse: “Quer que eu chame a governanta para colocá-lo na cama? Posso ajudar”. Agradei: “Sim, por favor, chame-a. Estou muito cansado. Mas obrigado por ter confiado em mim. Anotei mentalmente tudo o que você disse”. Só disse isso; ele saiu.

Sabia que ele esperava que eu comesse a sessão seguinte dizendo alguma coisa. Atuei novamente, com palavras, dizendo que, se havia alguma coisa da qual eu estava convencido, nos meus trinta e cinco anos de experiência clínica, era que toda vez que uma pessoa transformava um único ato na causa e raiz de todo seu sofrimento ulterior tratava-se sempre de um *álibi*, mesmo se tivesse realmente ocorrido. O que tínhamos que descobrir era por que um *ato*, o peido, tinha se tornado uma *condenação*. Fui franco, e disse que no momento não tinha a resposta, mas que agora tinha algumas pistas sobre sua dificuldade de estabelecer vínculos e sua necessidade de comportar-se *adequadamente* com todos, com a família, no trabalho e no ambiente social. Disse-lhe, pois está escrito em minhas notas, que era uma pena não ter consultado o Dr. Winnicott quando tinha cinco anos. Tinha vivido todas essas décadas sem alegria. E acrescentei: “Graças a Deus você não estragou as coisas para sua família. Eles são felizes, graças a você”.

Quando se atende um paciente uma vez por semana, há um estranho clima de urgência compartilhado por ambos, paciente e psicoterapeuta, em cada sessão. No entanto, a semana passa rapidamente para o analista, mas não para o paciente. Portanto, é importante não sobrecarregá-lo de angústia ou de sua contrapartida – demandas. É preciso muita força e confiança da parte de ambos para equilibrar essa aliança terapêutica. Nem sempre se consegue. Com Johnny Roberts foi possível. Deliberadamente mudei o ritmo das sessões, tendo em mente que ele tinha se submetido a uma terapia abreactiva. Falávamos sobre seus *hobbies*, um tema que eu tinha introduzido.

Já descrevi que, quando Johnny Roberts voltou para uma segunda análise, eu lhe dissera de uma forma um tanto áspera e sem premeditação: “Vamos tentar do *meu* modo!” E que agora ele queria saber como era o “meu modo”. Durante semanas evitei responder-lhe. Finalmente, numa sessão alguns meses mais tarde, disse-lhe: “Você se lembra que uma vez mencionou o Dr. Bowlby e o Dr. Winnicott? Bem, Winnicott foi meu analista, como eu já disse, e durante pelo menos vinte anos trabalhei em estreita colaboração com ele, tanto como clínico de crianças como organizando seus textos para publicação, desde 1949 até sua morte, em 1971. Era um verdadeiro gênio no que tange ao trabalho com crianças, e chamava sua técnica de “jogo de rabiscos” (Winnicott, 1971a). Sentava-se no chão, brincava com a criança, seja qual fosse a idade, de dois a treze anos, e num determinado momento pegava uma folha de papel, fechava os olhos e fazia um rabisco ao acaso. Depois pedia à criança para fazer dele algo com um significado – um pássaro ou, talvez, a forma de um objeto. Depois pedia para a criança desenhar um rabisco para que ele, Winnicott, transformasse em alguma coisa. Assim, gradualmente se estabelecia um “diálogo” entre eles. Prossegui: “Meu problema clínico com você foi – do que me recordo da ‘primeira análise’ – e é a seriedade tensa e a concisão calculada dos seus relatos. Só percebi que você era espirituoso depois daquele jantar com sua família”.

Franziu o rosto e interrompeu-me: “E no que isso nos ajuda?” “Vou tentar fazer um ‘jogo do rabisco com palavras’ com você, o que vai ser muito diferente das palavras cruzadas que faz

todos os dias no *Times*. Se conseguirmos, criaremos uma espécie de *espaço-para-o-jogo* nas sessões, no lugar das reportagens que faz de si mesmo." Ele me desafiou: "Tente!" Mais uma vez, ele levou vantagens sobre mim. Fiquei em silêncio e disse: "Bem, quando você me falou sobre a reação de sua família ao jantar na minha casa, disse: agora você se tornou o padrinho deles, e posso me retirar. Ora, uma pessoa como você, tão rigorosa no uso da linguagem, poderia ter encontrado uma palavra melhor do que 'padrinho', porque não sou cristão nem pertencço à Máfia". Parou para pensar e reconheceu: "Muito bem, você ganhou o primeiro ponto. Está dada a largada". E, nesse tom, despedimo-nos para os feriados de Natal.

"Johnny Roberts" começou a falar. Na primeira sessão depois do Natal, chegou dizendo: "Obrigado por ter recusado o convite para o almoço de Natal. Meus filhos insistiram tanto que tive que convidá-lo". Retruquei de imediato: "Não é fácil cair nas minhas boas graças. Venho de uma outra cultura e de outra classe". Percebi uma agressividade crescente na sua fala. Contou-me que, quando eram recém-casados, sua jovem esposa resolveu fazer um curso de culinária *Cordon Bleu*. Mas, depois do nascimento do primeiro filho, ele sempre encontrava um ou outro motivo para não ir para casa jantar. Então ela desistiu! Calou-se. Eu percebera. "Como você 'treinou' bem sua família", disse eu. "Em inglês 'treinar' aplica-se ao treino da toalete das crianças e dos animais domésticos. Sua mulher aceitou relações sexuais esporádicas, e seus filhos acomodaram-se a você, cada um conforme seu sexo e sua natureza. Mas você trabalhou duro nisso. Parabéns!"

Ele ficava muito surpreso por eu não *interpretar*, mas dar à conversa um tom de bate-papo. Tentou um outro truque: "Desde que nos casamos, há vinte anos, esta foi a primeira vez que consenti em convidar os avós dos dois lados, como também meu irmão e família, para o almoço de Natal. Tomei um porre antes deles chegarem, e nos divertimos muito". Parou de falar e brinquei com ele: "Meus honorários, por ter conseguido esta façanha, são 50 libras!" "Mas isso é uma afronta!" "Bem, se não quiser pagar, procure outra pessoa." Ele retrucou minha provocação: "O seu 'espaço-para-o-jogo', eis o que é: ganhar dinheiro". Mas

não me dei por vencido: “Na minha experiência com novos-ricos, esta é a única metáfora que funciona”. Ele riu, pela segunda vez, abriu a carteira e tirou uma nota de 50 libras. Recusei, é óbvio, dizendo: “Não, obrigado. Meu pai cuidou para que eu nunca precisasse ganhar dinheiro”.

O tempo foi passando. Para sua felicidade, “Johnny Roberts” teve, neste período, um cliente que se mostrou extremamente afrontoso com ele. Nada do que fazia estava bom para este cliente. Queixava-se amargamente. Um dia, com uma ingenuidade calculada, perguntei-lhe: “O que você faz para provocar nos outros essa atitude ultrajante? Eu mesmo já senti vontade de te dizer coisas ultrajantes, mas a decência do seu comportamento impediu-me”. Refletiu por um instante. Depois saiu, como se a sessão tivesse terminado. Faltou às próximas sessões porque ficou gripado, o que era incomum.

Em meus cartões, há uma nota curta: na volta J. R. começou contando que há alguns anos, na “primeira análise”, certa vez eu perguntara: “O que se passa nessa tua cabeça, se você não conversa com ninguém em casa nem no trabalho, e fica sozinho durante o fim de semana?” “Bom, posso te contar algumas coisas agora. Enquanto estava de cama, não lia nem ouvia rádio. Um dia, de repente, percebi que havia uma espécie de conversa no fundo de minha mente. Tentei captar o que estava sendo dito, mas não consegui. Apenas duas vezes ouvi: ‘Você é um sujo’ e ‘Comporte-se’. Nada mais.” Ficou em silêncio.

Eu estivera recolhendo dados a partir de sua fala “mais livre” dos últimos meses para oferecer-lhe a minha “reconstrução” de qual havia sido efetivamente a causa para sua “exigência consigo mesmo” (como costumava chamar) depois de ter peidado enquanto cortava seu bolo de aniversário quando completou cinco anos. Portanto, disse-lhe: “Tenho agora minha própria versão do que aconteceu na sua infância, que você descartou completamente, e que o levou a soltar o peido, este ato ultrajante. Mas como estamos no fim da sessão, vou dizer-lhe na próxima vez”.

No início da sessão seguinte, preveni-o de que tudo o que estava para lhe dizer acerca do que havia *acontecido* na sua infância podia ser inteiramente fictício, mas não sem sentido. “Como você sabe, geralmente os avós são muito mais indulgentes do que os

pais. Você deve ter observado isso com seus próprios filhos. Minha reconstrução é a seguinte: você foi um bebê mimado, segundo sua própria expressão, asseado e arrumadinho, zelosamente cuidado por sua mãe-enfermeira. Quando ela adoeceu, ficou com os avós que eram, como você me disse, mais pobres do que seus pais. Dormia na cama da sua avó, pois o apartamento deles era muito pequeno, dois cômodos apenas. Deve ter sido uma festa para você: além de mimá-lo, eles não se incomodavam com a sujeira que você fazia com suas roupas e com a comida. Acho que foi isso que aconteceu. Quando sua mãe voltou, você tinha que ficar *asseadinho* e comportar-se *adequadamente* de novo. Foi aí que você se recolheu, mas não no sentido de maturação; sua agressividade esperou até seu irmão nascer para você poder descarregá-la sobre ele, de forma dissimulada."

Ouviu atentamente. Depois que terminei, disse: "Você é diabolicamente perspicaz!" A sessão terminara. Ele saiu.

No dia seguinte, infelizmente, recebi o telefonema de um clínico da assistência médica informando-me de que meu irmão tinha sido hospitalizado, pois tivera um ataque cardíaco bastante grave. Todas as providências já tinham sido tomadas, mas ele pedia minha presença imediatamente, embora ele mesmo tivesse ligado para o hospital pedindo uma ambulância. Cancelei o próximo horário de Roberts, comunicando que tivera uma emergência na família, e que não sabia quando estaria voltando a atender. Deixei o nome de um colega que ele poderia consultar em caso de necessidade, mas disse-lhe que me manteria em contato.

Ao chegar no hospital, meu irmão estava confortavelmente instalado no quarto e saudou-me: "Como vê, posso dar conta de qualquer situação!" Antes de entrar, conversei com o médico que me disse haver duas alternativas: deixá-lo como estava e apenas medicá-lo – neste caso ele poderia ter um outro ataque cardíaco e morrer; ou submetê-lo a uma "terapia traumática", cuja consequência poderia ser alguma paralisia, mas viveria seis meses, não mais que isso. Havia um outro problema. Separara-se da mulher há dois anos, e tinha me nomeado seu "principal herdeiro". Era uma situação delicada. Consultei sua mulher; ela disse que era contra a "terapia traumática", mas que apoiaria qualquer que fosse minha decisão. Falei para o médico que gostaria que ele

fosse transferido para uma clínica particular, e que eu assumiria toda a responsabilidade.

Para meu irmão eu disse que aquele hospital não tinha os equipamentos necessários para seu tratamento; portanto, teria que ser removido. Começou a chorar e pediu: "Você vai ficar comigo o tempo todo, não vai?" "Claro!" Aos vinte e um anos, então um jovem capitão durante a Segunda Guerra Mundial, fora condecorado com a Cruz de Honra. Por toda sua vida, tinha sido um caráter independente e extrovertido. Agora tornara-se totalmente dependente de mim, pedindo para ficar o tempo todo com ele. Foi removido para uma clínica particular onde eu podia dormir no seu quarto. Liguei para o cirurgião que fizera minha operação de pulmão, mas que era na verdade cirurgião cardiologista, e ele concordou em assumir o caso. No quarto dia, meu irmão teve um segundo ataque cardíaco, e morreu em paz.

Todos os meus pacientes tinham sido informados da situação, e eu tinha deixado com cada um deles o nome de um analista que poderiam procurar, se necessário. Estaria fora por seis semanas ou mais. Fui para minhas propriedades no Paquistão, onde encomendei uma lápide para meu irmão no cemitério onde estavam nossos ancestrais, embora tivesse sido enterrado na Inglaterra. Voltei cinco semanas depois. Relato tudo isto porque os analistas raramente falam dos acontecimentos em sua vida pessoal que possam interferir com seu trabalho. A morte de meu irmão tinha mudado toda minha visão da vida, e sabia que meus pacientes perceberiam. Por isso, lhes contei. E não se trata de uma questão de transferência ou contratransferência, mas da vida real que molda nosso destino, a respeito do qual somos um tanto sinuosos, conosco e com os outros.

Durante o período da doença de meu irmão, Johnny Roberts e sua família mantiveram-se em contato constante comigo, oferecendo seus préstimos. Roberts foi o primeiro paciente que avisei de minha volta e que atendi. Disse-lhe, com franqueza, que me sentia aliviado com o fato da doença de meu irmão ter sido curta, e por ele ter morrido tranquilamente. Sentia-me triste, mas ele teve uma vida cheia e feliz. Portanto, podíamos começar onde paramos. Roberts disse: "Não hoje, na próxima sessão". Agradei-lhe, e concordei. Que ele era uma pessoa que realmente cuidava

dos outros, isso eu já sabia, de outro modo sua família não estaria tão bem, como também ele não poderia ser tão bem-sucedido numa profissão em que as relações públicas eram tão fundamentais para o sucesso. Mas o que se constituía uma experiência bastante nova para mim era o fato de ele poder *agir* de acordo com seus sentimentos e demonstrar sua preocupação e cuidado. Decidi aproveitar-me disso, clinicamente. Utilizando o conceito de Balint (1968), disse que era um “novo começo” para ele (Khan, 1969).

Na sessão seguinte, Roberts recontou como se embebedara, por puro nervosismo, enquanto esperava toda a família para o almoço de Natal. Depois do almoço, enquanto as crianças se divertiam com seus presentes, perguntou para a mãe se ela se lembrava daquele aniversário em que ele tinha peidado e ela o tinha mandado para a cama. Ela respondeu: “Lembro sim, e muito bem, porque você se recusou a sair de casa e não foi à escola durante duas semanas, e seu pai ficou furioso comigo porque eu o mandei para a cama. Você foi uma criança muito rancorosa!” Contou para ela que estava fazendo psicoterapia, e que ele achava que aquele incidente tinha mudado toda sua vida, mas que seu psicoterapeuta achava que não, que era um *álibi* para algo que já vinha acontecendo há muito tempo, especificamente desde a doença e ausência dela. Fez questão de enfatizar que a mãe tinha ficado surpresa e que comentara: “Seu psicoterapeuta tem toda razão”. E então ela lhe contou como tudo tinha ido bem com ele até sua hospitalização. Tinha procurado um médico porque não estava conseguindo engravidar novamente, e ele a mandara a um ginecologista que fez uma investigação cirúrgica que foi mal sucedida – contraiu uma septicemia e ficou hospitalizada por três meses. Tudo aconteceu de repente, e os avós paternos ficaram com ele. Quando voltou para casa (ele não foi autorizado a visitá-la), sentiu-se insultada e desolada ao vê-lo com o rosto sujo e as roupas desleixadas e sujas. Não disse nada para os avós; pegou-o, lavou-o e ferveu suas roupas. Ele se recusava a dormir em sua caminha: queria dormir com ela, como na casa da avó. Levou quatro meses para deixá-lo arrumado de novo, e capaz de dormir sozinho. Foi durante esse período que os relatórios da escola comunicaram que Johnny Roberts mostrava-se recolhido, não to-

mava parte nas brincadeiras e ficava lendo o tempo todo. Sua mãe tentou arduamente fazer com que brincasse com os amigos no fim-de-semana, mas ele se trancava no quarto. Depois engravidou e deixou-o em paz, pois parecia muito feliz lendo seus livros e catando pedrinhas no jardim que colava para fazer pequenos objetos. Isso me divertiu, porque quando falava sobre seus *hobbies* dizia que gostava de ir sozinho de carro para o interior onde comprava objetos de prata nos mercados de antiguidades por muito bom preço. Ao completar dezoito anos, pediu de presente um livro de lacres de prata. Seu outro *hobby* era jardinagem, e apenas muito recentemente comprara uma casa grande com um amplo jardim. Não comentara nada comigo, e brincou: "Não te contei porque fiquei com receio de que aumentasse seus honorários!" Eu ri.

A partir daí, transbordavam lembranças de seu comportamento vingativo dissimulado com o irmão, mas nunca abertamente agressivo. E, no trabalho, era a mesma coisa: alguns de seus colegas sentiam-se ultrajados porque ele deliberadamente deixava de fazer determinadas coisas. Podiam perceber, mas não conseguiam dizer exatamente o que ele não tinha feito, e irritavam-se. E, no entanto, devido a essa sua especialidade, nunca perdera um cliente para a empresa.

Agora os temas da agressividade, espontaneidade e do jogo ocupavam nosso trabalho. E, obviamente, as formações reativas correspondentes: sua meticulosidade, sua incapacidade de estabelecer vínculos (falta de reciprocidade) e seus atos vingativos e dissimulados. Ele me pedia uma maior frequência de sessões, mas recusei dizendo-lhe que eu realmente não tinha condições de trabalhar como antigamente.

Resumirei agora o trabalho clínico realizado nos seis últimos meses da "segunda análise" de Roberts. Tendo minha reconstrução confirmada pela mãe, passei a concentrar-me em estabelecer o quanto sua agressividade foi lenta e cumulativamente estrangulada por ela (Khan, 1963, 1964). Ela o tinha amado e cuidado dele; mas todas as crianças *têm necessidade* de serem afrontosamente desmazeladas e bagunceiras. A partir de sua experiência com bebês e crianças, Winnicott (1971a) teve muitos *insights* sobre este tema e escreveu a respeito. Disse a Roberts que o

"trauma cumulativo" dos cuidados da mãe, mais a atitude inibidora dela em relação à agressividade que ele manifestava sujando-se, foram gradativamente tornando-o uma criança agressiva e dissimulada; no seu quinto aniversário, vingou-se peidando de forma ultrajante. Mas, depois disso, voltou sua agressividade para a leitura obsessiva, a ânsia de aprender e a incapacidade de estabelecer vínculos. Tudo isso fez muito sentido para ele, e pediu-me: "Por favor, ajude-me a me relacionar com meus filhos". "É muito simples", disse eu. "Por que não pedir a eles que te ajudem a cuidar do jardim, quando o tempo estiver bom? E acompanhe sua mulher e seus filhos quando saírem para comprar roupas." "Essa é uma ótima idéia" (uma frase muito inglesa).

Vou pular meses de trabalho para chegar ao único sonho que relatou durante todo seu processo de psicoterapia:

Caminha por uma rua carregando um livro na mão. À sua frente, vê uma garota estrangeira usando shorts brancos sujos, meias soquete e tênis. Fica excitado e resolve começar a andar mais depressa. Ao passar por ela, acidentalmente (como se) bate com o livro no seu traseiro.

Acordou banhado de suor. Diz que foi um pesadelo, e acrescenta: "Você vai dizer que sou um perverso que se excita com a fantasia de bater em mulheres".

Respondi: "Você devia parar de colocar pensamentos na minha cabeça. O sonho, do meu ponto de vista, tem tanto a ver com sexo quanto o molho que se põe num filé Chateaubriand tem a ver com a carne. O que você obliterou do texto do sonho (Pontalis, 1977) foi a experiência de sonhá-lo (Khan, 1976a). Menciona que os shorts brancos da garota estão sujos: foi isso o que tanto escandalizou sua mãe quando ela voltou do hospital. Portanto, no sonho você perpetra um ato afrontoso. Pelo menos em seus sonhos você pode ser agressivo no que se refere a seus anseios e desejos. Já é um verdadeiro progresso".

Foram necessários meses para trabalhar este material clínico. As férias de verão aproximavam-se e decidimos, de comum acordo, que Roberts não precisava mais de psicoterapia. Já se passou mais de um ano, e ele e sua família passam bem.

Considerações Teóricas

De todo o cuidado, *holding*, manejo e tratamento psicoterapêutico desse paciente/pessoa, destacarei três questões para discutir:

1. Winnicott escreveu extensivamente sobre suas consultas com bebês, com crianças e seus pais, especialmente mães (1971a). Não compartilho do ponto de vista de que a “mãe suficientemente boa” *não* seja traumática para o bebê; portanto, escrevi alguns artigos sobre o trauma cumulativo (1963, 1964). Existem mães que são “suficientemente boas” *demais*, que inibem a agressividade do bebê e da criança com seu excesso de cuidado obsessivo. Esse paciente faz parte deste grupo de crianças.

Johnny Roberts desde cedo aprendeu, como pudemos ver, a converter sua agressividade numa atitude rancorosa provocativa e dissimulada com seu irmão mais novo e depois, na sua vida adulta, com seus clientes, como também com seus analistas anteriores. Deu então um passo além e acrescentou ao rancor o ultraje. Nunca apareceu na situação analítica como transferência ou contratransferência – apenas na postura corporal de estar tão tenso que eu temia quebrar-se. Não pedi associações livres. Quando voltou para a “segunda análise”, encarei-o face a face, o que virou tudo de cabeça para baixo, como já foi visto. Mas primeiramente eu gostaria de mencionar um aspecto sugerido por Starobinski (1980) sobre Lautréamont. Utilizou o conceito de *outrance* para explicar as “afrontas” e indecências verbais de Lautréamont. Escolhi cautelosamente utilizar o conceito de ultraje/ultrajante, porque *outrance* não inclui atos físicos de violência. O Marquês de Sade sabia que era afrontoso nos seus hábitos sexuais e deu um jeito para que ficasse preso pelo resto de sua vida adulta, embora tenha desempenhado um papel importante na Revolução Francesa. Também meu paciente abstinha-se de violência física, sexual ou de outro tipo, mas ele sabia como provocar o *outro*. Não foi bem sucedido nesta tentativa comigo, porque na minha vida pessoal fui uma pessoa extremamente afrontosa/ultrajante. Conhecia todas as artimanhas deste afeto, tanto na vida pessoal como profissional. Fui um bebê e uma criança excessivamente

mimados. Muito precocemente falava sete línguas. Tornei-me campeão internacional de pólo e squash. Portanto, ele não podia me superar.

A partir de minha experiência com pervertidos, pacientes *borderline* e toxicômanos, cheguei à conclusão de que a falta de espontaneidade no cuidado do bebê e da criança tem como consequência, na adolescência, o ultraje/afronta; isso se origina de um estado afetivo do ego, dissimulado, que se avoluma cumulativamente mas de forma inconsciente, na pessoa e expressa-se de várias formas erroneamente classificadas como caráter psicopata, neurose narcísica etc. O manejo clínico destes pacientes é muito difícil porque a interpretação acaba sendo um álibi usado pelo analista para encobrir sua incapacidade de dar conta da conduta do paciente. O paciente sabe muito bem como tirar partido da técnica do analista em proveito próprio, por meio da submissão, sem nunca alcançar a autenticidade própria de seu *self*. Tais pacientes atuam em suas vidas aquilo que os chamados neuróticos fantasiam ou sonham. Quando passam a fantasiar e sonhar, não estão mais dissociados.

2. A maioria dos analistas compartilha do ponto de vista de que todo paciente tem a capacidade de fantasiar e de sonhar. Citarei Winnicott (1984):

Numa alternativa mais amadurecida para o comportamento agressivo, a criança sonha. Ao sonhar, a destruição e o assassinato são vividos na fantasia, e este sonhar está associado com qualquer nível de excitação corporal – é uma experiência real, e não apenas um exercício intelectual. A criança que pode gerir os sonhos vai se tornando apta para o brincar, seja só, seja com outras crianças. Quando o sonho contém muita destruição ou envolve um tratamento muito severo para com objetos sagrados, ou se o caos predomina, a criança acorda gritando. Neste contexto, a mãe desempenha seu papel mostrando-se disponível e ajudando a criança a acordar do pesadelo, fazendo com que a realidade externa desempenhe seu papel reassurador. A criança pode levar cerca de meia hora nesse processo de acordar. O próprio pesadelo pode ser uma experiência estranhamente satisfatória para a criança.

Que a capacidade de fantasiar e a de brincar sejam o resultado de bons cuidados por parte do ambiente (da mãe ou substituta),

coloca tarefas específicas para o manejo e *holding* dos pacientes que passaram por trauma cumulativo advindo de deficiências nesta área do desenvolvimento.

Holding é uma função do *setting* analítico, enquanto *manejo* é basicamente um ato interpretativo do qual a maioria dos analistas é adepta. Combinar esses dois aspectos – especialmente com pacientes adultos – envolve tolerar todas as demandas dos pacientes, desde telefonemas a qualquer hora do dia e da noite até situações que obriguem a hospitalização. Esta última raramente é benéfica; apenas dá uma trégua para o analista.

3. Des-conectar meu próprio trabalho clínico e a associação com Winnicott quando ele fazia suas consultas “jogo dos rabis-cos” ensinou-me que há um mundo de diferenças entre bebês/crianças que crescem sendo acariciados e dormindo com seus irmãos ou seus pais, e as crianças que são criadas na sua caminha. Estas últimas aprendem muito cedo o que é não estabelecer vínculos, apesar de que todo cuidado é tomado para que fiquem assecadas e confortáveis. Pude ver o sucedâneo desta educação principalmente no tratamento de pervertidos e toxicômanos. Estes últimos têm um talento especial para o que eu chamo de cuidado-fingido, apenas para se livrarem de sua “vítima” assim que esta se torne dependente deles; então procuram uma nova vítima. Ora, Roberts não era perverso nem viciado em drogas, mas aprimorou a arte do rancor dissimulado e de fazer com que os outros agissem com ele de forma afrontosa. Poupano apenas sua família e, como disse a ele, não tenho a mínima idéia do porquê. Mas acrescentei: “É claro que você tinha que ser dependente, à sua maneira, não se vinculando”. Meu comentário contrariou-o. “Você me enganou, ao convidar minha família para jantar; não fosse por isso, nunca conseguiria descobrir”, disse, furioso.

Eu já tinha minha resposta pronta: “Você me teve por três anos durante o que você chama de sua ‘primeira análise’ comigo, como também teve outros. Por isso eu o testei quando você quis recomençar uma psicoterapia. Sei de longa data que se um paciente é afrontosamente exigente e *atua*, o analista não é menos exigente, com a diferença de que o analista *atua* por intermédio de seu atos interpretativos. Bem, eu não procedo assim. Quando acho que um paciente, como pessoa, necessita de meu *holding*,

pela atuação, isto é, administrando sua vida particular, eu atuo, nem sempre sabiamente, mas nunca para meu próprio benefício". Ele sorriu novamente e disse: "Não é de se espantar que tenham te expulsado da Sociedade Britânica de Psicanálise". Respondi: "Não dou a mínima para isso. Sou requisitado em todos os lugares do mundo. E mesmo se não fosse, posso sempre voltar para minhas propriedades no Paquistão. Quanto a isso, não tenha dúvidas!"

[1984]

6

“Pensamentos”

...O amor esconderia o ódio, o ódio um amor louco... O ódio não existe sem a presença e a permanência de seu objeto...?

J.-B. PONTALIS *et al.* (1986)

O homem não é mais que um módulo de relações.

SAINT-EXUPÉRY*

Neste capítulo apresentarei o material clínico das três primeiras fases de uma psicoterapia que se encontra em andamento. O paciente é um jovem rapaz. Quero demonstrar como uma “maternagem” superprotetora e o excesso de zelo constitui uma privação cumulativa que distorce o processo maturacional de individualização e autonomia e impede o estabelecimento daquilo que Winnicott conceituou como o status do *Eu sou* na criança. É isto que forma o cerne do *self* e propicia um desenvolvimento psicosexual saudável, tornando-a capaz de suportar as vicissitudes que

* No original, ... *L'amour cacherait la haine, la haine un amour fou... La haine n'exige-t-elle pas la présence et la permanence de son objet...?/ L'homme n'este qu'un noued de relations.* (N. da T.)

toda criança tem pela frente na fase edipiana, à la Freud (1905a) – como a angústia de castração e a mudança da ligação com o objeto primitivo (a mãe) para um relacionamento com ela que pode incluir outros. A privação cumulativa, por outro lado, resulta numa formação de caráter submisso, *como-se*, da qual a criança tenta ganhar independência e autonomia utilizando o potencial das tendências anti-sociais – que estão presentes em todas as pessoas – durante a puberdade e a adolescência. Raramente são bem sucedidas nessa tentativa e, como consequência, o desânimo normal da adolescência (Winnicott, 1971b) torna-se patológico e traumático. Isso leva a uma retração regressiva das relações, e dependência, seja em relação à mãe primitiva, seja em relação a seu substituto contemporâneo, o que impede o desenvolvimento do indivíduo num adulto funcional e criativo. Nós, analistas, encaramos isto como uma ruptura naquela pessoa. Pretendo fazer um relato detalhado de como trabalhei com isto clinicamente, não havendo de minha parte a menor intenção de ensinar ou de que meu procedimento seja seguido.

Um traço fundamental desta parada do desenvolvimento é conceitualizado muito apropriadamente, a meu ver, pelos termos “amor ao ódio” e “ódio do amor”. Clinicamente, é imperativo fazer uma distinção entre esta condição experimental e relacional nas auto-experiências – do masoquismo ao sadismo – que se originam dos conflitos entre o ego e o id, e o que se acrescenta das estruturas do superego e ideal de ego que produzem respectivamente culpa e vergonha. Ao iniciar uma relação clínica com a pessoa de um paciente, temos que tomar cuidado para que estes conceitos metapsicológicos não impeçam nossa aproximação dos problemas do paciente com a mente totalmente aberta (Main, 1975). Obviamente, nenhum de nós está completamente isento das adulterações da ingenuidade clínica que a educação nos reveste, e que aprendemos a mascarar com o jargão analítico. Aqui nos defrontamos com um paradoxo.

O processo clínico analítico ritualizado não pode operar sem máscaras, e no entanto é necessário que elas sejam transcendidas de alguma forma. Cada analista vai gradualmente inventando suas máscaras. Nosso trabalho e nossa forma de pensar torna-se estéril quando tomamos emprestadas as máscaras dos outros.

Primeira Fase

Dr. X, um psiquiatra, escreveu-me pedindo uma consulta, com urgência, para um rapaz de vinte e dois anos. Dizia que sabia, pela leitura de meus livros, que eu não gostava de receber informações detalhadas sobre o paciente do psiquiatra ou médico que fazia a indicação. Mas alguns fatos, resumidamente expostos, poderiam me ajudar a decidir se me disporia a marcar uma entrevista. Dizia que Benjamin (como passarei a chamá-lo) vinha de uma próspera família de classe média. Morava com os pais. Há oito meses, teve um esgotamento nervoso que o impediu de trabalhar. O clínico da família, que o acompanha desde os onze anos, notificou que durante toda a puberdade e adolescência Benjamin foi ativo e extrovertido, passando por ocasionais acessos de alterações de humor que variavam de uma hiperatividade frenética a um recolhimento repentino. Alguns dias de repouso e um sedativo ou antidepressivo leve geralmente eram suficientes para que voltasse a seu estado normal. Portanto, após o esgotamento, o clínico aconselhou repouso absoluto e receitou um antidepressivo. Depois de um mês, não apresentou grande melhora. Ao contrário, parecia mais angustiado e irritável. Depois de conversar com a mãe, e com seu consentimento, procurou um tratamento psicoterapêutico para Benjamin. Tentou três psicoterapeutas, mas logo após algumas sessões o tratamento não ia em frente porque Benjamin não conseguia dizer qual era seu "problema", embora estivesse totalmente consciente de sua natureza e de seus conteúdos e soubesse que esta era a causa de todas as suas crises desde onze anos de idade, incluindo o esgotamento que tivera oito meses antes. Independentemente do quanto tentasse, Benjamin não conseguia falar sobre seus "pensamentos", e todos o culpavam por uma falta de cooperação obstinada. O Dr. X acrescentava que os três psicoterapeutas anteriores, de diferentes escolas de pensamento, tinham escrito para o clínico de Benjamin relatando o que acreditavam ser o diagnóstico e aconselhando diferentes métodos de tratamento, de acordo com o estilo de trabalho de cada um. Num aspecto, porém, a avaliação dos três coincidia: de que o prognóstico era bastante insatisfatório. Nem a mãe nem o

clínico compartilhavam deste ponto de vista, portanto o tratamento seria interrompido.

Benjamin começou, então, a ir à igreja, o que não fazia há sete anos, para meditação solitária. A mãe, uma católica devota, viu nisso um bom sinal, mas também não funcionou porque Benjamin ia progressivamente se tornando mais recolhido e apático, e só conversava com os pais, com a namorada e com o médico. Foi então que este ultimou encaminhando Benjamin para o Dr. X, que o considerava um paciente agradável e cooperativo, a não ser pelo fato de que, embora mencionasse seu “problema”, não revelava nada sobre seu conteúdo. Atendeu-o regularmente, mas depois de dois meses também o Dr. X passou a achar que não estavam fazendo nenhum progresso. O Dr. X combinava terapia individual com terapia de grupo, e tinha obtido bons resultados nos seus vinte anos de prática. Acreditava que ouvir as outras pessoas falarem de seus mais íntimos problemas talvez pudesse ajudar Benjamin a falar de seu próprio. Mas, infelizmente, a tentativa foi desastrosa e, após a primeira sessão de terapia em grupo, Benjamin desabou. Não saía da cama e não recebia ninguém, exceto seus pais e o clínico; nem mesmo a namorada. Todos ficaram muito preocupados; no domingo de manhã o médico ligou para o Dr. X dizendo que o estado de Benjamin tinha se agravado perigosamente, e pediu que fosse vê-lo imediatamente; ele foi.

Benjamin havia telefonado para o Dr. X na segunda-feira anterior – três dias antes da sessão de terapia em grupo – para avisar que não poderia ir naquela semana porque estava gripado. O Dr. X enfatizou que, embora Benjamin fosse manipulativo, não tinha o hábito de mentir. Ao vê-lo, Benjamin disse para o Dr. X, com rancor, que a sessão de terapia em grupo tinha intensificado seu “problema”. Neste ponto, o Dr. X chamou os pais e o clínico e disse-lhes, delicadamente mas com firmeza, que realmente não havia mais nada que pudesse fazer, embora Benjamin necessitasse urgentemente de ajuda psicoterapêutica. Disse também que sabia de um psicanalista paquistanês com ampla experiência no cuidado e tratamento dessas condições em jovens. Se todos concordassem, escreveria para mim pedindo uma consulta. Não sabia se eu poderia atender Benjamin, mas ao menos poderia aconselhar que tipo de tratamento psicoterapêutico seria de ajuda, e

com quem. E, por último, havia uma outra questão que precisava ser tratada com certa urgência. Os empregadores de Benjamin queriam saber por quanto tempo teriam que manter sua licença, e afirmavam que não poderiam mantê-la além dos próximos três meses. O Dr. X finalizou sua carta dizendo que não achava que o prognóstico de Benjamin fosse tão ruim e que acreditava que ele se recuperaria com o tratamento adequado. A família, acrescentou, era cordial e cooperativa e, caso eu o aceitasse em psicoterapia, ele e o clínico dariam a cobertura médica e estariam disponíveis para qualquer ajuda que eu considerasse necessária para o tratamento de Benjamin. Deixava o endereço e o telefone de Benjamin e reiterou a necessidade de que eu o atendesse o mais rápido possível.

Para mim, clinicamente, é imperativo ter alguma idéia, antes de fazer uma primeira entrevista, de que caminhos o paciente já trilhou psicoterapeuticamente. Não me sinto tão interessado em saber de antemão qual é sua doença ou qual a gravidade desta. Conhecer os caminhos por ele trilhados possibilita-me estabelecer, ou pelo menos tentar, o "espaço psíquico" que imagino que poderia ser facilitador e conveniente para ambos. A honestidade e franqueza da carta do Dr. X impressionaram-me bastante; portanto, pedi para minha secretária ligar e marcar uma entrevista para o dia seguinte. Benjamin esperava meu telefonema; concordou em vir e chegou pontualmente.

A secretária acompanhou-o até minha sala. Deixei-o sozinho por alguns minutos para orientar-se no meu *setting* clínico. Quando entrei, Benjamin levantou-se, apertou minha mão e disse seu nome completo. Para começar o processo clinicamente, perguntei-lhe como ele gostaria que eu o chamasse. Respondeu educadamente: "Benjamin, por favor". Não perguntou como me chamar. Eu estava me dando um tempo para me reorientar em relação a Benjamin. O rapaz de vinte e dois anos que eu havia antecipado encontrar era muito diferente daquele que estava em pé na minha frente. Fui até minha cadeira e ele se sentou. Enquanto ele falava, eu observava atenta, mas discretamente seu jeito de vestir-se. Começou perguntando-me se o Dr. X tinha me falado dele; ficou em silêncio e, com um sorriso constrangido, corrigiu-se: "Claro que sim, senão como você teria o número do meu tele-

fone, não é? Na verdade, eu queria perguntar o que ele falou sobre mim”.

Eu ainda estava tentando me livrar das concepções preparatórias que fizera a seu respeito, portanto não pude vê-lo tal qual ele escolheu se apresentar, física e mentalmente. Tinha certeza de que cada um de nós tinha se preparado para lidar com o outro. Desviei-me de sua pergunta para ter mais tempo de observá-lo, e perguntei-lhe se ele poderia, por favor, sentar-se na cadeira mais próxima à minha. “Desculpe-me”, disse ele, e mudou de cadeira. Percebi que o tom em que se desculpava era mais de vergonha do que de culpa, como se tivesse feito algo inadequado; portanto, tranquilizei-o dizendo que, como ele podia perceber, minha voz era muito fraca e talvez não pudesse ser ouvida a uma certa distância. Ele não perguntou nada sobre minha voz. Tão logo acomodou-se na outra cadeira, contei-lhe resumidamente o que o Dr. X tinha escrito em sua carta. Enfatizei que tudo o que eu sabia sobre ele fora por intermédio desta carta, a saber, que ele tinha vinte e dois anos, que tivera um esgotamento nervoso há oito meses, que tinha procurado três psicoterapeutas, mas que com nenhum deles tinha conseguido falar sobre seu “problema”. Tinha tentado meditação depois disso e, quando percebeu que também não funcionava, foi encaminhado para o Dr. X. Não fiz segredo do fato de que – como o Dr. X escreveu com toda franqueza – depois de estar atendendo Benjamin há dois meses, senti que não estava chegando a nada; portanto, mudou de tática psicoterapêutica e pediu-lhe para fazer um grupo de análise também. Tinha participado uma vez do grupo e o resultado foi desastroso; o Dr. X me escrevera pedindo que eu lhe oferecesse uma consulta urgentemente em função de seu recolhimento e inércia subsequentes.

Enquanto falava eu observava Benjamin atentamente, e notei que ele percebeu que eu o observava. Era, portanto, perceptivo, mas ouviu-me com uma expressão afável. Disse que o Dr. X era uma pessoa muito franca e bondosa, mas que tinha dado duas informações erradas sobre sua atitude depois do esgotamento. Primeiro, não tinha ido a nenhum especialista em função de uma necessidade ou demanda pessoal; tinha sido mandado pelo seu médico, com o consentimento da mãe, a cada um deles. Segundo,

não se tratava da hipótese de eles não terem conseguido ajudá-lo a falar sobre seu “problema”, do que consistia, mas do fato de que todos eles tinham se mostrado tão ansiosos por ajudá-lo e, quando não conseguiam, mostravam-se impacientes e acusativos e, sugeriam os mais diferentes procedimentos, que variavam desde interná-lo num hospital psiquiátrico até ser tratado em casa por uma assistente social. Nem sua mãe nem seu médico aceitaram tais sugestões; portanto, estavam dispostos a interromper o tratamento. O Dr. X tinha sido uma exceção. Neste momento, Benjamin parecia mais assustado e angustiado. Mudei de assunto e perguntei o que o Dr. X havia dito sobre mim para ele e para seus pais. Repetiu literalmente o que o Dr. X havia escrito, mas acrescentou que ele tinha dito que eu era um aristocrata, e que era famoso tanto pela qualidade do meu trabalho como pelo meu estilo de vida e de vestir-me. Ficou em silêncio.

Mudei novamente de assunto. Estava determinado a manter viva a conversa entre nós, mas não demasiadamente séria, a fim de estabelecer um ritmo dinâmico para aquilo que Freud (1940) chamou de “nossa tarefa comum”. Comentei que, já que ele tinha mencionado meu estilo de viver e de vestir-me, ele devia ter reparado que eu também estivera observando atentamente seu estilo de vestir-se. Ele disse que sim, que percebera, e perguntou por quê. Respondi que era pouco comum para um jovem da idade dele, no meio da década de oitenta. Disse que estava bem arrumado, num estilo clássico, muito inglês. A maioria dos jovens de sua idade, hoje em dia, se bem vestidos, optam pelo exótico; se são meio “hippies”, vestem roupas estranhas e coloridas com um desmazelo calculado. As roupas dele, muito asseadas, não davam muitas pistas a respeito da pessoa que as usava; eram impessoais, um pouco sombrias. De repente, percebi que seu estado de espírito tinha-se alterado; estava se corroendo por dentro. Fiz um comentário jocoso, para facilitar: “Está nevando um pouco hoje, as ruas estão molhadas, mas mesmo assim seus sapatos estão secos e brilhando, embora seu cabelo esteja molhado”. Ele sorriu, e disse: “O Dr. X me contou que você, diferentemente de seus colegas de profissão, morava num apartamento muito luxuoso e extremamente bem decorado. Portanto, antes de tocar a campanha, limpei meus sapatos com um lenço de papel”. Falar isto o

relaxou. Percebi que, embora “embrulhado” em si mesmo, ele mostrava uma certa ansiedade. Seguiu-se um silêncio constrangedor. Deixei-o afligir-se um pouco. Perguntou: “O que você gostaria de saber a meu respeito?” “Hoje, nada sobre seu ‘problema’, mas seria bom se pudesse me contar alguma coisa sobre sua família, sua vida em casa, sobre sua educação.”

Ficou pensativo. Recostei-me para ouvi-lo. Começou dizendo que sua casa sempre foi agradável. Seus pais nunca brigavam, embora fossem muito diferentes de gênio. Mamãe era muito meticulosa, religiosa e dedicada ao trabalho. Era diretora de uma escola maternal quando ele era criança e, depois que mudaram para a casa na qual moram, ela voltou para a faculdade para fazer um curso de especialização e, agora, vivia ocupada com o bem-estar da criança. Seu pai era um tipo mais à vontade, levava as coisas numa boa. Mudaram-se quando estava com onze anos; papai tinha um bom emprego, tanto que ele e os dois irmãos puderam cursar a universidade. Os pais eram muito zelosos no que dizia respeito à educação dos filhos, mas nunca forçaram uma ou outra profissão. Seu irmão, três anos mais velho, teve um desempenho muito bom na faculdade e arrumou um emprego na City. Não mora mais com eles, embora sempre apareça nos fins-de-semana. O outro irmão, três anos mais novo, é um tipo tranqüilo; estava cursando a faculdade e era um aluno muito aplicado. Nas férias ia para casa, mas não por muito tempo porque viajava para a França e para a Grécia, já que estudava línguas.

Benjamin sempre foi muito diferente dos irmãos; era mais franzino, mas era forte e bom atleta. Sempre conseguiu as notas suficientes para ir para a universidade, mas não foi. Nunca contou para ninguém, mas foi por causa do seu “problema”. Com dezotois anos, arrumou seu primeiro emprego – como escriturário. Seu “problema” começou quando tinha quinze anos. Até então era extrovertido, jogava rúgbi, tinha muitos amigos e amigas, e começara a ficar fora de casa até tarde depois que mudaram. Sua mãe ficou perturbada com isso, mas não interferia diretamente. Mas com quinze anos passou a ter acne, e tudo mudou. Tinha vergonha da acne. O problema começou nessa época. A única coisa que podia me dizer era isso: tratava-se de “pensamentos” sexuais muito bizarros e macabros, que não tinham a mínima relação

com a realidade. Qualquer tipo de percepção desencadeava-os, e não podia detê-los uma vez começados. Ficou um pouco em silêncio, e depois disse: "Por favor, não me pergunte nada mais sobre meus 'pensamentos'. Já te falei sobre meu problema mais do que para qualquer outra pessoa". Ficou quieto, e pude perceber que ele, muito tenso, esperava por uma resposta minha.

Refleti cuidadosamente, e disse: "Fico aliviado por você não me contar mais nada hoje. Teremos muito tempo para você dividir comigo seus 'pensamentos'; depois que tivermos estabelecido uma relação, então eu o conhecerei melhor e serei capaz de dar algum sentido para eles, e ajudá-lo. Se, para me agradar, você põe tudo para fora hoje, não chegaremos a lugar nenhum". Parei. Inclinou-se para frente, e perguntou-me excitado: "Quer dizer que você vai me atender? O Dr. X me disse que achava pouco provável". Respondi que tinha deixado de aceitar pacientes há uns quinze anos, mas que estava disposto a atendê-lo três vezes por semana e que meus honorários eram tanto por sessão. "Você pode pagar?" Respondeu que sim; o Dr. X tinha dito para ele, e para seus pais, que eu cobrava caro. Sentia que podia trabalhar comigo, e também que precisava, não só por sua saúde mental, mas também para voltar a trabalhar o mais rápido possível, senão perderia o emprego, que era muito bom. Estava nessa empresa há quase dois anos.

Olhei as horas e percebi que estávamos juntos há quase duas horas; marquei uma sessão para o dia seguinte e encerrei a entrevista dizendo: "Vou escrever uma nota sucinta para o Dr. X comunicando-lhe que você se encontra sob meus cuidados psicoterapêuticos. Você informa seus pais". Levantamo-nos, apertamo-nos as mãos, e ele saiu. De repente, senti-me exausto. Evidentemente ele pedira mais do que eu registrei. Escrevi para referência futura: Diagnóstico: um pervertido *manqué* precoce, e acrescentei: não posso dizer, a partir dessa primeira consulta, se os "pensamentos" de Benjamin são uma variante de perversão-egóica ou uma perversão sexual. No dia seguinte, ditei para minha secretária notas extensivas, finalizando com um aviso para mim mesmo: Não deixe que ele se torne excessivamente confiante e "íntimo muito depressa". Mantenha a distância relacional e viva, e não deixe que se transforme num espaço confessional (Freud, 1940).

Afinal de contas, foi criado na tradição católica e deve conhecer todas as manhas de falar sem dizer muito.

Descrevi a primeira entrevista tão detalhadamente, mesmo correndo o risco de parecer superficial e banal, para mostrar como nós, analistas, quando iniciamos um relacionamento clínico com um paciente/pessoa, delimitamos o curso futuro dos encontros terapêuticos e até o destino do paciente, se chegamos a tanto. Minha experiência mostra que os analistas, principalmente os ingleses e os americanos, colocam mais ênfase em como, a partir das comunicações verbais e do comportamento do paciente, eles decifraram a fantasia inconsciente e seu significado, do que em deixar que a narrativa clínica fale por si mesma. Exemplos extremos disto são os artigos de Melanie Klein, Herbert Rosenfeld e Hanna Segal. As narrativas clínicas de Winnicott são, especialmente as consultas com crianças, tanto únicas como excepcionais. Nossos colegas franceses, quando escrevem sobre seu trabalho clínico e sobre suas técnicas, podem parecer muito mais autênticos no que se refere à veracidade do que fazem, mas trata-se basicamente de um estratagema lingüístico de comunicação. Talvez façam seu melhor teorizando. Meu estilo de escrever sobre meus encontros clínicos é muito diferente, na medida em que não tenho o desejo nem de iluminar nem de ensinar ninguém, mas sim de expandir minha própria percepção acerca de meu trabalho clínico, "compartilhando-o" com os colegas e leitores. Este esforço para comunicar-me com o outro invisível e não-presente desembaraça-me do uso dos clichês conceituais da nossa metapsicologia, e me permite utilizar uma linguagem o mais próxima possível da cotidiana. Uma *écriture* psicanalítica, a meu ver, não é um mistério hermenêutico pertencente a uma classe muito diferente da conversa recíproca, que é tanto mais quanto menos que um discurso. Nenhum de nós pode repudiar sua origem. Fui criado numa tradição oral, não-literária, daí meu viés no sentido de compartilhar a experiência mais com relação à fala do que no sentido de uma *écriture* conceitual predeterminada e ordenada.

Escrevi que havia ditado notas extensivas a respeito da consulta para minha secretária. Para tornar inteligível ao leitor meu estilo de trabalho clínico, devo dizer aqui que tomo notas na frente do paciente, e com a permissão deste, durante a primeira en-

entrevista, por duas razões: para impedir que minha atenção vagasse enquanto escuto o paciente e/ou para criar e estabelecer uma distância psíquica entre o paciente e eu. Considero esta distância psíquica como uma atitude de relação clínica, muito diferente do que Stoller (1985) denomina de "espaço psíquico". Considero este último uma conquista do trabalho clínico com o paciente, isto é, se no processo clínico formos bem sucedidos em uma reciprocidade de conversa e resposta. Obviamente, em que momento este "espaço psíquico" se manifestará depende da natureza e gravidade da doença do paciente como também da competência e experiência do analista. Às vezes se dá logo na primeira consulta, mas acho necessário garantir primeiramente que a distância psíquica esteja firme e dinamicamente estabelecida. Sempre tomo e mantenho a iniciativa.

Voltando a Benjamin. Depois de livrar minha mente do amontoado de material da entrevista, quando me preparava para recebê-lo para a primeira sessão tinha os seguintes pensamentos para guiar meu *holding* e manejo clínico:

1. Perguntava-me por que eu o tinha aceito em psicoterapia e por que tinha lhe oferecido três dias consecutivos antes do fim-de-semana. A única pista que eu tinha era que sua situação, "pensamentos", interessava-me. Talvez fosse, também, um fator, uma certa vaidade de ser bem sucedido onde outros falharam. Eu com certeza achava que valia a pena ajudá-lo e sentia que podia aprender desta experiência. Além do mais, seu "tormento" pedia ajuda, apesar de sua negatividade declarada (Freud, 1940a). Benjamin era um rapaz orgulhoso, e pedir ajuda era para ele um passo em direção à saúde.
2. Não o via como o paciente difícil que meus colegas, exceto o Dr. X, divisaram. Sua invalidez recente, pressentia eu, dava uma falsa impressão de seu potencial de cura e de crescimento como pessoa, de ser mais do que o filhinho da mamãe.
3. Acreditava também que ele tinha maior capacidade de *insight* e autoconhecimento do que aquela que lhe creditavam. Um comentário que fez durante a entrevista chamou

minha atenção: falando sobre seus “pensamentos”, disse que eles o *envergonhavam e aterrorizavam*. Não se deleitava com eles, o que eu achava difícil de acreditar, uma vez que desempenhavam tão grande papel e ocupavam tanto tempo de sua vida no momento. Acrescentou, e foi isso que me impressionou profundamente, que sentir culpa e dor (psíquica) era um alívio que não conseguia encontrar em si mesmo. Envergonhava-se apenas de seus “pensamentos”.

4. Outra razão pela qual havia lhe oferecido três horários consecutivos naquela semana, ou assim me convenci, era que, se houvesse um intervalo, o pequeno momento de relação clínica que conseguimos pudesse ser arruinado por uma investida de seus “pensamentos”. Mais do que com adultos, a análise de crianças mostrou-me o papel deste espaço de tempo. Algumas crianças precisavam ser atendidas duas vezes no mesmo dia porque não conseguiam manter a experiência da sessão durante o intervalo (Winnicott, 1965).
5. Tinha a firme convicção de que os “pensamentos” de Benjamin eram mais importantes pelo papel autoprotetor que desempenhavam do que pelo possível significado que pudessem ter para ele suas fantasias perversas, com seu conteúdo macabro. Tinha o palpite de que, de alguma forma incompreensível, os “pensamentos” criaram um espaço privado que ele não tinha conseguido estabelecer na relação com a mãe e com os irmãos e que não podia ser violado por ninguém.
6. Embora Benjamin reconhecesse duas crises, pude identificar quatro em seu relato: uma quando abandonou os estudos e resolveu não ir para a universidade, e outra aos onze anos quando não “sucumbiu” mas “rompeu” – como de uma prisão – em hiperatividades desafiadoras, como ficar na rua até tarde com os amigos, para grande mortificação de sua mãe.
7. E, por último, achava que os “pensamentos” eram os “correlatos objetivos” de Benjamin para suas tendências anti-sociais, fruto de privações cumulativas registradas,

mas não vivenciadas como tais, desde sua mais tenra infância. Este conceito pego emprestado de T. S. Eliot, que escreveu em seu ensaio sobre *Hamlet* (1918): "A única maneira de expressar a emoção em forma de arte é descobrir um 'correlato objetivo'; em outras palavras, um conjunto de objetos, uma situação, uma cadeia de acontecimentos que será a fórmula daquela emoção específica, de tal forma que quando fornecidos os fatos externos, que devem terminar numa experiência sensória, a emoção seja imediatamente evocada". A tarefa clínica que se colocava, tanto para Benjamin como para mim, era gradualmente descobrir, e reconstruir, essa "emoção" a partir da plethora de seus "pensamentos".

Claro que, para mim, era alguma coisa pensar tudo isso. Não tinha dúvidas de que abastecer Benjamin com meus pensamentos era outra. Esperava que ele se mostrasse submisso, sem resistência ou receptividade ou reciprocidade. Vamos ver agora como Benjamin lidou comigo e com meu manejo e *holding* de suas experiências de si mesmo, dentro e fora do *setting* analítico. A dosagem de manejo e *holding* era a tarefa crucial que clinicamente se impunha para mim. Era uma pessoa passiva, que facilmente "delegaria" para mim a responsabilidade de impulsionar a ação em sua vida. Eu tinha decidido que ele não se tornaria, e que não deveria se tornar, o menininho do Khan, depois de ter sido o menininho da mamãe. Além do mais, de nada adiantaria para ele adquirir uma autonomia sem um *mim* – Benjamin – para que essa autonomia pudesse dar frutos. Uma autonomia *como-se* seria tão destrutiva, como também sabotadora de uma vida pessoal criativa, quanto eram seus "pensamentos". Afinal de contas, ele tinha indicado que estes eram "autônomos", isto é, desencadeavam-se independentemente de seu desejo e de sua vontade.

Benjamin chegou parecendo ainda mais pálido e anêmico do que na consulta anterior. Também parecia agitado e inquieto. Perguntou se eu queria que se deitasse no divã; respondi que eu preferia que ele se sentasse e conversasse, mas se fosse muito constrangedor para ele podia se deitar. Eu não tinha regras rígidas a esse respeito. Sorriu e comentou que se lembrava de um

outro comentário do Dr. X a meu respeito: que eu era um dissidente dentre os analistas e por isso, embora fosse famoso, não era muito popular entre meus colegas em Londres. Deixei passar, e permaneci em silêncio. Seu desconforto era crescente, mas permanecia imóvel, exceto por um gesto contínuo de ajeitar a gravata. Sentia que lutava para dizer alguma coisa, mas na medida certa: nem mais, nem menos. Finalmente disse que, a respeito de uma coisa tinha retido algo essencial quando me falara sobre seus “pensamentos” na consulta anterior. Sentira-se envergonhado com isso, porque eu tinha sido tão direto com ele. Comentei, provocando-o: “Você não está se confessando para uma padre e, como já disse, não aprecio a intimidade das confissões momentâneas e compulsivas. Se o fato de não conseguir manter algo para si é um traço da doença do paciente, é minha propensão e minha obrigação ficar à parte e manter minha distância”.

Meu comentário deixou-o totalmente perplexo. Recobrou-se e disse que não se tratava de uma questão de confissão, mas de seus votos. Perguntou-me se sabia alguma coisa sobre as aulas de catecismo aos domingos nas igrejas católicas. Quando tinha seis anos, sua mãe mandou-o assisti-las, e continuou até os onze anos. Aí parou. Os padres falavam muito sobre honrar os votos feitos, e fazer “votos” era uma das maiores artimanhas para tirar toda a espontaneidade de alguém. Faziam com que você acreditasse que era só fazer um voto para que fosse satisfeito. Antes de se encontrar comigo, tinha feito um voto: iria me contar sobre seus “pensamentos”, sobre a natureza deles, mas não o conteúdo em detalhes. Mas tinha omitido que eram cruéis, vingativos, sujos, obscenos e sádicos. Não diria mais nada a respeito hoje.

Senti que ele estava se tornando muito solene, portanto resolvi provocá-lo: “Isso é tudo que estava te incomodando desde nossa entrevista? Tente me dizer algo mais interessante”. Perguntou: “O quê, por exemplo?” Respondi que no relato que fizera sobre si mesmo uma coisa tinha me impressionado: dissera que tinha sido um bom jogador de rúgbi na escola. Sim, mas tinha parado de jogar por causa de seus “pensamentos”, comentou apressadamente. Com raiva fingida, comentei: “Danem-se seus ‘pensamentos’; me dê uma chance de perguntar o que preciso saber”. Evitei deliberadamente o uso do verbo “quero”, e continuei: o

que tinha me impressionado era que ele era magro, de estatura mediana, e meio afetado nos seus modos. "Não estou sendo sarcástico, portanto não me leve a mal. Não sei muita coisa sobre o jogo, mas tive três pacientes que eram bons jogadores de rúgbi: dois deles tinham mais ou menos um metro e oitenta de altura e eram musculosos, o outro era atarracado, mas uma massa de músculos. Benjamin disse impaciente: "Eu era exatamente como esse terceiro quando tinha quinze anos. São os 'pensamentos', que *invadem* tudo que faço, digo ou vejo, que me tornaram tão magro, como se eu quisesse ficar invisível de vergonha". A utilização do verbo invadir, e o que dissera a respeito de se tornar invisível, não só me surpreenderam como comentários plenos de *insight*, como também me deram esperança quanto a seu futuro na psicoterapia e na vida. Raramente falamos sobre o papel da esperança ou do desânimo que sentimos com relação a nossos pacientes. Não estou me referindo à contratransferência aqui.

Ao me preparar para nosso terceiro encontro, o último antes de um fim-de-semana prolongado (segunda-feira era feriado), tinha que decidir em qual dos muitos indícios que eu recolhera da narrativa verbal e do comportamento de Benjamin no setting analítico eu me concentraria. Devido ao fim-de-semana prolongado, queria encerrar a sessão com uma afirmação que não pudesse ser confundida com uma interpretação, mas que lançasse alguma luz quer nas funções, quer no significado de seus "pensamentos". Portanto, comentei que, quando utilizou o adjetivo "sujo" para seus "pensamentos", usara um eufemismo para "esmerdecado". Retirou-se lépido, o que não era de seu estilo, como se um peso tivesse sido retirado de seus ombros.

Na sessão de terça-feira (a quarta), chegou com um brilho nos olhos. Falou com um pouco mais de entusiasmo do que nas vezes anteriores. Sua linguagem era precisa e surpreendentemente versátil para uma pessoa sem formação universitária. Contou-me que lia muito: romances, livros de aventura e de história. Eu tinha percebido que ele sempre chegava carregando um livro, como se fosse um talismã contra um pavor imprevisível. Contou-me que no final da sessão anterior, caminhando da estação do metrô para casa reparou, pela primeira vez, numa loja de animais domésticos. Estava aberta. A loja existia ali desde quando muda-

ram de casa, mas nunca havia parado para olhar. Desta vez, viu na vitrine um lindo cãozinho preto brincando com uma bola de squash. Entrou e perguntou se o cachorrinho estava à venda; o dono da loja disse que sim, e o preço. Custava bem caro, era um terrier com pedigree. Benjamin disse que iria levá-lo, e tirou seu talão de cheques. O dono, no entanto, hesitou e perguntou se morava em casa ou em apartamento. Benjamin contou-lhe que morava numa casa com um jardim grande. O homem explicou que tinha perguntado porque os terriers eram pequenos mas muito ativos, originalmente criados para caçar animais que viviam em tocas. Eram engraçados como cães de estimação, mas não se desenvolviam bem em apartamentos. Díficeis de treinar, mas limpos. Precisavam de exercício e de muito espaço para correr, caso contrário apanhavam todo tipo de doenças.

Benjamin disse que podia providenciar tudo isso. O dono da loja deu-lhe o nome e endereço do veterinário da região, que lhe diria quais as vacinas que deveriam ser dadas e quando. Vendeu para Benjamin o cachorro, a bola de squash e uma vasilha para água, e deu algumas instruções para treiná-lo. Quando Benjamin chegou em casa, com a bola e a vasilha e o cachorrinho bem aquecido debaixo de seu casaco, seu pai encontrava-se na sala assistindo televisão. Achou graça na nova aquisição de Benjamin, mas apressou-se em dizer: “Bom, filho, e como você vai convencer sua mãe em aceitá-lo?” Benjamin disse que manteria o cachorro no seu quarto, mesmo pequeno, e que ele mesmo cuidaria de sua alimentação e de levá-lo para passear. A mãe chegou enquanto estavam conversando. Ficou sem saber como reagir, mas logo já estava dando instruções quanto ao que deveria ser feito para treinar o cachorrinho e manter a casa limpa, assecada e sem cheiro. Benjamin acrescentou, de forma oportuna: “Veja como minha mãe imediatamente tomou as rédeas dos cuidados e do treino do cachorrinho”. Ele o batizara de Stew; achei o nome apropriado como também irônico para seu *self* substituto, lembrando que na gíria a palavra significa “estado de agitação”.

Eu não tinha dito nada até então. Benjamin calou-se e depois perguntou se tinha esbanjado comprando o cachorrinho e se tinha feito uma coisa certa. Respondi simplesmente que, se tinha pago, evidentemente tinha dinheiro para isso; quanto a certo ou errado,

tudo o que eu podia lhe dizer era que este tinha sido o primeiro ato positivo na direção de sua *autocura* (Khan, 1974a). Permaneci em silêncio, depois comentei, casualmente, que já era tempo de ele assumir em si alguns aspectos da superproteção da mãe. Tinha começado a fazer isso adotando Stew (escolhi cuidadosamente o verbo) para cuidar e treinar; e acrescentei que, embora não pudesse ter certeza, minha intuição me dizia que ele iria corrigir alguns aspectos e características da maneira como a mãe tomava conta da família e da casa. E mais: que se ele tinha se utilizado da maneira como a mãe transformava a vida familiar num casulo, tinha pago por isso na medida em que vinha levando uma vida aleijada e restrita. Que gradualmente mesmo os espaços e as atividades que abrira começaram a ficar encerrados dentro dele, e ele terminou por capitular completamente, transformando-se no menininho da mamãe, totalmente sob seus cuidados e sob sua proteção. Achava que esse era o principal objetivo e função de suas crises. Comentei: “Você mencionou apenas duas crises: uma há oito meses que o levou a deixar de ir trabalhar” – enfatizei o ato de *ir* – “e outra quando interrompeu a psicoterapia com o Dr. X”. Dei a entender que eu pressentia duas outras no curso de seu desenvolvimento, e que tinha certeza de uma quinta, bem anterior, que não seria fácil decifrar.

Ouviu o que eu dizia com uma impaciência rígida, como se eu estivesse, para usar suas próprias palavras em relação a seus “pensamentos”, *invadindo* a ele e a seu espaço psíquico interno. Esta foi minha primeira tentativa de algo que se assemelha a uma interpretação. Ele era supersensível e superperceptivo, portanto entendeu o recado. O problema com Benjamin era que ele sempre era *super* – qualquer coisa, quer dizer, super-reativo, super-protetor etc. Defendeu-se alegando que sua última crise foi causada por ter ficado escutando uma mulher do grupo de terapia do Dr. X falar incessantemente sobre sua vida sexual; os outros membros do grupo protestaram dizendo que já tinham ouvido tudo aquilo inúmeras vezes; a reação dele foi completamente diferente. Os “pensamentos” tinham sido desencadeados; sentiu vontade de ir embora, mas ficou. Desabou quando chegou em casa. Embora se sentisse *mal* quanto a isso, não havia nada que pudesse fazer.

Eu tinha percebido que ele usava a palavra *mal* em vários contextos onde a maioria das pessoas usaria “culpado”, e comentei isso com ele. Perguntou angustiado: “Você realmente se ressentiu por eu ter comprado o Stew?” Respondi que não, muito pelo contrário, tinha gostado, e que percebia o quanto era difícil para ele diferenciar, e focalizar separadamente, o que eu sentia e como sua mãe reagia a seus atos. Falou que comprar Stew tinha sido a primeira coisa que fizera sem consultar a mãe. Refutei dizendo que sua boêmia desafiadora, a camaradagem de certa forma anti-social com os colegas de escola quando tinha onze anos – que tanto desconcertou a mãe porque ele ficava na rua até tarde – foi seu primeiro gesto na direção de sua vida pessoal e autônoma. Por cinco anos foi um descanso frutífero, embora tenha terminado numa crise que tomou a forma de abandonar os esportes e a vida social.

Meus comentários irritaram-no, e novamente atribuiu tudo às invasões de seus “pensamentos” e mais: “o que isso tudo tem a ver com a pobre mamãe? Ela não pode evitar, como diz papai caçoando dela. Ela não se dá descanso, sempre superasseada, superocupada, supercuidadosa. Agora que nós, os filhos, crescemos, ela faz a mesma coisa com as crianças que ensina”. Provoquei-o: “Você me surpreende: desde quando você cresceu?” Terminei a sessão com esse comentário bastante desagradável. Não queria tratá-lo com mimos. Era um risco calculado que eu corria, da mesma forma como anteriormente nesta mesma sessão eu tinha lançado o conceito de Winnicott (1956) de “tendências anti-sociais” para caracterizar a intenção da mudança de conduta e o relacionamento com a mãe aos onze anos.

As duas semanas seguintes foram meio insossas, do ponto de vista clínico. Apesar da atitude defensiva determinada e dissimulada de Benjamin, surgiu, no entanto, bastante material acerca de sua vida, como por exemplo o fato de estar superpreocupado com o bem-estar de Stew e, especialmente, com a segurança dele. Stew era um cãozinho muito ativo, brincalhão, e era difícil mantê-lo no espaço do quarto e de uma casinha de madeira que ele e a namorada, Cathy, tinham feito. Deixei as coisas rolarem. Raramente sou o marcapasso para um paciente apesar do que Green (1976) escreveu acerca do meu estilo de trabalho – em-

bora não tolere facilmente a êxtase clínica. Para mim não importa em que área da vida de um paciente as coisas são dinâmicas e mutativas; não precisam ser necessariamente assim no espaço do setting clínico. Sempre mantenho meus olhos e ouvidos vigilantes para detectar como um paciente está se movendo na vida, e não me refiro necessariamente a fazer. "Deixar sem realizar" (Khan, 1977) e ser clinicamente suportado nos estados regressivos na análise são igualmente dinâmicos (Little, 1985). Regressão à inércia no autocuidado militante negativo, que é uma negação da autocura, é tão danoso quanto é um desperdício de vida. Em Benjamin, esses estados regressivos expressavam-se por intermédio de seus "pensamentos", que Winnicott (1971) conceitua como fantasiar, que é a morte da vida psíquica, causando uma parada global do viver, amar, odiar do processo de desenvolvimento. Autocura é um conceito introduzido por mim, com o qual acredito que todos nós, de uma forma ou de outra, nos preocupamos em alguns estágios cruciais do desenvolvimento e de mudanças em nossas vidas: no estágio edipiano, à la Freud (1950a), na puberdade e adolescência, à la Erikson (1950), e na maturidade, isto é, por volta dos quarenta e cinquenta anos, se chegamos lá vivos e vibrantes, e não comprimidos por aqueles rituais e hábitos particulares que nos negam o aumento de experiências e que só a vida compartilhada com os outros pode propiciar. Isto é particularmente verdadeiro no que se refere ao trabalho clínico dos terapeutas, onde o uso de um dogma conceitual pode substituir uma relação empírica de relação com o paciente.

Voltando à existência até aqui predestinada de Benjamin, havia um aspecto a respeito do qual eu não tinha dúvidas: sua mãe era tão superprotetora quanto incapaz de reciprocidade e de jovialidade. Estes traços do caráter da mãe levaram ao "amor ao ódio" na infância, à espera, se não ao pedido, de intrusões danosas que ele agora chamava de "invasões" dos seus "pensamentos", que Winnicott (1960b) classificou de "intromissões", e que acredito resultaram num trauma cumulativo ou privação cumulativa. Estou colocando aqui pela primeira vez a noção de privação cumulativa, e rigorosamente diferenciando-a do conceito de privação como definido e utilizado por Winnicott (1984) e Bowlby (1969). Nesse contexto, embora adiantando material ainda por vir

nas fases subseqüentes do trabalho clínico com Benjamin, quero postular que considero o “amor ao ódio” na criança como resultado de suas respostas ao ódio (inconsciente) da mãe pelo filho, que tem como álibis a superproteção e o excesso de zelo. Antecipando ainda mais uma compreensão ulterior dos “pensamentos” e das excentricidades da conduta de Benjamin, estou colocando a hipótese de que durante a puberdade e a adolescência a pessoa faz uma tentativa de retificar esses vínculos pelo “amor ao ódio” e de reverter a equação “amor ao ódio” para “ódio do amor”, que é igualmente prejudicial à vida e ao desenvolvimento.

Vou encurtar minha narrativa clínica e apresentar somente o material relevante para a compreensão de minha hipótese de que os “pensamentos” de Benjamin tinham a intenção e a função de “ódio do amor”, o que representava um ganho em termos de desenvolvimento, como um movimento de afastamento do “amor ao ódio” resultante da relação com a mãe. Na décima sessão – quer dizer, três semanas depois do início da terapia comigo – Benjamin chegou tremendo e muito assustado. Pela primeira vez, chegara muito atrasado. Contou-me eruptivamente, o que não era de seu feitio, que estava atrasado porque tinha acontecido um terrível acidente em casa. Stew crescera rapidamente, e era quase que incontrolavelmente brincalhão, correndo pela casa toda, apesar de todos os esforços de Benjamin para mantê-lo em seu quarto. Naquele dia, enquanto Benjamin se arrumava para vir para a sessão, Stew escapuliu do quarto e foi correndo para a sala de estar onde, depois de deixar uma pequena poça, acomodou-se na frente do fogo. Benjamin ficou consternado com o que Stew tinha feito, e num instante secou o chão e limpou o carpete com detergente anti-séptico, mas um pedaço do carpete ficou molhado. Disse, exasperado: “Mamãe vai chegar antes que eu, e só Deus sabe o que fará com o coitado do Stew. Vai perceber o que ele fez. Quase não vim para a sessão hoje, mas depois pensei que talvez você pudesse me dizer o que fazer para proteger Stew da raiva da mamãe”. Fiquei em silêncio por algum tempo, depois disse: “Sabe, Benjamin, às vezes é muito curativo deixar o Outro, seja ele uma pessoa, seja um bichinho de estimação, fazer aquilo que nunca teve a liberdade, o espaço ou a possibilidade de fazer”. Pareceu-me desanimado, e comentou adotando ares de hippie, que eu tinha toda a condição de permanecer tranqüilo e jocoso em re-

lação ao terrível acidente que tinha acontecido porque não teria que me haver com a raiva da mamãe. Ri. Mais relaxado, ele disse: “Bem, papai e eu vamos ter que nos haver com o que der na vincta da mamãe. Muito provavelmente, ela vai lavar todo o carpete, que é bem grande. Portanto, nada de televisão hoje à noite, e papai vai ter que ir para seu quarto ler e descansar. Papai trabalha tanto, depois voltar para isso... Sinto-me mal com isso”. Deixei por aí, e ele foi embora mais cedo.

Mamãe fez exatamente o que Benjamin antecipara, para divertimento de papai. Nas duas semanas seguintes, o material clínico girou em torno da sujeira que as crianças fazem, e de como mamãe podia tolerá-la nas outras crianças, mas sempre tomara todas as precauções para evitar que seus filhos fizessem qualquer tipo de bagunça. Durante essas semanas, pela primeira vez e inesperadamente, o irmão mais velho de Benjamin convidou-o para passar o fim-de-semana em seu apartamento na City, que ele costumava chamar de seu aposento, pois consistia de apenas um quarto, cozinha e banheiro. Cathy concordou em levar Stew para sua casa no fim-de-semana, e mamãe também achava que seria bom para ele ir. Ficou muito surpreso com isso; e foi. Seu irmão colocou um colchonete no chão para ele dormir. Era a primeira vez nos seus vinte e três anos de vida que passava um fim-de-semana prolongado fora de casa. Teve um sonho do qual se lembrou. Sempre sonhava, mas nunca conseguia se lembrar dos seus sonhos. Exclamei: “Ter alguém para contá-los ajuda”. Não deu muita atenção ao meu comentário, e prosseguiu dizendo que não poderia contá-lo para mim porque os “pensamentos” tinham invadido o sonho. Eu o reassegurei um pouco, falando: “Benjamin, você não acha que é mais um passo na direção da saúde e de voltar a viver e trabalhar o fato de você ter acrescentado um novo espaço à sua experiência de si mesmo, quer dizer, o espaço do sonho? (Pontalis, 1972). Daqui em diante os ‘pensamentos’ não vão acontecer exclusivamente no espaço da sua cabeça porque existe a disponibilidade do espaço do sonho. Com toda certeza isto deve ser um alívio”. Escarneceu de mim dizendo que eu era muito inteligente, e tinha a capacidade de contornar toda e qualquer situação. No entanto, como “recompensa”, contou-me o sonho:

Tinha voltado para casa depois de ficar com o irmão. Subiu correndo para seu quarto para ver como estava Stew. Não havia Stew nenhum, só merda espalhada por todo lado.

Acordou aterrorizado e em pânico. Telefonou para Cathy para saber de Stew, receando que tivesse sido atropelado ou que estivesse machucado. Cathy atendeu sonolenta – eram cinco horas da manhã de domingo – e contou-lhe que Stew estava dormindo a seu lado, são e salvo. Permaneci em silêncio. Perguntou-me o que o sonho queria dizer. Eu deveria saber, era um analista, comentou. Respondi que, primeiro, não se tratava de um sonho porque tinha certeza de que ele tinha esse medo de que Stew fosse atropelado por um carro ou por uma motocicleta na rua – por esta razão, nunca tinha saído com ele. O jardim era um lugar seguro, e o máximo que Stew fazia era estragar as plantas e flores da mamãe. Segundo, disse que eu tinha uma forte impressão de que atrás do conteúdo do sonho havia uma lembrança real, algo que havia acontecido na infância ou que tinham lhe contado. Benjamin ficou espantado e relatou uma história horrorosa que seu irmão mais velho lhe contara quando tinha seis anos de idade. Contou que tinha lido no jornal que um homem tinha estuprado, cortado os genitais, estrangulado um menino de cinco anos, ou menor ainda, e espalhado merda por todo seu corpo. A cidade toda estava aterrorizada com o acontecimento, e a polícia continuava a procurar o estuprador-assassino (palavra dele). Desde que ouvira essa história, Benjamin se tornara superprotetor, como mamãe, em relação a seu irmão mais novo, e ia ele mesmo buscá-lo na escola. Mamãe costumava levá-lo para o jardim-de-infância, mas ela voltava muito tarde para casa e não podia pegá-lo. Ficou em silêncio, pensativo. Esperei para ouvir o que ele tinha para dizer. Disse que era muito estranho nunca ter lhe ocorrido que uma coisa tão horrorosa pudesse acontecer com ele também, já que costumava ficar fora até tarde, na casa antiga, mesmo depois que escurecia, esperando a mãe chegar. Papai ficava com o irmão mais novo dentro de casa. Escolhi este momento para propor uma terceira interpretação para o sonho. Lançando mão do material da sessão em que me contara sobre o “terrível acidente”, disse: “Benjamin, quando você estava falando sobre as possíveis reações de sua mãe à sujeira que Stew tinha feito no

carpete, expressou seu temor de que ela ficasse com muita raiva por causa da sujeira. Acho que o que você mais temia era uma guinada na atitude dela: de cuidados excessivos com Stew para ódio mortal. Esta é certamente uma parte da experiência do sonho que permaneceu desconhecida para você (Khan, 1976). Seu telefonema para Cathy, perguntando sobre Stew, e o fato de você ter tido este sonho num momento em que tanto você como Stew se encontravam a salvo do ódio da mãe, confirmam para mim a leitura que fiz do sonho".

Cobrimos uma larga extensão de trabalho clínico nas semanas subsequentes a este sonho, mas a maior parte do material não é relevante ao tema deste capítulo. Portanto, vou pular vários meses para a última sessão antes do Natal, e de uma interrupção de treze dias. Ao chegar, Benjamin parecia apreensivo e preocupado. Recebera uma carta do diretor da empresa declarando que, se não retornasse ao trabalho no dia 2 de janeiro, seria obrigado a se afastar. Perguntou: "Você acha que posso voltar para o trabalho?" Respondi, sem hesitar: "Não vejo por que não. Só que, se você fizer disso um voto, então não conseguirá". Reconhecia o risco que implicava tanto para ele como para Stew, por duas razões. Enfatizei o fato de que, quando tinha onze anos, ele correu o risco ficando até tarde na rua com os amigos, e arcou com as consequências. Ficou mais forte, fisicamente, e um bom esportista. Acrescentei que ainda não podia dizer por que ele teve um processo tão agudo de acne e ficou incapacitado por seus "pensamentos". Perguntou: "Você não acredita em doença orgânica?" Disse que sim, certamente, mas só até um certo ponto; minha experiência me mostrava que a acne tinha fortes componentes psíquicos e emocionais na sua etiologia. Quais eram estes, no caso dele, eu só viria a saber lentamente. No momento, a questão importante para ser conversada era como poderia passar a interrupção de Natal positivamente. "Você tem alguma sugestão? Meus irmãos certamente virão para casa e mãe, com toda certeza, vai arrumar uma ou duas crianças para passar o Natal conosco, por uma razão ou outra. Portanto, a casa estará cheia." Considerei a questão com cuidado, e disse: "Você me contou que seu irmão mais velho nunca fica em casa, e que seu outro irmão deve viajar logo depois do Natal. Por que você não

vai para a casa de Cathy com Stew?” “É uma ótima idéia; justo nesse ano seus pais estarão fora e ela vai passar o Natal na minha casa.” Disse-lhe que estaria disponível caso ele se atrapalhasse consigo mesmo durante esse período e terminei a sessão desejando-lhe um Natal feliz e despreocupado.

Segunda Fase

Benjamin ligou-me no primeiro dia do ano pedindo que fizesse o favor de mudar os horários das suas sessões, pois estaria retornando ao trabalho no dia seguinte. Ofereci os horários das sete horas às segundas, quartas e sextas. Aceitou e chegou pontualmente para a sessão. Parecia desolado e exausto, mas sem ansiedade ou rancor. Disse que passou bem o dia, e que enquanto esperava a hora de vir para a sessão ligou para casa para saber de Stew. O pai atendeu e disse: “Como era de imaginar, mamãe cuidou de tudo”. Mamãe tinha ligado para a vizinha, uma senhora idosa que vivia sozinha e tinha uma diarista que lhe arrumava a casa e preparava as refeições; ela tinha adorado a idéia de ficar com Stew durante os dias da semana, enquanto Benjamin estivesse no trabalho. Não lembrava se tinha me dito que morava bem longe do meu consultório, cerca de quarenta quilômetros, e mais longe ainda da City, onde trabalhava. Havia um trem direto para minha casa e para o trabalho. Mas, mesmo assim, tivera que acordar às sete horas naquele dia. Mamãe preparava o café da manhã para ele, e a comida do Stew. Engoliu seu café, ficou quinze minutos fora com Stew e saiu correndo para pegar o trem das oito. Por isso parecia exausto. Benjamin não tinha me contado nada sobre seu trabalho e sobre seus colegas; daí perguntei: “Como foram as coisas no trabalho?” Disse que ficou surpreso por ter sido recebido de forma calorosa; até mesmo o diretor mandou chamá-lo para saber como estava e para dizer que estava satisfeito com sua volta e esperava que tudo corresse bem.

Eu estava novamente marcando passo, pois não estava muito seguro de como orientar sua terapia daqui em diante, tendo em

vista a mudança repentina no modo de vida. Tinha pensado bastante, desde que me dissera que estaria voltando para o emprego; de tudo que foi dito entre nós e do que vinha acontecendo na sua vida doméstica e no setting e espaço clínico três aspectos se destacavam:

1. Havia uma dissociação aguda tanto em suas lembranças das atividades que exercia entre o período da infância até os onze anos (quando mudaram de casa) quanto da sua vida posterior. A não ser pela história contada pelo irmão quando tinha seis anos e seu excesso de preocupação com a segurança do irmão mais novo, Benjamin não se recordava de quase mais nada daqueles anos. Em contraste, a partir dos onze anos suas lembranças eram vívidas e exatas, mesmo que não pudesse relatar grande parte delas. A tarefa clínica era para mim reconstruir (Freud, 1937) os aspectos dominantes de sua experiência, desde o excesso de proteção da mãe até a resultante atitude de vida daqueles anos. Minha suposição, a partir do pouco que contou, era a de que tinha sido um bebê e uma criança asseada e submissa. O que eu poderia fazer? Chamar sua mãe para obter as informações de que precisava sobre o relacionamento entre eles naqueles anos, sobre sua vida no jardim-de-infância que tanto ele como os irmãos frequentaram entre os três e seis anos de idade, e que era dirigido por ela? Tinha certeza de que se não obtivesse um conhecimento confiável a este respeito não conseguiria manter Benjamin no emprego. Mas não estava com vontade de encontrá-la, pois sabia que ela iria imediatamente me capturar na sua teia de cuidados excessivos com Benjamin, que tinha engolido Stew agora.

2. Não tinha dúvidas de que Benjamin era eficiente no trabalho, mas não era indispensável. Na época, todas as empresas, mesmo as estatais, estavam cortando funcionários devido à enorme inflação na Inglaterra. E, mesmo assim, o lugar de Benjamin fora mantido por um período bastante longo, de quase um ano. Recebeu salário integral durante os três primeiros meses de licença, e metade no restante do tempo. Em compensação, a empresa pagou, e continuaria a pagar, metade das despesas médicas (incluindo psicoterapia, o que na Inglaterra era raro). Os pais arcam com a outra metade de suas despesas com a análise. Portanto, Benjamin deveria ter qualidades especiais para receber tra-

tamento tão privilegiado por parte de seus empregadores. Quais eram elas eu não sabia.

3. Tinha me contado sobre os colegas, com quem ficava na rua até tarde, entre os onze e quinze anos, mas não se tornou amigo íntimo de nenhum deles. Também nunca me falara sobre relacionamento com os colegas de trabalho. Cathy era a única amiga íntima que tivera nos últimos dois anos; e todo o crédito era dela. Tinha a mesma idade que Benjamin, era de família rica, mas independente e trabalhadora, e esportista. Tinha seu próprio carro e os pais eram liberais. Me referi a Benjamin e Cathy como amigos e não como amantes, porque do pouco que ele me contara sobre sua vida, e sobre o relacionamento entre eles, não parecia haver amor ou sexo. Estava profundamente ligado a ela, e ela era a única que aturava sua mãe. Cathy tinha suas amigas, e não dependia da companhia dele. Amava-o, mas não cobrava nada. Compreendera que ele era um rapaz doente, e aceitava-o assim. Era uma pessoa inteira, descomplicada e uma garota bonita; Benjamin tinha me mostrado uma foto. Os pais dela aceitavam Benjamin sem impor condições; deixavam os dois a sós, diferentemente da mãe na sua própria casa. Ora, nenhuma garota é um anjo; portanto, devia haver nele algo tão valioso para Cathy que ela se dispunha a esperar até o momento em que ele pudesse se entregar totalmente. O que era eu não sabia; e acho que Benjamin também não. Ele tinha uma estranha capacidade de viver num desconhecimento transparente de si mesmo, apesar das invasões assombrosas de seus "pensamentos" e de seus *insights* acerca do papel que desempenhavam nos seus relacionamentos. Sabia sofrer sozinho, sem sobrecarregar ninguém. Tive a oportunidade de ver esta qualidade no nosso relacionamento clínico. Mas nada disso proporcionou um *insight* quanto ao o que o deixou tão doente, desde a infância. Meu medo era que Benjamin usasse o retorno ao trabalho como um álibi operacional para evitar um confronto autêntico consigo mesmo.

Winnicott (1960) escreveu, com muita propriedade, sobre a dissociação entre o "verdadeiro" e o "falso" *self*. Como coloquei anteriormente, tenho muitas restrições quanto à utilização dos adjetivos "verdadeiro" e "falso". Quando trabalhava com Winnicott em seus textos, muitas vezes questionei com ele a veracidade

e sabedoria do uso destes adjetivos. No entanto, nenhum de nós conseguiu encontrar alternativas apropriadas. Pessoalmente, prefiro utilizar “autêntico” em vez de “verdadeiro”, e “reativo” em vez de “falso”.

Quanto ao conceito de *self*, este só ganhou uso corrente nas duas últimas décadas. Mesmo os dois austeros mestres do Vocabulário de Psicanálise (1967), Laplanche e Pontalis, não concederam o status de conceitos metapsicológicos aos substantivos “amor”, “ódio” e “*self*” – que são a fonte, como também a matéria-prima, de qualquer trabalho psicoterapêutico. É impossível encontrar uma discussão mais profunda e compreensiva sobre o conceito de *self* do que a que Pontalis faz em seu artigo “The birth and recognition of the *self*” (1975), no qual utiliza a palavra inglesa *self* no seu texto escrito em francês, pela simples razão de não haver equivalente nesta língua.

Ao tratar da situação de uma pessoa como Benjamin, não podemos evitar ou escapar de utilizar o conceito de *self*. Substituí-lo pelo conceito metapsicológico “ego” é restringir nosso trabalho clínico, nosso pensar e nossa capacidade de penetração. “Amor ao ódio” e “ódio do amor” não são vicissitudes de experiências egóicas e funções do desenvolvimento, mas são experiências relacionadas com e a partir do *self*, desde seus primórdios até seu status de adulto em uma pessoa. Até mesmo o conceito de “identidade” de Erikson (1959) fica deficiente em amplitude, que o conceito de *self* cobre. Laplanche e Pontalis, incidentalmente, não dão espaço para o conceito de identidade; no entanto, o tratamento de adolescentes é inviável sem a exploração clínica das experiências de formação da identidade.

Antes de voltar para Benjamin e para nosso trabalho juntos, gostaria de deixar explícita uma distinção tendo em vista a narrativa clínica e dramática que faço aqui. Do meu ponto de vista, “amor ao ódio” não é o mesmo que masoquismo, assim como “ódio do amor” não é sadismo. Os conceitos de masoquismo e sadismo pertencem ao interjogo psicosssexual do ego, id, ideal de ego e superego (Chasseguet-Smirgel, 1975), no processo de maturação e de desenvolvimento, e embora sejam decisivamente significativos em si mesmos, constituem apenas uma parte da experiência total de uma pessoa.

Depois que Benjamin voltou a trabalhar a concentração e o clímax do trabalho clínico dispersaram-se; por cerca de cinco semanas este oscilava na conversa sobre sua vida externa em geral e sobre Cathy e seus pais em particular. Muitos podem considerar isto como resistência, uma vez que o material clínico produzido era *nonsensical*. Compartilho da crença de Bion quando afirma: "Nunca acredito em nada a não ser que seja *non sense*".

Benjamin acrescentou mais dois espaços de experiência aos da vida doméstica e do *setting* analítico: o espaço do trabalho e do clube. Havia um bom clube de esportes em seu bairro. Tinha se tornado sócio quando estava com dezoito anos, mas abandonara com vinte, quando seus "pensamentos" sexuais perversos começaram a se impor sobre qualquer coisa espontânea e prazerosa que fizesse, transformando-a em cruel ou sádica. Isso levou a um aumento insuportável de mal-estar (palavra dele) e conseqüente alienação, resultante de sua recusa regressiva gradual de relacionamento com os outros, que restringiu sua vida aos cuidados excessivos da mãe e à casa. Um fato irônico é que ele conheceu Cathy no clube nas últimas semanas em que o frequentou. Cathy era uma garota esportista. No final da primeira semana de trabalho, foram juntos ao clube e ele renovou seu título de sócio. Mesmo que com custos para a situação clínica, eu estava satisfeito por ele se ter aberto para novos espaços, ao invés de ficar se corroendo dentro do espaço da sua cabeça.

Disse que minha impressão inicial de Benjamin era de um pervertido *manqué* precoce. Chasseguet-Smirgel (1984) descreve "modos" de pensar perverso como: "Pensar que é o inimigo". Acredito que esse tipo de pensamento deriva mais de um sentimento de *pecado* do que de *culpa* (Menninger, 1973), e está mais estreitamente relacionado com um desenvolvimento precoce e patológico do ideal de ego do que um superego severo (Khan, 1964). Embora a relação clínica se encontrasse mais difusa pelas novas atividades de Benjamin, eu mantinha vivo na memória meu dossiê particular de indícios. É muito mais difícil, como também traiçoeiro, lembrar em que contextos um paciente não falou sobre algo do que registrar na memória os restos dos dados anunciados. Além do mais, estava convencido de que com Benjamin era quase impossível obter material relativo à sua infância através de suas

recordações, ou do relato da mãe, para decifrar verdadeiramente o que levou a esse relacionamento “amor ao ódio” entre *elas*. Digo *elas* enfaticamente: amor e ódio alterando-se em vários contextos e levando ao tipo de caráter *como-se* que ele desenvolveu.

A dificuldade de dar sentido a dados da experiência num paciente adulto é que não se pode arrancar as lembranças mais antigas com interpretações com este fim porque, por mais que estas últimas possam nos convencer e ser aceitas com gratidão por nossos pacientes, isso só repete a cumplicidade, no aqui e agora da relação transferencial, que foi vivida com a mãe na infância, e da qual nossos pacientes só casualmente se tornam conscientes.

Portanto, o único recurso clínico que restava era a reconstrução que, sendo derivada do potencial simbólico da narrativa altamente “mentalizada” (uma palavra oriunda da minha experiência clínica) de Benjamin, seria tanto experimental quanto lábil. Faço uma distinção entre o psíquico, o mental e o imaginativo como qualitativamente diferentes entre si. Os escritos perversos do Marquês de Sade são destituídos da dimensão do psíquico e imaginativo, daí suas charadas ridículas de crueldades que não têm correlatos na realidade. Isso é verdadeiro no que se refere a todos os textos pornográficos, de Sade até as cartas “confessionais” da revista *Playboy* (Khan, 1972). Não há amor nas narrativas que Sade faz das relações e atividades sexuais e eróticas de seus personagens – somente “amor ao ódio” por parte da vítima, e “ódio do amor” por parte daquele que perpetra as atrocidades. O exemplo mais revelador disto é o romance de Sade *Justine or Good Conduct Well Chastised* (originalmente intitulado *Les Infortunes de la Vertu*, mas rebatizado para facilitar a publicação). Justine é a vítima; sua virtude era nunca aprender com seu *vécu**, e assim ela permanece num estado perpétuo de graça e de inocência. Em cada um dos episódios ela busca “proteção” e cuidados daqueles que não deixarão de vitimá-la sexualmente. (O que da parte dela é, na verdade, uma cumplicidade não-reconhecida.) Este é seu “amor ao ódio”.

* Em francês, no original. Vivido (N. da T.)

No que se refere à Benjamin, tinha percebido como se sentira “mal” quando expandiu o âmbito e a liberalidade, como também a amplitude e intensidade de seus “pensamentos”. Felizmente, para ele, nunca encontrou um cúmplice, e Cathy, desde que entrou na sua vida, sempre foi uma companheira, mas não sua cúmplice. Os acontecimentos destas cinco semanas revelaram o caráter de seu relacionamento com a mãe, consigo mesmo, e dos outros com ele, e ajudaram-me a mudar minha forma de me relacionar com ele, clinicamente e sob outros aspectos.

Nos últimos dias da segunda semana, Cathy foi até a casa dele para assistir ao filme *Lawrence da Arábia* na televisão. Pela primeira vez, ele, Cathy, papai e mamãe estavam juntos assistindo televisão. Mamãe não conseguia sossegar um minuto sequer. Tinha que fazer alguma coisa: servia as bebidas e café, tirava os copos e xícaras vazios, oferecia aperitivos etc. Papai e Benjamin não disseram nada, mas Cathy se encheu. Levantou-se e sugeriu que Benjamin fosse para a casa dela onde poderiam assistir ao filme no seu quarto. Benjamin, pela primeira vez, saiu com Cathy sem consultar a mãe ou dar uma desculpa. O filme acabou tarde e, como estava nevando, passou a noite com ela. Na manhã seguinte, tomaram café juntos e foram cada um para seu trabalho.

Quando acabou de me contar este episódio, não sei por que, pedi que descrevesse a casa de Cathy e a dele. Rapidamente disse que a casa de Cathy era um sobrado com uma ampla sala de estar, sala de jantar e banheiro na parte de baixo, e três quartos grandes no segundo andar. Era bem decorada. Sua casa tinha três andares. Embaixo, a sala de estar e a cozinha grandes, e um lavabo. No primeiro andar ficavam o quarto do pai, que também era seu escritório, o quarto onde a mãe dormia e fazia todo o trabalho da escola como corrigir provas, um quarto de hóspedes e um banheiro. No segundo andar tinha três dormitórios – o de Benjamin e dos irmãos – e mais um banheiro.

Seu quarto era o menor de todos – só cabia a cama, uma escrivaninha e uma cadeira, um armário com um espelho de corpo inteiro e agora, naturalmente, a casinha de Stew. Quando Cathy ia a sua casa, eles sentavam ou deitavam na cama estreita, e mamãe toda hora aparecia com a desculpa de oferecer café ou de tirar as xícaras. Nunca lhes era possível ficar juntos e à vontade, mesmo nos dias normais.

Neste ponto, interrompi e perguntei se os quartos dos irmãos eram maiores. Benjamin disse que sim, o do irmão mais velho era o maior, mas fazia anos que não o usava mais, embora algumas de suas coisas continuassem lá. Disse-lhe, sem cerimônia, que, enquanto não tivesse um quarto espaçoso onde tivesse privacidade, viveria fugitivamente, durante algumas horas do dia, no trabalho ou no clube. Não acrescentei o espaço de Cathy deliberadamente, pois este estava sempre disponível para ele. Vigorosamente prossegui dizendo que eu não acreditava que podia fazer muito por ele, a não ser que mudasse de espaço e fosse para o quarto do irmão mais velho, com o consentimento deste, é claro. Comentei que este não se oporia, mas que a mãe sim. Sustentei categoricamente que ele deveria perguntar e que, se ela colocasse obstáculos ou recusasse, podia dizer para a mãe e para o pai que a sugestão era minha. Estava nervoso, e a princípio tentou usar de evasivas, dizendo que o papel de parede precisava ser trocado etc. Permaneci inflexível; disse que muitos dos meus pacientes jovens, mesmo de famílias ricas, colavam o papel de parede de seus dormitórios, o que até lhes conferia um sentimento de propriedade. Acrescentei: "Você é forte, e agora está fazendo seu condicionamento físico; pode muito bem fazer esse trabalho."

Na sessão seguinte, chegou acanhado. Para sua surpresa, mamãe concordou de imediato e já tinha dado todas as dicas de onde poderia comprar cola, pincéis e papel de parede barato. Tinha se esquivado dela também, dizendo que não tinha tempo durante o dia e que essas lojas ficavam lotadas nos domingos, e ele não suportava multidões. Portanto, teria que esperar até os feriados de Páscoa. Quando voltou para casa, a mãe tinha medido as paredes, comprado um papel bem despretensioso e todo o material necessário para colocá-lo. Contou-me isto com um sorriso desconcertado, porque eu tinha estabelecido duas condições para pedir o quarto: primeira, que ele mesmo o arrumaria e que o decoraria com seu próprio dinheiro; e, segunda, que Stew passaria a dormir num abrigo no jardim, onde Benjamin poderia colocar um aquecedor durante o inverno. Comentei que, quando contou para Cathy por telefone, ela sugeriu que eles colassem o papel juntos no fim-de-semana.

Eu já tinha percebido as táticas de cumplicidade e manipu-

lação da mãe, para garantir a passividade e dependência de Benjamin. Tinha certeza de que ele iria começar a fazer as modificações necessárias no quarto mas que levaria um longo tempo para terminá-las, e isso me forneceria muitos dados para “reconstruir” a conspiração entre ele e a mãe, desde bebê e na infância, que acarretou no “*Self Dividido*” (cisão é o conceito analítico accito), e a conseqüente capitulação ao “amor ao ódio” que se expressou como submissão na infância e, depois de suas crises, mais perceptivelmente na sua maneira robotizada de vestir-se (Ferenczi, 1932; Winnicott, 1960a).

Minha conjectura era que Benjamin sentia que tinha que habitar seu próprio corpo antes que pudesse se tornar ele mesmo (Winnicott, 1972), e que suas atividades esportivas eram uma forma de consegui-lo. Disse-lhe isto. Significativo era o fato de que, voltando a freqüentar o clube, começou com ginástica, levantamento de peso e *squash* antes que pudesse adquirir a capacidade de participar de jogos competitivos novamente (Winnicott, 1972). Durante esta fase, sua reserva calculada e organizada tinha três características até onde eu podia perceber:

1. Tinha privacidade, e podia fazer o que lhe aprovesse, quanto quisesse e pudesse.
2. Ao falar sobre jogar *squash*, explicou-me que ele ainda não estava jogando com ninguém. “Nem mesmo com Cathy, embora ela jogue muito bem para uma garota” – reparei na frase qualificativa. Estava praticando os ângulos de serviço e os *drop-shots* longos. Foi o melhor jogador de *squash* entre os amigos; impressionante como recuperou logo. Era um jogo muito rápido e cansativo, quinze minutos por dia era suficiente. Não tinha muito tempo livre agora que estava trabalhando.

Anotei mentalmente dois fatos: (a) ele tinha altas expectativas quanto ao seu desempenho; (b) devia ser mau perdedor. Tinha que ganhar o jogo. Jogando sozinho, arduamente, as duas questões podiam ser evitadas. Podemos ver aqui dois arranjos diferentes da agressão. Jogando e praticando sozinho, utilizava a agressão para se fortalecer e se “aperfeiçoar”. Jogar com um oponente vivo acarreta necessariamente na agressão aberta, que muito freqüentemente chega a ponto de odiar o

opponente para encarar o desafio e ganhar e, assim, manter a auto-estima. Um jogador só pode dar o melhor de si quando consegue alcançar esse pico de agressividade. E como Pontalis e outros (1986) perguntam retoricamente: “O ódio – não requer a permanência de seu objeto?” Benjamin tinha “conhecimento” disto, mas não a aceitação consciente explícita.

3. Na minha estimativa clínica do material destas semanas de alívio pelo esporte e atualização das funções id-ego autônomas, e de estabelecimento do núcleo de um *self* pessoal e autêntico, não tinha dúvidas de que Benjamin tinha um verdadeiro pavor de *destruir* seu objeto (o oponente) no jogo, o que é muito diferente de derrotar e ser derrotado. Estas duas últimas situações não detêm a intenção de matar ou destruir. Algumas vezes, falando sobre seus jogos de gamão com Cathy, comentou pesadamente que sempre perdia porque gostava de “matar” (a palavra que utilizava para “tirar” as peças dela) e não jogava para ganhar. De forma semelhante, ao bater a bola contra a parede da quadra de squash com toda a força, ele podia – pelo menos na sua fantasia – matar um oponente e o jogo estaria terminado para sempre.

A partir do material da terceira fase da análise, quando ele pode confiar em contar-me o conteúdo de seus “pensamentos”, sem temer que o simples fato de contá-lo para mim fosse me matar (tal é a onipotência letal inconsciente tanto do amor como do ódio), tornou-se evidente que estes só abriam seu apetite de destruir o objeto e eram, portanto, escudos-protetores para salvaguardar tanto o objeto como seu próprio *self* da morte e destruição. Interpessoalmente e intrapsiquicamente o objeto odiado tem que ser mantido vivo. Portanto, todas as crueldades macabras, as práticas “esmerdeadas” e intenções sádicas dos seus “pensamentos” sexuais eram um escape para toda a amplitude de ódio e agressão que, na vida cotidiana, colocaria em perigo ele e o objeto.

Seleciono mais um acontecimento da segunda fase da análise de Benjamin que se mostrará de grande importância para seu futuro. O pai de Cathy era o proprietário-diretor de um grupo de empresas que promovia viagens turísticas por toda a Europa a

preços baixos. As estações de esqui eram o ponto alto do inverno, principalmente para os jovens. Os pais de Cathy eram excelentes esquiadores, e ela aprendera a esquiar com seis anos. Como outros, este era um esporte que apreciava e no qual se saíra bem. Em fevereiro, o pai de Cathy deu para eles as passagens e dez dias de hospedagem, *juntos*, numa estação de esqui na Áustria. A princípio, Benjamin se mostrou amedrontado e fóbico. Nunca tinha esquiado, e gastaria muito dinheiro com roupas e equipamento de esqui. Eu sabia perfeitamente bem que o que o assustava era a perspectiva de um longo período de intimidade garantida com Cathy. Mamãe não estaria ali para *invadir* com suas manobras de zelo excessivo; seu álibi, de que ela era a estraga-prazeres de todas as atividades em casa, ou com Cathy, estaria inoperante. Tomei uma atitude militante, patrocinado pelo pai de Benjamin que se dispôs a pagar metade de suas despesas com a viagem, incluindo roupas e o que mais necessitasse, e disse que não cobraria meus honorários. Benjamin tentou outro ardil: disse que fazia apenas nove semanas que voltara ao trabalho e que seria uma irresponsabilidade pedir férias agora, além do que seu diretor não concederia. Comentei que ele podia negociar: se lhe dessem férias agora poderia trabalhar na Páscoa e nos feriados de maio, época em que sempre faltava pessoal. Além do mais, disse-lhe que poderia falar em meu nome, e dizer que eu considerava imperativo psicoterapeuticamente que ele pudesse fazer essa viagem. E acrescentei, sem acanhamento mas também sem me vangloriar, que nunca ninguém contestou o que eu, baseado em minha experiência, considerava necessário do ponto de vista clínico. Para seu desalento, até a mãe mostrou-se neutra e disposta a ajudá-lo a providenciar as coisas de que precisava, embora relutante.

Percebi que Benjamin não estava preocupado com a possibilidade de se machucar, ou mesmo com sua falta de habilidade neste esporte. Sentia que ele estava mais preocupado com a fato de que, enquanto ele estaria com o grupo de iniciantes, Cathy estaria correndo pelas pistas com esquiadores experientes. Sentir-se envergonhado desempenhava um grande papel nas angústias de Benjamin. Reassegurei-o dizendo que até seria divertido estar no “jardim-de-infância de esqui”, começando a aprender algo do ze-

ro, sem exigências internas degradantes para marcar seu progresso. Que uma pessoa aproveita muito mais o que aprende se está livre das amarras de mostrar desempenho. Cathy e ele partiram felizes para suas férias.

Terceira Fase

Benjamin mandou-me um cartão contando que ele e Cathy estavam adorando a paisagem totalmente nua e branca, e que era divertido esquiar. Este cartão foi importante para mim, por três motivos: sentia-me aliviado de saber que ele me conservava como um objeto interno *bom*; que podia novamente começar a aprender e a experimentar coisas novas (esqui); e que não capitulou ante seus "pensamentos" – sua técnica patente de cindir o ego, distanciando-se do objeto de amor (neste caso, Cathy) – e, portanto, estava *contendo* intrapsiquicamente e interpessoalmente seu "ódio do amor". O leitor deve estar se perguntando como pude tirar tais conclusões de cinquenta palavras num cartão. O fato é que Benjamin é um desses pacientes que raramente encontramos no trabalho clínico; devido à sua negatividade submissa são considerados inadequados para a análise e "aliança terapêutica", à la Freud (1940a). Eles nos ameaçam, sem que a gente se dê conta, em nossa experiência pessoal. Só um Ferenczi (1932) poderia correr os riscos que a psicoterapia de tais pacientes acarreta.

O material de segunda fase da análise de Benjamin, em sua maioria recordações fragmentadas, abertas, encobertas, subliminares, foi registrado por mim e obrigou-me a mais uma vez reorientar o curso dos meus pensamentos. Não mais considerava sua paixão cumulativa como inteiramente resultante do comportamento traumatogênico exógeno da mãe, e das invasões do caráter dela. Mesmo os bebês não são vítimas totalmente indefesas e inocentes dos "maus-tratos" externos, sejam estes em decorrência da severidade do treino esfinteriano, sejam da falta de calor e de toques da mãe, em muitos outros aspectos uma "mãe suficiente-

Leit!

mente boa" (Winnicott, 1960a). Fairbairn (1944), autor de contribuições muito pertinentes nesta área, escreveu:

A experiência de frustração libidinal suscita o ataque do bebê ao seu objeto libidinal e dá origem a um estado de ambivalência (...) Do ponto de vista do bebê, trata-se do fato de sua mãe se tornar um objeto ambivalente, isto é, que é bom e mau. Uma vez que para ele é intolerável ter um objeto bom que também é mau, procura aliviar a situação cindindo a figura da mãe em dois objetos. Portanto, na medida em que o satisfaz, é um objeto "bom"; e na medida em que o decepciona libidinalmente, é um objeto "mau" (...) faz o máximo para transferir o fator traumático da situação para o campo da realidade interna, dentro da qual sente que as situações estão sob seu controle. Isto significa que ele internaliza sua mãe como um objeto "mau". (...) Na minha opinião o objeto "mau" (isto é, neste estágio o objeto frustrador) é sempre o primeiro a ser internalizado...

Ferenczi (1932), que no fim de sua vida abriu novos panoramas para o papel da sedução, postulou: "(...) a personalidade fraca e não-desenvolvida não reage ao desprazer súbito com defesa, mas com uma identificação livre de angústia e com a introjeção da pessoa que ameaça ou do agressor". Fairbairn prossegue para formular a hipótese: "há na internalização dos objetos um certa medida de coação, e não é o objeto que satisfaz mas o objeto que frustra que o bebê busca coagir... a 'maldade' essencial do objeto que não satisfaz está precisamente no fato de que combina encanto e frustração".

Embora Laplanche e Pontalis (1967) nos forneçam um resumo útil do conceito de "relação de objeto", eles desconsideram as contribuições de Fairbairn a respeito. A ênfase que Fairbairn dá à "coerção" "do objeto mau" foi muito útil para minha compreensão dos traços cruéis e sádicos dos "pensamentos" de Benjamin. O que Fairbairn conceitua como o papel do objeto primitivo gratificante e frustrante foi discutido na teoria clássica pelo conceito de "sedução". Pontalis e Laplanche fazem uma descrição lúcida e detalhada das vicissitudes da "teoria da sedução", tanto nos artigos de Freud como nos de seus seguidores, quando deixaram de considerar factuais as "seduções sexuais" reais que os pacientes relatavam para seus analistas, e passaram a considerá-las fantasias, isto é, artefatos psíquicos. O próprio Freud considerou a revisão de sua teoria da sedução como um marco divisório para

o início da verdadeira exploração psicológica da realidade psíquica do paciente, do mesmo nível de seus *insights* em *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905a). Impossível encontrar uma discussão mais detalhada e esclarecedora sobre o papel da auto-análise de Freud sobre esta descoberta do que a de Anzieu (1975). Uma crítica extremamente penetrante da revisão da teoria da sedução, de uma experiência real na infância para fantasias posteriormente formuladas pelos pacientes, e que deve ser lida é a de Masson (1984), tradutor-editor da *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904* (1985). Masson decifra com documentação intensa, autêntica e factual, as duplicidades, subterfúgios, acusações, e pseudo-aceitação do artigo de Ferenczi (1932) por Freud, Eitingon, Jones e outros.

Deixei de pensar na sedução como um ato manifestamente cruel – sexual e agressivo – na infância ou como algo tortuosamente arquitetado pelo adulto quando escrevi meu artigo "The concept of cumulative trauma" (1963), embora não estivesse totalmente ciente de que refutava o papel central atribuído à teoria da sedução na etiologia das neuroses em ambas as variantes – como fato ou fantasia. Utilizo agora o termo "sedução" na sua mais corrente acepção na língua inglesa: "algo que exerce um encanto ou influência pela atração ou fascínio" (*Webster Third International Dictionary*); "uma tentação para um determinado curso de ação, qualidade sedutora" (*Oxford English Dictionary*). E também considero a "sedução" como um nutriente primário em qualquer relação mãe-bebê (e mútuo), que desencadeia tanto os processos de desenvolvimento como de maturação no bebê que resultam nas estruturas endopsíquicas que Freud (1940a) conceituou como id, ego e superego e ideal de ego.

Também fui criativamente guiado no meu trabalho com Benjamin pelo conceito de ego-corporal de Paul Schilder (1935), e pelas pesquisas e escritos de Winnicott (1931, 1945, 1960a, 1972), Spitz (1959, 1962), Anzieu (1974, 1975, 1985) e Stoller (1985). Na minha concepção clínica, "sedução" não é mais uma experiência que se limita aos orifícios do corpo, ao seio e pênis, mas abrange a miríade infinitesimal de experiências de todo o ego-corporal do bebê, internas e externas. Que as experiências exógenas trauma-

togênicas provenientes dos estados, do caráter e da maneira como a mãe lida com a criança, como também acontecimentos fortuitos como doenças orgânicas e deformidades, podem ser decisivos e distorcer os processos de desenvolvimento e de maturação é um acaso inevitável ao qual todos estamos expostos e sofremos (veja o comovente relato de Winnicott [1971a] de uma consulta com uma criança que não falava inglês). Não é a grave intensidade de um acontecimento (e não dou mesmo crédito a esta) ou – mais provável – o trauma cumulativo, sedução cumulativa e privação cumulativa que desempenham o papel mutativo na interrupção do desenvolvimento ou sua frutificação normal.

Vou concluir esta história de caso com um resumo das vinte e quatro semanas de trabalho clínico com Benjamin, nosso mais longo período de trabalho conjunto, até uma longa interrupção no verão, sobre a qual tinha lhe informado no início da psicoterapia.

Na última sessão antes de sua partida para a estação de esqui, notei uma espinha na sua pele macia e lisa. Não pude deixar de relacioná-la com sua acne, aos quinze anos, e com a primeira (desde então) separação da mãe por quinze dias e na companhia de sua namorada, com quem dividiria o mesmo quarto. Benjamin voltou da Áustria bronzado da exposição ao sol e à neve, já que sua pele era clara, e cheio de espinhas. Para facilitar o reencontro, uma vez que parecia tão tenso, perguntei bem-humorado: “Pelo amor de Deus, Benjamin, o que você andou fazendo com sua pele?” Contou-me que consultara um médico na Áustria e este lhe dissera que se tratava de uma alergia a umas plantas que estavam no quarto, e que receitara uns comprimidos e um creme. Reassegurou-me dizendo: “Vão sumir logo”. “Claro que vão, Benjamin, agora que você voltou são e salvo para os cuidados da mamãe.” Mudou de assunto e comentou: “Sabe o que mamãe andou fazendo enquanto eu estava viajando? Pregou todo o papel de parede e comprou uma cama maior e uma poltrona para o meu quarto”. E zombeteiramente acrescentou: “Mamãe certamente te ouviu”. Retruquei: “Claro que ela ouviu, porque não tenho nada a ganhar ou a perder com seu quarto”.

O mais importante para trabalharmos era a forma como ele tinha delegado para ela decorar o quarto. Remexeu-se desconfor-

tavelmente na cadeira, e mudou de assunto de novo, dizendo que mesmo no Jumbo superlotado, onde pareciam sardinha em lata, não ficou amedrontado, e seus "pensamentos" não o invadiram. Que na estação de esqui Cathy foi logo se relacionando com todo mundo, mas não desabou (palavra dele) por causa disso, nem se retraiu. Na verdade, apreciou a companhia dos rapazes que participavam da aula, mais jovens que ele. Riu, e comentou: "Nós, ingleses, nos comportamos de um jeito tão diferente quando estamos fora. As garotas, inclusive Cathy, não usavam sutiã à noite, para jantar ou para dançar". E acrescentou como se para preservar sua inocência: "As garotas podem ser tão indecentes quanto os rapazes nas suas brincadeiras"; e que ele não conseguiu tomar parte dessas zombarias indecentes. Cathy provocou-o o tempo todo com esse assunto e, à noite, contava as piadas "suas" que tinha ouvido durante o dia.

Passou a falar da maneira como as crianças mexem no próprio corpo, e no das outras. Disse que sua mãe nunca permitiu que tivessem bichos em casa porque podiam ter alergias, e também que sua mãe proibia-os, ele e os irmãos, de ficarem com as mãos dentro dos bolsos das calças, mesmo quando estava frio. Eu já tinha percebido que uma das táticas que Benjamin lançava mão para interromper algum assunto que tivesse surgido por acaso, e acerca do qual eu tinha feito algum comentário, era fornecer alguma outra informação e, depois, recolher-se em si mesmo. Desta vez não deixei, e disse que evidentemente eu não podia saber disso; mas o que o teria impedido de se tocar quando tinha onze anos e depois dessa idade? Ele não gostava deste tipo de invasão, através da conversa, no espaço de sua cabeça.

Lutamos com esta questão durante as semanas seguintes. Seu truque para evitar a masturbação era ficar totalmente exaurido, por meio dos esportes. Seu corpo nunca estava relaxado, "deixando-se estar" (Khan, 1977), propiciando um *espaço potencial*, à la Winnicott (1971b), no qual pudessem se originar fantasias auto-eróticas prazerosas. Disse-lhe isto, e fui me encaminhando para lhe mostrar, nas semanas seguintes, de que maneira tinha distribuído sua agressão, primeiramente voltando-a contra si mesmo, e tornando-se uma criança submissa, passiva, a salvo da severidade da mãe. Cultivou, assim, o "amor ao ódio" na relação com a mãe.

Disse explicitamente que a severidade de um dos pais frequentemente mascara o ódio; por esta razão, a horrenda história contada pelo irmão da agressão e assassinato de uma criança por um adulto obcecara-o tanto. Identificara-se mais com o “estuprador” do que com a vítima, daí sua atitude superprotetora com o irmão mais novo. Durante a puberdade e a adolescência, sua agressividade foi desfeita a serviço de um ideal de ego narcísico, para torná-lo forte e perfeito, daí sua vergonha, e não culpa, por seus “pensamentos”.

Contou-me, então, o que causou sua crise oito meses antes do início do tratamento comigo. Tinha acordado tarde e perdido o trem das 7:30, que estava sempre vazio. Teve que tomar o trem seguinte, que não era direto. Estava lotado, e viajou de pé. Viu uma mulher negra amamentando o filho, o peito totalmente nu. Seus “pensamentos” foram desencadeados. Se pudesse, teria parado o trem e saído. Mas tinha que agüentar, e por mais que tentasse não conseguia tirar os olhos do peito da negra e do bebê sugando. “Droga, ela e o bebê estavam numa boa, enquanto minha cabeça fervia como um inferno com os ‘pensamentos’ cada vez mais lascivos, cruéis, viciosos e maldosos.” Não tinha prazer com eles e, no entanto, não tinha como detê-los. Finalmente sua estação chegou, mas sentia-se demasiadamente exausto para andar até o lugar onde trabalhava. Ligou para o pai no escritório e disse que se sentia muito doente. O pai foi buscá-lo, sem fazer perguntas. Concluiu: “O resto você sabe”. “Não tudo, mas por hoje já dividimos o suficiente.”

Faltavam apenas quatro semanas para minhas férias. Eu estaria no Paquistão e fora de acesso para Benjamin, portanto decidi “consolidar” a iniciativa tomada por Benjamin no sentido de uma vida positiva e ativa em casa, no trabalho e socialmente, e estabilizar sua confiança em *mim* e no *nosso* trabalho juntos. Ele ainda era um jovem frágil, com uma identidade e eu *self* precariamente estabelecidos. Não existe uma forma mágica de conseguirmos clinicamente o que desejamos para um paciente, além das capacidades “disponíveis” nele ou nela e em nós mesmos, mas de uma coisa sentia-me seguro: de que, apesar de sua *doença* grave, Benjamin tinha um grande potencial de crescimento e a vontade necessária para conseguir fruir deste.

Quando encontrei Benjamin depois de um interrupção de quatro meses, estava em forma e parecia uma pessoa inteira. Fiquei realmente surpreso de ver como ele tinha se segurado consistentemente como um jovem independente *amadurecendo*, por intermédio de suas várias atividades ao longo desses meses. Não é comum termos pacientes como ele na nossa prática. Pacientes que, embora exijam muito, ampliam nossa maestria e enriquecem nossa capacidade de penetração. Realmente me senti agradecido a ele pelo que conseguiu nos quatro meses em que estive ausente, não apenas por ele mas por nós dois e o futuro de nosso trabalho clínico juntos.

[1986]

7

A longa espera

Parte Um

*E eu rezo para que eu possa esquecer essas
questões que, comigo, eu tanto discuto, que eu tanto
explico.*

T. S. ELIOT
*Ash-Wednesday**

Aisha estava com trinta e dois anos. Foi casada duas vezes: uma vez mal completados seus dezessete anos, pelo pai; e dez anos depois, por seu tio. Ambos estes personagens bem-intencionados pertenciam à classe dos proprietários de terras, nobres e feudais de sua cultura. O pai era uma pessoa tranqüila e afável. O tio fora educado na Europa e era um homem muito inteligente. Falava sobre os dois com uma reverência sonolenta. Também não tinha rancor de seus dois maridos. Deu à luz uma menina do primeiro marido, ficou grávida imediatamente após o casamento. Com ele foi viver numa cidade grande, onde ele exercia a medici-

* No original, *And I pray that I may forget these matters that with myself I too much discuss too much explain.* (N. da T.)

na. Tinha estudado nos Estados Unidos, era suave e inteligente. Casou-se com ela por status e logo cansou-se de sua mentalidade provinciana: excessivamente inocente e “idiota” para ele. Começou a *modernizá-la* (palavras de Aisha). Ela começou a frequentar a sociedade de hábitos promíscuos e vulgares. Ele zombava do seu acanhamento puritano. Quando o bebê nasceu, fez com que ela interrompesse a amamentação com injeções; estava muito magra, dizia, a amamentação no peito iria enfraquecê-la ainda mais. Teve que ir para a faculdade e estudar inglês e francês, e em casa deveria falar a língua vernácula – urdu – e não o dialeto punjabi de sua região étnica, Chanauti.

Aisha conversava comigo em inglês. Pedi: “Poderia falar no seu dialeto punjabi?” Mostrou-se surpresa com meu pedido: “Mas será que você vai entender? Você vive em Londres há trinta anos!” Sorri e comentei: “Mais uma razão para ouvir seu idioma e sua voz. Vou entender. E quando não entender, não terei vergonha de pedir para você me explicar. Podemos aprender um com o outro e nos divertirmos. A cura está única e exclusivamente nas mãos de Alá!”

Meu comentário exerceu um efeito relaxante. Recostou-se e disse: “Posso fumar?” “Se quiser”, respondi, “mas você deve saber que mulheres da sua classe não fumam na frente dos homens, especialmente se são mais velhos, como eu.” Olhou-me atentamente. Afagui sua cabeça delicadamente, e disse, em punjabi: “Seus olhos continuam vivos; neles há decência. Por que traí-los tão insensatamente?”

Aisha começou a chorar. Deixei-a; depois disse: “Acho que já tivemos o suficiente de *adestramento* para uma manhã”. Escolhi deliberadamente uma palavra do vocabulário de equitação. Sorrii e perguntou: “Como você sabe?” “O quê?” “Que sou uma égua indomável e caprichosa. Meu pai sempre me chamou assim.” Tudo isso foi dito no idioma Chanauti.

Oferei um horário daí a três dias. “Tente manter na memória um pouco do que *aconteceu* entre nós hoje e aqui! Não fique mentalizando (Khan, 1969b) o que houve com pensamentos inúteis; e também não se venda para a sociedade londrina. E, por favor, faça-se companhia, de vez em quando.” “Se me matar de ‘pavor’ (palavra dela, em inglês – *dreads*), e aí?” Pensei um pouco,

depois disse: "Não acho que você vai se desfazer de mim tão facilmente. Você nem tentou comigo ainda; ganhará pouco me derrotando logo no começo".

"Você é o demônio encarnado." "Encarnado não, mas o próprio", respondi. "O demônio não tem um corpo senciente; é só espírito e maldade. Daí o 'o próprio'. Na vida, fazer discriminações é necessário e curativo." Novamente em seu idioma punjabi, falou: "Para você é fácil prescrevê-las. Tente fazer, na minha família e meio social".

O som de sua voz expôs seu *outro* lado. Só Alá sabe se este outro lado se encontrava lado a lado de Aisha, dentro dela ou sobre ela. Sentia-se distante de tudo. Separamo-nos nesse tom.

Quando saiu eu estava sentindo uma estranha serenidade, com um toque de alegria. Esta mulher jovem, que tentou suicídio oito vezes, não estava nem remotamente deprimida ou desanimada. Tive certeza de que poderia ajudá-la, e que ela permitiria.

Quando Aisha voltou, três dias depois, num horário à noite, estava abatida, maltratada e enfeitada. Vestira-se com exagero, aquele *pouco* a mais que torna uma mulher frívola. Percebi que tinha me enganado. Senti pena pela "garota". Sim, tinha perdido toda feminilidade, e era apenas uma "garota" agora.

"Quando estou assim, quero me matar de tanto me abominar. Meus olhos, nos quais você viu... o que mesmo? 'Decência'. Falei esta palavra para meus cinco amantes e todos disseram: ah, sim, ele é perspicaz, só não conseguiu se livrar de suas obsessões feudais. Um deles te conhece, e disse que sua arrogância só é comparável a sua solidão. Disse que você não tem amigos, gente comum, só se relaciona com princesas, condessas e gente famosa. Que você vive numa gaiola dourada monástica. Falei que ele tinha toda razão. É esmagador sentar aqui no seu consultório: milhares de livros, e todas essas litografias de Braque e Matisse. Tudo de prata, elegante. O que você faz para se divertir? Trepas? Não é tão velho ainda!"

Já tinha escarnecido o suficiente, para mim. Obviamente tinha cheirado éter no fim-de-semana e estava alta ainda; só que mais oca, como o junco. Perguntou de novo: "Então, você não anda por aí trepando?" Decidi retrucar: "Nenhum de seus cinco amantes te contou que sou muito preguiçoso? Deixo as mulheres

me foderem.” “Por que mulheres, e não homens?” “Porque nos homens a potência precisa ser regenerada, mas as mulheres precisam de pouco para ter tesão. As mulheres são insaciáveis, a não ser que se metam com um psicopata, como seu segundo marido. Ele te fodeu tudo que podia e te deixou gasta e vazia. Triste para você quando o éter se for, soporífero. Para que tentar se matar? Dê-lhes um pouco mais de tempo e vão fazê-lo para você, por você. Esta é uma noite terrível para você, Aisha. A natureza barrou o caminho. Limpe esse vermelho cu-de-macaco dos seus lábios, Aisha. Se você não sabe explorar seus orifícios, respeite-os. A boca não vai fazer o que só a vagina pode fazer. Quer mais obscenidades arrogantes? Tenho-as aos montes, dou de graça.”

Aisha começou a chorar. “Aqui também não vai funcionar. Voci dez mil quilômetros para isso. *Para isso*, te pergunto.” “Sim, Aisha. O problema é que você voou dez mil quilômetros. O Rei Suntan levou trinta anos para chegar a Malerapa, de Pcquim a Lhasa. Quando chegou já tinha se curado daquilo que o levava a Malerapa. O velho Sumo Sacerdote jazia à beira da morte. O rei aproximou-se dele, e colocou seu rosto junto à boca de Malerapa. Podia sentir sua respiração fria, tão débil. Sentiu que era todo luz. Este foi o grande milagre. Muito mais do que jamais imaginara. As últimas respirações do velho sábio sopraram no seu rosto. Como poderia preservá-las para sempre? Sofria terrivelmente. E a voz tênue de Malerapa sussurrou: “Respire por mim agora!”

“Bem, Aisha, você fodeu por mim por vingança, neste fim-de-semana. Agora, nos limites mesmo da natureza, respire por mim, e talvez você aprenda a respirar por si mesma e, então, saberá que se pode estar vivo na própria solidão. Cúmplices são moedas falsas, traidores. Sim, Aisha, chore. Você precisa se limpar. Água e sabão não podem te limpar. Só as crianças ficam limpas quando lavadas. Os adultos apenas sujam a água e continuam poluídos. Sim, Aisha, você tem razão quando murmura: ‘Não há misericórdia em você, Raja Sahb’. De que serviria para você minha piedade? Você já matou-a em você, como também já matou a si própria. Eu não preciso morrer, Aisha. Já paguei minhas cotas pelo direito de viver. É fácil colecionar para si penalidades de morte. Viver é tarefa árdua, dolorosa. Nenhuma vaselina vai facilitar esta tarefa para você. Viverás pelo suor de seu rosto. Matar

não acaba em morte tão facilmente. Você sempre pode arrumar alguém que o faça para você. Este uivo enlouquecido dos seus olhos, Aisha! Coloque-o para fora, senão um dia ele vai te devorar sem te matar.

“A forma como você fala. É assustador. Sinto como se tivesse confessado. O fluxo de suas palavras limpavam minha cabeça dos meus pensamentos. Suas palavras são tão distantes e comoventes. Tocam. Poderia me banhar nelas. Você não moraliza. Não fala de permissões e tabus. Onde todas as coisas são iguais precisamos fazer algo diferente. Compreendi bem, meu querido Raja Sahb? Você não tem medo de ser amado. Os psiquiatras e psicanalistas estão enrolados em montes de fobias. Conte para você que fui ver o Dr. X. A atitude dele em relação a você foi das mais condescendentes: sim, ele é o menino dos olhos de Anna Freud; é um aristocrata mesmo?, perguntou-me. Respondi: Ele está acima da distinção de classe! Percebi que meu comentário deixou-o aborrecido. Você toma liberdade com seus pacientes, preveni-me; fingi que não ouvi. Disse que foi expulso da Sociedade por causa de um caso com uma paciente. Não se deve envolver-se com um paciente. Mas Khan dita suas próprias regras. Comentei: “Ele pode. São poucos o que conquistaram esse direito. Meu pai diz que Masud Khan é único dentre os feudalistas do nosso país. Foi por isso que concordou em pagar todos as despesas do meu tratamento. Falou para meu tio: se Khan não puder curá-la, pelo menos vai tratá-la respeitosamente. O pai de Khan também era assim. Isso já vai ser alívio suficiente para Aisha. E assim foi. Não posso mais repetir o fim-de-semana passado. Não vou ter vantagem nenhuma. Descobri que só paro quando me dou conta de que não vou ganhar nada repetindo. Não posso parar por bons motivos. Você precisa descansar agora. Venho amanhã?” “Sim, Aisha, no mesmo horário, e não seja muito dura consigo mesma.”

Aisha tinha ficado quarenta e cinco minutos além do tempo de sua consulta. O tempo voara. Falara no seu dialeto punjabi nativo, misturando algumas palavras inglesas e francesas porque não estava muito consciente de si mesma. Fala chanauti punjabi com uma pronúncia das mais maliciosas e uma dicção primorosa. Meu chakwali punjabi não é páreo para a pronúncia chanauti e o frascado cortado. O vocabulário dela é também muito mais

amplo que o meu; o que não é surpreendente, uma vez que fazia trinta e sete anos que eu vivia em auto-exílio em Londres. No entanto, não havia competição. A liberdade e espontaneidade de minhas respostas para Aisha me surpreenderam. Em trinta e cinco anos de trabalho clínico em Londres, Paris, Roma, Berlim, Tunbinguen, Viena, Alexandria, Israel e nos Estados Unidos, nunca permiti que meus pensamentos e minha fala corressem tão soltos na sessão com um paciente. É minha filha e minha paciente, uma de cada vez e ambas simultaneamente. Uma égua indomável para mim. Ela o pressente e aceita. Eu também. Não há ameaça de “intimidade” entre nós. Por quê? Não sei. Mas estou certo de que é assim. Ela seduziu – ou melhor, deixou-se seduzir por – seu dentista, seu médico, seu advogado, seu psicoterapeuta (em Londres), o professor que lhe ensinava inglês e francês quando tinha dezoito anos, os cônsules dos Estados Unidos e da França. Deixou que todos a fodessem: em Londres, no momento, um respeitado membro do Parlamento (cerca de vinte e oito anos mais velho que ela), um jornalista internacional de renome, um ator de cinema inglês quatro anos mais jovem que ela, um diretor de teatro, um marchand judeu (muito mais velho) e até mesmo uma feminista lésbica. Obtive essas informações por uma folha de papel almaço que ela deixou no divã. Sim, ela senta, deita e volta a sentar. Fala inglês e francês quando face a face; só fala em urdu ou no dialeto chanauti punjabi quando deita no divã.

Por que sou tão permissivo com ela? Ninguém nunca falou comigo com tanta liberdade. Nem socialmente. Nosso livre uso e abuso da palavra “foder/trepar” é revelador. Será porque tanto a palavra como a atividade – “foder” – são tão absolutamente estrangeiras para cada um de nós, nosso estilo, a tradição na qual crescemos, que desta vez pudemos utilizá-la tão grosseiramente?

Aisha diz coisas profundas e espirituosas, e tão despreziosamente. É o dom da cultura-falada da qual se origina. Recita Bullah Shah, Waris Shah, Baba Fareed com desembaraço. Sim, nunca tinha ouvido sobre Shah Hussain anteriormente – um místico comovente. Ela diz que sabe cantar e tocar tabla. Tantos traços masculinos na sua personalidade tão feminina! Cavalga bem, diariamente, mesmo em Londres. Veste-se com extrema elegância. Só usa tecidos pintados à mão que lhe assentam bem; devem

ter custado uma fortuna para seu marido. Tanta beleza, mas não consegue habitá-la como pessoa. Tanta alegria também, mas dispersa e escondida. Sua busca mística assemelha-se à de Rimbaud: perturbar os sentidos, profanar e destruir a própria pessoa, assim ninguém poderá possuí-la! Não sei. Sim, Aisha é muito mística em suas raízes. Tanta angústia e dor psíquica. Descolore seu olhar, deixa-o verde-acinzentado. Olhos negros, pele morena tornam-na ela mesma. O leitor vai dizer: Khan está apaixonado por sua paciente. Nem um pouco. Interesse estético desapaixonado? Sim! Apaixonado? Não.

Imagens pós-sessão – sinto que a maior parte foi uma fachada *encobridora* de algo que está acontecendo nela agora (*estava* naquele momento). Nenhum de nós conseguiu chegar lá. É a terceira vez que o telefone toca e toca. Espero que não seja ela. Preciso ir a esse jantar hoje à noite. Talvez ela esteja lá; não estava vestida com se fosse. Ela sabe se vestir. As privacidades do espaço e do processo analítico protegeram-nos tanto um do outro como de nós dois. A única descoberta de Freud: “o método psicanalítico” (1904). Falarei sobre isso noutro momento. Privacidade no plural: como privacidades. Preciso tirá-la da cabeça, vestir-me e ir ao jantar. Uma dor, uma dor alegre em mim esta noite por causa de Aisha. Como me deixei levar! Um verdadeiro talento este, uma quase capacidade. Sim, Aisha tem laços epifânicos e nuances; como o entardecer estendendo-se em noite. Basta! Basta!

Assim terminam as anotações rabiscadas naquela noite. Em meus arquivos, encontro uma outra nota que devo ter escrito rapidamente enquanto tomava café da manhã no dia seguinte, antes de atender meu primeiro paciente das oito. Diz: Aisha estava lá. Fulgurante. Em grande forma. Nada da mulher taciturna, abatida da sessão passada. Movendo-se com tanto desembaraço, todos abriam espaço para ela. Não ficou muito tempo com ninguém. Depois de cumprimentos efusivos, deixou-me sozinho. Estava extremamente impressionado com seu estilo de se relacionar e de receber. Tinha classe, muita, mas desaparecendo gradativamente nas pontas. Exaurida, daí quebradiça. Podia quebrar a qualquer momento, eu temia, e a mesma apreensão retornou. Não devia tê-la deixado sozinha no fim-de-semana. Winnicott (1945) não teria deixado. Tão difícil tratar consistentemente um paciente adul-

to como uma criança de quatro anos, no estágio pré-ediapiano. Eis o que Aisha é. O tempo tem que ser segurado para ela. Foi o que fiz, com essa garota enlouquecedora. Preciso perguntar para ela por quanto tempo seu idoso pai pretende mantê-la em Londres para tratamento. Deve estar gastando rios de dinheiro. Inútil minha generosidade quixotesca. Ela é rica. Ela só vai desperdiçar. Os honorários são muito corretos. Quem no Paquistão já pensou em pagar quarenta libras por cinquenta minutos de sessão, cinco vezes por semana? Aisha vai precisar, em alguns momentos, de sete sessões por semana. O ancião deve amá-la muito para desembolsar todo esse dinheiro sem reclamar e sem ressentimentos. Em algum lugar, deve se sentir culpado por tê-la casado quando nem tinha completado dezessete anos; uma garota de alta estirpe, superprotegida, criada em Karachi.

Foi com esses pensamentos que comecei a me preparar para a terceira sessão de Aisha, às 4:30 da tarde. Minha primeira paciente depois da *siesta*. São as minhas melhores horas de trabalho. Não seriam. Às quatro horas meu empregado veio me acordar. Normalmente acordo às 4:15. Disse que Sir William estava ligando desde as três horas da tarde. Peguei o telefone. "Aqui é Khan." "Ainda bem que o peguei acordado. Aisha começou a sangrar às nove horas da manhã. Seu estado estava consideravelmente pior ao meio-dia. Estava tendo um 'aborto natural', se me entende." "Não, não entendo. Por favor, recomece. O Sr. não me disse que Aisha estava grávida... nem ela." "Ela me fez prometer que não diria", disse com raiva, e continuou: "Está de quatro meses, e não diz de quem é. Você sabe como ela tem estado desde que chegou, há quatro meses. O melhor que se podia esperar era um aborto natural. Receitei certos medicamentos. Funcionaram. Ela está internada na enfermaria particular do meu hospital. Um momento". Fiquei quieto. Sir William conversava com alguém. Voltou ao telefone e disse: "É bom vir imediatamente". "Não posso", protestei. "Todos os seus pacientes estão tendo um aborto hoje? Estou indo para o hospital. Espero-o lá; o mais rápido possível."

Eu sabia que Aisha tinha uma queda por acontecimentos dramáticos, mas não esperava que adquirissem tamanha proporção. Estava surpreso por ela ter escondido a gravidez de mim; ela era uma mulher tão devotadamente religiosa, e não era de sua

natureza mentir. Quando cheguei, descobri que seus parentes estavam no quarto ao lado, o que me deixou furioso. É sempre o mesmo com esses paquistaneses ricos.

Quando entrei no quarto, Aisha estava deitada, muito quieta, os olhos fechados, o ritmo de sua respiração era muito lento. Sir William, a enfermeira-chefe e a atendente estavam ocupados, colocando dois litros de soro no corpo de Aisha, um no braço esquerdo e outro na perna direita, acima do tornozelo. Sir William registrou minha presença com o seguinte comentário: "Então você veio. Muito decente da sua parte". Eu me recusava a ser provocado por Sir William. Sabia que ele adorava rebaixar os outros. Portanto, disse: "Você quer saber por que vim?" "Não, mas você vai me dizer assim mesmo, não é? Deixe-me terminar com este soro. Aisha perdeu muito sangue, está muito fraca. Aqui temos soro e glicose. Também souo excessivamente. Tudo o que ela faz é excessivo. Pobre Aisha."

Podia sentir que a velha raposa estava me amansando para sair impune da situação que criara. Resolvi surpreendê-lo: "Eu concordaria com o senhor em provocar um aborto natural, se esta fosse uma decisão *sua*. Mas não foi o senhor quem decidiu. Foi o maldito tio. E sabe por quê? Porque ele é um nojento e um covarde. Obteve seus altos títulos por uma série de reveses. Não é um duque (no seu sistema de classes). É o mais plebeu dos plebeus. Está morrendo de medo da ira do pai de Aisha. E o homem é uma fera. Como com todos os covardes, o melhor expediente é a medida certa e justa. Mas não vai ser assim. Com sua ajuda, Sir William, vou acabar com as intenções diabólicas do tio de Aisha. Aisha vi ter esse bebê, e criá-lo com alegria. Só assim ela poderá se livrar de sua loucura, de seus hábitos perversos, cheirar éter, alcoolismo, trepadas compulsivas. Só assim podem parar as auto-insatisfações e autodegradações. Que eu saiba não existe uma rápida investida clínica que se possa fazer para atacar seu modo de vida atual, demoníaco. Esta gravidez é uma dádiva divina, para nós e para ela, se pudermos fazer um bom uso dela. Mantenha-a aqui no hospital por três semanas, até que seu organismo esteja livre de todo envenenamento. Podemos começar tudo de novo depois".

Sir William me olhava solenemente. Quando acabei de falar,

ele disse: "Bravo! Khan, o Evangelista. 'Levantem-se de seus leitos de enfermos, pecadores do mundo, e comecem de novo', Khan profetizou. Ele disse, você faz. Bem, Khan, estou com você. Nosso pequeno problema é: como contar para titio? Oh! Deus! Como numa peça ruim, entra o tio. Seja gentil com ele, Khan, não o assuste demasiadamente". Rosnei: "Você e seus demasiadamente".

Cumprimentou o tio com deferência. Este, um pouco surpreso de me encontrar ali, disse: "Muita gentileza sua ter vindo. Aisha não está tão mal, acredito". "Não, não está, continua viva. Podem tirar muito dela ainda", respondi. "O que está insinuando, Khan?" "Ah! somente o feto informe dentro do corpo dela. Você sabe que continua ali?" "Verdade?" "Ah, sim, e saudável. Pergunte a Sir William." Olhou para o médico e começou a dizer: "Eu pensei!..." "Por favor, não vamos começar com mentiras nesse momento crítico. Não se trata exatamente de 'você pensou', mas sim de 'você queria'". "Não esqueça, Khan, de que eu sou tio dela e de que ela está sob minha responsabilidade nesta cidade." "Você quer dizer, sob sua estúpida responsabilidade. Aisha terá esse bebê, se for a vontade de Deus." "Você não está dizendo..." "Claro que sim." "O pai dela vai se matar, vai matá-la, quando souber disso; e se não ficar sabendo, alguém do clã saberá. Eles não podem suportar esta desgraça." "Você está enganado neste ponto. Eles podem, *você* é que não pode. Atrapalha seus planos." "Se é assim que pensa. Eu não posso e não vou permitir." "Felizmente não é problema meu. Por favor, retire-se. Aisha está acordando." "Eu não obedeço ordens." "Desde quando, *sir*, você não obedece ordens? É bem mais econômico: você não precisa usar seu julgamento e sua vontade. Não se queixe." "E se eu não for?" "Você sairá, sim. Dê meia-volta e saia, como um grande homem que acabou de tomar uma decisão difícil. E, por favor, feche a porta atrás de você."

Depois que ele saiu, Sir William comentou: "Realmente, Khan, você faz cada uma. E o tempo todo. Você se lembra quando disse para o irmão de Caroline: Sua Alteza, recomendo veementemente que você se dirija para a porta ao lado e se embebede, enquanto os médicos fazem os exames para se certificarem se houve dano cerebral devido à overdose. Seja um bom menino. E

não se esforce para chorar. Ninguém poderia tê-la impedido ou salvo de chegar até este ponto. Iria acontecer mesmo. Graças a Deus que já passou, e não foi fatal. Sabe, Khan, até hoje ele se lembra com gratidão de sua preocupação e de seu cuidado para com ele. Bem, Aisha está acordando. Como está?"

Aisha perguntou numa voz fraca: "Eu continuo com o bebê?" "Sim, Aisha, está aí para ser conservado". "Meu tio..." — e sua voz desapareceu. Pisquei para Sir William, e ele para mim. Estávamos juntos. Aisha se refez novamente. "E o dinheiro?" Balancei minha cabeça. "Aisha, não pense nisso. Meu pai deixou-me dinheiro suficiente para seis gerações de amigos. Paguei, se seu pai não pagar. Mas ele vai pagar. De qualquer forma, as despesas do hospital ficarão por conta do seu tio." Um brilho travesso passou pelos seus olhos. Novamente caiu no silêncio.

Fiquei até meia-noite, cerca de sete horas; Aisha alucinava intermitentemente: sintomas da metabolização de drogas e álcool. Como não tinha muito o que fazer, decidi anotar as estranhas frases que dizia; cada uma fazia sentido separadamente. Eis as anotações que fiz, num período de cinco horas:

Eu não sabia que minha terra era tão bonita até deixá-la (dito de três em três palavras) (...) Habib [o primeiro marido] era tão bobo. Também sabia, mas não podia enfrentar (...) Ami [a mãe] foi boa para Ubu [o pai] até seu aborto (...) Raja está certo, trepar mata a alma e não o corpo (...) Costumava rezar com tanto fervor (...) Minha filha não sofrerá tanto quanto eu (...) Ishaq [segundo marido] nem era louco por sexo. Só era louco e estúpido (...) os ingleses nem conseguem trepar. Fazem a maior sujeira. Só isso (...) Flores no meu cabelo. O cheiro delas é tão natural (...) Só machuquei a mim mesma; minha única virtude (...) O segredo é andar descalça (...) A chuva traz os odores férteis da terra. Só desperto quando Shabeena [a filha] me aperta entre seus braços apaixonadamente, impaciente (...) Se eu morrer meu cavalo vai ficar inconsolável (...) Deixo Shabeena sempre tão enfurecida porque aí ela se inflama como rosas bêbadas (...) Não suporto a poetisa que existe em mim. Muita responsabilidade. Vou dá-la de presente para Raja Sahb. Ele coleciona talentos (...) Sir William tem uma boa opinião de Khan. São dois ladrões juntos (...) Meu irmão é tão fútil que ele esquece de ser orgulhoso (...) Meu pai sempre me amou (...) Por isso falo chanauti de uma maneira tão bonita (...) Espero que eu acorde amanhã para juntar meus pedaços (...).

Após três dias, removi Aisha para outro hospital particular. As adulações abjetas do tio irritavam-na mais do que suas maquinações diabólicas. Depois de três semanas, acharam que ela estava apta para viver no mundo lá fora. Consegui um apartamento para ela dividir com uma mulher hindu, Prem, uma viúva que tinha um filho de dez anos e era da sua idade. Deram-se bem. Aisha era uma boa cozinheira. Algumas vezes fui comer com elas; nunca só com Aisha: ela também não queria. As coisas estavam indo bem, todas em seu lugar. Então Aisha teve um sonho. Um pássaro se debatia dentro de seu quarto. Não conseguiu fazer com que saísse pela janela. Morreu de tanto bater contra as paredes. Ela literalmente urrava. Prem entrou no quarto e sacudiu-a para acordar.

Ainda estava atordoada quando veio para a sessão, doze horas mais tarde. Contou-me o sonho e quis fazer algumas associações. Gentilmente eu disse: "Não tente, Aisha. Você não está, nós não estamos preparados para o sonho. Foi desencadeado por algum fator externo. Vamos deixá-lo para quando estivermos prontos para a experiência do sonho". Ela disse que sabia qual tinha sido o "fator externo": "Ishaq está na cidade, hospedado na casa de meu tio. Sir William ligou para me avisar". No fim da sessão, disse-lhe: "Hoje é sexta-feira. Você vai passar este fim-de-semana prolongado com uma amiga minha, eu tenho que ir para Paris. Faça sua mala e esteja aqui às 8:30 da noite. Vai jantar aqui, depois meu chofer vai levá-la para a casa de Felicity. Você a conhece". "Sim, conheço." "Vou buscá-la pessoalmente na segunda, à noite."

Aisha foi para o campo, e eu para Paris. Esta era nossa primeira separação desde o começo do tratamento. Quando voltei, Sir William visitou-me; já era tempo de pensarmos no parto de Aisha. "Você tem alguma sugestão?" Respondeu que não; isso o preocupava — talvez fosse melhor ela não ter o bebê no hospital: seria sobrecarregá-la demais. Conversei a respeito com Aisha. Não via alternativas. Inesperadamente, uma amiga, Miriam, passou alguns dias comigo. Estivera na Abissínia e estava voltando para sua casa em Viena. Miriam era três anos mais velha que Aisha, mas solteira. Simpatizaram uma com a outra. Miriam convidou-a para ficar com ela em Viena até o nascimento do bebê. Sir

William conhecia um ginecologista vienense de renome internacional. Contratou-o, e Aisha partiu com Miriam. Só restava o problema do dinheiro. Dei-lhe duas mil libras, um presente para o bebê e me ofereci como padrinho.

Quatro semanas depois, Miriam ligou-me às três da madrugada dizendo que o trabalho de parto tinha começado. Tomei o primeiro avião, e às duas horas da tarde estava ao lado de Aisha, juntamente com Sir William. Às sete horas deu à luz um bebê saudável, de três quilos e meio. Voltei para Londres uma semana depois; Aisha permaneceu mais um mês em Viena.

Aisha tinha voltado para Londres há cerca de seis semanas quando o pai ligou dizendo-lhe que teve um ataque cardíaco grave. Queria conhecer o neto. Aisha voou para sua terra ancestral com o filho de dez semanas, Ijaz Masud. O tio, o irmão, a cunhada, Sir William e Prem a levaram ao aeroporto. Odeio esse tipo de despedida. Aisha e seu filho jantaram comigo na noite anterior. Ao sair, Aisha me deu um cheque de três mil e quinhentas libras. O pai tinha mandado para mim. Perguntou se me devia mais. Eu disse: “Não, obrigado”. Depois perguntou: “Você se lembra do meu sonho?” Respondi que sim, e iria lhe contar o significado dele quando nos encontrássemos no Paquistão.

Assim terminou o mais extraordinário relacionamento da minha vida. É claro que não terminou. Mas daí em diante Aisha e eu éramos diferentes um para e com o outro. A “longa espera” frutificou em nosso relacionamento. A vida de Aisha estava agora enraizada em sua própria pessoa e não numa longa espera. Se aquilo que escrevi deixou a impressão de uma pessoa irresponsável, então não fui honesto com ela. Aisha era, de muitas maneiras, muito mais responsável do que muitos pacientes de cultura européia que tive, e sempre foi, lá no fundo, verdadeira consigo própria; não se pode pedir mais de ninguém, nem de si mesmo.

Deixei de fora do meu relato clínico o papel da religião na vida e nos relacionamentos de Aisha. Minha necessidade era transmitir aos leitores as sensações e o ritmo do nosso trabalho clínico. O resto pode esperar. Que não seja uma “longa espera”.

Parte Dois

Para cima, para baixo, por aqui, por ali, mas que diabo você está tramando? Não chegaremos a lugar nenhum.

ARISTOPHANES, *The Birds**

Esperar está na natureza mesma do homem. Desde tempos imemoriais o homem espera por, ou serve a alguém: uma deidade, um deus, um ser amado. Alguns transcendem a fronteira e servem a si mesmos: os místicos. Mesmo assim, os místicos servem a. Os enigmas e os paradoxos da espera produziram algumas das mais nobres criações da mente e da alma humana. Todos os viajantes negociam a espera. Baudelaire (1975) e Cavafy (1975) comprovam-no. Esperar é a experiência central de qualquer pessoa que busca fabricar suas próprias ferramentas para vivenciar os outros e a si própria. A espera, a longa espera pode ser saúde e pode ser doença. Aquele que espera encontra. Não esperar determina não encontrar. A mania americana de perambulação frenética, seus pacotes turísticos são resultantes da não-espera. O viajar programado é tanto árido quanto um desperdício.

Não podemos falar da espera sem falar na morte – com “m” minúsculo. Use o “M” maiúsculo, e acabou: a Morte, a mais singular experiência, que nenhum ser humano jamais viveu. Os povos morrem e estão mortos. Mas a morte é infinita. O rosto da morte foi pintado das formas mais macabras e fantásticas; e, no entanto, a morte se encontra além da imaginação. O seres humanos não podem imaginar o que não está na experiência vivida. Fazemos uma mistura de experiências vividas e declaramos que tem o semblante da morte. Não é assim. São mentiras elaboradas pelos vivos acerca do morrer e da morte. A morte permanece silenciosamente, sencientemente, invisível. Esperar nos envolve com insinuações de morte, ou assim pensamos. Um exemplo ex-

* No original, *Up and down, this way, that way, what the dickens are you playing at? We're not getting anywhere.* (N. da T.)

tremamente pungente da interligação entre espera e morte podemos encontrar na correspondência de Freud para sua noiva Martha Bernays (Freud, 1960). A sua foi uma longa espera. E ele a viveu com todos os terrores que era capaz de investir nela. Lamentava ter que esperar por sua princesinha, Marty. Agiu de forma absurda, quixotesca: um romance que ele queria a todo custo que ela lesse, não obstante o humor vulgar deste. Seus ciúmes deixavam-no freqüentemente doente. Censurava-a implacavelmente. Ora se mostrava uma pessoa abjeta, ora o maior dos amantes, ora o homem do futuro. Perseguido, Freud vivia sua espera, perseguindo. Sabia o tempo todo que Marty era uma desculpa. Esperava de si próprio, esperava alcançar a si próprio. Como esquecer a espera de Édipo Rei? Uma espera que planeja para si mesmo; e observa o desenrolar com ardor dilacerador e dilacerante. Adia, e simultaneamente acelera, o curso da espera até seu fim. Mesmo o fim não termina com sua espera. Não enquanto está em Atenas. Há a longa jornada do cego Édipo, esperando o exílio à frente. Só pode mitigar a ânsia de sua espera amaldiçoando, e pode encontrar a morte. Então não ouvimos mais dele. Rastreamos uma outra espera: a de Antígona! A morte consome tantos pelos instrumentos da longa, vigilante espera.

Há também Hamlet e Rei Lear para nos instruir na confusão labiríntica da espera. Hamlet ilude, mas a própria ilusão torna-se a armadilha da espera. Que longo caminho ele trilha até que Laertes o resgate da longa espera. Depois entrega a tocha da espera para Horácio. *Absent thee from felicity awhile* ["Afasta-te por um tempo da felicidade"], exorta com honestidade, explícito e exato desta vez. E Lear aconselha a si próprio: *O that way madness lies; let me shun that; no more of that*. ["Oh! esse caminho conduz à loucura; vamos evitá-lo; não falemos mais disto"]. Mesmo na loucura, Lear busca o equilíbrio. Hamlet arrisca o seu. Não há cuidado em Hamlet. Lear sabe, mesmo à medida que enlouquece. Acorda segurando a morte de Cordélia em seus braços. Seu coração não pode quebrar. Sua estrutura quebra-se. A vida está perdida, mas não a vontade. Lear não se conforma: *Never, now or never, never, never, never* ["Nunca, agora ou nunca, nunca, nunca, nunca"].

Minha narrativa teórica não tem a pretensão de esclarecer, ou de ser acadêmica ou consecutiva. Em rápidas justaposições

apresentarei as várias máscaras e espaços da espera. Que cada leitor confira a unidade que lhe seja pertinente e que o alimento em seu viés específico e/ou necessidade específica. Neste contexto, não se deve instruir pontificalmente. Fazê-lo é pecar contra o Espírito Santo. Escrevemos e compartilhamos, não doutrinamos. Cada um dos leitores é vulnerável na medida em que é receptivo. Mudamos recebendo; mas só aquilo que não tem intenção de iluminar ou instruir. A melhor educação é a recebida pelo próprio indivíduo, de si mesmo. Ressentimentos são a recompensa justa ao tutoramento dos outros. Aprendemos compartilhando, não pela exortação. Quanto mais impomos a uma mente receptiva, mais a impelimos para as faltas do esperar.

Se a incerteza é a postura positiva no esperar, a falta é sua contrapartida negativa. Hamlet – na sua compulsão de ensinar (Ofélia primeiro, depois os atores e, por último, Horácio) – é a falta personificada! Esta é sua verdadeira doença. Ele a alimenta e não procura se libertar dela. Sim, por um fugaz instante, aos pés da cova, quando medita sobre a morte. Mas não por muito tempo. Logo suas palavras perdem todo o sentido de reverência, e passam a ser pregações. Não se permitindo sentir, isento de pensamento, Hamlet permanece suspenso na mais cruel situação: eternamente morrendo. *Man delights not me – nor woman neither...* [“O homem não me deleita – a mulher também não”]. Ele não renuncia a nada porque não pode se comprometer com nada, seja com um objetivo, seja com uma pessoa. Caminha em círculos, eternamente esperando! – com uma adaga, para matar Polônio ou a Rainha, sua mãe, com palavras mordazes. Dá cabo das vidas de Rosencrantz e Guildenstern para se livrar de suas presenças embaraçosas e intrusivas. Que eles tinham ordens de matá-lo, só se recorda depois. A aflição de Hamlet é paradigmática da mais perniciosa doença advinda da longa espera. É por isso que *Hamlet*, como peça, é insatisfatória como drama e poesia. Em seu núcleo é estática, como em suas escaramuças abomináveis com a realidade e com os outros. Hamlet não pode mudar, devasta todos. É um estraga-prazeres de talento e genialidade imensos. Eliot (1918) estava correto na sua crítica do *Hamlet* no que concerne à falta dos “correlatos objetivos” vitais. Mas Eliot estava enganado na medida em que esperava que Hamlet fosse redentor ou que pudesse ser redimido.

Hamlet é um personagem de uma peça. Não pode sentir a perda apócrifa da graça que a piedade de Eliot lhe prescreveu. Hamlet está além da redenção e da salvação simplesmente porque Hamlet não tem referentes fora de si; mesmo seu "interior" é o interior do espaço da sua cabeça, o espaço dentro do crânio. Quantas mentiras jorram num só pensamento: um rei, espaço infinito, casca de ovo, maus sonhos! Hamlet tem maus sonhos! como forma de se esconder. Ao ver o espectro do pai procura seus escritos, *Oh God, I could be bounded in a nutshell and count myself a king of infinite space, were it not that I have bad dreams...* ["Oh Deus! Eu poderia ficar confinado numa casca de noz e mesmo assim me considerar rei do espaço infinito, não fossem os maus sonhos que tenho ...e anoto o encontro"] (um aforismo oblitera a mensagem e objetivo da aparição do espectro) *that one may smile, and smile, and be a villain* ["Alguém que sorri e sorri pode ser um impostor"]. Realmente, Príncipe Hamlet! Não há em você espaço para ninguém? Quão miseravelmente só você é, você e todas as suas lamentações! O personagem mais espantosamente desgraçado e solitário de toda a literatura. Você rejeita até mesmo a piedade. Você estremece nas contorções de perversa manufatura própria. Winnicott (1971c) também escreveu acerca do terrível destino daqueles que vivem dentro do espaço da cabeça.

Uma certa negligência imprudente do método e do pensamento é o que "salvou" Aisha. Observar e testemunhar a si mesma jogando roleta russa com suas chances de vida cotidiana conferiram a sua humilhação enlouquecedora uma certa dignidade. No núcleo, Aisha era tudo o que Hamlet nunca poderia ser. Seu comentário, depois de ter assistido o Hamlet de Lawrence Olivier (o filme), é muito revelador. "Hamlet é um jovem homem sem mulher." Seu comentário surpreendeu-me, não só devido a sua compreensão da verdade de Hamlet, mas também pela maneira concisa e despretensiosa com que o enunciou. Tudo se relacionava ao Príncipe Hamlet. Aisha sacudia tudo. Eu sempre me perguntava por que ela tinha entregado uma larga porção do território de sua pessoa para os outros. Não tinha um caráter submisso. Era destemida. Também não era masoquista. Quando seu segundo marido, bêbado e furioso, fraturou o braço esquerdo dela, acertou suas contas com ele dizendo para o pai despidoradamen-

te: "Ereção não lhe falta, mas também não lhe serve. Por isso é violento". Assim persuadiu o pai a não puni-lo. O marido era originário das classes civis urbanas, um João-ninguém em nossa cultura. Nada poderia castrá-lo tanto quanto creditar a ele uma mera potência erétil. O falo não tem tradição; nem mesmo entre os gregos antigos. Falo, espera e morte estão em consenso. Discuti esta questão longamente nos cinco relatos de caso que apresento em *Alienation in Perversions* (1979).

Tenho a impressão de que Lacan (1966) intuía isto. Mas seus escritos são tão indomesticáveis, como o próprio falo, que é impossível tirar prazer deles. Lacan tinha a sensibilidade de uma mulher na menopausa, daí suas combinações e prevaricações hamletianas da *falta* e do *desejo*! O *simbólico* perpetuamente digladiando com o *real*, ambos igualmente descontentes em suas mãos. Para Lacan a *linguagem* nunca foi palavras! Assim sabotou seu potencial e impulso criativos. Hipnotizava seu público porque não conseguia penetrar a alma e o coração. Ele, da mesma forma que Hamlet e o próprio Freud, é o "inovador solitário". Os três são estéreis terapeuticamente. Todos eles instruem, e não suportam a recusa. E então, no final, os três vivem num clima de recusa. No drama, *Hamlet* pode sujar suas ausências e recusas com os outros que foram assassinados. Em vida, Lacan e Freud viveram no esplêndido isolamento heróico de sua jactância. Ambos alimentados por suas filhas-Antígonas. Freud não precisou matar seu genro porque Anna-Antígona lhe poupou este trabalho. Mas Freud matou herdeiros suficientes para uma existência. Lacan matou menos, mas estes poucos ele realmente aniquilou. Sem metáforas neste contexto. Devem morrer para que eu possa florescer, era a palavra de ordem de Lacan. Ele tinha a coragem para a proeza. Nobre e digno de nota. Uma vez ritualizado, e particularmente pela manipulação da linguagem, tudo era permitido para Lacan. Para Freud não, que balbuciava a sagrada interdição do assassinato da tradição judaica. Ele tinha que justificar seus assassinatos como atos conscienciosos e justos. Lacan não parece pedir o auto-sacrifício, como Freud. O "regime de formação" para análise é um sacrifício da alma, com toda certeza. Sua pândita tem regras e rituais elaborados de circuncisão. Colecionadores de prepúcios prosperam com a angústia dos outros. Corroem toda assertividade fálica. As "Sociedades" de Freud constituem tristes "acade-

mias". Lacan, como o Sansão de outrora, fez desabar o edifício inteiro sobre suas cabeças antes de morrer.

Olhem outras vertentes da suspensão e espera. Não existe, na literatura moderna, retrato mais vívido da espera do que a peça em verso de T. S. Eliot – *Assassinato na Catedral* (1935). O coro, composto apenas de mulheres, aguarda a chegada do Arcebispo. Os versos de abertura estabelecem o clímax da tensão da peça:

Aqui estamos postadas, perto da catedral. Aqui esperamos.

O cenário da vigília está armado. Mas esta foi uma longa vigília: sete anos, somos informados! Só *agora* a espera adquire uma nova tarefa:

... O presságio de um ato,
Que nossos olhos são compelidos a testemunhar, forçou nossos
passos
Em direção à catedral. Somos forçadas a testemunhar.

Esta é uma demanda excessiva – a demanda da espera e suspensão – e uma nova responsabilidade: "... testemunhar". As anciãs, exaustas dos sete anos de vigília, não querem a nova carga. Repetem, como de praxe:

O Ano Novo espera, o destino aguarda pelo que vem.

Sim, elas sabem. As palavras tornaram-se ritualizadas em suas mentes; seu efeito é meramente soporífero agora. O hábito alisou as arestas da espera atenta. Tentam converter a *nova* tarefa em hábito:

Não há ação para nós, os pobres;
Somente esperar e testemunhar.

Reasseguram-se pela própria ladainha de palavras e frases. Os Sacerdotes chegam, e gracejam com seus pensamentos. Persuadem-se de um simulacro:

Festejemos...

Essa alegria fingida é rechaçada pela perseverança das mulheres velhas:

Aqui não se trata de ativa cidade nem de tolerante estado...
Não desejamos que nada aconteça.

Neste momento o suspense da espera transformou-se no tenso confronto da demanda e da contrademanda. Não há, neste clima, possibilidade alguma de autonomia: seja do grupo coletivo, seja da vontade individual. O coro cresce em convicção pela fala conjunta. Temos aqui talvez os mais heróicos e nobres versos escritos ou falados desde o *Paraíso Perdido* de Milton:

E agora um grande medo apresenta-se para nós, um medo que não é de um, mas de muitos. Um medo como o nascimento e a morte, quando vemos o nascimento e a morte separados enquanto aparte vazio. Vivemos em medo, em um medo que não podemos conhecer, não podemos encarar, que ninguém compreende. E nossos corações nos foram arrancados, nossas mentes descascadas como as camadas de uma cebola, nosso si mesmo perdido em um medo final que ninguém compreende. Oh! Arcebispo Thomas, Oh Thomas, nosso senhor, deixe-nos e deixe-nos ser em nossa humilde e tosca existência, deixe-nos; não nos peça para ficar a postos à porta da morada, à porta do Arcebispo, à porta do mundo. Arcebispo, convicto e confiante de seu destino, sem medo dentre as sombras, você percebe o que nos pede, percebe o que significa para as pessoas modestas desenharem-se no padrão do destino, pessoas modestas que vivem no meio de coisas sem importância, a tensão das pessoas modestas que estão paradas à porta da morada, à porta do senhor, à porta do mundo? Oh! Arcebispo Thomas, deixe-nos, deixe-nos...

Sim, Eliot captou a sempre crescente angústia do homem e das culturas européias nos últimos trinta e cinco anos. Tempos depois dele W. H. Auden (1936) iria colocá-la em versos:

Alguém tem que pagar pela
Nossa perda da felicidade,
Pela própria felicidade.

Não há remédios. Ver a lúgubre situação com a clareza das palavras é o único verdadeiro alívio possível neste momento. Mas os Sacerdotes, intoxicados de seu catequismo irreal, não têm nem paciência nem respeito pela sabedoria das mulheres velhas. Censuram-nas:

Que modo de falar em tal conjuntura!
Suas mulheres tolas, atrevidas,
imodestas e tagarelas.

A arrogância e superioridade estúpida dos Sacerdotes é traída pelo uso impróprio de um adjetivo: “imodestas”. Em “tal conjuntura” não se trata de imodéstia e modéstia. Percebemos, dolorosamente, que são os Sacerdotes que não têm contato com a realidade. Serão eles quem inadvertidamente se prestarão para o desastre, o assassinato de Becket...

Reconsideremos os novos elementos que foram acrescentados a nossa cartografia do território da espera e do suspense. O indivíduo, nesses territórios da espera e do suspense, precisa programar-se, não importa quão debilmente. Há uma tarefa – testemunhar – da qual não podemos escapar nem nos evadir. Não foi por isso que Aisha procurou análise? As ausências de si mesma propiciadas pelas drogas não mais a aliviavam. Andar por aí trepando também não. Ela tinha que arriscar descobrir a extensão e a medida da *desilusão* (Milner, 1969). Sim, esperar adia a desilusão, e Aisha o disse, lamentando na degradação do desalento. Uma pessoa precisa se ferir para acordar para a verdade; não existe futuro além do presente. Toda ilusão é uma maldita autotraição. Aisha perguntara: “O que resta fazer? Você está levando embora todas as coisas, uma a uma. A ‘égua indomável’ logo morrerá de fome”. E acrescentara, com perspicácia irritante: “De qualquer forma, não preciso tentar me suicidar de novo. Você faria tudo por mim.” Eu dissera: “O ‘tudo’ é a traição involuntária. Ninguém pode tudo, mesmo à guisa de dosar a morte pela fome”.

Enquanto escrevo, repenso este aspecto, o de despojar, clinicamente, uma pessoa do “amor pelas coisas criadas”. Eu fiz com que essa mulher passasse por uma verdadeira provação. Terá sido mesmo necessário reduzi-la a tão absoluta impotência? A maioria de meus colegas, se não todos, dirão que agi de uma forma ultrajante e desdenhosa; que tudo isso tem mais a ver com o temperamento do Khan do que com a necessidade da paciente. Não tenho que me defender. Mas devo ao leitor uma explicação. Se a *espera* e o *suspense* são espaços positivos e a *falta* o agente ne-

gativo corrosivo, então eu tinha que arrumar um jeito de permanecer com ela quando não estivesse com ela. Negativas e privações “controladas” mantinham-na atenta a mim. Ela sentia que tinha sido eu, Khan, que a impelira ao despojamento de suas experiências corporais e que dera fim a sua prostituição social. Nem uma vez eu disse para Aisha: “Não faça isso ou aquilo, comporte-se assim ou assado”. Minha imagem austera era sua companhia. Ela estava só, mas não solitária. Solidão e falta são duas faces da mesma moeda. Juntas mascaram a desilusão. Até Freud trapaccou aqui. Religiões dos outros eram suas ilusões, não sua! (Freud, 1927). Amando-me, Aisha poderia chegar a amar-se e aí compartilhar esse amor-próprio com alguém. Este era meu audacioso programa e funcionou. Não o recomendo para outro clínico.

Descrevi em dez relatos de caso (Khan, 1974, 1983) como lutei comigo mesmo para ajudar pacientes como Aisha a tomar em suas próprias mãos a luta para serem eles mesmos. Não iniciei o tratamento de Aisha com boa-fé inocente; trouxe para ele meus trinta e cinco anos de duro esforço. Não tinha ilusões quanto à tarefa que estabeleci – para ambos. O imperativo era: não tenho necessidade nem desejo de salvar ou curar um paciente. Não penso em resultados: ganhos e perdas. Estou ocupado com o planejamento da estratégia que o paciente e eu podemos elaborar e executar, passo a passo. Aisha foi única. Era excepcional em todos os sentidos. “Envolta” em si mesma por quase todos os seus trinta e dois anos, ela abrigava um *self* imenso. O nosso foi um encontro de pessoas ricas, em todos os sentidos da palavra. A dela foi uma longa espera. Lutamos juntos, um ajudando o outro a levantar a moral quando baixa. Quando terminou, nenhum de nós sentiu uma perda ou falta na ausência do outro. Encontro-a uma ou duas vezes sempre que viajo para meu país. Sabemos que compartilhamos um passado: um passado intenso e imenso. E presentemente somos amigos afeiçoados um ao outro. Sua filha e filho gostam de mim e ficam comigo na minha casa no Paquistão. Ela vive e busca uma vida própria. Quando recentemente seu pai faleceu, felizmente eu me encontrava no Paquistão e pude comparecer aos funerais. Passei a noite em sua enorme mansão. Aisha ficou muito triste, mas não precisou apoiar-se em mim.

Encerrarei com algumas considerações sobre os temas da espera e da desilusão nos escritos de Freud. Um ponto óbvio a ser notado é a dosagem de Freud de sua própria pessoa ao paciente. O médico que parecia estar disponível para os pacientes, conforme a necessidade destes (Freud, 1895), foi gradualmente se colocando fora do alcance. De forma militante, depois de ter escrito "o método psicanalítico" (1904). Até mesmo o caso Dora foi manejado de forma diferente. Impôs "privações" a seus pacientes para arrancar deles o "amor de transferência". Um programa bastante doente, sinto dizer. Vejo-o hoje pelo que vale, depois das exigências afrontosas e desumanas. O paciente é vitimado em todos os sentidos. Deite-se, não me toque com seus olhos, exigia o Professor Doutor Sigmund Freud. Use apenas as palavras para falar de si. Não procure me conhecer. O jogo é jogado unilateralmente. Então os espaços da espera começam a emergir, a expandir-se, e fazem o paciente desaparecer. Você deve me contar tudo, exigia Freud. Perder todo direito à privacidade. E eu vou te espicaçar com interpretações. Tudo será esclarecido. Tudo o quê?, pergunta o paciente. O "o que" é a tarefa, Freud lhes dizia. Vamos ver os *como* para chegar aos *o quê*.

Aí Freud fez suas verdadeiras descobertas. É aí que nosso débito para com ele é incomensurável. Ele teve a força mental e emocional para perseguir o *como* em sua miríade de caminhos e desvios. Era infatigável. Verdadeiramente. Poucos de seus seguidores tiveram sua coragem e força. Foi onde Jung sucumbiu. Jung se tornou um *coleccionador* de imagens, arquétipos e outros *bric-à-brac* das culturas humanas. Freud permaneceu estritamente um mestre tarefeiro para si e seus pacientes. Se Freud impunha a longa espera para seus pacientes, tinha também a caridade e compaixão de acompanhá-los por todo caminho. Perdoava seus pacientes mais do que qualquer um deles o perdoou, especialmente os seus discípulos – Stekel, Adler, Rank etc.

A vida de Freud foi assombrada; somente no fim encontrou o verdadeiro amor em sua Anna-Antígona. Morreu dignamente. Quantos de seus seguidores chegaram tão longe, e encontraram em algum outro o amor que desejavam ou precisavam? O fim de Freud é uma de suas grandes virtudes. Morreu como um pai

amado por sua filha excepcional. O destino fez jus a Freud. Assim!

[1987]

Posfácio

As sete pessoas que aparecem neste livro eram muito versadas no que se refere a viver *com* os outros e *a partir* dos outros. Cada uma delas exploraria, conforme seu desejo, capricho ou necessidade, ou se deixaria ser usada. Portanto, pergunto-me que mais tinham em comum – além do fato de que todas faziam exigências sobre minha pessoa; fossem elas homossexuais como Bill e o Sr. Luís, ou inexistentes, como Benjamin, ou promíscuas, como Aisha. Correta ou erradamente, cheguei à conclusão de que uma outra característica partilhada por todos os sete pacientes era o fato de que não podiam relacionar-se consigo mesmos. Todos achavam sua pessoa e seu corpo intolerável ou degradante, apesar de que a experiência mostrava que eram amados pelos outros, tanto física como emocionalmente. Todos tinham uma noção muito pobre como também lhes faltava a capacidade para brincar consigo mesmos de uma forma prazenteira e privada. Estou me referindo, é claro, ao que chamamos de auto-erotismo ou masturbação. Era essa insuficiência *vis-à-vis* à relação com os outros que os tornava muito necessitados de um cúmplice para tornar real e frutificar para eles uma experiência física, sensual.

O leitor estará inclinado a pensar nesses pacientes como pessoas de caráter patentemente masoquista. Da maneira como entendendo o conceito de masoquismo (Khan, 1976b), este envolve uma pessoa sofrendo nas mãos de outra e desfrutando de sua dor.

Neste sentido do termo, nenhuma destas pessoas era masoquista. Em suas transgressões, obtinham prazer no sofrimento proveniente de si mesmas. Para elas, que os outros as machuquem e tirem vantagem delas é um alívio para suas fantasias, nas quais se torturam com censuras e humilhações. Foi muito doloroso testemunhar, clinicamente, todo esse sofrimento auto-infligido.

Os analistas e psicoterapeutas não admitem prontamente sua aversão a serem submetidos a um stress que não foi criado por eles mesmos. Oriundo de uma cultura diferente da maioria dos meus colegas, e de uma família com uma tradição de cuidar do outro não importa a que custo, não me sinto perturbado por tais demandas. Gosto de pensar que foi por esta razão que fui bem-sucedido em ajudar esses pacientes a encontrar seu próprio caminho, o que nenhum de seus analistas anteriores conseguiu. Não acredito que isto se deva ao fato de eu ser mais esperto, ou melhor, que meus colegas, mas ao fato de ser mais humilde e preparado para entrar num relacionamento onde exista reciprocidade, no qual paciente e analista gradualmente estabelecem uma relação onde podem aprender um com o outro e, assim, se desenvolverem. Aqueles que puderem correr este risco lucrarão, clínica e pessoalmente, tanto quanto eu lucrei.

Outro ponto comum nestes pacientes era o fato de que, embora raramente se queixassem de depressão, eu percebia que às vezes passavam-se semanas a fio em que não faziam nada. Mergulhavam na apatia. Escondiam sua inércia durante esses períodos apáticos sob frases tais como: “Nesses últimos dias, não tenho me sentido preparado para enfrentar isso ou aquilo”; “Mas que diabo! Não há urgência. Pode esperar, não pode?”; “Eles não dão o duro que eu dou, portanto tenho o direito de não fazer nada por uma ou duas semanas”. Também tinha notado que esses períodos apáticos freqüentemente culminavam com um ato irresponsável ou inadequado do paciente, e cheguei à conclusão de que era um acúmulo de angústia intensa que culminava nesses “atos eruptivos”. Completado o círculo, voltavam à vida normal familiar e profissional, geralmente produtiva.

A apatia, que eu saiba, é um afeto que não foi amplamente explorado na literatura psicanalítica. Trata-se de um estado muito diferente da depressão. A pessoa que está deprimida tem consciência, e distância, de seus sentimentos e estado depressivos; po-

de admitir que está deprimida, que se compadece de si mesma e tenta transformar os outros em aliados para sua depressão. Aque-la que está num estado apático, por outro lado, não tem consciência de sua apatia. Diferentemente da depressão, a apatia é um estado afetivo global. Envolve toda a pessoa, e a distância entre o ego que observa e o *self* que vive a experiência é pequena. Outra característica do estado de apatia é um sentimento de "impessoalidade" consigo mesmo, daí a clareza dos auto-relatos do paciente em algumas ocasiões. O tom tranquilo e controlado pode nos levar a acreditar erroneamente que o paciente está bem, até que repentinamente nos defrontamos com um de seus atos eruptivos. O exemplo mais patético e comovente disto é a conduta de Bill que, no ápice de sua carreira, pega um garoto na rua e é preso por isso.

Um outro aspecto interessante dos estados de apatia nesses pacientes, embora clinicamente negativo, era que nesses momentos eles não sonhavam ou não se lembravam de seus sonhos; quando sonhavam era o mesmo sonho repetitivo e ilógico/irrelevante, do qual acordavam exaustos – "tão sem forças", como um deles colocou, que levou toda a manhã para se recompor. Quando não sonhavam, acordavam não tão exaustos, mas sentindo-se desolados.

Foi talvez o manejo de tais estados o aspecto mais imperioso do tratamento destes pacientes. Senti-me afortunado pelo fato de que eles, de alguma forma, encontraram em si o afeto e a confiança que me permitiram conduzi-los por seus momentos de apatia e de atos eruptivos.

Tendo vivido e trabalhado em Londres por quarenta anos, aprendi que viver num auto-exílio é diferente de ser um *émigré*. Não precisei fabricar uma nova identidade como cidadão britânico e, ao mesmo tempo que me encontrava aberto para aprender da cultura na qual estava vivendo, o persistente poder que minhas raízes tinham sobre mim exerceu uma influência marcante sobre minha forma de trabalhar. Ao chegar, meus pacientes já tinham algum conhecimento de meus antecedentes obtidos das mais diversas fontes, e em função do meu modo de trabalhar eles acabaram por descobrir muito mais sobre mim como pessoa do que geralmente é o caso dentro dos parâmetros da situação analítica. Não concordo com a corrente tradicional de

pensamento no que se refere ao anonimato por parte do analista – no sentido de *não* se deixar conhecer pelo paciente – como um pré-requisito para uma análise produtiva. Nossos pacientes têm suas formas de descobrir a nosso respeito e, além disso, na análise didática freqüentemente encontramos nossos analisandos em situações outras que não a clínica. Faz parte de minha experiência que me deixar conhecer pelos meus pacientes, numa certa medida, “neutraliza” a situação positivamente: ao passo que o anonimato simulado da maioria dos analistas pode desnecessariamente promover no paciente ligações e atitudes infantis, que depois os analistas interpretam como transferência. E enquanto minha abordagem clínica cria suas próprias demandas tanto para o analista como para o paciente, também facilita o compartilhar recíproco, fundamental para minha forma de trabalhar.

A maioria dos pacientes chega com razões bem definidas para procurar uma análise. Nós analistas tendemos a considerá-las com certa desconfiança, e a interpretá-las como uma defesa contra os desejos verdadeiros e ocultos do paciente. Aprendi a levar o paciente em conta, e a não ficar com vergonha de ter me enganado; esta atitude freqüentemente apresenta diferentes formas de se olhar o presente e o futuro do paciente, e pode ajudar a ampliar a perspectiva do passado do paciente. Apesar de termos feito nossa formação em uma ou outra escola, nossos preconceitos nos colocam numa situação tão desvantajosa como nossos pacientes por suas próprias condutas ou desvios de conduta.

As sessões de análise são experiências tão privadas entre duas pessoas que um terceiro não tem competência/autorização para “participar” e aprender, como é o caso na maioria das outras áreas da prática médica. Em seu trabalho clínico, conseqüentemente, o analista recorre aos escritos de seus colegas – que ele assimila de acordo com sua necessidade e estilo particular – e quero deixar aqui minha dívida com a literatura psicanalítica. Desejo também expressar minha gratidão para com os pacientes que aparecem neste livro; eles não só ampliaram minha esfera de experiência humana, mas também o que me ensinaram habilitou-me a ajudar melhor outros que se colocaram sob meus cuidados – é o que penso.

Bibliografia cronológica

- 1984 "Prisões". Publicado como "Fate-neurosis, false self and destiny" em *Winnicott Studies: The Journal of the Squiggle Foundation*, 1, e em francês como "Prisons" na *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 30 (1984).
- 1984 "Ultraje, submissão e autenticidade". Publicado em francês com o título "L'outrage" na *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 31 (1984) e na *Contemporary Psychoanalysis*, 22 (1986).
- 1986 "Pensamentos". Publicado em francês como "Pensées" na *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 31 (1986) e em alemão como "Gedanken: Von der Liebe zum Hass zum Hass auf die Liebe" [Pensamentos: do amor ao ódio para o ódio do amor.] na *Psychoanalyse Heute* (1987).
- 1987 "A longa espera". Publicado em *Psychotherapies*, 3 (1987) e na *Normal Magazine* (1987).

Bibliografia

- Anzieu, D. (1974). "Skin ego". In *Psychoanalysis in France*, ed. S. Lebovici and D. Widlöcher (New York: Int. Univ. Press, 1980).
 (1975). *Freud's Self-Analysis* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press, 1986).
 (1985). *Le Moi-Peau* (Paris: Dunod).
- Auden, W. H. (1936). "Detective Story". In *Collected Poems* (London: Faber, 1976).
- Balint, M. (1968). *The Basic Fault: Therapeutic Aspects of Regression* (London: Tavistock; New York: Brunner-Mazel, 1979).
- Baudelaire, C. P. *Selected Poems* (Harmondsworth: Penguin, 1975).
- Beckett, S. (1958). *The Endgame* (London: Faber).
- Bion, W. R. (1967). *Second Thoughts: Selected Papers on Psycho-Analysis* (London: Heinemann Medical, 1967; New York: Aronson, 1984).
- Bowlby, J. (1960). "Ethology and the development of object relations". *Int. J. Psycho-Anal.*, 41.
 (1969). *Attachment and Loss*, Vol. 1, "Attachment" (London: Hogarth Press; New York: Basic Books).
- Brierley, M. (1937). "Affects in theory and practice". In *Trends in Psycho-Analysis* (London: Hogarth Press, 1951).
- Cavafy, C. P. (1975). *Collected Poems* (London: Chatto & Windus).
- Chasseguet-Smirgel, J. (1975). *The Ego-Ideal: A Psychoanalytic Essay on the Mat-
 lady of the Ideal* (London: Free Association Books; New York: Norton, 1985).
 (1984). *Creativity and Perversion* (London: Free Association Books; New York: Norton).

NOVO CONTO

- Clark, R. W. (1980). *Freud: The Man and the Cause* (London: Jonathan Cape/Weidenfeld; New York: Random House).
- Eliot, T. S. (1918). "On Hamlet". In *Selected Essays, 1917-32* (London: Faber, 1932; New York: Harcourt Brace, 1950).
- (1935). *Murder in the Cathedral*. In *The Complete Poems and Plays of T. S. Eliot* (London: Faber, 1969).
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and Society* (London: Paladin, 1977; New York: W. W. Norton, 1963).
- (1959). *Identity and the Life Cycle*. In *Psychological Issues* (New York: Int. Univ. Press).
- Fairbairn, W. R. D. (1944). "Endopsychic structure considered in terms of object-relationships". In *Psychoanalytic Studies of the Personality* (London: Tavistock, 1952; New York: Routledge, 1966).
- Ferenczi, S. (1932). "Confusion of tongues between adults and the child". In Ferenczi, 1955, and Masson, 1984.
- (1955). *Final Contributions to the Problems and Methods of Psycho-Analysis* (London: Hogarth Press).
- Freud, S. (1895). *Studies on Hysteria*. *Standard Ed.*, 2.
- (1900). *The Interpretation of Dreams*. *Standard Ed.*, 4 e 5.
- (1904). "Freud's psycho-analytic method". *Standard Ed.*, 7.
- (1905a). *Three Essays on the Theory of Sexuality*. *Standard Ed.*, 7.
- (1905b). "Fragment of an analysis of a case of hysteria". *Standard Ed.*, 7.
- (1912). "Recommendations to physicians practising psycho-analysis". *Standard Ed.*, 12.
- (1915a). "Observations on transference-love". *Standard Ed.*, 14.
- (1915b). "The unconscious". *Standard Ed.*, 14.
- (1920). "Memorandum on the electrical treatment of war neurotics". *Standard Ed.*, 17.
- (1927). *The Future of an Illusion*. *Standard Ed.*, 21.
- (1937). "Constructions in analysis". *Standard Ed.*, 23.
- (1904a). *An Outline of Psycho-Analysis*. *Standard Ed.*, 23.
- (1904b). "Splitting of the ego in the process of defence". *Standard Ed.*, 23.
- (1960). "Letters to Martha Bernays". In *Letters, 1873-1939*, ed. E. L. Freud (London: Hogarth Press, 1960; New York: Basic Books, 1961).
- (1985). *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Trans. and ed. by J. M. Masson (Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard Univ. Press).
- Green, A. (1973). *Le Discours Vivant* (Paris: Presses Universitaires de France).
- (1975). "Sexualisation and its economy". In *Psychoanalysis in France*, ed. S. Lebovici and D. Widlöcher (New York: Int. Univ. Press, 1980).
- (1976). "L'autre et l'expérience du soi". Introduction to Khan, 1974a, French edition: *Le soi caché*.
- Hartmann, H. (1939). *Ego Psychology and the Problem of Adaptation* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press, 1958).

- Khan, M. M. R. (1955). "The homosexual nursing of self and object". Published in Dutch in *Inval*, Inhoud 1, 1969.
- (1963). "The concept of cumulative trauma". In *The Psychoanalytic Study of the Child*, 18; Khan, 1974a.
- (1964). "Ego distortion, cumulative trauma and the role of reconstruction in the analytic situation". In Khan, 1974a.
- (1965). "Foreskin fetishism and its relation to ego-pathology in a male homosexual". Part I of "Fetish as negation of the self", Khan, 1979.
- (1969a). "On the clinical provision of frustrations, recognitions and failures in the analytic situation". In *Int. J. Psycho-Anal.*, 50.
- (1969b). "Vicissitudes of being, knowing and experiencing in the therapeutic situation". In Khan, 1974a.
- (1970). "Le fétichisme comme negation du soi". *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Part II of "Fetish as negation of the self", Khan, 1979.
- (1972). "Pornography and the politics of rage and subversion". In *The Case Against Pornography*, ed. D. Holbrook (London: Stacey, 1972); Khan, 1979.
- (1973). "The beginnings and fruition of the self - an essay on D. W. Winnicott". In *Scientific Foundations of Paediatrics*, ed. J. Davis and J. Dobbing (London: Heinemann, 1981).
- (1974a). *The Privacy of the Self* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press).
- (1974b). "Freud and the crises of psychotherapeutic responsibility". In Khan, 1983.
- (1976a). "Beyond the dreaming experience". In Khan, 1983.
- (1976b). "From masochism to psychic pain". In Khan, 1979.
- (1977). "On lying fallow". In Khan, 1983.
- (1979). *Alienation in Perversions* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press, 1980).
- (1982). "The empty-headed". In Khan, 1983.
- (1983). *Hidden Selves: Between Theory and Practice in Psychoanalysis* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press).
- Lacan, J. (1966). *Écrits: A Selection* (London: Tavistock; New York: W. W. Norton, 1982).
- (1973). *The Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis* (London: Hogarth Press, 1977).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967, Eng. trans. 1973). *The Language of Psycho-Analysis* (London: Hogarth Press; New York: W. W. Norton).
- Little, M. I. (1985). "Winnicott working in areas where psychotic anxieties predominate a personal record". In *Free Associations*, 3 (London: Free Associations Books).
- Main, T. F. (1957). "The ailment". *Brit. J. Med. Psychol.*, 30.
- Mannoni, M. (1985). *Un savoir qui ne se sait pas. L'expérience analytique* (Paris: Denoël).

- Masson, J. M. (1984). *Freud. The Assault on Truth. Freud's Suppression of the Seduction Theory* (London: Faber; New York: Farrar, Straus).
- Menninger, K. (1973). *Whatever Became of Sin?* (New York: Dutton, Hawthorn Books).
- Milner, M. (1969). *The Hands of the Living God: An Account of a Psychoanalytical Treatment* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press).
- Pontalis, J.-B. (1972). "Between dream as object and the dream-text". In Pontalis, 1977.
- (1975a). "The birth and recognition of self". In Pontalis, 1977.
- (1975b). "Trouver, accueillir, reconnaître l'absent". Preface to Winnicott, 1971b, French edition: *Jeu et réalité*.
- (1977, Eng. trans. 1981). *Frontiers in Psychoanalysis: Between the Dream and Psychic Pain* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press).
- (1986). "Argument" for *Nouvelle Revue de Psychoanalyse*, 33 de Sade, Marquis. *Justine or Good Conduct Well Chastised* (New York: Grove Press, 1965).
- Schilder, P. (1935). *The Image and Appearance of the Human Body* (London: Kegan Paul).
- Smirnoff, V. (1980). "The fetishistic transaction". In *Psychoanalysis in France*, ed. S. Lebovici and D. Widlöcher (New York: Int. Univ. Press).
- Spitz, R. A. (1959). *A Genetic Field Theory of Ego Formation* (New York: Int. Univ. Press, 1962).
- (1962). "Autocrotism re-examined: the role of early sexual behaviour patterns in personality formation". In *Psychoanalytic Study of the Child*, 17.
- Starobinski, J. (1980). "...Alterius spectare laborem" (*Maldorer sur le rivage*). *Le Nouvelle Commerce*, Cahier 45-46 (Paris).
- Stoller, R. J. (1985). *Observing the Erotic Imagination* (New Haven, Conn.: Yale Univ. Press).
- Strachey, J. & A. (1986). *Bloomsbury/Freud: The Letters of James and Alix Strachey, 1924-25*, ed. P. Meisel and W. Kendrick (London: Chatto & Windus; New York: Basic Books).
- Winnicott, D. W. (1931). *Clinical Notes on Disorders of Childhood* (London: Heinemann Medical).
- (1945). "Primitive emotional development". In Winnicott, 1975.
- (1949). "Birth memories, birth trauma and anxiety". In Winnicott, 1975.
- (1952). "Anxiety associated with insecurity". In Winnicott, 1975.
- (1956). "The antisocial tendency". In Winnicott, 1975.
- (1958). "The capacity to be alone". In Winnicott, 1965.
- (1959/64). "Classification: Is there a psycho-analytic contribution to psychiatric classification?" In Winnicott, 1965.
- (1960a). "Ego distortion in terms of True and False Self". In Winnicott, 1965.
- (1960b). "The theory of the parent-infant relationship". In Winnicott, 1965.

- (1963a). "The development of the capacity for concern". In Winnicott, 1965.
- (1963b). "Dependence in infant-care, in child-care, and in the psycho-analytic setting". In Winnicott, 1965.
- (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment* (London: Hogarth Press; New York: Int. Univ. Press).
- (1969). "The use of an object and relating through identifications". In Winnicott, 1971b.
- (1971a). *Therapeutic Consultations in Child Psychiatry* (London: Hogarth Press; New York: Basic Books).
- (1971b). *Playing and Reality* (London: Tavistock; New York: Basic Books).
- (1971c). "Dreaming, fantasizing and living: a case-history describing a primary dissociation". In Winnicott, 1971b.
- (1972). "Basis for self in body". *Int. J. Child Psychotherapy*, 1.
- (1975). "Through Paediatrics to Psycho-Analysis" (London: Hogarth Press, 1975; New York: Basic Books, 1978).
- (1984). "Deprivation and Delinquency" (London: Tavistock).

Britânica, atualmente no Paquistão. Filho caçula de uma grande e poderosa família, ele cresceu no ambiente feudal da propriedade do seu pai. Falando persa, punjabi, widu e inglês antes de ir para a Inglaterra em 1946 para prosseguir seus estudos, aprendeu francês e outras línguas.

Masud Khan foi membro da Sociedade Britânica de Psicanálise desde 1952 até um pouco antes de sua morte, ocorrida em 1989, quando foi expulso daquela instituição por razões desconhecidas, mas que parecem estar relacionadas à publicação deste livro. Aprendeu a ser psicanalista com Anna Freud, John Rickman e D. W. Winnicott. Durante muitos anos foi analista didata (teaching and training analyst) e editor de livros, e editor associado das duas revistas daquela instituição. Em 1970, foi convidado por J.-B. Pontalis para se tornar co-editor estrangeiro da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, cargo que ocupou até sua morte.

Seus três livros anteriores – *The Privacy of the Self* (1974), *Alienation in Perversions* (1979) e *Hidden Selves* (1983) – foram todos publicados em diversos idiomas.

A lista completa das obras publicadas pela Editora Escuta encontra-se no final deste livro. Aceitamos pedidos pelo correio.

Rua Dr. Homem de Mello, 351
05007 São Paulo, SP.
Fone (011) 65-8950

Ter um talento, ter um sintoma. Denise Morel

A dialética freudiana I: Prática do método psicanalítico, Claude Le Guen

O inconsciente: várias leituras, Felicia Knobloch (org.)

Psicose: uma leitura psicanalítica, Chaim S. Katz (org.)

Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil,
Contardo Calligaris

Clínica do social. Ensaios, Luiz Tarlei de Aragão (org.)

História da histeria, Etienne Trillat

A rua como espaço clínico. Acompanhamento terapêutico, Equipe de
A.T. do Hospital-Dia A CASA (org.)

A clínica freudiana, Isidoro Vegh

O título da letra, Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe

LIVROS PUBLICADOS

- Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*, Renato Mezan
- Do gozo criador*, Carlos D. Pérez
- O manuscrito perdido de Freud*, H. Haydt de S. Mello
- O psicanalista e seu ofício*, Conrad Stein
- Elementos da interpretação*, Guy Rosolato
- A pulsão de morte*, André Green et al.
- Psicanálise de sintomas sociais*, Sergio A. Rodriguez e Manoel T. Berlinck (orgs.)
- Família e doença mental*, Isidoro Berenstein
- Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, André Green
- As Erínias de uma mãe*, Conrad Stein
- Notas de psicologia e psiquiatria social*, Armando Baulco
- Trauma, amor e fantasia*, Franklin Goldgrub
- Clínica psicanalítica: estudos*, Pierre Fédida
- Psicanálise da clínica cotidiana*, Manoel Tosta Berlinck
- O ucalanto e o horror*, Ana Lucia C. Jorge
- A Representação. Ensaio psicanalítico*, Nicos Nicolaïdis
- O desenvolvimento kleiniano I. Desenvolvimento clínico de Freud*, Donald Meltzer
- Édipo africano*, Marie-Cécile e Edmond Ortigues
- Comunicação e representação*, Pierre Fédida (org.)
- Ensaio de psicanálise e semiótica*, Mirjam Chnaiderman
- Freud e o problema do poder*, León Rozitchner
- Melanie Klein: evoluções*, Elias M. da Rocha Barros (org.)
- Figurações do Jeminino*, Danièle Brun
- 14 conferências sobre Jacques Lacan*, Fani Hisgail (org.)
- Introdução à psicanálise*, Luis Hornstein
- O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro*, Piera Aulagnier
- O desenvolvimento kleiniano II. Desenvolvimento clínico de Melanie Klein*, Donald Meltzer
- Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*, Joel Birman (org.)
- A construção do espaço analítico*, Serge Viderman
- Um intérprete em busca de sentido – I*, Piera Aulagnier
- Um intérprete em busca de sentido – II*, Piera Aulagnier